

**PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE MINAS GERAIS**

**Programa de Pós-graduação em Ciências Sociais**

Lívia Matos Lara de Assis

**O *morar* enquanto prática social:**

**uma análise dos estilos de vida das frações médias**

Belo Horizonte

2024

Lívia Matos Lara de Assis

**O *morar* enquanto prática social:**

**uma análise dos estilos de vida das frações médias**

Tese apresentada ao Programa de Pós-graduação em Ciências Sociais da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais como requisito parcial para o título de Doutora em Ciências Sociais.

Orientadora: Luciana Teixeira de Andrade.

Belo Horizonte

2024

## FICHA CATALOGRÁFICA

Elaborada pela Biblioteca da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais

A848m

Assis, Lívia Matos Lara de

*O morar enquanto prática social: uma análise dos estilos de vida das frações médias* / Lívia Matos Lara de Assis. Belo Horizonte, 2024.  
182 f. : il.

Orientadora: Luciana Teixeira de Andrade

Tese (Doutorado) - Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais.  
Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais

1. Habitações - Aspectos culturais. 2. Estilo de vida. 3. Classe média. 4. Bairros - Belo Horizonte. 5. Mercado imobiliário - Belo Horizonte. 6. Anchieta (Belo Horizonte, MG). 7. Sagrada Família (Belo Horizonte, MG). 8. Sociologia urbana. I. Andrade, Luciana Teixeira de. II. Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais. Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais. III. Título.

SIB PUC MINAS

CDU: 301.18(1-21)

Ficha catalográfica elaborada Fabiana Marques de Souza e Silva - CRB 6/2086

Lívia Matos Lara de Assis

**O *morar* enquanto prática social:  
uma análise dos estilos de vida das frações médias**

Tese apresentada ao Programa de Pós-graduação em Ciências Sociais da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais como requisito parcial para o título de Doutora em Ciências Sociais.

---

Profa. Dra. Luciana Teixeira de Andrade – PUC Minas (Orientadora)

---

Profa. Dra. Juliana Gonzaga Jayme – PUC Minas (Banca Examinadora)

---

Profa. Dr. Manoel de Almeida Neto – PUC Minas (Banca Examinadora)

---

Profa. Dra. Carolina Martins Pulici – UNIFESP (Banca Examinadora)

---

Prof. Dr. Edison Ricardo Emiliano Bertencelo – USP (Banca Examinadora)

Belo Horizonte, 15 de março de 2024.

*Para a minha avó Terezinha.*

## AGRADECIMENTOS

Durante toda a minha trajetória acadêmica me acostumei a ouvir os colegas, especialmente aqueles em fase de finalização do doutorado, dizerem “existe vida após a tese”. Numa tentativa, talvez, de encontrar acalento em meio a um processo tão difícil e conturbado, entendi que fazer doutorado, concluir uma tese, e adentrar no meio acadêmico seria uma constante labuta, uma constante busca por suspiros. Mas a minha experiência, ainda que tenha tido alguns sufocos, que penso serem comuns a qualquer estudante de pós-graduação, foi diferente das que eu já havia acompanhado. E por vários motivos.

Talvez o principal deles tenha sido a pandemia. Na primeira semana do doutorado, em março de 2020, o mundo parecia um lugar completamente sem resposta – principalmente científica. Eu, que acreditava saber o que faria da vida (profissional) nos próximos 4 anos, me vi completamente desorientada. Acho que a partir daí me dei (mais) conta da importância da ciência e da produção de conhecimento – não só pela carência de respostas, mas pela ausência de contato (físico, social).

O isolamento, embora tenha tido efeito sobre qualquer pessoa, pareceu ainda mais perturbador para quem estuda a sociedade e seus processos. Enquanto socióloga, nunca tinha vivenciado a ausência do social, do contato com os outros, e até então só tinha consciência da magnitude de seus efeitos a partir, principalmente, das leituras de Durkheim. Mas se a sociologia serve, entre outras coisas, para analisar processos sociais, serviu também para reificar a importância do social, do(s) Outro(s).

Tendo em vista o contexto pandêmico, minha experiência de doutorado foi o máximo de social que vivenciei – ao menos durante o primeiro ano e meio. Aulas em formato EAD, reuniões remotas, conversas digitalizadas... o social se reinventou e se fez presente sob outra forma. E nesse processo, muitas perguntas surgiram – dúvidas, problemas, questões. Todas com suas particularidades, anseios e angústias. Entre essas, meu problema de pesquisa. E que gratificante foi encontrar um problema que eu estava disposta a procurar uma resposta.

Nesses 10 anos consecutivos no ensino superior entendi que toda e qualquer resposta científica tem suas limitações, mas embora nenhum trabalho esgote um tema, o processo de pesquisa pode (e supostamente deveria) ser satisfatório, desafiador e compartilhado. E, apesar das circunstâncias, o meu foi. E a isso, tenho muitos a agradecer.

Agradeço, primeiramente, à Luciana Teixeira de Andrade, orientadora, amiga e referência em tantos aspectos. Obrigada pelos (tantos) ensinamentos que, sem dúvida, extrapolam o ambiente acadêmico. Obrigada por me apresentar o Anchieta e compartilhar suas vivências nele. Obrigada também por ser inspiração profissional e pessoal.

Agradeço à Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), pela concessão da bolsa que me permitiu ingressar no Doutorado do Programa de Pós-graduação em Ciências Sociais da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais.

Aos professores, colegas e funcionários do Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da PUC Minas. Em especial às professoras Juliana Gonzaga Jayme e Maria Carolina Tomás, que além de compartilharem ensinamentos, também fizeram parte de inúmeras ocasiões especiais.

Agradeço aos professores que aceitaram participar da minha banca. Manoel de Almeida Neto, que faz parte da minha formação desde a graduação; Edison Ricardo Emiliano Bertoncelo, que de prontidão me ajudou com dúvidas e sugestões em encontros da ANPOCS; Juliana Gonzaga Jayme e Carolina Martins Pulici por contribuírem para essa tese não só na qualificação, mas como exemplos de pesquisadoras.

Aos colegas de profissão e amigos, Leonardo Silveira, Clarissa Veloso e Leonardo Ferreira. Obrigada por tantos conselhos, tantas conversas e amizade sincera. Vocês me inspiram diariamente.

Em especial à Renata Salles. Rê, obrigada por me acolher no Anchieta. Por compartilhar sua casa comigo, onde quer que ela (agora) esteja. Você e Júlia foram aconchego e suspiro nos momentos difíceis; luz e alegria nos momentos descontraídos. Obrigada por me fazerem tia, por Nutella e Lisa.

À também colega de curso, e hoje minha professora, Amanda Ruas. Obrigada por me ensinar, em diferentes línguas, sobre a efemeridade das coisas. Te lembrarei constantemente do seu background sociológico!

Aos amigos que se fizeram presente, ainda que (fisicamente) distantes. Laura Drigo, Lívia Torres, Helena Vale, Guilherme Pessoa e Vítor Guimarães, vocês foram meus carnavais. Obrigada por todo afeto e glitter.

Às amigadas de outras academias, em especial Gustavo Crisóstomo, Lucas Fonseca e Júlia Viegas. Obrigada por me ensinarem a persistir, ainda que esteja difícil demais, ou que eu pense não dar conta. Vocês são exemplo de resiliência e persistência.

A Diego Cordeiro, pela ajuda nos dados da pesquisa e por me ensinar a trilhar a vida; e a Henrique Gomes pela disposição em me ajudar a manusear as entrevistas. A Rui Carvalho, cuja amizade inesperada foi motivo de alegrias e trocas valiosas, principalmente durante a pandemia.

Aos irmãos que a vida me deu. Amália Rodrigues, por saber ser doce e dura na exata medida que eu preciso; Daniel Carmo, por fazer a mim e minha irmã felizes; Bruno Prado, que a cada reencontro me mostra o quão forte é um laço verdadeiro; Cindy Marie e Gabriel Ernesto, que mesmo em outro país estão diariamente comigo nas lembranças – vocês fazem falta.

À minha família, que mesmo não tendo (na maior parte das vezes) as respostas e traquejos para os meus anseios, me deram suporte e meios para alcançar tudo o que me propus a fazer. A convivência intensa nos últimos anos ressaltou as nossas diferenças, mas também escancarou a importância de cada um ser exatamente do jeito que é. Amor é construção, dedicação e escolha. Obrigada por me fazer amar vocês (quase) todos os dias.

Por último, mas jamais menos importante, agradeço à minha psicóloga Cristina Gabarra. Há 8 anos você me faz (tentar) ter consciência daquilo que, grande parte das vezes, eu não consigo explicar. Aqui eu ao menos tentei.

## RESUMO

Essa tese analisa o aspecto cultural da moradia. Para isso, utiliza-se o conceito bourdieusiano de estilo de vida e relaciona-o à prática do morar. Esta é aqui entendida como a relação que os indivíduos estabelecem com o local de moradia (sua infraestrutura e oferta de bens e serviços), bem como os demais moradores. Essa prática pode variar conforme a disposição dos indivíduos no espaço social e o volume e estrutura de seus capitais. Assim, a forma de morar e o estilo de vida podem funcionar como mecanismos de distinção das frações de uma mesma classe. Por isso, foram selecionados dois bairros belo-horizontinos de classe média como universos de análise: o Anchieta, com predominância das frações altas e médias, e o Sagrada Família, onde prevalece as frações médias e baixas, de forma que foram captadas as diferenças sutis e internas dessa classe. Além de possuírem uma população majoritariamente de classe média, ambos os bairros têm recebido novos empreendimentos imobiliários que vêm atraindo uma população com maior capital econômico – causando, entre outras coisas, o aumento do custo de vida. Como estratégia de pesquisa, foram feitas entrevistas e aplicados questionários com moradores novos e antigos de ambos os bairros, e com profissionais do ramo imobiliário. Ademais, utilizou-se dados cadastrais do Imposto sobre a Propriedade Predial e Territorial Urbana (IPTU) da Prefeitura de Belo Horizonte (PBH), assim como dados do BH Maps para o georreferenciamento dos imóveis dos bairros. Os resultados apontam para um tipo de morar das frações médias e altas da classe média, concentrados no Anchieta, que valoriza uma fácil e ágil mobilidade na cidade, assim como o consumo de serviços e produtos mais sofisticados. Além disso, tais indivíduos tendem a ter menos relações de vizinhança, e o consumo da moradia segue uma estilização reforçada pelos anúncios imobiliários. Já as frações médias e baixas da classe média, concentrados no Sagrada Família, têm uma forma de morar atrelada à praticidade do acesso a transportes públicos e uma mobilidade para diversas partes da cidade, mas especialmente para os bairros vizinhos. A moradia desses indivíduos tende a ser menos estilizada, e é possível encontrar vínculos entre os moradores que residem próximos uns dos outros. Ademais, esses indivíduos tendem a procurar opções de lazer cujos espaços possuem maior capital cultural.

**Palavras-chave:** estilo de vida; formas de morar; classe média; Belo Horizonte; Anchieta. Sagrada Família.

## ABSTRACT

This thesis analyzes the cultural aspect of housing. To achieve this, the Bourdieusian concept of lifestyle is used and relates it to the practice of housing. This is understood here as the relationship that individuals establish with the place of residence (its infrastructure and supply of goods and services), as well as with other residents. This practice may vary depending on the disposition of individuals in the social space and the volume and structure of their capital. Thus, the way of housing and the lifestyle can function as mechanisms for distinguishing fractions of the same class. Therefore, two middle-class neighborhoods in Belo Horizonte were selected as universes of analysis: Anchieta, with a predominance of high and medium fractions, and Sagrada Família, where medium and low fractions prevail, so that subtle differences and internal elements of this class were captured. In addition to having a majority middle-class population, both neighborhoods have received new real estate developments that have been attracting a population with greater economic capital – causing, among other things, an increase in the cost of living. As a research strategy, interviews and questionnaires were carried out with new and old residents of both neighborhoods, and with real estate professionals. Furthermore, registration data from the Urban Property and Land Property Tax (IPTU) from the City of Belo Horizonte (PBH) was used, as well as data from BH Maps for the georeferencing of properties in the neighborhoods. The results point to a type of housing for the middle and upper fractions of the middle class, concentrated in Anchieta, which values easy and agile mobility in the city, as well as the consumption of more sophisticated services and products. Furthermore, such individuals tend to have fewer neighborhood relationships, and housing consumption follows a stylization reinforced by real estate advertisements. The middle and lower fractions of the middle class, concentrated in Sagrada Família, have a way of housing linked to the practicality of access to public transport and mobility to different parts of the city, but especially to neighboring neighborhoods. The way these individuals inhabit their neighborhood tends to be less stylized, and it is possible to find links between residents who live close to each other. Furthermore, these individuals tend to look for leisure options whose spaces have greater cultural capital.

**Keywords:** Lifestyle; ways of living; middle class; Belo Horizonte; Anchieta; Sagrada Família.

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Planta geral da Cidade de Minas Gerais .....	36
Figura 2 - Síntese do esquema de posições de classe de Wright .....	61
Figura 3 - Exemplo do gráfico de nuvem da ACM: o espaço dos chefes das corporações francesas (nuvem dos agentes em <i>The State Nobility</i> ) .....	67
Figura 4 - Anúncio do Bergamo Residence, no Anchieta (2021) .....	87
Figura 5 - Opções de lazer privado e coletivo no Bergamo Residence (2021) .....	88
Figura 6 - Infraestrutura do edifício Vêneto Residence, no Anchieta (2021) .....	89
Figura 7 - Proximidade do Vêneto Residence a diferentes tipos de comércio e serviços .....	90
Figura 8 - Portofino Residence .....	90
Figura 9 - Infraestrutura Pontofino Residence .....	91
Figura 10 - Localização do Hilda Vilaça Residencial .....	93
Figura 11 - Infraestrutura Hilda Vilaça Residencial.....	94
Figura 12 - Anúncio Vida Campestre Residencial .....	95
Figura 13 - Fachada do edifício Residencial Palazzo Barberini.....	96
Figura 14 - Plantas dos apartamentos do Bergamo Residence .....	98
Figura 15 - Plantas dos apartamentos do Hilda Vilaça Residencial .....	99
Figura 16 - Ranking bairros mais caros em Belo Horizonte em reais/m <sup>2</sup> .....	100
Figura 17 - Ranking bairros valorizados e desvalorizados (3º trimestre 2022/2023).....	101
Figura 18 - Análise de similitude (Anchieta) .....	117
Figura 19 - Dendrograma das entrevistas com moradores do Anchieta.....	127
Figura 20 - Análise de similitude (Sagrada Família).....	143
Figura 21 - Dendrograma das entrevistas com moradores do Sagrada Família .....	147

## **LISTA DE TABELAS**

Tabela 1 - População e taxa de crescimento de Belo Horizonte (1890/1920).....	37
Tabela 2 - Domicílios particulares por tipo no Anchieta e Sagrada Família (2010).....	39
Tabela 3 - Faixa etária dos moradores do Anchieta e Sagrada Família (2010).....	40
Tabela 4 - Rendimento dos responsáveis pelo domicílio (2010).....	41
Tabela 5 - Distribuição dos imóveis no Anchieta e Sagrada Família (2022).....	44

## **LISTA DE QUADROS**

Quadro 1 - Sistematização do esquema EGP de posição de classe .....	64
Quadro 2 - Novos empreendimentos imobiliários no Anchieta e no Sagrada Família .....	85

## **LISTA DE GRÁFICOS**

Gráfico 1 - Distribuição dos imóveis do Anchieta por padrão de acabamento .....	45
Gráfico 2 - Distribuição dos imóveis do Sagrada Família por padrão de acabamento .....	45
Gráfico 3 - Apartamentos construídos no Anchieta e Sagrada Família (2012-2022) .....	46

## LISTA DE MAPAS

Mapa 1 - Localização geográfica do Anchieta e Sagrada Família .....	38
Mapa 2 - Distribuição espacial dos imóveis do Anchieta por padrão construtivo (2022) .....	48
Mapa 3 - Imóveis por lotes no Anchieta.....	50
Mapa 4 - Distribuição espacial dos imóveis do Sagrada Família por padrão construtivo (2022) .....	52
Mapa 5 - Imóveis por lotes no Sagrada Família.....	54
Mapa 6 - Principais vias de acesso do Anchieta.....	115
Mapa 7 - Principais vias de acesso do Sagrada Família.....	132

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO .....</b>	<b>16</b>
<b>1. ESTILO DE VIDA: DE CONCEITO ANALÍTICO A APARATO METODOLÓGICO .....</b>	<b>20</b>
1.1. <i>Conceituação e operacionalização do estilo de vida .....</i>	20
1.2. <i>O estilo de vida da classe média brasileira: práticas de consumo e estratégias distintivas .....</i>	28
1.3. <i>O morar das frações médias belo-horizontinos: os residentes do Anchieta e Sagrada Família.....</i>	35
<b>2. O PAPEL DA MORADIA NA REPRESENTAÇÃO IDENTITÁRIA DA CLASSE MÉDIA BRASILEIRA .....</b>	<b>57</b>
2.1. <i>Abordagens e mensuração da classe média .....</i>	57
2.2. <i>A classe média brasileira: categoria social, metodológica e teórica controversa</i>	68
2.3. <i>O mercado da moradia e a classe média: distribuição espacial das frações médias no cenário belo-horizontino.....</i>	78
<b>3. A CLASSE MÉDIA DA ZONA SUL BELO-HORIZONTINA: ESTILOS DE VIDA DOS MORADORES DO ANCHIETA .....</b>	<b>104</b>
3.1. <i>O Anchieta: caracterização sociodemográfica e imobiliária.....</i>	104
3.2. <i>Morar na Zona Sul: os estilos de vida dos residentes do Anchieta.....</i>	108
<b>4. A CLASSE MÉDIA DA ZONA LESTE BELO-HORIZONTINA: ESTILOS DE VIDA DOS MORADORES DO SAGRADA FAMÍLIA.....</b>	<b>130</b>
4.1. <i>O Sagrada Família: caracterização sociodemográfica e imobiliária.....</i>	130
4.2. <i>Morar na Zona Leste: os estilos de vida dos residentes do Sagrada Família.....</i>	133
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>150</b>
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS .....</b>	<b>156</b>
<b>APÊNDICE A – Roteiro de entrevista com os moradores .....</b>	<b>166</b>
<b>APÊNDICE B – Roteiro de entrevistas com pessoas do setor imobiliário.....</b>	<b>168</b>
<b>APÊNDICE C – Questionário .....</b>	<b>169</b>
<b>APÊNDICE D – Perfil dos entrevistados (Anchieta) .....</b>	<b>175</b>
<b>APÊNDICE E – Perfil dos entrevistados (Sagrada Família).....</b>	<b>177</b>
<b>APÊNDICE F – Nota sobre o Iramuteq .....</b>	<b>179</b>

## INTRODUÇÃO

O tema da estratificação social está presente nas Ciências Sociais desde o seu surgimento. Autores clássicos como Durkheim, Marx e Weber desenvolveram trabalhos buscando compreender a origem das divisões sociais nos diferentes tipos de sociedade, especialmente na era moderna.

Se Durkheim, juntamente a Mauss, recorreu às sociedades tradicionais para analisar o surgimento das primeiras formas de divisão social, e como estas foram adaptadas na modernidade após o processo de industrialização, Marx utilizou a história, sob o ponto de vista de sua dialética, para investigar o movimento da luta de classes (opostas e complementares) e como disso emergiu o sistema capitalista. Weber, por sua vez, elucidou os diferentes mecanismos de estratificação que não se limitavam à questão puramente econômica, reforçando a importância de aspectos como poder, política e status na conformação dos grupos sociais.

Com base nas três teorias clássicas, Pierre Bourdieu desenvolveu uma perspectiva multidimensional para compreender as classes sociais. Ao reconhecer a importância do aspecto cultural e simbólico das classes, o autor desenvolveu conceitos como campo, capitais, *habitus* e estilo de vida para analisar os diferentes atributos valorizados e disputados entre os indivíduos na sociedade moderna.

O campo, para Bourdieu, é o conjunto de espaços em que as disputas entre os diferentes grupos sociais ocorrem (BOURDIEU, 1996; 1983b). Nele, os indivíduos estão dispostos segundo o volume e estrutura dos capitais (que são compreendidos como “vantagens sociais” de natureza econômica, cultural, social e simbólica), e há constante disputa pelo aumento da posse desses atributos. Estes aparecem não só materializados em signos sociais, sob a forma de bens (como moradia, automóvel, diplomas etc.), mas também incorporados nos próprios indivíduos – o que Bourdieu nomeou como *habitus*.

O *habitus* é uma estrutura estruturante, no sentido de que ao mesmo tempo em que ele reproduz as lógicas desiguais da distribuição dos capitais, é responsável também por formá-las. Os diferentes níveis no volume e estrutura dos capitais fazem com que os indivíduos possuam *habitus* distintos, e com isso, estilos de vida próprios. Considerando que a classe, na perspectiva bourdieusiana, é entendida como um conjunto de agentes que possuem condições

semelhantes de existência e compartilham esquemas classificatórios e práticas sociais parecidos, tem-se que cada classe social apresenta um determinado estilo de vida.

O estilo de vida, muitas vezes captado através das práticas de consumo, funciona como uma transposição do *habitus* através dos gostos e preferências dos indivíduos em relação a atividades corriqueiras – como o comer, o andar, o vestir etc. Uma vez que os diferentes níveis de capital produzem distintas formas de compreensão do mundo social, a teoria bourdieusiana considera as classes sociais não como um grupo homogêneo, mas composto por diferentes frações. Estas se distinguiriam, de maneira sutil, principalmente sob a forma de consumir determinados bens.

Um desses bens, acredita-se, é a moradia. Não só a localização geográfica desempenha um papel fundamental na localização social (BOURDIEU, 2008), uma vez que os espaços privilegiados das cidades tendem a concentrar as classes mais abastadas e os bens e serviços de maior qualidade, reproduzindo o cenário de desigualdade social, mas a forma como os indivíduos usufruem do bairro onde moram e o estilo de vida que nele desenvolvem (e é influenciado por tal local) podem repercutir na distinção intraclasses. Esse é tema dessa tese.

Como universo de análise foram selecionados dois bairros de classe média na cidade de Belo Horizonte. Um deles, o Anchieta, localiza-se na região Centro-sul – uma área historicamente marcada pelo maior investimento público e imobiliário, na medida em que há concentração da oferta de imóveis de alto padrão e um comércio mais sofisticado – e o outro, Sagrada Família, encontra-se na região Leste – uma área cuja ocupação se deu concomitantemente à construção da cidade.

No cenário atual, ambos os bairros possuem uma população predominantemente de classe média. A diferença é que no Anchieta prevalecem as frações altas, ao passo que no Sagrada Família encontra-se mais as frações baixas e médias – esse foi um dos critérios de seleção dos bairros, na medida em que supostamente a concentração de frações diferentes de uma mesma classe se traduziria em estilos de vida distintos. Para além de serem bairros de classe média, o Anchieta e o Sagrada Família foram escolhidos também por possuírem intensa oferta imobiliária, ou seja, por serem bairros que estão em processo de mudança. Ainda que não se tenha acessado uma grande quantidade de novos moradores dos novos empreendimentos nos dois bairros, essa mudança foi captada nas entrevistas através dos relatos de aumento do custo de vida local e das ofertas de bens e serviços. Nesse sentido, as discrepâncias entre as populações desses bairros se daria não só pelos distintos níveis de

capitais, e seus territórios abrigariam diferentes frações da classe média, mas também por estilos de vida que variariam devido ao local de moradia e ao acesso (ou não) a determinados bens e serviços urbanos.

O consumo da moradia, o uso que os indivíduos fazem desta e do bairro em que moram, bem como a relação que desempenham com o demais moradores conformariam o *morar*. Este é aqui entendido enquanto uma prática social relacional, que constitui e é constituído pelo estilo de vida dos residentes do Anchieta e do Sagrada Família. Assim, o objetivo dessa tese é investigar de que forma o *morar*, atrelado ao estilo de vida dos indivíduos, auxilia na conformação de diferenças sociais entre as frações da classe média.

Como estratégia de pesquisa, foram realizadas entrevistas e aplicações de questionário com os moradores (novos e antigos) de ambos os bairros, bem como com profissionais do ramo imobiliário e um funcionário da Prefeitura de Belo Horizonte (PBH). Ademais, foram utilizados dados secundários do cadastro do Imposto sobre a Propriedade Predial e Territorial Urbana (IPTU), que permitiram o georreferenciamento dos imóveis dos bairros, e os dados do BH Maps. Também foi feito uso do Censo Demográfico de 2010 para caracterizar a população do Anchieta e do Sagrada Família.

Adianta-se que um dos desafios da presente pesquisa foi o período em que se deu início à coleta de dados, que datou em setembro de 2021, durante a pandemia de Covid-19. Isso fez com que as entrevistas e questionários fossem inicialmente realizados virtualmente. Porém, mesmo com o fim do isolamento social, as pessoas preferiram participar das entrevistas remotamente, e assim foi feito. Reconhece-se que esse formato traz desvantagens em relação ao presencial, como a impossibilidade de visualizar a disposição da mobília e os demais artigos de decoração dos lares – que permitiram uma análise mais aprofundada quanto ao gosto e ao capital cultural dos entrevistados. No entanto, esse formato ao menos permitiu uma maior disponibilidade em termos de agenda e horário para execução das entrevistas. Contudo, vale ressaltar que houve dificuldade em acessar indivíduos das frações mais abastadas.

No total foram realizadas 31 entrevistas, sendo 17 com os moradores do Anchieta, 10 com moradores do Sagrada Família, uma com um empresário do ramo imobiliário, 2 com corretores imobiliários, e uma com um funcionário da Prefeitura de Belo Horizonte (PBH). Essa última ocorreu para fins de compreensão do cadastro do IPTU. Também foi realizada observação direta nos bairros, com o intuito de captar as dinâmicas de seus residentes, o

movimento nas ruas, as rotinas de locomoção, de funcionamento do comércio e demais serviços etc. Isso auxiliou, principalmente, na compreensão da distribuição da infraestrutura em tais espaços.

De maneira geral, os dados trabalhados e as informações coletadas apontam para formas de *morar* distintas nos dois bairros. Enquanto as frações de classe média do Anchieta usufruem de uma mobilidade fácil e ágil, principalmente para a Savassi, um subcentro comercial mais elitizado que o Centro tradicional, e são servidos de estabelecimentos comerciais diversificados e sofisticados, as frações de classe média do Sagrada Família desfrutam mais de meios de transporte público (ônibus e metrô) e consomem mais estabelecimentos comerciais dos bairros vizinhos – seja para demandas cotidianas ou para lazer.

A atuação do mercado imobiliário nos bairros também é diferente. No Anchieta são ofertados apartamentos relativamente grandes e com vários tipos de áreas comuns (academia, coworking, espaço kids, espaço pets etc.), sob o discurso de uma suposta “autossuficiência” da moradia atrelada a uma estilização, para um público já estabilizado profissional e financeiramente. No Sagrada Família, os imóveis são menos estilizados e tendem a atrair famílias recém-constituídas e com filhos, além de pessoas em fase de vida de estabilização profissional e financeira.

A presente tese divide-se em seis partes, incluindo esta introdução. O primeiro capítulo discute o conceito de estilo de vida, traçando seu desenvolvimento e formas de mensuração a fim de relacioná-lo com as ofertas imobiliárias de Belo Horizonte. Já o segundo discute a função desempenhada pela moradia no contexto da classe média, de forma a ressaltar os mecanismos de distinção atrelados ao bairro e sua localização no espaço geográfico na cidade, bem como as consequências para o status social dos moradores. O terceiro e quarto capítulo apresentam, respectivamente, as análises sobre o *morar* das frações de classe média do Anchieta e do Sagrada Família, ressaltando as diferenças captadas nos estilos de vida dos moradores e como este é influenciado pela trajetória e fase de vida. Por fim, tem-se as considerações finais.

## 1. ESTILO DE VIDA: DE CONCEITO ANALÍTICO A APARATO METODOLÓGICO

Nesse capítulo é feita uma discussão acerca do conceito de estilo de vida, que servirá tanto como aparato teórico quanto metodológico para a presente pesquisa. Primeiramente é traçado um histórico de seus usos e desenvolvimentos, e posteriormente são esboçadas suas formas de operacionalização e mensuração, no que concerne os estudos de estratificação social – especificamente sobre a classe média.

Adianta-se que esse capítulo possui uma natureza mais estrutural, na medida em que o enfoque será a construção de uma perspectiva metodológica e analítica do conceito de estilo de vida, conforme os dados secundários selecionados (a saber, o dos IPTU de Belo Horizonte e os do BH Map). O objetivo é esboçar o cenário da oferta de moradia para as frações da classe média belo-horizontina e identificar qual(is) o(s) estilo(s) de vida idealizado(s) pelo mercado imobiliário da cidade.

### *1.1. Conceituação e operacionalização do estilo de vida*

A despeito dos seus usos contemporâneos, a origem do conceito de estilo de vida remonta à teoria da estratificação de Max Weber. O autor analisou a formação dos grupos em diferentes tipos de sociedade. No Antigo Regime, os estamentos eram grupos de *status* que surgiram por meio de convenções ou leis que asseguravam, no caso da nobreza, privilégios e monopólios de naturezas distintas (WEBER, 1982; HIRANO, 2002). Ademais, cada estamento era marcado por um estilo de vida próprio, pautado em normas, valores e padrões comportamentais que orientavam a vida e as ações dos membros dos grupos – sendo os estamentos do topo da hierarquia social providos de maior prestígio e honra.

Em *A Ética Protestante e o Espírito do Capitalismo* (2001), Weber analisou como a religião desempenhou grande influência na alteração do estilo de vida dos puritanos. Com a queda do Antigo Regime e o fortalecimento da burguesia, houve mudanças na mentalidade social vigente. A partir do ascetismo e da disciplina, características elementares do novo estilo de vida dos puritanos, o autor examinou como os novos aspectos culturais contribuíram para a emergência do sistema capitalista. As mudanças no pensamento religioso, as formas de agir e os valores também se alteraram, influenciando diretamente a economia.

Se no período pré-capitalista as condições de vida pautavam-se, principalmente, na organização estamental da sociedade, sob a justificativa da hereditariedade (no caso da

nobreza) e do poder divino (no caso do clero), no sistema capitalista o fator econômico se tornou preponderante. Portanto, a organização social predominante passou a ser por classes, e estas foram definidas como “qualquer grupo de pessoas que se encontrem na mesma situação de classe” (WEBER, 1982, p. 212). Assim,

as “classes” se estratificam de acordo com suas relações com a produção e aquisição de bens, ao passo que os “estamentos” se estratificam de acordo com os princípios de seu *consumo* de bens, representados por “estilos de vida” especiais (WEBER, 1982, p. 226, grifos do autor).

Se no Antigo Regime, os estamentos detinham honra por possuírem um status social privilegiado, na sociedade capitalista, ou na sociedade moderna, a aquisição e concentração de bens e dinheiro passou a ser um dos principais meios para se alcançar honra e prestígio. Nas cidades modernas, a centralidade do dinheiro nas relações sociais promove uma maior objetividade, impessoalidade e racionalidade que resultam em um modo de vida particular (SIMMEL, 1987), mais ágil e fluido. Tomando as grandes metrópoles como espaço da liberdade e, por isso, da individualidade, Simmel analisou como a organização da economia monetária na sociedade moderna provocou um descompasso entre a cultura subjetiva e a cultura objetiva (SIMMEL, 1977; WAIZBORT, 2000).

Esse descompasso tem um efeito paradoxal. A *cultura subjetiva* é marcada pela individualização dos sujeitos e, à medida que estes se relacionam, tal cultura funciona como demarcador de diferença, tanto que permite reunir os indivíduos, apesar de suas particularidades, em grupos sociais. As diferenças desses grupos se concretizam em estilos de vida, interesses, tendências etc., resultando na *cultura objetiva*. Dessa forma, a diferenciação produz, simultaneamente, encontros e distintas inserções dos indivíduos no urbano, e promove divergências e conflitos que instigam a diferenciação de si (KOURY, 2010, p. 42).

Tomando a moda como exemplo, ao mesmo tempo em que ela produz uma homogeneização, já que oferta um tipo de produto a ser consumido por diversos indivíduos, ela também promove uma individualização. Assim, “o individualismo na perspectiva simmeliana não é consequência do isolamento dos indivíduos, mas é resultado da maneira como os indivíduos se relacionam” (ARAÚJO; BARBOSA, 2019, p. 27).

A modernidade é analisada também por Anthony Giddens, que a define como “instituições e modos de comportamento estabelecidos pela primeira vez na Europa depois do feudalismo, mas que no século XX se tornaram mundiais em seu impacto” (GIDDENS, 2002, p. 21). Segundo o autor, diferentemente de outras eras, a modernidade é marcada por um

grande dinamismo, resultante da combinação de três fenômenos: a *separação de tempo e espaço*; os *mecanismos de desençaixe*; e a *reflexividade institucional*.

Se nas chamadas eras pré-modernas o tempo e o espaço eram conectados a partir do lugar, com a ascensão da modernidade, o ritmo de vida acelerou de tal forma que as ações e acontecimentos alavancaram uma dimensão “vazia” do tempo. Assim, o lugar e o tempo se desvencilharam (GIDDENS, 2002). Conseqüentemente, as relações sociais se “desençaixaram” de seus contextos locais e temporais, e os indivíduos se tonaram mais reflexivos frente à vida social. A reflexividade se estende também ao âmbito do *self*, de forma que os indivíduos são coagidos a fazerem escolhas o tempo todo, o que leva à estilização de suas vidas (GIDDENS, 2002).

Com a separação do tempo e do espaço, a reflexividade voltada para a criação de uma autoidentidade inicia-se após não só o rompimento da dependência familiar (especialmente a materna), mas também através das atividades rotineiras, na qual os indivíduos captam suas diferenças em relação aos outros. Tais diferenças passam a ser inscritas no corpo e no estilo de vida de cada um. Na concepção de Giddens, estilo de vida

pode ser definido como um conjunto mais ou menos integrado de práticas que um indivíduo abraça, não só porque essas práticas preenchem necessidades utilitárias, mas porque dão forma material a uma narrativa particular da auto-identidade (GIDDENS, 2002, p. 79).

Portanto, estilo de vida, na perspectiva giddensiana, é um conjunto plural de escolhas que engloba desde atividades triviais como quais vestimentas usar, de que forma se locomover para o trabalho, o que comer etc., até questões mais complexas como quem ser e como se portar socialmente – ligadas à autoidentidade. Esse universo de escolhas faz com que os indivíduos combinem tanto referências locais, ligadas à tradição, quanto globais, compostas por sistemas de valores heterogêneos (VELHO, 2003).

A emergência dessas diversas escolhas de estilização da vida é resultado da segmentação, pela modernidade, das esferas da vida antes interligadas (como a família, o trabalho, a moradia, o lazer). Por conseguinte, os indivíduos se veem diante de ansiedades e questões existenciais, sendo a autoidentidade uma delas. A autoidentidade é “algo que deve ser criado e sustentado rotineiramente nas atividades reflexivas do indivíduo” (GIDDENS, 2002, p. 54), envolvendo o controle do corpo, diferentes regimes (hábitos) e relacionando-se com a individualidade.

Enquanto uma construção exercida pelos indivíduos na modernidade, a autoidentidade tem como pano de fundo um arsenal de escolhas – que não só não está igualmente disponível a todos, mas também nem todas as pessoas escolhem de forma consciente. Assim, ainda que o estilo de vida abarque opções e tomadas de decisão, ele apresenta um grau de unicidade, já que a invenção e escolha de estilos de vida é envolta por pressões grupais, modelos sociais e condições socioeconômicas (GIDDENS, 2002).

Esse aspecto grupal do estilo de vida é importante, e foi mais bem desenvolvido por Pierre Bourdieu. O autor, preocupado em analisar como a estilização da vida compõe e distingue as classes sociais, desenvolveu uma abordagem com maior enfoque na perspectiva cultural e simbólica das classes, dando certa continuidade à teoria weberiana. Por isso, o estilo de vida é definido como

um conjunto unitário de preferências distintivas que exprimem, na lógica específica de cada um dos subespaços simbólicos, mobília, vestimentas, linguagem ou *hêxis* corporal, a mesma intenção expressiva, *princípio da unidade de estilo* que se entrega diretamente à intuição e que a análise destrói ao recortá-lo em universos separados (BOURDIEU, 1983a, p. 83-84, grifos do autor).

Para Bourdieu, estilo de vida está relacionado com o *habitus*, um sistema incorporado pelos indivíduos, ao longo dos processos de socialização, que contempla um arranjo de percepção, classificação e ação a partir dos diferentes tipos de capitais (BOURDIEU, 1983a). Além de estar relacionado à classe, o *habitus* sofre influências do gênero, da idade, da etnia, dentre outros (BENNET *et al*, 2009). Isso significa que, para Bourdieu, os indivíduos estão distribuídos e se diferenciam conforme seu *habitus*, e este não determina suas ações e escolhas, apenas indica as *probabilidades* de agirem e escolherem em certos contextos sociais. Partindo dessa ideia, os indivíduos de uma mesma classe social compartilhariam “posições estruturalmente semelhantes dentro da sociedade que engendram experiências estruturalmente semelhantes de relações, processos e estruturas sociais” (MATON, 2018, p. 78), o que constituiria um *habitus* de classe e, possivelmente, estilos de vida semelhantes (BOURDIEU, 2011; 1996).

Para melhor compreender o *habitus* e sua influência na disposição dos indivíduos, é importante deter-nos aos conceitos bourdieusianos de capital e campo. Os capitais dividem-se da seguinte forma: o capital econômico (que se refere aos recursos materiais) e o capital cultural (atrelado a formas de conhecimento adquiridos via educação) são estruturantes, ou seja, eles dispõem os indivíduos no espaço social. O capital social, na medida em que consiste nas relações sociais, pode aumentar a rentabilidade dos outros capitais; e o capital simbólico

(que envolve o *habitus*) é a transmutação dos capitais econômico e cultural no espaço social<sup>1</sup>. De maneira geral, o capital constitui uma “vantagem” que aumenta a probabilidade de ganhos dos indivíduos nos diferentes campos sociais (BERTONCELO, 2010; 2016).

Os capitais adquiridos pelos indivíduos funcionam como mecanismos de disposição nos diferentes campos. De maneira geral, o campo é definido como:

um *campo de forças*, cuja necessidade se impõe aos agentes que nele se encontram envolvidos, e como um *campo de lutas*, no interior do qual os agentes se enfrentam, com meios e fins diferenciados conforme sua posição na estrutura do campo de forças, contribuindo assim para a conservação ou a transformação de sua estrutura (BOURDIEU, 1996, p. 50, grifos meus).

Assim, o campo pode ser entendido como um espaço no qual os agentes, dispostos conforme seus capitais, disputam posições (d)e poder. Essa disputa não ocorre num terreno nivelado, já que os indivíduos dispõem de diferentes volumes e tipos de capitais, que não só são adquiridos e reafirmados pelo próprio campo no qual se inserem, mas também costumam ser herdados (THOMSON, 2018; BOURDIEU, 2011). Bourdieu, então, considerou que o conjunto de vários campos constituiria o *espaço social*, sendo este “definido pela exclusão mútua (ou a distinção) das posições que o constituem, isto é, como estrutura de justaposição de posições sociais” (BOURDIEU, 2008, p. 160).

No espaço social os indivíduos e grupos sociais seriam organizados e distribuídos a partir de três níveis: o volume de capital, a estrutura do capital e a evolução de ambos. No primeiro, considera-se a soma das modalidades de capital adquirido (econômico, cultural, social e simbólico); no segundo, leva-se em conta o peso relativo dos capitais (principalmente o econômico e cultural) no conjunto total de capitais; e no terceiro, a evolução do volume e do peso relativo ao longo do tempo (BOURDIEU, 1996; BERTONCELO, 2010, 2016; MACIEL, 2018). A distribuição no espaço social, portanto, está relacionada à estilização da vida na medida em que as escolhas se distanciam das necessidades básicas (BOURDIEU, 1983a). Comer é uma necessidade básica, no entanto, o que comer e como comer são categorias que permitem diferenciar os indivíduos.

Tendo em vista o objetivo do presente estudo, a moradia é um tipo de campo – que pode servir como objeto heurístico para o conhecimento de outros campos. Bourdieu discutiu em *As estruturas sociais da economia* (2006) como o mercado da habitação se comporta, e de

---

<sup>1</sup> O *habitus* é uma estrutura estruturante, no sentido de que se constitui e se reproduz a partir da posição ocupada pelo indivíduo no espaço social, sendo tal posição resultado do volume e composição do capital (BOURDIEU, 1983a; 2011; BERTONCELO, 2010).

que forma a oferta e consumo de imóveis reflete as posições dos indivíduos no espaço social. Segundo o autor “as escolhas econômicas em matéria de habitação dependem por um lado, das *disposições econômicas* (socialmente construídas) dos agentes, e do *estado da oferta das habitações*” (BOURDIEU, 2006, p. 33, grifos meus). O Estado é responsável por auxiliar na construção da procura e da oferta no mercado da habitação, e esta “é o elemento central de um patrimônio de que se espera que dure tanto como o seu proprietário, e mesmo que lhe sobreviva, a título de herança transmissível” (BOURDIEU, 2006, p. 38).

Portanto, a habitação é, na perspectiva de Bourdieu (2006), ao mesmo tempo um investimento e a expressão do gosto e do sistema de classificação do indivíduo que a detém – isso considerando os indivíduos que detém capitais suficientes para não precisarem limitar a moradia ao seu uso funcional. Não só a habitação em si está envolta de simbologia, mas também o seu endereço. Bourdieu também reconheceu que embora sejam espaços distintos, o social e o físico, ambos estão interligados, de forma que

a estrutura do espaço social se manifesta, assim, nos contextos mais diversos, sob a forma de oposições espaciais, o espaço habitado (ou apropriado) funcionando como uma espécie de simbolização espontânea do espaço social. Não há espaço, em uma sociedade hierarquizada, que não seja hierarquizado e que não exprima as hierarquias e as distâncias sociais, sob uma forma (mais ou menos) deformada e, sobretudo, dissimulada pelo *efeito de naturalização* que a inscrição durável das realidades sociais no mundo natural acarreta (BOURDIEU, 2008, p. 160, grifo do autor).

Pensando o consumo da moradia, bem como de seu espaço físico e localização, nessa pesquisa tem-se como hipótese que o estilo de vida é, simultaneamente, construído e constituinte do *ato de morar*<sup>2</sup>. Significando que, ao mesmo tempo em que os indivíduos residentes de um bairro tendem a ter estilos de vida semelhantes, elaborados, entre outras coisas, com base nas ofertas de bens e serviços neste, o próprio estilo de vida influencia na forma como tais indivíduos usufruem e vivenciam o local de moradia.

Essa relação dialética diferenciaria os indivíduos tanto em seus estilos de vida e vivência do local de moradia, quanto em termos de frações de uma mesma classe – no caso da presente pesquisa, o enfoque é a classe média. É importante ressaltar que, assim como o estilo de vida, a classe é aqui entendida também sob a perspectiva bourdieusiana, como um

---

<sup>2</sup> O *ato de morar* é aqui entendido como uma prática social que se constitui e se reproduz a partir da relação que o sujeito estabelece com o local onde mora (sua infraestrutura e oferta de serviços), bem como com os demais indivíduos que ali residem. Nesse sentido, morar implica considerar como os sujeitos usufruem do local onde moram, quais os seus deslocamentos, se a moradia está próxima aos locais que eles valorizam (de lazer, de trabalho etc.), e quais os significados relacionais que lhe são atribuídos (por exemplo, como um bairro se situa em relação aos outros).

conjunto de agentes situados em condições homogêneas de existência, impondo condicionamentos homogêneos e produzindo sistemas de disposições homogêneas, próprias a engendrar práticas semelhantes, além de possuírem um conjunto de propriedades comuns, propriedades *objetivadas*, às vezes garantidas juridicamente – por exemplo, a posse de bens ou poderes – ou *incorporadas*, tais como os *habitus* de classe – em particular, os sistemas de esquemas classificatórios” (BOURDIEU, 2011, p. 97, grifos do autor).

Ao mapear o espaço social, o que Bourdieu fez foi agrupar indivíduos com posições sociais semelhantes, correspondendo ao que ele denominou como “classe no papel”. Esta se diferenciaria de uma “classe real”, na medida em que para constituir-se enquanto tal, os indivíduos precisariam constituir uma identificação entre si e conjuntos de ações coletivas (CROSSLEY, 2018). Embora os indivíduos com posições sociais parecidas não necessariamente formem uma classe real, Bourdieu alegou que eles estão *inclinados* a possuírem/desenvolverem estilos de vida semelhantes – bem como um *habitus* de classe (BOURDIEU, 1996, 2011; CROSSLEY, 2018).

Uma das maneiras de mensurar a semelhança entre indivíduos com posições sociais e estilos de vida parecidos foi através do consumo, baseado num determinado *gosto*. Gosto, na visão bourdieusiana, representa a “propensão e aptidão à apropriação (material e/ou simbólica) de uma determinada categoria de objetos ou práticas classificadas e classificadoras, é a fórmula generativa que está no princípio do *estilo de vida*” (BOURDIEU, 1983a, p. 83, grifos do autor). Nesse sentido, o gosto estaria introjetado nos indivíduos conforme o seu *habitus*, e este influenciaria seu estilo de vida.

Se o estilo de vida pode ser mensurado via consumo, faz-se necessário apresentar uma definição para tal ação. Em *O Mundo dos Bens* (2013), Mary Douglas e Baron Isherwood discutiram o consumo sob um ponto de vista antropológico, colocando em xeque as várias teorias economicistas que o reduzem ao mero ato de satisfação material. Na contramão das teorias utilitaristas, os autores abordaram o consumo enquanto o uso de determinado bem material que não se limita à posse deste, mas está envolto de simbolismos e status (DOUGLAS; ISHERWOOD, 2013).

A grande contribuição de Douglas e Isherwood (2013) é pensar o consumo como algo que não só estabelece relações sociais, mas auxilia na construção de sentidos e significados, de forma que os bens demarcam as diferenças entre os indivíduos. Relacionando com o que foi discutido anteriormente, o consumo visando uma estilização da vida compreenderia uma razão cultural (SAHLINS, [1976] 2003), já que as classes se diferenciariam não só a partir do que consomem, mas como consomem. Assim, ainda que cada classe possua um estilo de vida

característico, este acaba funcionando mais como fator de distinção simbólica naquelas em que não só o consumo, mas o modo de consumir estão mais distantes das necessidades materiais (BOURDIEU, 1983a).

Considerando a centralidade do consumo na modernidade (GIDDENS, 2002; BARBOSA, 2004) vários são os aspectos intrínsecos a esse ato (como a cultura, a identidade, o status etc.). No âmbito cultural, Mike Featherstone, compreende a prática de consumo nas sociedades contemporâneas como envolta por economias simbólicas e de prestígio, ou seja, consumir não se resume à posse de algo material, mas envolve status (FEATHERSTONE, 1995).

Assim como Featherstone (1995), Douglas e Isherwood (2013) e Sahlins (2003), outros autores desenvolveram análises sobre a dimensão cultural do consumo (ver Belk, 1982; Bronner, 1983; Felson, 1976; Furby, 1978; Graumann, 1974; 1975). Para a presente pesquisa ressalta-se a abordagem de Grant McCracken, que avança na questão do significado atribuído aos bens ao considerar que tal simbolismo é transitório. Segundo o autor, o significado cultural dos bens está distribuído tanto no mundo culturalmente constituído, quanto no bem de consumo e no próprio consumidor individual, de forma que há transferência entre os enfoques do mundo para o bem e do bem para o indivíduo (MCCRACKEN, 2007, p. 100).

Consumir, portanto, seria um ato com múltiplas faces interligadas funcionando como uma forma de mensuração do estilo de vida e do gosto de indivíduos e classes sociais. No âmbito da identidade, há uma longa discussão sobre como o consumo afeta a construção do eu. Na perspectiva de Giddens (2002), como mencionado anteriormente, a identidade nos tempos modernos seria construída com base na pluralidade de escolhas. Tal pluralidade é resultado das diversas referências (locais e globais) às quais os indivíduos estão sujeitos (VELHO, 2003), e às distintas esferas da vida (como a família, o trabalho, a moradia e o lazer) que influenciam essas escolhas.

Relacionando classe e consumo, e tendo como pano de fundo o estilo de vida bourdieusiano, pode-se pensar a moradia como um fator que auxilia na constituição identitária e de distinção da classe média e suas frações. A seguir discutir-se-á tal relação por meio de estudos específicos sobre a classe média brasileira.

### 1.2. *O estilo de vida da classe média brasileira: práticas de consumo e estratégias distintas*

Ao longo do desenvolvimento da Sociologia, vários foram os autores que teorizaram as diferenças entre os indivíduos e seus respectivos grupos sociais. Comentando, ainda que brevemente, clássicos como Durkheim, Marx e Weber, analisaram sob diferentes aspectos a formação das classes.

Durkheim e Mauss, em *Algumas formas primitivas de classificação* (2005), ressaltam que a separação da sociedade em grupos é dada por meio de classificações socialmente construídas. Esses esquemas classificatórios foram identificados pelos autores desde as chamadas sociedades tribais, até as sociedades modernas, e auxiliam a compreender o surgimento das classes sociais. Segundo Durkheim e Mauss (2005),

uma classe é um grupo de coisas; ora, as coisas não se apresentam por si mesmas tão agrupadas à observação. Podemos perceber de maneira mais ou menos vaga suas semelhanças. Mas o simples fato destas semelhanças não basta para explicar como somos levados a reunir os seres que assim se assemelham, e reuni-los numa espécie de meio ideal, encerrado nos limites determinados, e que chamamos de gênero, uma espécie, etc. (...) *Classificar não é só constituir grupos: é dispor estes grupos segundo relações muito especiais. (...) Toda classificação implica uma ordem hierárquica* da qual nem o mundo sensível nem nossa consciência nos oferecem o modelo (DURKHEIM; MAUSS, 2005, p. 403, grifos meus).

A perspectiva de Durkheim e Mauss ressalta a origem social dos grupos e rompe com a naturalização acerca das classes e divisões sociais. Já Karl Marx analisou as classes sob o ponto de vista econômico, no qual os grupos se originariam e se organizariam conforme os meios e relações de produção. A relação entre as classes seria, portanto, de exploração (HIRANO, 2002). Max Weber, por sua vez, como mencionado anteriormente, analisou as classes a partir da *situação de classe*, ou seja, da situação comum compartilhada por indivíduos que permite o acesso não só a bens e ao mercado, mas a oportunidades de vida semelhantes (WEBER, 1982).

Procurando conciliar essas abordagens, Pierre Bourdieu analisa as classes dando enfoque ao seu aspecto cultural. Utilizando a técnica Análise de Correspondência Múltipla (ACM), Bourdieu mapeou as posições dos indivíduos no espaço social, de forma que aqueles localizados próximos uns dos outros compartilhariam capitais (e, conseqüentemente, *habitus* e estilos de vida) semelhantes – alocando-os em uma mesma classe (CROSSLEY, 2018).

Ainda que o foco da presente pesquisa seja o estilo de vida, e não a classe, acredita-se ser necessário ao menos mencionar algumas das ideias fundamentais do campo da estratificação. Retomando a discussão iniciada na seção anterior, e tendo em vista as

concepções acerca de classe, o estilo de vida mensurado via consumo auxilia na compreensão da organização e composição da classe média.

Pensando não só no que é consumido, mas no simbolismo por trás do consumo, tem-se que o ato de consumir atua “na criação e manutenção de relações sociais de dominação e submissão” (BARBOSA, 2004, p. 41). Em *A Distinção* (2011) Bourdieu ressaltou, entre outras coisas, que as classes no topo da hierarquia social francesa se distinguiam não somente pela posse de bens raros e posicionais, mas pelo modo de consumir tais bens, ou seja, pelo conhecimento compartilhado entre indivíduos de uma mesma classe acerca desses bens. Esse conhecimento originar-se-ia do *habitus* (BOURDIEU, 2011).

Ao analisar o consumo e estilos de vida das classes sociais no Brasil, utilizando dados da Pesquisa de Orçamentos Familiares (POF) de 2002-2003 e um banco de dados da Região Metropolitana de Belo Horizonte (RMBH) de 2002, Bertonceo (2010) apontou a maior relevância do volume do capital, ao invés da composição do capital, para explicar a diferenciação entre as classes. De acordo com o autor, na sociedade brasileira predominavam três grandes grupos: o “superior” (formado por profissionais de nível superior e professores universitários), o “intermediário” (composto por trabalhadores de rotina, técnicos e artistas) e o “inferior” (constituído por trabalhadores urbanos-manuais e agrícolas) (BERTONCELO, 2010)<sup>3</sup>. O grupo superior distinguia-se não só pelos tipos de capitais que possuía (capital econômico e cultural), mas porque o volume global de capitais destes era maior do que nos outros grupos.

Devido ao maior volume global de capital, as práticas de consumo dos grupos superiores se distanciavam da necessidade material. No âmbito alimentar, esse grupo gastava mais com refeições fora de casa e com alimentos mais “leves” e saudáveis, ao passo que o grupo inferior, mais sujeito à pressão econômica da escassez, consumia alimentos mais “pesados” e baratos, que davam mais energia (BERTONCELO, 2010). A partir da possibilidade de consumir alimentos que auxiliam numa maior estetização do corpo, os indivíduos do grupo superior despendiam maiores gastos com a apresentação de si, revelando a integração dessas práticas em estilos de vida próprios.

Bertonceo (2010) discutiu ainda a relação entre classe, educação e cultura, evidenciando que na sociedade brasileira a trajetória social dos indivíduos é importante para

---

<sup>3</sup> Esses grupos foram identificados pelo autor com base na categoria ocupacional dos indivíduos, uma vez que a ocupação é considerada um meio de acumulação dos capitais (BERTONCELO, 2010).

entender as diferentes escolhas de consumo e, por isso, os estilos de vida. De maneira geral, os resultados se assemelharam aos achados de Bourdieu, no qual o processo de transmissão do capital cultural afetava as chances de sucesso escolar, bem como do consumo de bens culturais. Segundo o autor, na RMBH os mais jovens se engajavam de forma mais intensa em atividades de lazer no âmbito da vizinhança ou do bairro, assim como nas atividades da “cultura de massa”, por meio da prática de ouvir rádio (BERTONCELO, 2010). Assim, não só o *habitus* (e sua transmissão via socialização primária) influenciaria na conformação das práticas de consumo, mas também a idade:

a idade é outro princípio que conforma as práticas dos agentes (...) o que sugere, contrariamente aos argumentos de Bourdieu, que a idade não é um princípio secundário de organização das práticas, quer dizer, que conforma aquelas simplesmente pela mediação da posição do agente no sistema de distribuição do capital (BERTONCELO, 2010, p. 230).

A influência da idade e de outros fatores como gênero e etnia, como apontado por Bennet *et al* (2009), é relevante para se pensar que não só a fase de vida dos indivíduos de uma mesma classe, mas suas diferentes trajetórias e características, podem atuar sobre seus estilos de vida. Em seu estudo etnográfico sobre a Classe de 1958, do Weequahic High School, na cidade de Newark, Sherry B. Ortner ([2003] 2006) analisou como a ascensão social de boa parte dos seus colegas de turma foi resultado da combinação entre a trajetória de vida de cada um (considerando as questões raciais, étnicas, de gênero e de herança de capitais) e a emergência de movimentos identitários (o feminismo, os Direitos Civis e o antissemitismo).

O trabalho de Ortner ([2003] 2006) discute como, na sociedade americana da década de 1950, o discurso de construção do imaginário da classe média era "uma questão de gradações econômicas de bens e privilégios (...) quase totalmente inserida em narrativas de esnobismo e humilhação" (ORTNER, [2003] 2006, p. 41, tradução própria). Assim, os alunos de classe média com maior volume de capital (econômico e cultural) diferenciavam-se não só pelas ocupações de seus familiares no mercado de trabalho, que repercutiam na postura dos alunos na escola (aqueles com maior volume de capital eram mais populares e se envolviam em ocupações de representação discente), mas também pela localização de suas residências no bairro.

Weequahic era um bairro predominantemente judeu, mas que possuía certa heterogeneidade social, principalmente em suas áreas limítrofes. O Weequahic High School localizava-se na porção central do bairro, de forma que quanto mais próximo do colégio, mais

branca, rica e judia eram as famílias. Contrariamente, quanto mais distantes dessa área, mais racial e etnicamente misturadas eram as famílias, sendo estas da classe trabalhadora (ORTNER, [2003] 2006). O fator étnico é relevante para a pesquisa da autora uma vez que permitiu compreender a trajetória de ascensão social de seus colegas. Enquanto uma parte da Classe de '58 era composta por judeus, cujas famílias imigrantes conseguiram empregos em cargos médios (pequenos proprietários, administradores etc.), a parte branca não judia advinha de famílias imigrantes que ocuparam cargos de operários industriais, e a parte negra vinha de famílias com ocupações inferiores (ORTNER, [2003] 2006).

Dada a herança de capitais dos pais, oriundos das suas ocupações, bem como os movimentos identitários (como o antissemitismo), a autora descobriu que os alunos judeus tiveram não só maior sucesso escolar, mas também passaram a ocupar cargos no topo da hierarquia social (ORTNER, [2003] 2006). Outro fator relevante na trajetória de vida da Classe de '58 foi o gênero, já que as mulheres (independentemente do grupo étnico-racial) tenderam a ter menor volume de capital e a ocupar cargos inferiores em relação aos homens.

A enunciação desses fatores que combinam com a classe (idade, raça, etnia, gênero), bem como os resultados dos estudos mencionados servem para pensar a composição do *habitus* e dos estilos de vida da classe média. Nas últimas décadas falou-se sobre uma “nova classe média brasileira” devido às mudanças sociais ocorridas e o aumento da capacidade de consumo das camadas intermediárias. No entanto, vários foram os estudos que rebateram tal assertiva, uma vez que a classe é composta por outros fatores além da renda – tais como escolaridade, ocupação, conjunto de capitais etc. (SALATA, 2016). Assim, torna-se relevante para a discussão que aqui se fará, discorrer sobre a concepção de classe média no contexto nacional.

O estudo de O'Dougherty (1998), realizado no período da crise econômica de 1981 a 1994, analisou como o consumo foi utilizado como tática pela classe média paulista tanto para distinguir e diluir as diferenças entre as classes, bem como conformar a identidade destas. Se antes da crise a posse de bens como o carro e a casa própria eram essenciais para confirmar o status e identidade de classe média, durante a crise e a inflação em alta, a classe média paulista precisou acionar diferentes estratégias para se distinguir das classes populares (O'DOUGHERTY, 1998). Segundo O'Dougherty (1998), com a instabilidade no emprego, queda na qualidade do ensino público, bem como a redução na prática de consumo, a classe média paulista

demonstrou apegar-se firmemente à educação e ao esclarecimento cultural como meios para alcançar e manter a condição de membros da classe média e também como uma marca distintiva dessa posição social. Essas pessoas construíram sua posição de uma superioridade quase moral, tendo como base a educação e a cultura (mais o carro velho e a casa), em contraste com o pólo oposto dos donos de carros novos e de produtos de consumo supérfluo (O'DOUGHERTY, 1998, p. 420).

Os indivíduos médios passaram então a valorizar a educação particular dos filhos e o esclarecimento cultural (advindo da posse de capitais), em oposição ao consumo “supérfluo” e “desinformado” das classes populares. O'Dougherty (1998) evidenciou, portanto, as fragilidades do estatuto de “classe média”, na medida em que este necessitava ser reinventado, repensado e protestado.

Tal fragilidade pode ser captada também no contexto da moradia. A tese de Pulici (2010) analisou, entre outros aspectos, na atividade decorativa como fator de diferenciação dentro das classes abastadas. A autora identificou três grupos principais entre seus entrevistados: a “elite de berço”; os grupos médios profissionalizados; e os grupos oriundos de “famílias humildes”. Esses grupos se diferenciavam, entre outros fatores, pela localização da moradia. Enquanto a “elite de berço” residia, preponderantemente, nos chamados bairros Jardins (Jardim América, Jardim Europa, Jardim Paulistano e Jardim Paulista), os dois outros grupos de entrevistados ascenderam socialmente e residiam no Alphaville.

Em matéria de gosto e decoração, Pulici (2010) afirma que a elite paulista “de berço” elaborava e reiterava mecanismos de distinção para com os chamados novos ricos, a partir da valorização de bens eruditos (via transmissão de capital cultural) refletidos na organização e distribuição dos objetos no ambiente do lar. Os moradores do Alphaville, por sua vez, recorriam à ajuda de profissionais, como arquitetos e decoradores, para projetarem e decorarem suas casas.

Em termos de estilo de vida, os moradores dos bairros Jardins frequentavam espaços como museus, peças de teatro e tinham como prática o consumo de obras de arte. Diferentemente, os novos ricos, por não possuírem o mesmo volume de capital cultural que a elite “de berço”, julgavam o consumo de obras de arte injustificável, já que a preocupação com o custo destas era maior do que o ganho simbólico e de status garantido pela posse desse tipo de bem (PULICI, 2010). Assim, os trabalhos de Pulici (2010) e O'Dougherty (1998) são relevantes para a presente pesquisa por elucidarem como a posse de capital cultural influencia as práticas de consumo e estilização da vida, bem como os repertórios distintivos das classes.

Pensando no consumo da moradia, vários estudos antropológicos e sociológicos discutem a construção da ideia de “bairro de classe média”, bem como as práticas de (con)vivência entre as frações médias. Seguindo uma tradição de estudos urbanos iniciada por Gilberto Velho, Julia O’Donnell (2013) reconstruiu a história de um dos bairros mais famosos do Rio de Janeiro: Copacabana. Pouco ocupado até a criação e expansão das linhas de bonde rumo às zonas Norte e Sul a partir da década de 1870, Copacabana era considerado pela elite local um local insalubre e “pré-civilizatório” (O’DONNELL, 2013). Contudo, dado o movimento de expansão da cidade e a relativa desocupação da área central por uma parte da elite local, Copacabana e os demais bairros beira-mar (como Leme, Ipanema e Leblon) passaram a despertar o interesse desse grupo social.

O’Donnell (2013) destacou que desde o início da intensificação da ocupação do bairro havia uma certa heterogeneidade social. Isso porque antes de atrair a classe média e a elite da época, a área do bairro era ocupada por pescadores e demais trabalhadores populares. Mas à medida que o processo de urbanização começou, Copacabana foi sendo construída não somente em termos arquitetônicos, mas também simbólicos – e concentrando uma população mais elitizada. Os vários jornais lançados no bairro (O Copacabana, O Malho etc.) promoviam a ideia de que residir em Copacabana era possuir status e civilidade, além de apontarem para práticas legítimas de distinção do estilo de vida copacabanense para com os demais bairros da cidade – o *footing*, os banhos de sol, o uso de trajes de banho associados à moda europeia (O’DONNELL, 2013).

Ao longo das décadas, Copacabana se tornou um dos bairros mais importantes do Rio de Janeiro, e a intensa atividade imobiliária e turística passou a atrair não só as frações médias, mas também as classes populares. Nas primeiras décadas do século XX, a emergência de edifícios com menor padrão arquitetônico alavancou o adensamento populacional, interferindo diretamente na identidade copacabanense (O’DONNELL, 2013). No estudo sobre um dos imóveis do bairro, o Edifício Estrela, Gilberto Velho (1989) analisou as motivações que levaram os residentes a escolherem morar em Copacabana. Velho (1989) identificou, entre outras coisas, que residir no bairro representava ascensão social, principalmente entre os indivíduos de ocupações intermediárias (comerciantes, técnicos etc.).

Velho (1989) ressaltou ainda que a heterogeneidade do bairro provocava tensões entre seus moradores, fazendo-os acionarem mecanismos de distinção. Por exemplo, para os moradores de outros imóveis no bairro, não bastava residir em Copacabana para ter status, seria necessário relativizar o tipo de moradia em que se vive, já que não adiantaria estar num

bairro de luxo, mas residindo num imóvel precário – como era o caso do Edifício Estrela. Este era considerado entre os copacabanenses como “balança-mas-não-cai” devido à variedade de frações sociais de seus moradores. Ao mesmo tempo que abrigava pessoas de outros bairros da Zona Sul, também contava com indivíduos da área central, do subúrbio e da Zona Norte.

Uma vez que a presente pesquisa será feita na cidade de Belo Horizonte, e que a classe média, como também ocorre em outras capitais, está dispersa no território da capital mineira, é importante indagar a respeito das práticas de morar das frações médias e do local de moradia destas. Na literatura internacional alguns estudos identificaram que uma parte dos indivíduos de classe média opta por residir na região central de cidades históricas como Londres e Nova York. Esses indivíduos, identificados como *yuppies* e *hipsters* (LEES *et al*, 2008)<sup>4</sup>, e seus estilos de vida estariam relacionados a uma priorização da facilidade em acessar equipamentos culturais (museus, teatros, cinemas etc.) e serviços urbanos (mobilidade agilizada, serviços de saúde e infraestrutura etc.), além da proximidade ao local de trabalho e demais estabelecimentos necessários para o dia a dia (padarias, restaurantes, supermercados, agências bancárias etc.) (DONZELOT, 2007).

Em seu estudo sobre a Barra da Tijuca, Lima (2008) identificou que os indivíduos que ascenderam socialmente, os chamados “emergentes” residiam no bairro a fim de (re)afirmarem seu status social. De acordo com a mídia e a “elite tradicional”, os emergentes tinham um estilo “supérfluo” e pautado em um mero “consumismo”. No entanto, Lima (2008) constatou que a construção do *ethos* emergente é resultado da equação “trabalho + dinheiro = sucesso”, de forma que tais indivíduos são vistos como batalhadores e merecedores de toda a notoriedade, admiração e fama que recebem no contexto nacional e carioca. Um dos fatores relevantes desse estudo foi pensar de que forma o local de moradia reforçava o status social das frações da classe média, através do estilo de vida.

Tendo em vista a discussão feita, pode-se notar as relações entre modernidade, identidade, consumo, estilo de vida e classe. Ainda que os estudos apresentados tenham sido elaborados em contextos e épocas distintas, e tenham utilizado metodologias diferentes, eles convergem com os objetivos aqui pretendidos. Tomando o estilo de vida como aparato teórico e metodológico, tem-se que a abordagem bourdieusiana é importante para pensar tanto a

---

<sup>4</sup> Os primeiros referem-se aos *Young Urban Professional Parents*, ou seja, os jovens profissionais urbanos ainda em ascensão profissional e cuja situação financeira é intermediária entre classe média e alta. Já *hipsters* refere-se a um grupo que valoriza determinados aspectos culturais tidos como alternativos – criando assim um discurso de autenticidade.

relação entre classe e suas práticas de consumo, quanto o aspecto grupal do estilo de vida – ou seja, como indivíduos de uma mesma classe compartilham condições econômicas, culturais e sociais (*habitus* de classe) que os possibilitam tomar decisões e realizar escolhas visando estilizar suas vidas.

Os estudos brasileiros sobre a classe média exemplificaram como o contexto socioeconômico impactou no consumo e nos mecanismos identitários (O'DOUGHERTY, 1998), assim como o local de moradia pode influenciar (positiva ou negativamente) no status social dos indivíduos (VELHO, 1989; O'DONNELL, 2013; LIMA, 2008). Foi discutido também como a diferença no nível de capitais (econômico e cultural) impacta no tipo de consumo (BERTONCELO, 2010; 2016) e no gosto dos indivíduos (PULICI, 2010). Assim, considerar as diferenças entre os níveis de capitais, a forma como as frações de classe média consomem bens, serviços e o local de moradia permitirá compreender como tais fatores podem funcionar como mecanismos de estratificação.

### *1.3. O morar das frações médias belo-horizontinas: os residentes do Anchieta e Sagrada Família*

Desde o seu planejamento, no século XIX, e inauguração, em 12 de dezembro de 1897, Belo Horizonte é uma cidade marcada pela diferença de ocupação do espaço pelas classes sociais. Na planta de construção da cidade (ver Figura 1) a zona urbana, área interna à Avenida do Contorno, foi planejada para receber as frações médias e altas vindos de Ouro Preto. Visando atender às demandas desses indivíduos, essa área contou com maiores investimentos em infraestrutura (como saneamento, meios de transporte, calçadas e demais serviços), e nela concentrou-se as instituições públicas e privadas (o centro comercial, hospitais, edifícios públicos, parques etc.) (VILLAÇA, 2001). Já a zona suburbana, localizada na área externa à Avenida do Contorno, foi ocupada por trabalhadores e frações das classes populares, e não contou com os mesmos investimentos em infraestrutura e serviços urbanos (TICLE, 2016; VILLAÇA, 2001). A zona de sítios, também conhecida como zona rural, era dividida em colônias agrícolas que tiveram o objetivo de abastecer a capital com alimentos e água, e foi ocupada por migrantes que vieram para a construção da capital (TICLE, 2016; ARREGUY; RIBEIRO, 2008b; ANDRADE, 2004; BAHIA, 2007).

Assim, fica evidente que desde o início do planejamento e da ocupação, a região que viria a receber as frações médias e altas ganhou maior atenção e investimentos do poder público, diferentemente das áreas ocupadas pelos trabalhadores (TICLE, 2016). Somente em

1899, dois anos após a inauguração de Belo Horizonte, o governo regulamentou alguns núcleos de colônias agrícolas (TICLE, 2016), e um destes foi a colônia agrícola Adalberto Ferraz. Até meados de 1910 a área dessa colônia era pouco habitada e possuía um reservatório de água que abastecia a capital – o chamado Reservatório da Serra (ARREGUY; RIBEIRO, 2008a). O território dessa colônia deu origem, entre outros bairros, ao Anchieta.

**Figura 1 - Planta geral da Cidade de Minas Gerais**



Fonte: Arquivo Público Mineiro (s.d.)

Atualmente localizado na regional administrativa Centro-Sul, o Anchieta é um bairro de ocupação relativamente recente, cujo início data da década de 1920 e a intensificação desse processo entre 1950 e 1970 (ARREGUY; RIBEIRO, 2008a). Reitera-se que entre essas décadas, Belo Horizonte passou por uma forte especulação imobiliária, principalmente na parte interna à Avenida do Contorno, razão pela qual uma parte das frações médias optou por ocupar esses novos bairros da região Centro-Sul, como o Anchieta, Sion, Carmo, Cruzeiro, dentre outros, localizados fora da Avenida do Contorno. Além da especulação imobiliária, a área interna desta já não conseguia mais comportar o crescimento da cidade, tendo se tornado mais comercial e sujeita aos problemas advindos da grande densidade demográfica.

Segundo dados do Plano Metropolitano de Belo Horizonte (Plambel), exibidos na Tabela 1, a partir de 1890 a população de Belo Horizonte passou a crescer. Ainda que a taxa de crescimento anual tenha decaído em 1897, a área interna à Avenida do Contorno já não

comportava, em termos de bens e serviços, a população existente. Assim, dado o alto custo do solo nessa área, a população acabou sendo empurrada para a zona suburbana (PLAMBEL, 1979).

**Tabela 1 - População e taxa de crescimento de Belo Horizonte (1890/1920)**

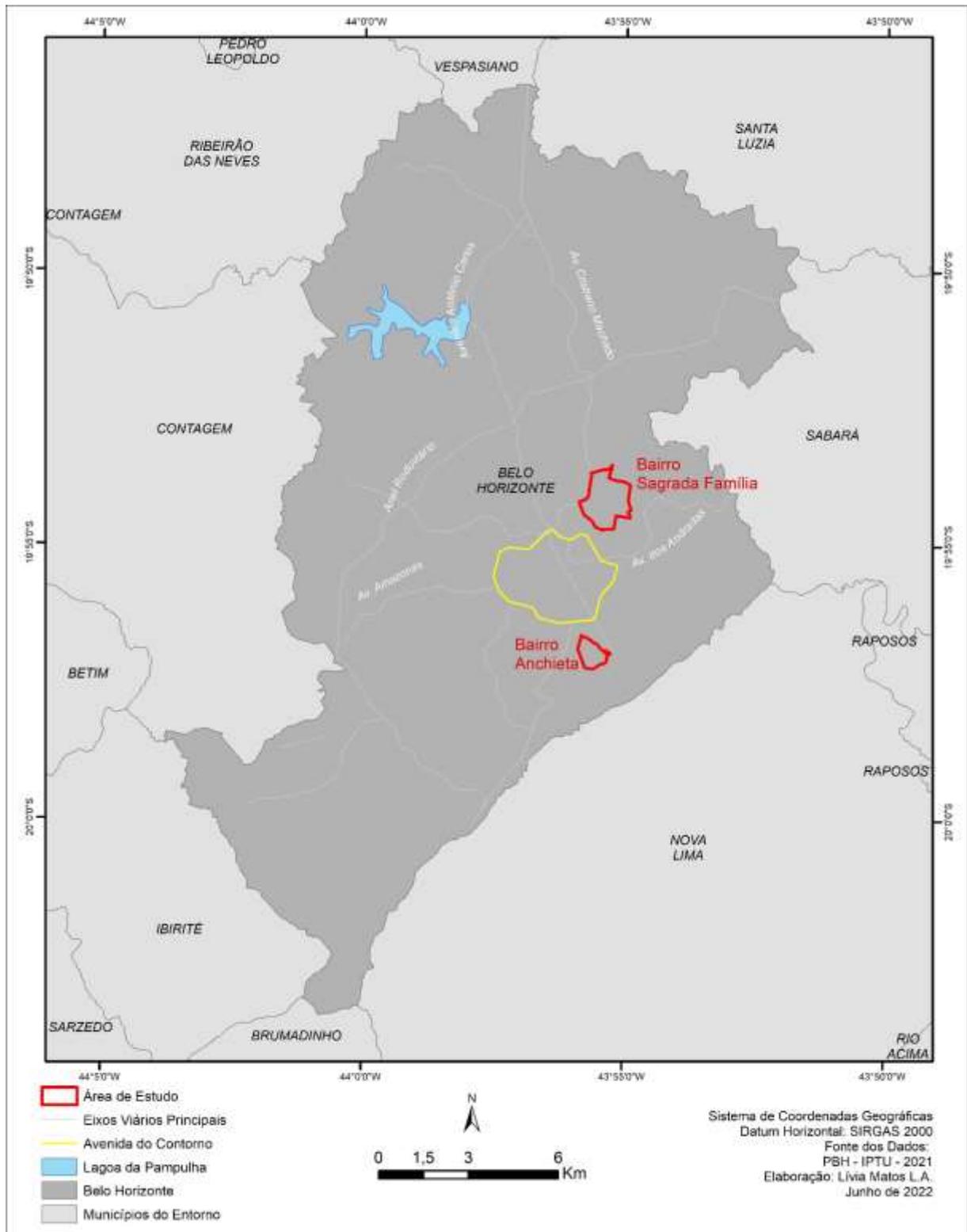
<b>Ano</b>	<b>População</b>	<b>Taxa de crescimento anual</b>
<b>1890</b>	600	
<b>1893</b>	2.650	64,1%
<b>1897</b>	12.000	45,9%
<b>1900</b>	13.472	3,9%
<b>1905</b>	17.615	5,5%
<b>1910</b>	33.245	13,5%
<b>1912</b>	38.822	8,1%
<b>1920</b>	55.563	4,6%

Fonte: PLAMBEL (1979).

Além da queda na taxa de crescimento populacional, em 1920 também ocorreu a divisão e loteamento da zona suburbana e das colônias agrícolas, bem como com o crescimento da população, promoveu o surgimento de vilas operárias que viriam a constituir os bairros que atualmente compõem a cidade (ARREGUY; RIBEIRO, 2008b). Um desses bairros é o Sagrada Família. Originário de três vilas (Maria Brasilina, Mauá e São João) formadas após a divisão da fazenda do coronel João Gualberto Filho, o Sagrada Família foi ocupado, desde o princípio, por trabalhadores. Na medida em que as famílias destes cresciam, eram construídos mais barracões, e os lotes contavam com várias gerações num mesmo terreno. De maneira geral, os demais bairros da regional Leste têm um histórico de ocupação semelhante ao do Sagrada Família, haja vista que o valor dos terrenos nessa região era mais baixo dos que os da região Centro-Sul, considerando o Anchieta e seus vizinhos (ARREGUY; RIBEIRO, 2008b).

Geograficamente, o Anchieta e o Sagrada Família estão próximos ao Centro da cidade, localizado na área interna da Avenida do Contorno – como exibido no Mapa 1. Isso é relevante para pensar a concentração da classe média na região central, já que nesta há maior infraestrutura e oferta de serviços, como mencionado anteriormente. Não só em termos geográficos os bairros se distinguem, mas também quanto às características demográficas, como será discutido a seguir.

**Mapa 1 - Localização geográfica do Anchieta e Sagrada Família**



Fonte: Elaboração da autora.

Com base nos dados do Censo Demográfico de 2010, é possível perceber que os bairros variam em diversos aspectos. Em 2010 havia 5.945 domicílios e 15.571 moradores no Anchieta, ao passo que em Sagrada Família havia 12.207 domicílios e 34.386 moradores

(IBGE, 2010). Esses dados evidenciam a diferença entre os bairros em termos da quantidade da população e dos imóveis. Enquanto o Anchieta é relativamente pequeno, em termos territoriais, como pode-se ver no mapa, e populacionais, o Sagrada Família foi considerado o bairro mais populoso da cidade em 2010 (IBGE, 2010).

Uma outra diferença relevante se refere aos tipos de moradia predominantes nos bairros. Como pode ser visto na Tabela 2, no Anchieta a maior parte dos domicílios (89,12%) era do tipo apartamento, e embora mais da metade dos domicílios do Sagrada Família também fosse apartamentos (58,31%), a quantidade de casas era maior (40,35%) – diferentemente do Anchieta, onde as casas representavam apenas 7,8% dos imóveis. Uma hipótese com base nesses dados é que o tipo de moradia influenciaria o estilo de vida dos moradores. Supostamente, os moradores do Sagrada Família que residiam em casas teriam um estilo de vida diferente daqueles que moravam no bairro em apartamentos, ou mesmo quando comparados com os residentes de casas e apartamentos no Anchieta<sup>5</sup>.

**Tabela 2 - Domicílios particulares por tipo no Anchieta e Sagrada Família (2010)**

Tipo de domicílio/Bairro	Anchieta		Sagrada Família		Belo Horizonte	
	N.	%	N.	%	N	%
<b>Casa</b>	464	7,8	4.925	40,35	474.707	62,29
<b>Apto</b>	5.298	89,12	7.118	58,31	251.161	32,96
<b>Outros</b>	183	3,08	244	1,34	36.207	4,75
<b>TOTAL</b>	<b>5.945</b>	<b>100</b>	<b>12.207</b>	<b>100</b>	<b>762.075</b>	<b>100</b>

Fonte: Censo Demográfico de 2010, IBGE. Elaboração da autora.

Dentre o total de domicílios, a maior parte dos imóveis eram próprios e quitados nos dois bairros (79% no Anchieta e 72,32% no Sagrada Família) (IBGE, 2010), o que poderia indicar um relativo maior poder aquisitivo dos moradores do Anchieta. Percentuais parecidos também são encontrados no que se refere à faixa etária dos moradores. Como exibido na Tabela 3, em 2010, 40,92% dos residentes do Anchieta tinham entre 50 e 69 anos, enquanto no Sagrada Família, 36,77% dos residentes tinham idade nessa faixa etária. No Sagrada Família 39,22% dos moradores tinham entre 30 e 49 anos, e no Anchieta 32,76% moradores tinham idade nessa faixa. Destaca-se, ainda, que no Anchieta o percentual de idosos (18,18%)

<sup>5</sup> Com base nas entrevistas realizadas, o que se notou é que os moradores de casas têm uma maior proximidade com os vizinhos, enquanto os moradores de apartamentos não. Isso levaria a um estilo de vida distinto, uma vez que a relação de vizinhança se faria presente, podendo interferir na relação com o local de moradia.

é levemente maior do que no Sagrada Família (14,69%) (IBGE, 2010). Esses dados etários podem indicar a presença de famílias mais consolidadas no Anchieta do que no Sagrada Família.

**Tabela 3 - Faixa etária dos moradores do Anchieta e Sagrada Família (2010)**

Faixa etária/Bairro	Anchieta		Sagrada Família		Belo Horizonte	
	N	%	N	%	N	%
<b>De 24 a 29 anos</b>	484	8,16	1.134	9,32	97.528	12,80
<b>De 30 a 49 anos</b>	1.947	32,76	4.789	39,22	328.909	43,16
<b>De 50 a 69 anos</b>	2.433	40,92	4.490	36,77	250.145	32,82
<b>De 70 ou mais</b>	1.081	18,18	1.794	14,69	85.493	11,22
<b>TOTAL</b>	<b>5.945</b>	<b>100</b>	<b>12.207</b>	<b>100</b>	<b>762.075</b>	<b>100</b>

Fonte: Censo Demográfico de 2010, IBGE. Elaboração da autora.

Em termos de raça/cor os dois bairros se distinguem. Os brancos representavam 86,09% no Anchieta, e 63,92% no Sagrada Família – enquanto em Belo Horizonte esse percentual era de 46,67% (IBGE, 2010). Quanto aos pardos, o percentual no Anchieta era 11,62%, no Sagrada Família era 29,09% e na cidade era 41,81%. Já a população que se autodeclarava preta constituía 1,57%, 6,20% e 10,13% no Anchieta, Sagrada Família e Belo Horizonte, respectivamente (IBGE, 2010). Quanto à renda, os bairros também se diferem, como pode ser visto na Tabela 4.

**Tabela 4 - Rendimento dos responsáveis pelo domicílio (2010)**

Renda por salários-mínimos	Anchieta		Sagrada Família		Belo Horizonte	
	N	%	N	%	N	%
<b>Até 2 SM</b>	390	6,56	3.059	25,05	339.426	44,54
<b>Mais de 2 até 5</b>	983	16,53	3.803	31,15	181.634	23,83
<b>Mais de 5 até 10</b>	1.575	26,49	2.776	22,74	98.108	12,87
<b>Mais de 10 até 15</b>	662	11,13	755	6,18	26.161	3,43
<b>Mais de 15 a 20</b>	849	14,28	515	4,22	24.273	3,19
<b>Mais de 20 Sem rendimentos</b>	1.032	17,36	355	2,91	24.081	3,16
	454	7,65	944	7,76	68.392	8,97
<b>TOTAL</b>	<b>5.945</b>	<b>100</b>	<b>12.207</b>	<b>100</b>	<b>762.075</b>	<b>100</b>

Fonte: Censo Demográfico de 2010, IBGE. Elaboração da autora.

Enquanto 31,15% dos moradores do Sagrada Família recebiam entre 2 e 5 salários-mínimos, e no Anchieta 16,53% recebiam nessa faixa. Já a maior parte dos moradores do Anchieta (42,77%) recebiam mais de 10 salários-mínimos, contra 13,31% no Sagrada Família (IBGE, 2010). Aqui é interessante pensar a suposta relação entre renda e frações de classe. Ainda que os dois bairros sejam considerados de classe média, dentro do contexto belo-horizontino, pode-se afirmar que devido ao maior rendimento dos moradores do Anchieta, há predomínio das frações altas da classe média, ao passo que no Sagrada Família prepondera as frações médias e baixas. Destaca-se que, de maneira geral, ambos os bairros possuíam população com maior poder aquisitivo que o restante da cidade.

Através desses dados, fica evidente que o Anchieta possui uma população mais branca, mais rica, e mais velha do que a população do Sagrada Família. Ressalta-se, contudo, que a maior população do Sagrada Família, somada à história da sua ocupação, contribui para uma maior diversidade social, tanto em termos de diferentes classes e frações de classe, bem como grupos raciais, do que a observada no Anchieta. Embora seja sabido que a renda, por si só, não seja um fator exclusivo e definidor de classe, tomar-se-á a diferença na quantidade de capital econômico entre a população dos dois bairros, bem como a composição racial e etária destes, para distinguir as frações da classe média. Sendo assim, o Anchieta será considerado

um bairro com predominância da fração alta da classe média, e o Sagrada Família como bairro no qual a fração média da classe média prepondera<sup>6</sup>.

Tendo em vista os objetivos aqui pretendidos, faz-se necessário discutir a oferta de imóveis nos dois bairros, a partir da utilização dos dados da Prefeitura de Belo Horizonte (PBH) para a cobrança do Imposto sobre a Propriedade Predial e Territorial Urbana (IPTU). Segundo um funcionário da PBH<sup>7</sup>, a coleta dos dados desse cadastro

é muito complexa, né? Ainda mais uma cidade como Belo Horizonte, sendo totalmente urbana, é muito complexo de você manter atualizadas as informações. (...) A informação da cidade oficial a gente consegue captar por essas conexões com a regulação urbana. A parte que não é, e isso, na verdade, fora esse universo de prédios, prédios de apartamentos, prédios comerciais, condomínios em geral. Mesmo os comerciais, que necessitam estar regulares para serem comercializados, o resto da cidade se movimenta de uma forma muito informal. Então, o que a gente faz é investir muito em captação, via voos, via laser, via informação de levantamento de aerofotogrametria, para identificar onde teve transformação e capturar essas informações a partir dos dados informados ou, algumas vezes, com a vistoria de campo onde isso é necessário e outras vezes, trabalhando com autodeclaração. A gente trabalha com autodeclaração, que é a partir do momento que a gente identifica que houve uma alteração, a gente comunica ao proprietário, ao contribuinte, responsável por aquele imóvel, para que ele confirme ou valide a informação e, a partir disso, a gente faz a alteração cadastral. A gente também trabalha nessas áreas informais com as comunidades, normalmente tem coordenações nessas comunidades, que a gente entra em contato para que as pessoas autodeclarem seus imóveis e manter a informação atualizada. Com isso, a gente tem tido uma média em torno de 70, 50 mil. De 50 mil a 70 mil atualizações por ano, nesses últimos 10 anos (Fernando, funcionário público da PBH).

Além das informações sobre os imóveis legais, o cadastro oferece uma classificação desses imóveis, a partir de uma escala de P1 a P5 – onde P1 é popular, P2 é baixo, P3 é padrão normal/intermediário, P4 é alto e P5 é luxo. Vale ressaltar que quanto mais alto o padrão, maior o valor cobrado no IPTU e maior o valor do imóvel<sup>8</sup>. A vantagem dos dados do IPTU em relação aos do Censo é o fato de estes serem dinâmicos e estarem sendo constantemente atualizados, permitindo acompanhar as mudanças na cidade.

Essa classificação escalar de P1 a P5 se baseia especificamente no material utilizado para o acabamento dos imóveis. No entanto, ela acaba sendo influenciada também por outros quesitos, quando se considera o valor atribuído e comercializado dos imóveis:

---

<sup>6</sup> A unidade espacial “bairro” não é aqui entendida como desvinculada do contexto geral da cidade, e tão pouco como um espaço homogêneo. Por isso, fala-se em *predominância* de determinadas frações de classe, o que não significa que não ocorra a presença de outras frações de classe média ou mesmo de outras classes sociais – ainda que em menor proporção.

<sup>7</sup> A entrevista foi realizada virtualmente em novembro de 2022. Mais informações a respeito das demais entrevistas nessa tese estarão nos capítulos 3 e 4.

<sup>8</sup> A autora agradece à PBH a disponibilização dos dados.

Esses cinco padrões são, na verdade, classificados a partir de uma cesta de materiais que compõem a edificação externamente, apenas externamente, e alguns equipamentos que ela tem. Na verdade, se a gente for pensar, o que distingue... vamos chamar o P3. O P3 é o padrão normal, é a maior ocorrência. A maior ocorrência na cidade é sempre o P3, então ele é baseado mais ou menos em você montar proporcionalmente um conjunto de materiais e equipamentos que a maior parte dos imóveis, que a gente chamou do 'tipo', fiquem enquadrados nessa tipologia P3, e aqueles que tiverem mais equipamento, que tiveram algum tipo de material mais sofisticado, seria o que ficaria no P4 e no P5. Sobre esses 5 padrões, nós temos, na verdade, não é o mesmo valor associado, ele depende do lugar na cidade que ele está. (...) Uma coisa que é meio óbvia é que pode ter um padrão P5 lá em Venda Nova, mas um padrão P5 lá em Venda Nova não vai valer a mesma coisa que um padrão P5 em Lourdes. Então eles têm valores de referência diferentes. Então uma coisa é enquadrar no padrão, outra coisa é dizer qual o valor que vai estar associado a esse padrão (Fernando, funcionário da PBH)<sup>9</sup>.

É importante considerar, portanto, que embora haja uma classificação padrão para os imóveis legais de Belo Horizonte, fatores como a localização e distribuição desses imóveis na cidade podem (ou não) agregá-los valor – o que segue a lógica desenvolvida por Bourdieu (2008) de que o espaço físico tende a reproduzir o espaço social<sup>10</sup>.

Segundo os dados do IPTU de 2022, havia 6.889 imóveis no Anchieta e 14.942 imóveis no Sagrada Família – em comparação aos dados do Censo, apresentados anteriormente, observa-se que o Anchieta teve um aumento de 944 imóveis (eram 5.945), enquanto o Sagrada Família aumentou 2.735 imóveis (eram 12.207). A distribuição desses imóveis, por tipo, está na Tabela 5 abaixo. Pode-se notar que o tipo de moradia prevalecente continua a ser o apartamento, e que as casas diminuíram nos dois bairros (no Censo, as casas representavam 7,8% dos imóveis no Anchieta, e 40,20% no Sagrada Família, mas segundo o IPTU de 2022 este tipo de moradia caiu nos dois bairros, passando para 4,5% no Anchieta e 20% no Sagrada Família). Ressalta-se a quantidade parecida de lojas (4,2% no Anchieta e 5% no Sagrada Família) e salas (2,9% no Anchieta e 1,4% no Sagrada Família) nos dois bairros, o que evidencia uma certa presença de estabelecimentos comerciais. Também é importante destacar a quantidade de lotes vagos.

No Anchieta há apenas 0,2% de lotes vagos e no Sagrada Família, 0,9%. Isso se relaciona com a questão, já mencionada, de que no Anchieta há menos espaço disponível para a construção de novos empreendimentos, por isso, as construções atuais têm sido feitas a

---

<sup>9</sup> Venda Nova é uma regional localizada na parte Norte da cidade, mais popular. Já Lourdes é um bairro nobre, localizado na regional Centro-sul.

<sup>10</sup> Ainda que essa padronização desenvolvida pela PBH seja complexa e os itens que classificam os imóveis podem ter pesos diferentes conforme o bairro e área da cidade, o uso nessa tese foi mais com o intuito de ter uma *proxy*, a nível de bairro, do nível socioeconômico dos residentes, já que os dados disponíveis do Censo Demográfico datam de 2010.

partir da demolição das casas remanescentes. O Sagrada Família, por sua vez, além de apresentar mais lotes vagos, conta com um estoque maior de casas – que se pressupõe que serão demolidas futuramente para que novos prédios multifamiliares possam ser construídos. Isso possibilita mais construções e ofertas de imóveis do que no Anchieta.

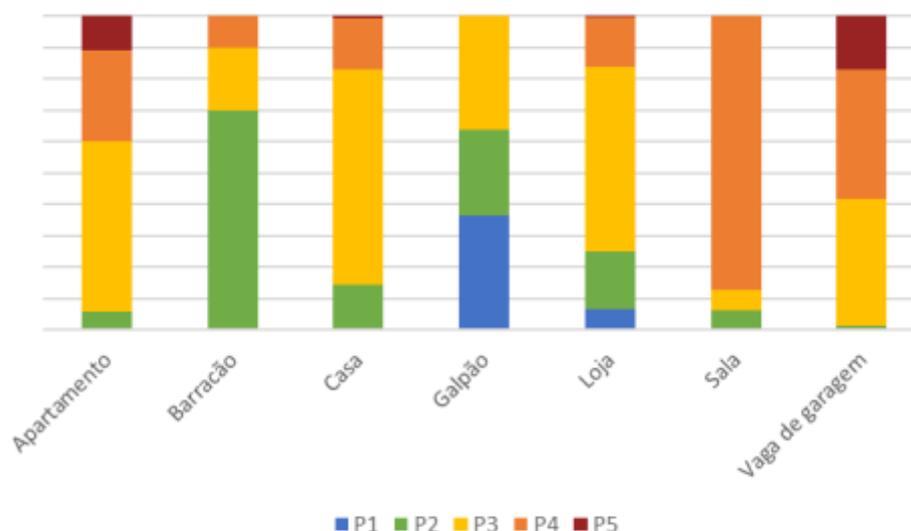
**Tabela 5 - Distribuição dos imóveis no Anchieta e Sagrada Família (2022)**

<b>Tipo construtivo</b>	<b>Anchieta</b>		<b>Sagrada Família</b>	
	<b>N</b>	<b>%</b>	<b>N</b>	<b>%</b>
<b>Apartamento</b>	5.712	83	10.173	68
<b>Barracão</b>	10	0,1	171	1,1
<b>Casa</b>	297	4,3	3.012	20
<b>Galpão</b>	11	0,2	133	0,9
<b>Loja</b>	287	4,2	730	4,9
<b>Lote Vago</b>	25	0,4	133	0,9
<b>Sala</b>	199	2,9	211	1,4
<b>Garagem comercial</b>	127	1,8	97	0,6
<b>Garagem residencial</b>	221	3,2	282	1,9
<b>Total</b>	<b>6.889</b>	<b>100</b>	<b>14.942</b>	<b>100</b>

Fonte: Dados do IPTU de 2022 cedidos pela PBH. Elaboração da autora.

Ainda utilizando o banco de dados do IPTU, é possível analisar separadamente o cenário imobiliário dos bairros. O Gráfico 1 exibe o panorama dos imóveis do Anchieta em 2022 segundo o padrão de acabamento. Destaca-se a prevalência do tipo P3 em todos os tipos construtivos. No caso dos apartamentos, é relevante a presença do tipo P4 e P5, uma vez que estes têm sido os padrões construídos no bairro na última década (ASSIS, 2020). Quanto às casas, por serem imóveis mais antigos, apresentam padrões menores. De modo geral, no Anchieta predominam imóveis de padrão médio (P3), e dada a presença recente dos padrões mais altos (P4 e P5), o bairro tem tido uma maior heterogeneidade em termos imobiliários e populacionais, já que os imóveis novos atraem pessoas do estrato alto da classe média.

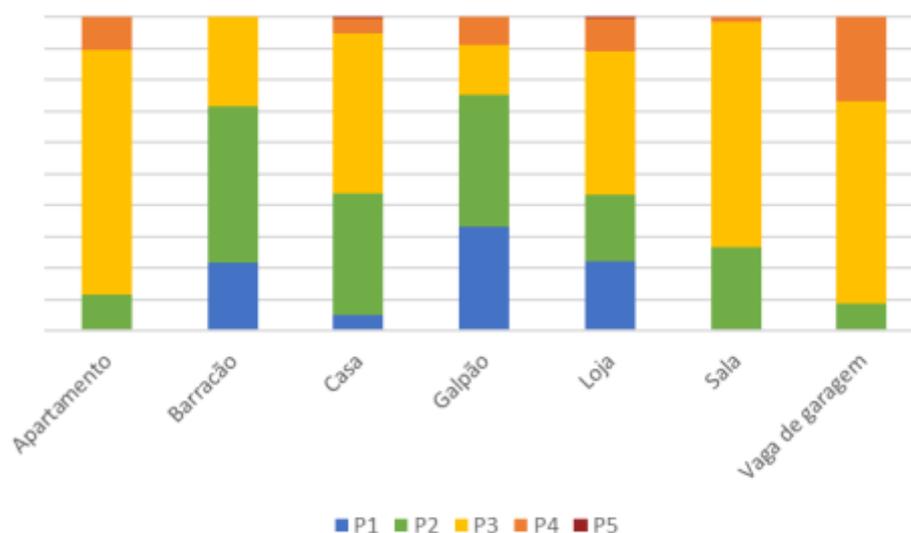
**Gráfico 1 - Distribuição dos imóveis do Anchieta por padrão de acabamento**



Fonte: Banco de dados do IPTU de 2022 cedidos pela PBH. Elaboração da autora.

No Sagrada Família, o tipo P3 (padrão médio) também predomina, mas diferentemente do Anchieta, há maior presença do tipo P2 (padrão baixo). Ressalta-se uma certa presença do tipo P1, o padrão mais baixo, e a ausência de apartamentos do tipo P5 – tem-se somente 3 casas com esse padrão. Assim, fica evidente que embora o Sagrada Família seja um bairro no qual predomine imóveis de padrão médio, ainda há muitos imóveis de padrões mais baixos, exibindo uma heterogeneidade em termos de moradia e populacionais – já que os padrões dos imóveis tendem a atrair frações médias e baixas da classe média.

**Gráfico 2 - Distribuição dos imóveis do Sagrada Família por padrão de acabamento**

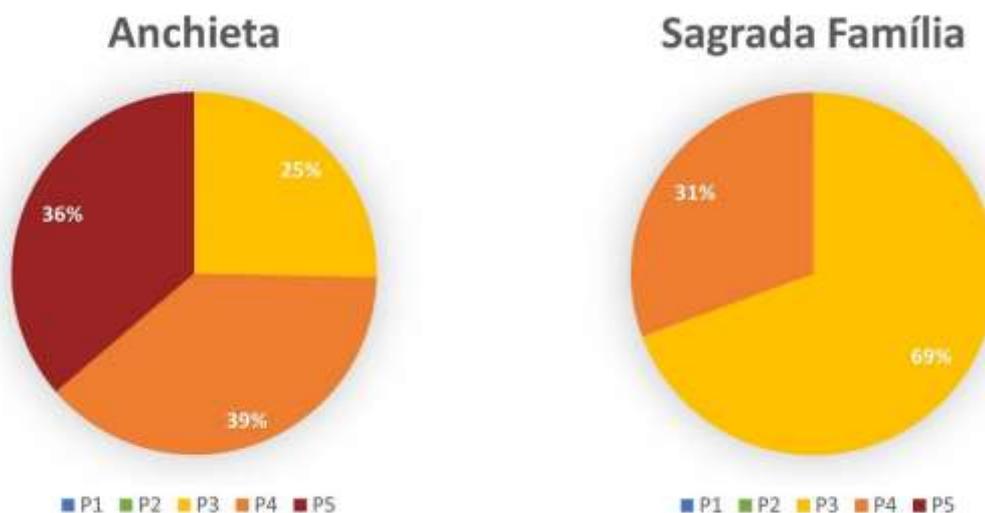


Fonte: Banco de dados do IPTU de 2022 cedidos pela PBH. Elaboração da autora.

Ao analisar estritamente os apartamentos, já que é o tipo de moradia predominante não só nos dois bairros, mas também na cidade, é possível observar ainda mais a diferença na oferta imobiliária. Utilizando os dados do IPTU para verificar os imóveis construídos nos bairros entre 2012 e 2022, verificou-se que não foi erguido nenhum imóvel do tipo P1 e P2 no Anchieta nem no Sagrada Família, e que neste último também não houve construções do tipo P5. O Gráfico 3 exibe a comparação dos apartamentos no Anchieta e no Sagrada Família por padrão construtivo.

No Anchieta há uma maior heterogeneidade na distribuição dos apartamentos, haja vista a presença dos padrões P3, P4 e P5. Contudo, esses dois últimos são mais prevaletentes do que P3, corroborando o que foi dito anteriormente sobre os novos apartamentos construídos no bairro serem de padrões mais elevados (ASSIS, 2020). Já no Sagrada Família o tipo P3 predomina e há uma certa presença do tipo P4, o que significa que no bairro prevalece a oferta de imóveis com padrão médio.

**Gráfico 3 - Apartamentos construídos no Anchieta e Sagrada Família (2012-2022)**



Fonte: Banco de dados do IPTU de 2022 cedidos pela PBH. Elaboração da autora.

Apresentados tais dados, algumas considerações são necessárias. A oferta de imóveis no Anchieta e no Sagrada Família, ao variarem quanto à proporção de padrões mais altos, pode funcionar como indicador de *status* populacional. Pode-se inferir que a oferta do Anchieta visa um público com maior poder aquisitivo do que a oferta do Sagrada Família. Assim, levando em conta a distribuição espacial desses bairros no cenário da cidade, observa-se que na região Centro-Sul há tendência de concentração das frações altas da classe média, e na região Leste, das frações médias e baixas dessa classe (MENDONÇA *et al*, 2019).

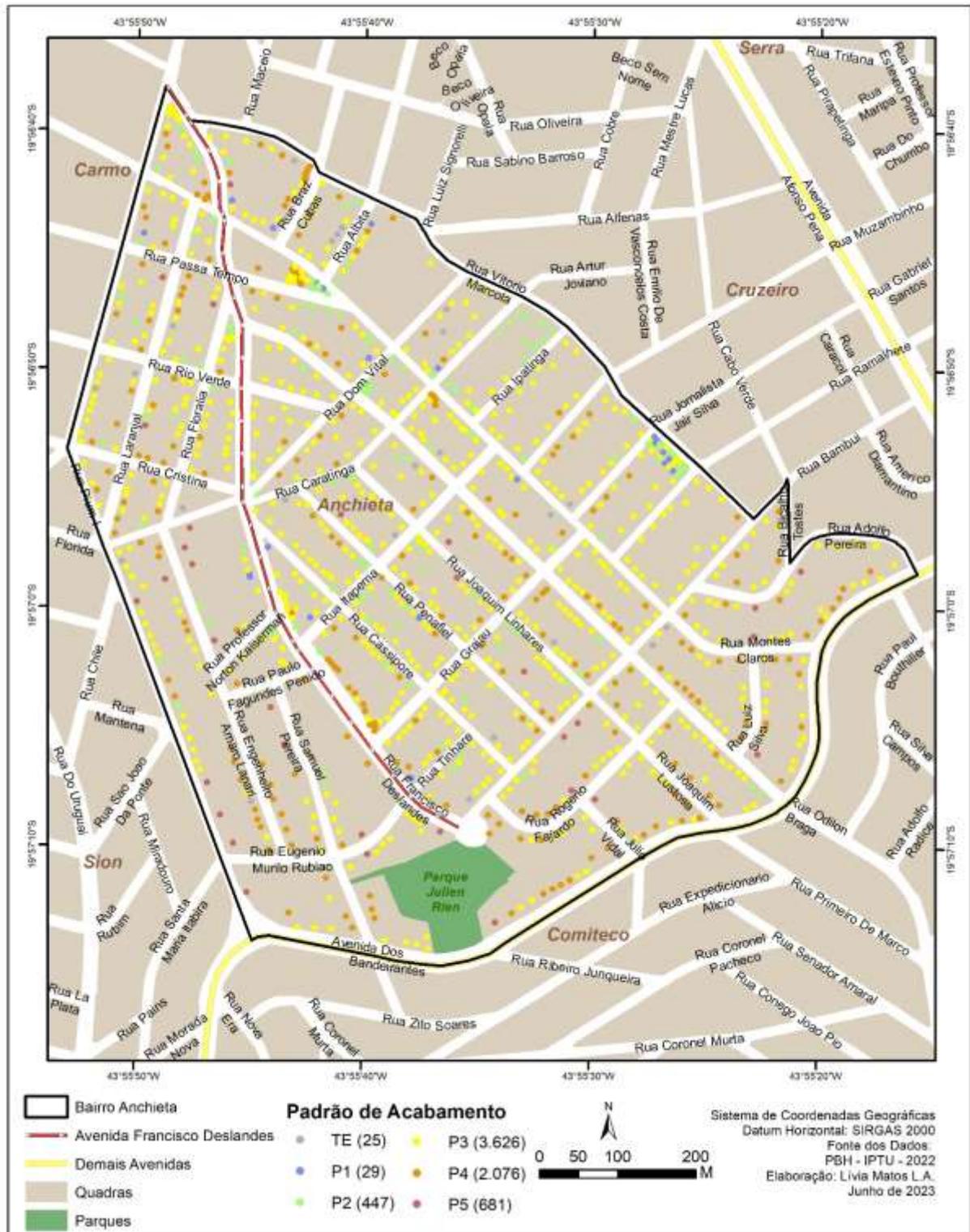
É comum que nos bairros alguma área seja considerada melhor para o investimento imobiliário do que outras, seja pela proximidade e/ou facilidade de acesso a outros bairros. Por isso, ao mapear os dados do IPTU e localizar geograficamente os imóveis do Anchieta e do Sagrada Família, é possível identificar certos padrões de distribuição espacial. O Mapa 2 exhibe a distribuição dos imóveis do Anchieta<sup>11</sup>.

De maneira geral, os imóveis do tipo P3, como mencionado anteriormente, predominam em todo o território do bairro – uma vez que os dados abarcam todos os imóveis já existentes no bairro, tanto os mais antigos quanto os novos. O tipo P4 segue essa mesma tendência de distribuição espacial, porém ainda tem menor quantidade de imóvel que P3. Já o tipo P5 concentra-se na divisa do Anchieta com o Sion e Comiteco, especialmente nas ruas Pium-í e Engenheiro Amaro Lanari, próximas à Francisco Deslandes (principal via comercial do bairro). Esses bairros vizinhos têm uma população com maior poder aquisitivo que o Anchieta, sendo que o Sion é o mais verticalizado e com imóveis de alto padrão.

---

<sup>11</sup> Importante ressaltar que nos mapas a seguir, os imóveis representados foram apenas aqueles que já haviam recebido a Baixa de Construção (antigo “Habite-se”), que é uma espécie de certidão emitida pela PBH para legalizar a edificação concluída, após vistorias se a obra seguiu os parâmetros estabelecidos pela legislação urbanística vigente. Nesse sentido, as obras em andamento não são captadas por esses dados, tendo sido possível acompanhá-las por meio da observação de campo.

Mapa 2 - Distribuição espacial dos imóveis do Anchieta por padrão construtivo (2022)<sup>12</sup>



Fonte: Banco de dados do IPTU de 2022 cedidos pela PBH. Elaboração da autora.

Uma outra base de dados utilizada consistiu na quantidade de imóveis por lote, e pôde ser acessada no site BH Map da PBH. O Mapa 3 exhibe a distribuição da quantidade de

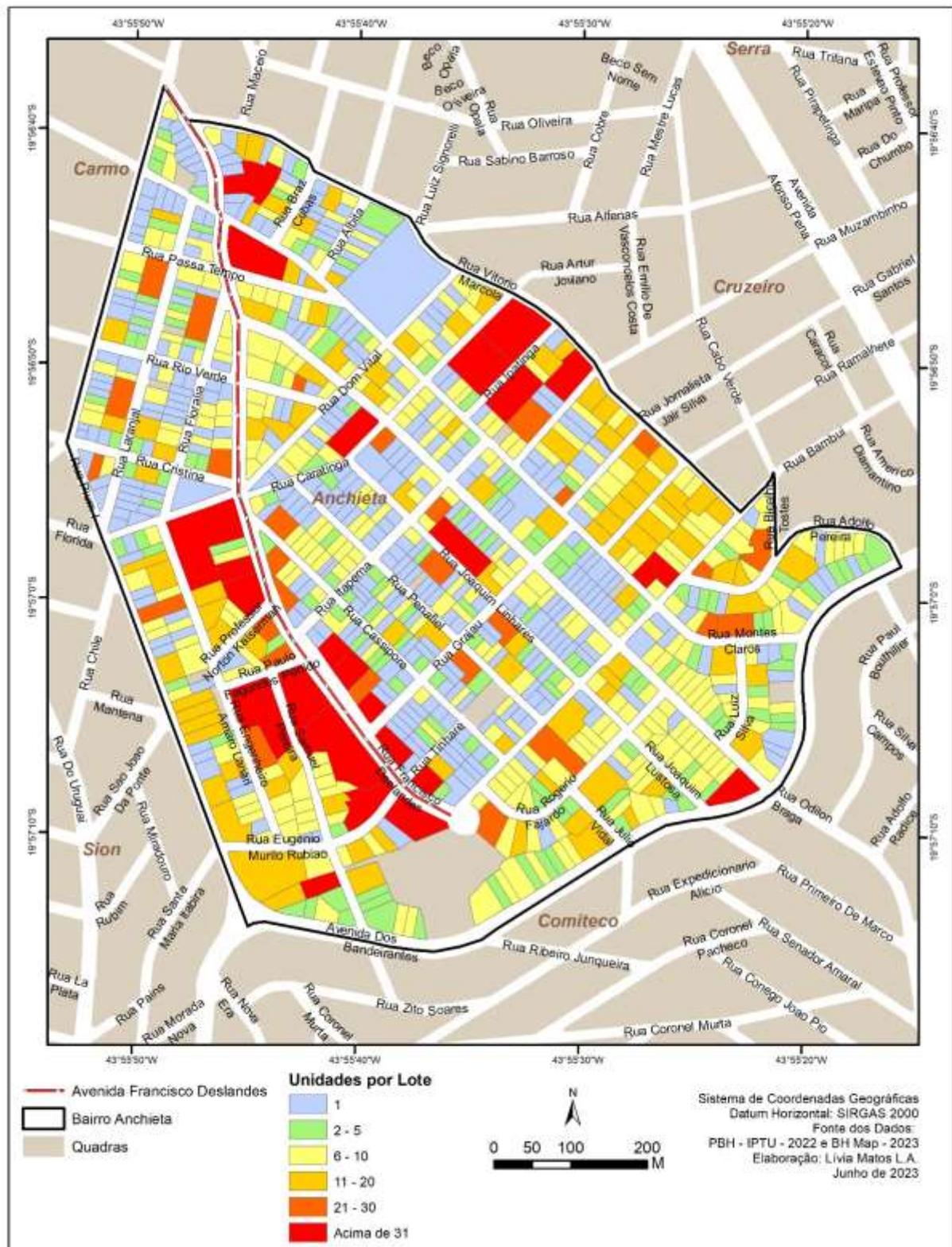
<sup>12</sup> No Anchieta havia, em 2022, 6.889 imóveis. O mapa, espacializa 6.884 destes (99,92% dos imóveis).

imóveis por lote no território do Anchieta. Esses dados são interessantes na medida em que permitem visualizar o adensamento imobiliário e, conseqüentemente, populacional nas áreas do bairro.

De maneira geral, a maior parte do Anchieta possui lotes com 6 a 20 imóveis, o que pode ser considerado um adensamento moderado. Ressalta-se, contudo, a concentração de lotes com mais de 31 imóveis na região da rua Francisco Deslandes, próximo ao bairro Sion, e na área da rua Vitorio Marçola, que faz divisa com o Cruzeiro. Os imóveis nas redondezas da Francisco Deslandes correspondem a parte dos novos prédios de alto padrão, bem como os imóveis de uso comercial. Já os imóveis na região limítrofe ao Cruzeiro dizem respeito a condomínios de prédios de poucos andares, mais antigos no bairro.

Destaca-se ainda a tendência de interiorização desse adensamento construtivo, na medida em que nas ruas como a Joaquim Linhares e a Caratinga têm sido construídos grandes empreendimentos multifamiliares de alto padrão.

Mapa 3 - Imóveis por lotes no Anchieta



Fonte: BH Maps. Elaboração da autora.

O Mapa 4 exibe a distribuição dos imóveis do Sagrada Família. Gericamente, os imóveis do tipo P3 predominam em todo o território do bairro, assim como no Anchieta. O

padrão P2 também segue essa tendência, embora em menor quantidade. O tipo P4, por sua vez, concentra-se próximo às avenidas Silviano Brandão (conhecida por ser o polo comercial de móveis na cidade), que faz parte da divisa do bairro com o Floresta e o Horto, e a Cristiano Machado (importante via de acesso ao centro e demais partes da cidade).

É importante destacar que o bairro possui apenas 4 imóveis com padrão de luxo (P5). Segundo os dados do IPTU de 2022, 3 desses imóveis são casas e o outro é uma loja. Cabe ressaltar ainda a relativa baixa quantidade de lotes vagos (106), ainda que o Sagrada Família possua um extenso território. Isso significa que embora seja grande, o bairro não possui estoque de terrenos para novas construções – o que muito provavelmente indica que os novos imóveis a serem construídos virão da demolição, principalmente, das casas.

O mapa ainda ilustra a concentração dos imóveis de menor padrão, principalmente os do tipo P1, no interior do bairro, próximo à avenida Petrolina (uma das principais do Sagrada Família). Esse padrão baixo também se encontra na área limítrofe ao Horto, um bairro mais popular da regional Leste.

**Mapa 4 - Distribuição espacial dos imóveis do Sagrada Família por padrão construtivo (2022)<sup>13</sup>**



Fonte: Banco de dados do IPTU de 2022 cedidos pela PBH. Elaboração da autora.

<sup>13</sup> No Sagrada Família havia, em 2022, 14.942 imóveis. O mapa, espacializa 14.817 destes (99,15% dos imóveis).

Já o Mapa 5 traz a quantidade de imóveis por terreno no Sagrada Família. Nele é possível observar que, diferentemente do Anchieta, o Sagrada Família tem mais terrenos com 1 unidade por lote. Isso dá a entender que a maior parte do bairro é composta por imóveis unifamiliares (casas), ou mesmo que os prédios existentes possuem baixa quantidade de apartamentos. Os terrenos com muitos imóveis estão distribuídos nas redondezas do bairro, em especial próximos às avenidas Cristiano Machado e Silviano Brandão.

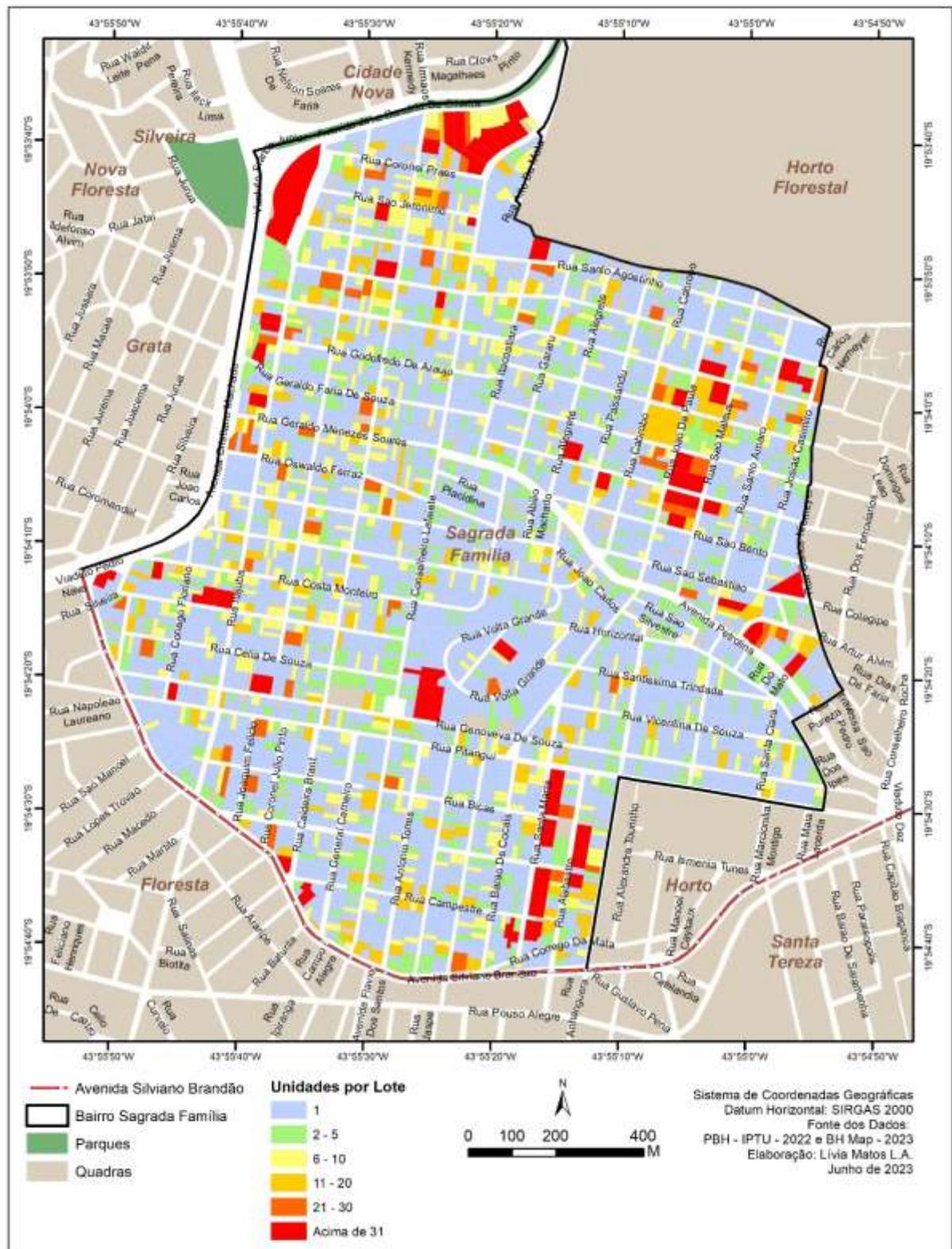
Esses dados estão de acordo com os do IPTU, na medida em que os terrenos com maior quantidade de imóveis são aqueles com maior padrão construtivo (especialmente os do tipo P4). Contrariamente, os terrenos menos adensados são aqueles com padrões mais baixos (tanto P1 quanto P2).

Mas um ponto importante é que, de acordo com as entrevistas realizadas, no Sagrada Família é muito comum, em um mesmo terreno, a coabitação de diferentes gerações de uma mesma família. Então em um mesmo lote pode haver um imóvel “principal” e, aos fundos, barracões<sup>14</sup> que abriguem outros membros da família estendida. Esses barracões, inclusive, podem funcionar como fonte de renda, já que muitos têm sido alugados (viu-se uma intensificação disso durante a pandemia, segundo relatos dos entrevistados).

---

<sup>14</sup> “Barracão” é um termo local utilizado para designar construções normalmente feitas nos fundos do terreno de outras casas. Nos bairros de classe média eles tendem a estar formalmente separados da casa principal, com rede própria de energia e água. Uma casa pode ter um ou mais barracões.

Mapa 5 - Imóveis por lotes no Sagrada Família



Fonte: BH Maps. Elaboração da autora.

Com base nos mapas e demais dados apresentados é possível verificar, considerando o histórico de ocupação dos bairros mencionado no início dessa seção, que tanto o Anchieta e o

Sagrada Família possuem uma população de classe média. A diferença é que devido à oferta de imóveis do tipo P4 e P5, o Anchieta parece estar sendo atrativo para pessoas de classe média alta, ao passo que o Sagrada Família supostamente atrai uma classe média-média, já que os imóveis ofertados são majoritariamente do tipo P3 e P4.

A justificativa para os atuais empreendimentos de alto padrão no Anchieta, se dá pelo fato de o bairro estar localizado em uma região que sempre recebeu maiores investimentos imobiliários (GOMES, 2008), e por concentrar infraestrutura e serviços (escolas, universidades, hospitais, museus, shoppings, cinemas, teatros etc.). Com a aprovação do novo Plano Diretor, em 06 de agosto de 2019, que restringe em toda a cidade a construção de edifícios que excedam os coeficientes estipulados pela prefeitura<sup>15</sup>, o que tem sido observado no bairro é um *boom* de construções, antes que o novo plano entre em rigor.

A consequência disso, e combinado à atual legislação da cidade, é a valorização dos terrenos do Anchieta, de forma que as construtoras ainda conseguem extrair lucros por meio da oferta de apartamentos sofisticados. Diferentemente, o Sagrada Família é um bairro cuja verticalização é relativamente recente e, tendo em vista os processos precedentes em outras regiões da cidade, especula-se que futuramente os novos empreendimentos serão construídos a partir da demolição das casas remanescentes.

Pesquisas do Observatório das Metrópoles analisaram a estrutura socioespacial de Belo Horizonte e evidenciaram que a região central (que engloba o Centro os demais bairros da Centro-Sul) é composta por frações superiores, enquanto as áreas ao redor desta (incluindo a regional Leste) são constituídas pelas frações superior-médio e heterogêneo-superior (ANDRADE *et al*, 2015)<sup>16</sup>. Se as frações de classe no topo da hierarquia social concentram-se na região com maior oferta de bens e serviços urbanos, a chamada de Zona Sul, as demais frações da classe média estão mais dispersas no território, e a classe popular concentra-se nas regiões periféricas e nas favelas (MENDONÇA, 2015; MENDONÇA *et al*, 2019).

Portanto, os dados do Censo Demográfico de 2010, bem como os do IPTU e as pesquisas do Observatório das Metrópoles, mostram que a distribuição socioespacial e

---

<sup>15</sup> Os Coeficientes de Aproveitamento Básico (CAb) e Máximo (CAm) são valores de referência para determinar o potencial construtivo, em altura e largura, de um dado terreno. Esses coeficientes são decretados pela PBH, variando conforme o tipo de uso da construção (residencial ou comercial). Com o novo Plano Diretor, as construtoras que quiserem exceder tais coeficientes deverão comprar da prefeitura o direito de construir, o que tornará as construções mais caras para os empreendedores.

<sup>16</sup> A escala utilizada nesses estudos é a da Região Metropolitana de Belo Horizonte (RMBH), e a classificação baseia-se nas categorias sócio-ocupacionais.

imobiliária de Belo Horizonte segue um padrão observado em outras cidades e que já foi pontuado, entre outros autores, por Villaça (2001). Tal padrão consiste na concentração da infraestrutura e dos bens e serviços, na região central; e à medida que se distancia dessa área, há uma precarização das ofertas e condições de vida. Assim, verifica-se que o espaço físico (da cidade) reproduz, ainda que de forma mais ou menos fidedigna, o espaço social e seus modos de distinção (BOURDIEU, 2008; 2011).

## 2. O PAPEL DA MORADIA NA REPRESENTAÇÃO IDENTITÁRIA DA CLASSE MÉDIA BRASILEIRA

Por meio da teoria bourdieusiana é possível analisar e compreender não só o mercado imobiliário e seus agentes, mas também as escolhas dos consumidores. Esse capítulo discute de que forma a classe média brasileira utiliza estratégias de moradia para auxiliar na composição e formação de sua identidade de classe<sup>17</sup>.

A noção de campo, mencionada anteriormente, no qual este constitui-se como um espaço em que os agentes, posicionados e dispostos conforme os tipos e volumes de capitais, estabelecem relações de poder e disputa (THOMSON, 2018; BOURDIEU, 2011), orientará as análises seguintes, de forma que seja possível explorar a oferta e construção da moradia enquanto uma estratégia social atrelada ao *status*. Também é esboçada a literatura nacional e internacional sobre a classe média, visando conhecer como esse grupo social é abordado, mensurado e definido. Ademais, discutir-se-á o mercado imobiliário belo-horizontino enquanto campo de conformação das frações da classe média presentes em duas regiões distintas da cidade – a saber: a Centro-Sul e a Leste.

### 2.1. Abordagens e mensuração da classe média

Classe social é um tema basilar das Ciências Sociais. Desde seus primórdios, autores como Durkheim, Weber e Marx propuseram diferentes definições e formas de captar as classes. Tendo em vista o objetivo aqui proposto, a discussão que se segue enfoca especificamente na classe média, levando em conta aspectos identitários e de mensuração desse grupo a nível internacional e nacional.

Durkheim se preocupou em compreender de que maneira os grupos sociais se formaram e como as diferentes sociedades se organizavam. Em *Algumas formas primitivas de classificação*, Durkheim e Mauss (2005) analisaram a disposição das sociedades tribais a fim de assimilar como a estratificação das sociedades modernas em classes se originou. De antemão, um importante fato pontuado é que o ato de classificar implica não só uma *relação*, mas também uma *ordem hierárquica*.

---

<sup>17</sup> Apenas a título de citação, já que o conceito será melhor discutido adiante, classe é aqui entendida a partir da combinação, principalmente, da perspectiva bourdieusiana e de demais autores como Salata (2016), Cardoso e Prêteceille (2023) etc. Nesse sentido, classe é uma categoria em disputa, portanto, não homogênea e em constante (re)arranjo dos indivíduos conforme suas posses de capitais. Especificamente em relação à classe média, os indivíduos estão dispostos em diferentes frações que variam tanto com base na ocupação no mercado de trabalho, bem como no estilo de vida e nas práticas de consumo que possuem. Portanto, considera-se as frações baixa, média e alta da classe média.

Segundo os autores,

uma classe é um grupo de coisas; ora, as coisas não se apresentam por si mesmas tão agrupadas à observação. Podemos perceber de maneira mais ou menos vaga suas semelhanças. Mas o simples fato destas semelhanças não basta para explicar como somos levados a reunir os seres que assim se assemelham, e reuni-los numa espécie de meio ideal, encerrado nos limites determinados, e que chamamos de gênero, uma espécie, etc. (...) *Classificar não é só constituir grupos: é dispor estes grupos segundo relações muito especiais. (...) Toda classificação implica uma ordem hierárquica* da qual nem o mundo sensível nem nossa consciência nos oferecem o modelo (DURKHEIM; MAUSS, 2005, p. 403, grifos meus).

A perspectiva de Durkheim e Mauss, ressaltou a origem social dos grupos e rompeu com a naturalização acerca das classes e divisões sociais. Ademais, em *Da Divisão do Trabalho Social*, Durkheim (1999) afirmou que a partir da emergência da modernidade, através da industrialização, surgiram os conflitos de classes. Conflitos esses cuja natureza relacionou-se à maior individualização causada pela divisão do trabalho.

Para melhor compreender a teoria durkheimiana, é necessário explicitar, ainda que brevemente, o conceito de *solidariedade social*. Esta seria formada pela combinação da consciência individual – atrelada à personalidade –, e a consciência coletiva – responsável pela formação da moral, dos valores etc. De maneira geral, nas sociedades “simples” (pré-modernas) prevalecia uma maior solidariedade (solidariedade mecânica), uma vez que a consciência coletiva se fazia mais forte entre os indivíduos. Contrariamente, nas sociedades “complexas” (modernas), como a consciência individual é mais forte devido à divisão do trabalho, há um outro tipo de solidariedade (solidariedade orgânica) (DURKHEIM, 1999)<sup>18</sup>.

Assim, as sociedades modernas seriam marcadas pelo conflito de classes, advindo da maior especialização da mão de obra e das funções no trabalho (DURKHEIM, 1999; 1983). A teoria durkheimiana entende o conflito de classes como resultado da condição moderna, sendo que a preocupação do autor é mais nos aspectos gerais da sociedade (o impacto na moral, nas leis, na desordem) do que necessariamente no âmbito individual<sup>19</sup>. Além disso, para

---

<sup>18</sup> Uma vez que nas sociedades “simples” a divisão do trabalho era pequena e os indivíduos compartilhavam funções semelhantes na produção, não havia uma interdependência entre eles e a coesão social se dava, principalmente, pela força da tradição, pelas crenças e hábitos comuns – o que caracteriza a solidariedade mecânica. Nas sociedades “complexas”, por sua vez, a divisão do trabalho e maior especialização das funções, gerou maior interdependência entre os indivíduos, de forma que a coesão social é dada por meio das relações de trabalho e das leis (DURKHEIM, 1999).

<sup>19</sup> Apenas a título de citação, uma vez que foge do propósito dessa seção esmiuçar a teoria durkheimiana, uma das consequências modernas pontuadas por Durkheim foi o suicídio. Ainda que o autor tenha partido de um tema aparentemente da psicologia, foi evidenciada a relação entre o advento da modernidade, bem como os processos de urbanização, industrialização e individualização, com o aumento das taxas de suicídio. Para mais detalhes, ver Durkheim (2000).

Durkheim (1999; 1983) o conflito de classes tinha caráter transitório, uma vez que estava relacionado à anomia causada pelo advento da modernidade<sup>20</sup>.

Já Karl Marx analisou as classes sob o ponto de vista econômico, no qual os grupos se originariam e se organizariam conforme os meios e as relações de produção. Ainda que sua conceituação não tenha incorporado outros elementos que não o econômico, sua análise tem como cerne a produção social historicamente determinada de uma dada sociedade (HIRANO, 2002). Se nas sociedades pré-capitalistas, como no Antigo Regime, as duas principais classes opostas eram a nobreza e os camponeses, com o advento do capitalismo, o conflito de classe passou a ser entre a burguesia e o proletariado. Na organização da sociedade moderna, a produção social consistiu no domínio burguês dos meios de produção, de forma que o proletariado foi forçado a vender sua mão de obra, em troca de remuneração – tal valor não correspondia ao montante produzido, configurando o que Marx denominou de *mais-valia*<sup>21</sup>. A relação entre as classes seria, portanto, de exploração (HIRANO, 2002).

Vale ressaltar ainda que Marx, ao compreender a luta de classes principalmente a partir de classes antagônicas, a classe média não foi considerada como um conjunto expressivo na divisão da sociedade capitalistas. Ainda que marxistas e neomarxistas tenham desenvolvido estudos para compreender o papel desempenhado pela classe média na visão de Marx (ver Braverman (1974), Poulantzas (1975; 1977) e Wright (1976; 1985)), a classe média permaneceu como uma categoria indefinida, ora oscilando entre a burguesia, ora entre o proletariado.

Devido ao caráter transitório e histórico dos meios de produção, as classes estariam sujeitas a um movimento de passagem. Este consistiria na tomada de “consciência de classe”, no qual os indivíduos deixariam de compor um mero agregado de posições socioeconômicas semelhantes e se tornariam uma “coletividade consciente” (CROMPTON, 1998; SALATA, 2016). Assim, a perspectiva marxista considera não só a relevância do âmbito econômico para a formação das classes, como também o âmbito subjetivo, atrelado à consciência dos indivíduos em relação à posição social que ocupam.

---

<sup>20</sup> Anomia é um conceito basilar na teoria durkheimiana, já que se refere ao desregramento, ao afrouxamento das normas morais vigentes em uma determinada sociedade. Normalmente, a anomia ocorre quando uma sociedade passa por mudanças intensas que impactam o seu funcionamento, podendo causar alterações nas regras e leis, impactando os indivíduos na medida em que estes ficam sem referência/orientação quanto às formas de agir e se portar socialmente (DURKHEIM, 1999).

<sup>21</sup> À guisa de nota, *mais-valia* se refere à diferença entre o valor recebido pelo trabalhador, e o valor que este produziu durante o período de trabalho (MARX, 2013).

Max Weber, em contrapartida, distinguiu os diferentes âmbitos da estratificação (econômica, social, política etc.) a fim de analisá-los separadamente. Weber afirmou haver três esferas: classe, *status* e partido. Classe consistiria no agrupamento de indivíduos com uma mesma *situação de classe*, ou seja, uma condição definida pelo mercado onde prevalece a relação entre proprietários e não proprietários (WEBER, 1982; HIRANO, 2002). Já o *status* estaria relacionado à distribuição de poder social, ao invés de econômico como na classe, em uma sociedade. Diferentemente da situação de classe, a *situação de status* pressupõe o compartilhamento de uma certa consciência coletiva entre os indivíduos acerca de sua posição social (SALATA, 2016).

Partido, na teoria weberiana, consiste basicamente em *poder*. Se as classes se referem à ordem econômica e o *status* à ordem social (atrelada à honra e prestígio), ambas são influenciadas e influenciam a ordem jurídica. Esta, por sua vez, é orientada para ações comunitárias que implicam socialização entre os indivíduos (WEBER, 1982).

No que tange à classe média, há diferenças na compreensão da posição social desse grupo nessas abordagens. Na teoria marxista, de maneira geral, a classe média é entendida como uma classe residual e que seria, com o tempo, absorvida pela classe proletária. Contudo, com o desenvolvimento capitalista e a industrialização, a estrutura sócio-ocupacional se complexificou de forma que as frações médias aumentaram, e o debate marxista se dividiu entre a perspectiva determinista (mais ortodoxa, que não vê lugar para a classe média) e a perspectiva aberta (que concebe a possibilidade de a classe média existir) (SALATA, 2016).

Wacqüant (1992) distinguiu três abordagens marxistas sobre a classe média. A primeira vê essa classe como uma mera aglomeração de indivíduos (ver Braverman, 1974); a segunda reconhece tal classe como “real”, mas acaba rejeitando-a (ver Poulantzas, 1975; 1977); por fim, a terceira abordagem entende a classe média como uma classe consolidada que tem uma posição econômica e apresenta interesses próprios (ver Wright, 1976; 1985; 1989). De maneira geral, essas abordagens enfrentam certos empasses devido ao fato de Marx ter reconhecido explicitamente apenas duas classes no sistema capitalista (a burguesia e o proletariado). A classe média, portanto, parece não ter muito espaço na teoria marxista – ao menos se comparado à abordagem weberiana (SALATA, 2016).

Partindo do argumento de que a classe média ocuparia *posições contraditórias* em relação às duas classes do esquema marxista, Erik Olin Wright desenvolveu uma tipologia visando captar as mudanças na estrutura de classes ao longo do desenvolvimento capitalista.

Tal tipologia inter-relacionou três dimensões da dominação e subordinação inerentes ao processo de produção: (i) o capital monetário, vinculado ao fluxo de investimentos da produção e seu acúmulo; (ii) o capital físico, caracterizado pelos meios concretos envolvidos no processo produtivo, e (iii) o trabalho, abarcando as transformações dos trabalhadores durante a produção (SANTOS, 2002).

Wright dispôs essas dimensões a partir de três ativos classificatórios: propriedade (dos meios produtivos), posição na organização (autoridade) e habilidades (SALATA, 2016). O esquema do autor pode ser visto na Figura 2.

**Figura 2 - Síntese do esquema de posições de classe de Wright**

		relação com meios de produção					
		proprietários	empregados				
número de empregados	muitos	capitalistas	gerentes especializados	gerentes qualificados	gerentes não qualificados	relação com exercício da autoridade	
	poucos	pequenos empregadores	supervisores especializados	supervisores qualificados	supervisores não qualificados		supervisores
	nenhum	pequena burguesia	especialistas	trabalhadores qualificados	trabalhadores não qualificados		não gerência
			especialistas	qualificados	não qualificados		
			relação com qualificações escassas				

Fonte: Wright (2015).

As diferentes combinações desses ativos produziram “ocupações contraditórias” em relação à burguesia e ao proletariado, configurando as ocupações da classe média. Por exemplo, um indivíduo cujo cargo é de gerente, detém uma certa autoridade, baseada em credenciais e habilidades sem, contudo, deter a posse dos meios de produção – ele continua sendo um empregado, e não um empregador. Mas, dentre os empregados, se destacaria e distanciaria dos trabalhadores manuais, por exemplo, em função de uma qualificação da mão de obra advinda da escolaridade. Assim, para o Wright (2015), a classe média não só apresentaria posições definidas na estrutura social, mas deteria interesses próprios já que, mesmo sendo explorada, também explora.

Apesar de o esquema proposto por Wright (2015) não só reconhecer a posição ocupada pela classe média no sistema capitalista, mas também ampliar, de certa forma, a perspectiva marxista sobre as dinâmicas de classe, ele é alvo de vários questionamentos. Uma das críticas mais comuns é a associação das relações de propriedade de ativos e as relações de exploração – não fica claro se, de fato, ocorreria exploração das classes mais qualificadas (BURRIS, 1986; SAVAGE *et al*, 2005). Outro problema é a conexão entre classe e ação coletiva, de forma que o autor não desvincula a orientação das ações e interesses de classe, da consciência de classe (BERTONCELO, 2010).

Na teoria weberiana, a classe média é entendida não somente sob o aspecto econômico, mas também em termos de *status*, distribuição de poder etc., sendo possível, portanto, identificar diferentes *situações de classe* em um mesmo cenário, e entre os grupos sócio-ocupacionais. Isso permite, por exemplo, a identificação de frações de uma mesma classe. Se em suas análises iniciais, Weber deu enfoque para as categorias ocupacionais, e a classe média era vista como as ocupações de pequenos proprietários, vários autores de inspiração weberiana analisaram essa classe a partir de outros critérios.

Charles Wright Mills, inspirando-se na teoria weberiana, analisou o surgimento de uma nova classe média nos Estados Unidos em meados do século XX, após a expansão do processo de industrialização e burocratização das instituições. Em *White Collar*, Mills (1951) ressalta, entre outras coisas, que as ocupações manuais e não-manuais se distinguiram não só economicamente, mas também (e principalmente) socialmente. Isso porque embora em termos econômicos esses grupos se distinguissem pouco, o local de trabalho (o escritório) e o estilo de vida atrelado às ocupações não-manuais agregavam *status* social. O próprio termo, “*white collar*”, que significa “colarinho branco”, relaciona-se com um tipo de vestimenta atrelada a uma categoria de ocupação, cujas funções são desempenhadas em locais que não necessitam esforço físico.

Outros autores, como David Lockwood (1958) e Anthony Giddens (1973), também partiram de interpretações weberianas para analisarem a classe média. O primeiro se destacou por investigar a hipótese de que parte dos trabalhadores manuais estariam se integrando à classe média, e se aproximando dos trabalhadores não manuais de rotina, devido às situações de mercado, trabalho e *status* (LOCKWOOD, 1958)<sup>22</sup>. Dentre os resultados alcançados,

---

<sup>22</sup> Situação de mercado, nesse contexto, se refere à fonte de renda (trabalho), a estabilidade na posição ocupada e chances de mobilidade. Já a situação de trabalho, diz respeito às relações sociais que perpassam o ambiente de

Lockwood (1958) encontrou, na verdade, que os trabalhadores manuais, apesar de terem aumentado a renda ao longo dos anos, continuaram distantes dos privilégios gozados pelos trabalhadores não manuais.

A abordagem de Lockwood (1958) é fundamental por considerar vários aspectos simultâneos e constituintes à classe média – e da mesma forma o faz Giddens (1973). Partindo de uma noção econômica, Giddens (1973) considerou que as classes se formariam conforme o contexto do trabalho (assemelhando-se à noção weberiana de situação de classe), e os indivíduos se distinguiriam de acordo com as suas propriedades e ofertas de serviço. “Propriedade”, na perspectiva giddensiana, ganhou amplitude e passou a se referir aos atributos e capacidades dos indivíduos diante do mercado de trabalho (SALATA, 2016; GIDDENS, 1973). Assim, as “propriedades” definiriam as classes, e no que concerne à classe média, os indivíduos desta seriam não proprietários, mas teriam capacidade de exercer algum poder no mercado.

Ainda que os trabalhos de Lockwood (1958) e Giddens (1973) destaquem as inúmeras variáveis que compõem as classes, ampliando não só a concepção weberiana, mas (e principalmente) a compreensão da classe média e sua posição no sistema capitalistas, ambos os autores investiram pouco em termos empíricos. Diferentemente destes, Robert Erikson, John H. Goldthorpe e Lucienne Portocarero desenvolveram o chamado *esquema EGP*, que apreende as classes como constructos sociais relacionados a posições no mercado de trabalho e suas divisões. Nesse sentido, a ocupação enquanto variável de análise assume um papel sociológico importante no entendimento das estruturas sociais.

De acordo com Goldthorpe (2002, p. 214) uma análise de classe deve levar em conta três critérios:

- a. a classe não pode ser construída como uma mera agregação arbitrária de títulos ocupacionais, mas deve conter um fundo conceitual claro, implementado a partir de critérios válidos;
- b. análises de resultados específicos (ex: desigualdade de renda) que têm a classe como variável explicativa devem ser capazes de demonstrar regularidades empíricas como forma de apontar a validade do constructo;
- c. a própria forma através das quais as classes são conceituadas fornece um ponto de partida para o desenvolvimento de explicações em termos de ação social para as regularidades demonstradas.

Levando tais pontos em consideração, o esquema EGP (um dos mais utilizados nos estudos atuais de estratificação social) tem como objetivo “diferenciar as posições em termos das relações de emprego que elas envolvem” (ERIKSON; GOLDTHORPE, 1992, p. 37). Os autores distinguiram a situação de mercado (que se refere às fontes e níveis de rendimentos das ocupações e outras condições de emprego) da situação de trabalho (que consiste na posição dentro dos sistemas de autoridade e controle que regulam os processos produtivos), de forma a discriminar as posições ocupacionais segundo o tipo de contrato (de trabalho ou de serviço<sup>23</sup>) (BERTONCELO, 2010). O esquema possui nove classes, e leva em conta as diferentes formas de contrato destas, estando representado no Quadro 1 abaixo:

**Quadro 1 - Sistematização do esquema EGP de posição de classe**

<b>Classe</b>	<b>Descrição</b>	<b>Regulação do emprego</b>
<b>I</b>	Profissionais, administradores e gerentes de alto nível	Contrato de serviços
<b>II</b>	Profissionais, administradores e gerentes de nível baixo	Contrato de serviços
<b>IIIa</b>	Empregados não-manuais de rotina (nível alto)	Mista
<b>IIIb</b>	Empregados não-manuais de rotina (nível baixo) – geralmente mulheres	Contrato de trabalho
<b>IVa</b>	Pequenos empregadores	-
<b>IVb</b>	Pequenos proprietários, conta própria	-
<b>IVc</b>	Pequenos empregadores rurais	-
<b>V</b>	Técnicos de nível baixo e supervisores de trabalho manual	Mista
<b>VI</b>	Trabalhadores manuais qualificados	Contrato de trabalho
<b>VIIa</b>	Trabalhadores manuais não-qualificados	Contrato de trabalho
<b>VIIIb</b>	Trabalhadores rurais	Contrato de trabalho

Fonte: Erikson; Goldthorpe (1992) *apud* Bertoncelo (2010).

<sup>23</sup> De maneira geral, os contratos de trabalho não gerariam problemas de supervisão porque remeteriam a posições com tarefas bem definidas e facilmente supervisionadas, mas com menor estabilidade de permanência no emprego, assim como menor chance de ascensão econômica. Já os contratos de serviços seriam caracterizados por grande discrepância informacional entre as posições, de forma que sua disposição no sistema burocrático levaria a tarefas de maior prazo e mais difusas, sendo que haveria maior estabilidade nos cargos, bem como chances de promoções (CARVALHAES, 2015).

Quanto às vantagens desse esquema, uma delas é a possibilidade de identificação da classe média via “*service class*”, constituída essencialmente por empregadores, cujos contratos seriam de serviço. A classe média, nesse sentido, seria composta pelos profissionais, administradores e gerentes de nível médio-alto (SALATA, 2016). Porém, quanto às limitações, há dificuldade de mensuração e captação precisa da classe média, uma vez que os limites desta não são bem definidos (BUTLER; SAVAGE, 1995; WACQUANT, 1992). Há também a crítica de que o esquema não incorpora a formação das classes “superiores” (BERTONCELO, 2010), já que a classe média supostamente corresponderia às classes I e II.

De maneira geral, as abordagens neomarxistas e neoweberianas costumam focar nos aspectos mais objetivos das classes – como a ocupação, as relações de trabalho, os tipos de contrato etc. – ainda que não neguem a existência de dimensões subjetivas. No entanto, foi Pierre Bourdieu um dos pioneiros a analisar as classes combinando os elementos objetivos e subjetivos, considerando o processo de formação de coletividades sociais e suas sociabilidades. Ao fazer isso, o intuito do autor foi romper com as análises substancialistas que desconsideraram a interdependência entre a objetividade e subjetividade dos atores sociais.

É importante destacar de antemão que Bourdieu não desenvolveu um esquema de classes como os outros autores mencionados. Preocupado em captar, essencialmente, o âmbito cultural das classes, para além do econômico e identitário, ele tratou, entre outras coisas, o espaço enquanto uma dimensão analítica, de forma que os indivíduos estariam dispostos no espaço social conforme seus capitais.

“Espaço”, segundo Bourdieu, é uma categoria que se refere ao

conjunto de posições distintas e coexistentes, exteriores umas às outras, definidas umas em relação às outras por sua exterioridade mútua e por relações de proximidade/vizinhança/distanciamento, e também por relações de ordem, como acima/abaixo/entre (BOURDIEU, 1996, p. 18-19).

A partir dessa definição pode-se notar a especificidade da análise bourdieusiana em comparação às outras apresentadas. Bourdieu concebeu as classes, e tudo o que remete à sociedade e sua organização, de forma relacional. Isso significa que não é possível falar, por exemplo, da classe média, sem considerar as demais classes (seja a burguesia ou proletariado, na perspectiva marxista; ou as classes dos proprietários e dos trabalhadores, na perspectiva weberiana etc.) e os aspectos que as envolve – posições ocupadas no mercado de trabalho, o rendimento, o prestígio e *status* vinculado a estas etc.

Assim, o *espaço social*, que supostamente remete à sociedade, seria o espaço no qual os indivíduos estão dispostos de acordo com determinadas propriedades que possuem. Essas propriedades são os *capitais* – especificamente os capitais econômico e cultural. Como mencionado no primeiro capítulo, capital se refere às vantagens (em termos de saber, status, privilégios etc.) adquiridas pelos indivíduos por meio do processo de socialização e incorporação do *habitus*. Seria, portanto, a partir do volume de capital econômico e cultural que os indivíduos se diferenciariam socialmente – estando acima/abaixo/entre em relação aos outros indivíduos e suas respectivas classes.

Bourdieu, através do espaço social, analisou as classes sociais e suas disputas simbólicas. A construção metodológica do espaço social se deu a partir da utilização da técnica denominada Análise de Correspondência Múltipla (ACM), que possibilitou a observação de padrões simbólicos que organizaram e orientaram as práticas e escolhas dos indivíduos (BERTONCELO, 2010)<sup>24</sup>, na França das décadas de 1960 e 1970. O produto da construção do espaço social é um gráfico

(...) onde cada indivíduo, a partir de uma amostragem de *survey* que representaria uma população mais ampla, tem uma localização em virtude de seus bens de capital. Os eixos que Bourdieu constrói para seus gráficos refletem o “volume” e “composição” do capital (CROSSLEY, 2018, p. 122).

O gráfico é composto por quatro eixos, dispostos como num plano cartesiano. Esses eixos expressam, de maneira geral, as homologias entre as diferentes posições ocupadas pelos indivíduos e pelas coisas consumidas. Homologia é um termo importante na teoria bourdieusiana porque diz respeito às diferenças entre cada posição no espaço social, sendo essas diferenças complementares e semelhantes *em termos estruturais* – elas têm como função, condicionar *habitus*, gostos e capitais diferentes.

As homologias atuam em diferentes campos (espaços de lutas simbólicas e de poder), de forma que “a produção cultural influencie a hierarquia simbólica e que esta contribua para a conservação ou para a subversão da ordem política” (THIRY-CHERQUES, 2006, p. 40). Nesse sentido, sendo as homologias as correspondências estruturais nos diversos campos, tem-se que elas são produto e produtoras do capital simbólico da qual fazem parte. A Figura 3 é uma nuvem dos agentes em *The State Nobility*, no espaço das grandes corporações francesas, elaborado por Bourdieu (1998).

<sup>24</sup> “A ACM pode envolver tanto variáveis 'ativas' quanto 'passivas'. As variáveis ativas são aquelas que são efetivamente utilizadas na construção dos eixos do gráfico. As variáveis passivas são aquelas que acreditamos serem afetadas por nossas novas variáveis” (CROSSLEY, 2018, p. 128).

**Figura 3 - Exemplo do gráfico de nuvem da ACM: o espaço dos chefes das corporações francesas (nuvem dos agentes em *The State Nobility*)**



Fonte: Bourdieu (1998, p. 302).

Através desse gráfico e da nuvem de indivíduos que ele forma, Bourdieu agrupou indivíduos com posições semelhantes (bem como volumes e composições de capitais) em classes. Portanto, “mapear o espaço social nos permite alocar indivíduos a classes” (CROSSLEY, 2018, p. 126). Contudo, o autor distinguiu “classe no papel” e “classe real”, sendo as primeiras esses agrupamentos identificados teoricamente e pelas nuvens da ACM. Já as classes reais seriam aquelas em que os indivíduos, mais do que simplesmente compartilharem as mesmas posições no espaço social, também possuem um mesmo “inconsciente de classe” – ou seja, apresentam *habitus* de classe<sup>25</sup>.

Classe, então, para Bourdieu é um

conjunto de agentes situados em condições homogêneas de existência, impondo condicionamentos homogêneos e produzindo sistemas de disposições homogêneas, próprias a engendrar práticas semelhantes, além de possuírem um conjunto de propriedades comuns, propriedades *objetivadas*, às vezes garantidas juridicamente – por exemplo, a posse de bens ou poderes – ou *incorporadas*, tais como os *habitus* de classe – em particular, os sistemas de esquemas classificatórios (BOURDIEU, 2011, p. 97, grifos do autor).

A respeito do conceito bourdieusiano de classe, algumas considerações são necessárias. Levando em conta a natureza relacional do trabalho de Bourdieu, o conceito de classe deve ser pensado de maneira contínua e não estática, ou seja, no sentido de que os

<sup>25</sup> O *habitus* de classe é constituído por estilos de vida, perspectivas e disposições semelhantes, além de um senso tácito do lugar que o indivíduo ocupa na sociedade (CROSSLEY, 2018).

indivíduos estão dispostos no espaço social sob constante disputa simbólica para manter ou alterar suas posições. Além disso, a estrutura dos capitais possibilita a identificação de frações de classe – o que é pertinente para a presente pesquisa, haja vista o objetivo de diferenciar os indivíduos da classe média.

Avançando no debate acerca da captação e mensuração das classes, especificamente da classe média, e combinando os achados das vertentes neoweberiana, neomarxista e bourdieusiana, Savage *et al* (1992), ao considerarem um conceito mais amplo de classe média, identificaram três subdivisões internas à esta (pequenos proprietários; empregados no corpo burocrático; profissionais cujo conhecimento é o principal ativo). Assim, os autores ressaltam a importância de considerar a classe média não como um grupo dado *a priori*, e com limites bem definidos, mas como uma categoria de disputa (SALATA, 2016).

A partir das abordagens aqui discutidas, essa pesquisa utilizará principalmente o arcabouço bourdieusiano para analisar a classe média belo-horizontina. Considerando as classes como categorias em disputa, especialmente as posições dos indivíduos no espaço social segundo seus diferentes níveis de capitais, será levado em conta o papel da moradia na construção e conformação da identidade de classe média. Para isso, faz-se necessário primeiro debater a classe média no contexto brasileiro e posteriormente discutir a noção de campo de Bourdieu.

## 2.2. *A classe média brasileira: categoria social, metodológica e teórica controversa*

O debate de classe no Brasil perpassa diferentes aspectos. Isso porque, ao longo da consolidação do campo das Ciências Sociais no país, a classe foi analisada sob diversos espectros, e combinada com diferentes questões sociais que perduram na realidade brasileira – como raça, gênero, renda, pobreza etc.

Como mencionado no início desse capítulo, várias abordagens acerca das classes foram desenvolvidas desde os primórdios do campo sociológico. As perspectivas ainda vigentes emergiram na década de 1950 na Europa e nos Estados Unidos, de forma a darem certa continuidade aos estudos marxistas, weberianos e durkheimianos. No Brasil, os primeiros estudos deram enfoque à estrutura e ação de classe como fenômenos indissociáveis, de forma que a classe assumia um papel significativo na transformação e/ou reprodução da estrutural social brasileira (GUIMARÃES, 2012; BERTONCELO, 2014). Esses trabalhos, de inspiração marxistas, perduraram por volta de duas décadas na sociologia brasileira, até que a influência dessa vertente foi-se reduzindo após a década de 1950.

Os estudos brasileiros sobre classe podem ser divididos em três grupos com base em dois critérios: i) o foco nas disputas classificatórias a partir da apropriação de bens materiais e culturais em esferas diversas da vida social; e ii) na relação estabelecida entre a estrutura e a ação de classe (BERTONCELO, 2014). O primeiro grupo, constitui os estudos que adotam as perspectivas *neomarxista* e *neoweberiana*, cujo enfoque é a construção dos esquemas de posição de classe com base em fundamentos teóricos definidos a priori<sup>26</sup> – alguns dos trabalhos desse grupo são: Scalón; Ribeiro (2001), Ribeiro (2011), Ribeiro (2007), Santos (2002, 2011, 2005, 2008), Souza; Ribeiro; Carvalhaes (2010), e Ribeiro; Valle (2009).

O segundo grupo de estudos tem Pierre Bourdieu como principal referência teórica, e as classes são entendidas como coletividades cuja formação, especialmente por meio da incorporação do capital cultural, acaba reproduzindo as divisões sociais. Destacam-se os trabalhos de Souza (2012), Pulici (2011) e Bertoncele (2010, 2013). Já o terceiro grupo corresponde ao conjunto de obras influenciado pela *análise de classe*, cujo arcabouço baseia-se na tradição marxista e que, a partir dos anos 1970, esteve vinculado às produções do Centro Brasileiro de Análise e Planejamento (Cebrap) – os principais nomes são: Franciso de Oliveira, Ricardo Antunes e Armando Boito Jr. (BERTONCELO, 2014).

Em termos metodológicos, os trabalhos de viés neomarxista e neoweberiano utilizaram, em sua maioria, dados e técnicas quantitativas. Já os de inspiração bourdieusiana, combinaram dados e técnicas quantitativas e qualitativas. Foi comum (e isso é algo que perdura até os dias atuais) o uso de índices, como o Coeficiente de Gini (que mede a desigualdade na distribuição de renda), bem como a escolaridade, a ocupação, e a renda enquanto possíveis indicadores de classe. Ademais, pesquisas produzidas pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) (Pesquisa de Orçamento Familiar (POF), Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD), Censo Demográfico) e pelo Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA) são fontes bastante utilizadas.

No que concerne à classe média, Caio Prado Jr. (1942), considerando o passado histórico brasileiro, ressaltou a inexistência dessa classe durante o período colonial. Isso porque, nesta época, a estrutura brasileira se dividia, basicamente, entre mão de obra escrava, não-escrava e as oligarquias. Os grupos médios existentes eram irrisórios e tendiam a se aproximar das oligarquias ou dos grupos de trabalhadores livres (GUERRA *et al*, 2006). Já no

---

<sup>26</sup> Embora utilizem metodologias e arcabouços teóricos distintos, as duas perspectivas foram agrupadas no mesmo conjunto porque seus estudos procuram elaborar mapeamentos de classe com base na agregação ocupacional (BERTONCELO, 2014).

período transitório entre a independência e a República, uma nova situação de mercado se conformou, expandindo não só o comércio local, mas os serviços públicos – e a classe média que emergia, ainda que de maneira tímida, participou da polarização das questões sociais vigentes na época, tais como a abolição da escravidão (FERNANDES, 1987).

A base para a concretização, de fato, da classe média brasileira se deu na década de 1930, por meio da atuação política e econômica desse grupo – a emergência da classe média brasileira ocorreu concomitantemente à urbanização do país. Até a década de 1920 a classe média esteve ligada, majoritariamente, às propriedades privadas rurais, sendo composta por pequenos produtores – nos centros urbanos havia pequenos comerciantes, profissionais liberais autônomos e funcionários públicos (GUERRA *et al*, 2006). Nessa época, os grupos médios urbanos estiveram ligados ao movimento tenentista, de forma que os militares atuaram como porta-vozes desses grupos quanto ao seu inconformismo antioligárquico (FORJAZ, 1977). Com a Revolução de 1930 e a implantação do modelo de desenvolvimento econômico nacional, juntamente ao avanço da urbanização, o crescimento das ocupações assalariadas da classe média urbana se intensificou (IANNI, 1966; FERNANDES, 1968).

Foi, contudo, durante o governo de Juscelino Kubitschek (1956-1960) que a classe média assalariada se tornou expressiva no setor privado. Tal expressividade se deu a partir da mobilidade social associada ao aumento da renda e escolaridade (principalmente Ensino Médio e Ensino Superior). Paralelamente, os estudos sobre a classe média brasileira cresceram, principalmente nos anos 1970 e 1980 (GUERRA *et al*, 2006).

Durante a ditadura militar, a classe média experimentou, ao longo do chamado “milagre econômico”, não só um aumento salarial, mas também amparo social quanto à habitação e infraestrutura (saneamento, educação, saúde etc.), por meio das políticas públicas da época. Porém, a partir de 1980, houve redução dos trabalhadores assalariados, e uma parte da classe média migrou para mão-de-obra autônoma (POCHMANN, 1999; QUADROS, 1995; ALVES, 2000). Essa mudança, que perdurou ao longo da década de 1990, com a implantação de políticas neoliberais, impactou a classe média em termos de sua identidade e *status* social – que estavam diretamente relacionados à segurança quanto ao trabalho e ocupação.

O’Dougherty (1998), em seu estudo sobre a classe média paulista, evidenciou como esse período foi crucial para a conformação dos ideais de distinção da classe média – passou-se a valorizar a posse de bens duráveis (como moradia e automóvel), e a maior escolaridade

(diplomas de Ensino Superior). Pode-se associar tais estratégias ao discurso neoliberal de meritocracia, no qual os indivíduos médios passaram a repudiar a função social do Estado em detrimento da defesa do “eu batalhei para conseguir isso”.

Ainda nesse período de transição da recente redemocratização e os abalos da crise econômica, a classe média se consolidou enquanto *campo* de pesquisa (CARDOSO; PRÉTECEILLE, 2017). O estudo de Oliveira (1987) (de inspiração marxista), por exemplo, foi fundamental por reconhecer a relevância da classe média na análise do capitalismo brasileiro, principalmente levando em conta a relação desta com as outras classes – em termos identitários, de alteridade, negação em relação às camadas populares etc.

Durante a década de 1990 os estudos sobre a classe média se diversificaram. Pesquisas acerca da cor/raça da classe média (FIGUEIREDO, 2009), bem como sobre a heterogeneidade da classe média (LIMA, 2008) e a respeito da segregação socioespacial das metrópoles (PRÉTECEILLE; RIBEIRO, 1999; MARQUES *et al.*, 2008) foram produzidas (CARDOSO; PRÉTECEILLE, 2017). Destacaram-se também os trabalhos de Ribeiro e Scalon (2001), na perspectiva de mobilidade de classe, e os de Silva (2004) e Hasenbalg e Silva (2003) sobre origem e destino.

É importante pontuar que a classe média brasileira teve origem, como mencionado acima, a partir do processo de industrialização do país. No entanto, ao comparar a classe média nacional com a norte-americana, por exemplo, verifica-se que esta última teve um maior “tempo de maturação”, e seu desenvolvimento passou por diferentes processos históricos – tendo, inclusive, se formado política, social e culturalmente. No Brasil, entretanto, o processo intenso e rápido de industrialização e de urbanização, fez com que a própria ideia do que é “classe média”, e quais os seus modos de vida, padrão de consumo, atuação política fossem importados dos países desenvolvidos (FERNANDES, 1968).

Analisando a formação das classes médias paulista e carioca na segunda metade do século XX, Owensby (1999) afirmou que houve, no Brasil, a importação do mito de uma Classe Média universal e modernizadora, originado a partir da experiência inglesa no século XIX. O desenvolvimento e desempenho do país passaria, então, a ser mensurado conforme o crescimento de sua classe média – seguindo uma perspectiva positivista, no qual a ideia reificada de classe média estaria envolta por ideais como “individualismo”, “mérito” e “igualitarismo” (OWENSBY, 1999).

Dentre os reveses desse cenário, dois se destacam (e se relacionam): (i) as condições sociais e econômicas brasileiras, que se diferem fortemente dos países europeus e anglo-saxônicos, permitiram à classe média brasileira o acesso a determinados tipos de serviços que provocaram uma mentalidade classista; (ii) a fragilidade do status de Classe Média se dá, em partes, devido à sua vinculação direta ao poder de consumo.

Com base nos estudos discutidos até aqui, tem-se que, metodologicamente, a classe média pode ser mensurada tanto por meio da ocupação e da renda, quanto pelas práticas de consumo e acesso a determinados bens – permitindo a diferenciação dos indivíduos em frações/estratos, por exemplo. Neste estudo, compreende-se o estrato baixo da classe média como aquele em que os indivíduos não detêm tantos bens (posse de automóvel e moradia, por exemplo) e a renda, de até dois a quatro salários-mínimos, é limitada ao consumo das necessidades básicas (moradia, alimentação, vestuário) e formas simples de lazer (passeios locais, idas a bares e restaurantes etc.). Quanto à escolaridade, o nível de instrução geralmente se limita ao ensino médio completo e algum curso técnico profissionalizante. Já o estrato médio seria composto por indivíduos com renda superior a quatro salários-mínimos, ensino superior completo, com posse de moradia e algum tipo de automóvel, e cujo consumo não se limitaria apenas às necessidades básicas, mas envolve viagens anuais e diferentes formas de lazer (restaurantes, bares, cinema, teatro, shows etc.).

Já o estrato alto da classe média é composto por indivíduos com renda a partir de mais de 10 salários-mínimos, ensino superior completo (e, normalmente, com pós-graduação), com posse de moradia (normalmente bem localizada no espaço da cidade) e mais de um automóvel. As práticas de consumo geralmente incluem ida a museus, shows, teatros, bares, restaurantes e associações desportivas (em Belo Horizonte, Minas Tênis I e Minas Tênis II).

Uma vez que parte da classe média brasileira, especialmente as frações mais altas, teve acesso a serviços como empregada doméstica, babás, motoristas e seguranças particulares., dada a abundância de mão-de-obra no país (e, por isso, o custo por tais serviços é consideravelmente mais baixo do que nos países desenvolvidos), isso impactou diretamente na concepção política de parte dessa parcela média-alta. Isso porque, como pontuado por Guerra *et al* (2006, p. 62):

(...) os processos de desenvolvimento social que impliquem em redistribuição de renda afetam não apenas os interesses dos grupos sociais mais privilegiados do país, mas também os privilégios da classe média brasileira. Afinal, entende-se que desenvolvimento exige não apenas crescimento econômico, mas também, e é fundamental isso, uma distribuição mais igualitária dos frutos do trabalho social.

Assim, as frações altas da classe média brasileira tenderiam a compactuar com a defesa de medidas políticas conservadoras que caminham na direção dos interesses da elite nacional. O consumo desses serviços, combinado a certos tipos de bens, auxiliaram na conformação de sua identidade. O'Dougherty (1998) evidenciou como o repertório do que é “ser classe média” foi acionado entre as frações médias paulistas no período de crise econômica na década de 1990: além de os indivíduos possuírem automóvel e casa própria, eles também investiam na educação privada dos filhos e evitavam o consumo ostentatório, restringindo os gastos para apenas o necessário.

A mudança na estrutura social brasileira, na primeira década dos anos 2000, não só alterou, em parte, a organização e disposição das classes sociais no território, mas também o padrão de vida da população. Segundo Quadros (2008), após o período de estagnação econômica (1980-1990), uma combinação de fatores favoreceu o crescimento econômico a partir do primeiro governo Lula – tanto o aumento do PIB, quanto a melhora no desempenho do setor primário exportador e da estrutura industrial. De maneira geral, as frações altas e médias da classe média cresceram pouco ou quase nada em relação ao período de recessão – evidenciando que não houve uma melhoria nas ocupações privada e pública de qualidade (QUADROS *et al*, 2012; QUADROS, 2008).

Já a classe média baixa passou por um período de crescimento e certa estabilidade, indicando que os empregos e oportunidades geradas no país favoreceram as faixas mais baixas de renda. O governo e as instituições nacionais ligadas ao Banco Mundial e aos objetivos de redução da miséria, apontaram não só uma redução considerável dessa, no cenário brasileiro dessa época, mas a emergência de uma suposta “nova classe média” (QUADROS *et al*, 2012; NERI, 2008).

O problema dessa visão é que, além de considerar somente a melhoria em termos do rendimento das ocupações como parâmetro para definir um suposto novo estrato de classe, o baixo corte utilizado na linha de pobreza levou a uma superestimação da classe média (QUADROS *et al*, 2012). Estudos posteriores buscaram verificar se houve, de fato, o surgimento de uma “nova classe média”, no entanto, apontaram somente um aumento do poder aquisitivo das classes trabalhadoras – o que não configura, necessariamente, uma nova classe (SALATA, 2016; SCALON; SALATA, 2012; CARDOSO; PRÉTECEILLE, 2017).

Nesse cenário de aumento do poder de compra das classes trabalhadoras e das frações baixas da classe média, o consumo dos eletrodomésticos ganharam destaque. Lojas de rede

possibilitaram que a chamada “classe C” tivesse acesso, via parcelamento a longo prazo, a itens atrelados ao conforto, sendo que a posse desses bens extrapolou as vantagens utilitárias e se traduziram em vantagens sociais – afinal, o consumo tem, antes de tudo, uma função social (DOUGLAS; ISHERWOOD, 2013).

Nesse sentido, o consumo da então denominada “linha branca” (refrigeradores, freezers, condicionadores de ar, lavadoras de louças, lavadoras de roupa, secadoras, fornos de micro-ondas e fogões) (SANTOS *et al.*, 1995) representou, até certo ponto, o acesso das classes baixas a uma melhoria na qualidade de vida. Segundo Yaccoub (2011, p. 228-229):

os objetos, dessa maneira, excederam a condição de simples artefatos para ganhar simbologia de status social, expressividade de classe e conquista de conforto. Até que ponto eles realmente concedem conforto é questionável, até pelo fato dessa sensação ser relativa, o que dependerá do *ethos* e dos valores de cada grupo. O que se pode perceber para os indivíduos desse grupo específico é que passaram a ganhar visibilidade, atenção e respeito a partir da melhora do poder aquisitivo, e isso não significa um aumento de renda, mas de poder de compra, o que é completamente diferente.

O fato de o *status* de classe média ter sido atrelado ao poder e (a certo) padrão de consumo, provocou e continua provocando certa instabilidade na configuração e definição dos critérios identitários dessa classe. Muitos autores se empenharam, nas últimas décadas em analisar se de fato ocorreu o surgimento da chamada “nova classe média” no Brasil, e um deles foi Jessé Souza. Souza (2012), inspirado na tradição bourdieusiana, analisou o período de crescimento econômico sob um viés que extrapolou a renda e o mero consumo de bens.

Em *Os Batalhadores Brasileiros: nova classe média ou nova classe trabalhadora?* o autor identificou quatro grupos principais constituintes da sociedade brasileira. Um primeiro grupo, denominado de “ralé” teria sua origem associada à escravidão brasileira, sendo composta pela população de escravizados e ex-escravizados, assim como os trabalhadores livres (porém dependentes dos senhores) que desempenhavam funções diversas (tropeiro, vendeiro, sitiante, “capanga”) atreladas aos grupos dominantes da época.

Ainda que com o tempo a sociedade brasileira tenha se desenvolvido e passado por processos como a industrialização e urbanização, as condições de vida dos indivíduos da ralé continuaram marcadas por desvantagens estruturais, visto que mais do que serem desprovidos de capitais cultural e econômico, esses indivíduos não possuem habilidades como “disciplina, capacidade de concentração, pensamento prospectivo (que enseja o cálculo e a percepção da vida como um afazer ‘racional’)” (SOUZA, 2011, p. 23).

Segundo Souza (2011), a ralé é a classe “do corpo”, já que as funções desempenhadas pelos indivíduos no mercado de trabalho não exigem mais do que a força física. Isso contribui para a reprodução dos baixos níveis de capitais econômico e cultural. Dentre as consequências da situação social da ralé, a que se destaca é a sua invisibilidade moral e existencial, uma vez que os indivíduos tendem a ser politicamente passivos (SOUZA, 2011; GOMES, 2019).

Um outro grupo, chamado de “batalhadores”<sup>27</sup> seria formado pelo estrato de classe originário do cenário político, social e econômico mais estável que marcou o final do governo de Fernando Henrique Cardoso e os governos Lula. Os batalhadores corresponderiam, então, à chamada “nova classe média”. Devido às mudanças na estrutura social (QUADROS *et al*, 2012; 2008), as posições ocupacionais dos batalhadores seriam heterogêneas, sendo que

essa classe conseguiu seu lugar ao sol à custa de extraordinário esforço: à sua capacidade de resistir ao cansaço de vários empregos e turnos de trabalho, à dupla jornada na escola e no trabalho, à extraordinária capacidade de poupança e de resistência ao consumo imediato e, tão ou mais importante que tudo que foi dito, a uma extraordinária crença em si mesmo e no próprio trabalho (SOUZA, 2012, p. 50).

Os batalhadores tiveram aumento da renda e do poder de compra, e as diferentes posições ocupadas e desempenhadas pelos indivíduos dessa classe ficou marcada, principalmente, pela heterogeneidade advinda da ampla valorização do capital financeiro (GOMES, 2019). Essas posições, no geral, tendem a não ter proteções trabalhistas, o que diferencia a situação de trabalho desses indivíduos em relação à classe média tradicional.

Comparando os batalhadores com a classe média tradicional, além da seguridade trabalhista, apesar de terem acesso a um determinado padrão de consumo, os batalhadores não possuem os mesmos níveis de capitais econômico e cultural que a classe média tradicional dispõe. “Ademais, falta-lhes o gosto, aquele elemento de distinção que antecede as chances de vitória em uma luta de classes mediada simbolicamente” (GOMES, 2019, p. 243) – esse aspecto é relevante por auxiliar na crítica a uma “nova classe média”, já que o mero consumo não é, por si só, capaz de caracterizar uma classe, mas necessita de outras credenciais, como o senso em matéria de gosto.

Já ao comparar os batalhadores com a ralé, ainda que ambas as classes sejam esquecidas e estigmatizadas no contexto nacional geral, o que distingue os primeiros em

---

<sup>27</sup> “A escolha, da parte de Jessé Souza, de um outro conceito para identificar esse fenômeno tem a finalidade tanto de marcar a diferença dessa classe em relação às classes médias tradicionais quanto de chamar atenção para o equívoco nos pressupostos de análise que levam à conclusão segundo a qual estar-se-ia diante de uma nova classe média” (GOMES, 2019, p. 241).

relação aos segundos é o “capital familiar” e a pertença a comunidades religiosas (GOMES, 2019). Apesar dessa situação de esquecimento e estigmatização, os batalhadores foram capazes de “internalizar e incorporar disposições de crer e agir que lhe garantiram um novo lugar na dimensão produtiva do novo capitalismo financeiro” (SOUZA, 2012, p. 48) e, em oposição à ralé, cada batalhador “é reconhecido como membro útil à sociedade e pode criar uma narrativa de sucesso relativo para sua trajetória pessoal” (SOUZA, 2012, p. 52) – ainda que tal inclusão seja subordinada (GOMES, 2019).

Em trabalhos subsequentes, Souza (2012; 2017; 2018) procurou contestar o argumento de que haveria surgido no Brasil, ao longo das últimas décadas, uma “nova classe média”. Considerando não só o poder de compra e o aumento da renda, mas os níveis e volumes de capitais, bem como as formas de socialização e atuação política, Souza (2018) enfatiza o papel da classe média na reprodução das desigualdades sócio-históricas do país, na medida em que almeja os privilégios das classes altas.

Outros estudos que refutaram a tese da “nova classe média” foram, dentre outros, os de Salata (2016), Salata e Scalon (2012), e mais recentemente, Cardoso e Préteceille (2021). De acordo com Salata (2016), as mudanças ocorridas no cenário econômico do país ao longo do início dos anos 2000 levou ao aumento do poder de compra da chamada “classe C”, considerada pelos estudos econômicos e pelo próprio governo da época como “nova classe média”.

Preocupado em considerar não apenas o aspecto econômico atrelado às classes, Salata (2016) analisou que embora determinadas parcelas das classes baixas (chamadas por ele de classes trabalhadora e pobre) tenham tido acesso a certos bens de consumo, aspectos como autotaxação (ou autopercepção) e a ocupação no trabalho seriam fundamentais para avaliar a existência ou não de uma nova classe. Combinando metodologias quantitativas e qualitativas, o autor verificou que a maior parte dos indivíduos da chamada “classe C”<sup>28</sup> (que seria a *proxy* para a “nova classe média”) não se identificavam como pertencentes à classe média (SALATA, 2016).

Ao contrário, os indivíduos da classe AB (considerada classe abastada) foram os únicos que se identificaram, majoritariamente, como classe média. Dentre os resultados

---

<sup>28</sup> A divisão de classes em AB, C, D e E foi formulada pelo chamado Critério Brasil e adotada por Neri (2008). Tal critério baseou-se, principalmente, na renda (domiciliar per capita do trabalho). Na faixa E estavam os considerados miseráveis, na faixa D os pobres, na faixa C a nova classe média, e a faixa AB seria os indivíduos abastados – a quantidade de rendimento seguiu os valores de 2008.

obtidos, Salata (2016) ressaltou que ao considerar a classe média como “uma coletividade com as quais os indivíduos se identificam” (ROBERTS *et al*, 1977, p. 18 *apud* SALATA, 2016, p. 208), são as camadas superiores que se colocam como pertencentes à classe média, ainda que seu perfil socioeconômico (renda do domicílio superior a R\$4.500,00<sup>29</sup>; posse de nível superior de escolaridade; ocupações de prestígio; posição social privilegiada etc.) não represente o traço do “brasileiro médio”.

Seguindo a mesma linha de argumento, o estudo de Salata e Scalón (2012) ressaltou as diferenças quanto à identidade de classe média. Se entre os indivíduos denominados pelos autores como “classe média tradicional” (aqueles, segundo o Critério Brasil, como do segmento AB) havia uma identificação e noção de pertencimento acentuadas, entre os indivíduos da “classe C” a identidade era mais difusa. Estes se identificavam como em uma posição intermediária, “entre os pobres e os ricos” (SALATA; SCALÓN, 2012, p. 385).

Esses dois estudos são relevantes para a presente pesquisa na medida em que consideram a classe média não como uma categoria dada a priori, mas construída e disputada, que engloba aspectos objetivos (renda, ocupação, posição social) e subjetivos (identidade, pertencimento, status). Já o estudo recente de Cardoso e Préteceille (2021), inspirando-se nos trabalhos de C. Wright Mills, utilizou a *ocupação* para identificar as posições intermediárias da sociedade brasileira. Após adaptarem a Classificação Brasileira de Ocupação (CBO), adotada pelo IBGE, conforme os critérios das categorias socioprofissionais francesas e utilizarem os dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD) para os anos de 2002 a 2014, para analisar a distribuição das classes sociais nas regiões metropolitanas e no Brasil, os autores afirmaram que a classe média brasileira tem aumentado ao longo desse período<sup>30</sup>.

No que concerne ao debate acerca da “nova classe média”, os autores pontuaram que o alargamento do conceito leva a uma super-representação dessa classe, ou seja, a quantidade de indivíduos classificados como “nova classe média” é maior do que aqueles considerados pertencentes às “classes médias”. Uma das razões para essa ampliação conceitual é a vantagem política e econômica, ressaltada por órgãos internacionais como o Banco Mundial e o Fundo Monetário Internacional (FMI), do cenário dos países emergentes. Quanto maior o

---

<sup>29</sup> Valor referente a 2008.

<sup>30</sup> Os autores trabalharam com a seguinte divisão: Região Metropolitana do Rio de Janeiro, Região Metropolitana de São Paulo, Outras metrópoles, e Restante do país.

volume da “nova classe média” nestes, maior e mais positiva é a imagem desses países no contexto global (CARDOSO; PRÉTECEILLE, 2021).

Preocupados em compreender o perfil das classes médias (no plural, porque consideram as diferentes frações dessa classe), Cardoso e Préteceille (2021) encontraram que tanto as classes superiores quanto as médias se distinguem bastante das classes urbanas baixas e rurais. Isso porque as oportunidades de vida dos indivíduos das classes médias e superiores geralmente se dão de modo menos desterritorializado, ou seja, não há necessidade de migrar para outro estado ou região para ter acesso a emprego e oportunidades profissionais. Essas classes também apresentam organizações internas próprias com bases em critérios como gênero, raça e geração – as chances de as posições nas frações média e alta da classe média, bem como da classe superior é maior para homens brancos não-jovens (CARDOSO; PRÉTECEILLE, 2021).

Ademais, os autores ressaltam o alcance das posições privilegiadas da classe média (especialmente as frações média e, sobretudo, a alta) e superior como uma *construção* que demanda investimentos e redes de alianças e lutas constantes (CARDOSO; PRÉTECEILLE, 2021). Por fim, Cardoso e Préteceille (2021) apontam como uma das características fundamentais das classe médias a capacidade de transferência de seus capitais e manutenção da posição de classe. Tanto por meio do capital cultural adquirido, em especial, via educação superior quanto por casamento intraclasse.

Feito esse debate, espera-se ter ficado evidente a posição controversa da classe média na sociedade brasileira. A classe média brasileira tem se utilizado, principalmente, do discurso meritocrático e da defesa de políticas neoliberais, bem como do consumo de determinados bens, para manter, reafirmar e justificar sua posição social. Entre esses bens, se analisará a seguir a moradia.

### *2.3. O mercado da moradia e a classe média: distribuição espacial das frações médias no cenário belo-horizontino*

Com base no que foi discutido anteriormente, tem-se que faz parte da identidade de classe média a posse de determinados bens, haja vista que os estes possuem, mais do que uma função material, um papel simbólico (DOUGLAS; ISHERWOOD, 2013). A classe média brasileira, em específico, construiu sua identidade, durante o período do chamado “milagre econômico”, atrelando-a ao consumo (e posse) de: moradia e automóvel próprios, educação particular dos filhos, viagens a lazer para o exterior (ao menos para as frações altas) etc.

(O'DOUGHERTY, 1998). No caso das frações médias e baixas da classe média, a propriedade da moradia, por exemplo, foi conquistada com certa dificuldade – o que influi, como será discutido no próximo capítulo, na adoção de discursos meritocráticos e posições políticas conservadoras.

Ao estudar a classe média e suas frações a partir de seus mecanismos de distinção, como por meio das práticas de consumo, os estudos mencionados mostraram que essa classe, além de não ser homogênea, dispõe de gostos (no sentido bourdieusiano) e formas de consumir que variam entre suas frações baixa, média e alta. No que concerne à presente pesquisa, optou-se por analisar o consumo da moradia, bem como do espaço em que esta localiza-se (tanto o bairro, quanto a região na cidade) porque no espaço físico estão inscritas as dicotomias e disparidades do espaço social (BOURDIEU, 2008).

Sendo a moradia um dos bens que caracterizou e continua demarcando a classe média, essa seção analisa como o discurso publicitário do mercado imobiliário, juntamente aos volumes de capitais da classe média, produzem imóveis estilizados que ultrapassam a função utilitária da moradia. Para isso, retomar-se-á, ainda que brevemente, a discussão bourdieusiana sobre espaço social, porque a noção de campo será fundamental para a compreensão do funcionamento do mercado imobiliário.

Com base na ideia de espaço social, que consiste na justaposição e disposição dos indivíduos segundo os tipos e volumes de capitais que eles detêm, Bourdieu afirmou que as ações, lutas e *habitus*<sup>31</sup> dos indivíduos devem ser analisados de acordo com o ambiente em que estes estão inseridos – tal ambiente é chamado de campo. *Campos* são “espaços estruturados de posições (ou de postos) cujas propriedades dependem das posições nestes espaços, podendo ser analisadas independentemente das características de seus ocupantes (em parte determinadas por elas)” (BOURDIEU, 1983b, p. 89).

Levando em conta que as posições sociais estão em constante disputa pelos indivíduos, e que os contornos de classe, especificamente os da classe média, não são bem delimitados, pode-se conceber que uma das esferas de lutas simbólicas é a moradia. Estando os indivíduos hierarquizados segundo os capitais que possuem, eles buscam ocupar posições dominantes nos campos dos quais fazem parte, de forma a disputarem poder.

---

<sup>31</sup> “O *habitus* está no princípio de encadeamento das “ações” que são objetivamente organizadas como estratégias sem ser de modo algum o produto de uma verdadeira intenção estratégica (o que suporia, por exemplo, que elas fossem apreendidas como uma estratégia entre outras possíveis)” (BOURDIEU, 1983a, p. 61).

O campo, enquanto categoria, e o seu funcionamento, pode ser associado a três metáforas: (i) a do campo de futebol; (ii) a dos campos de força da ficção científica, e (iii) a de um campo de força. Pensando no campo de futebol, pode-se associar a análise de Bourdieu no sentido de que a vida social é um jogo (uma disputa), que ocorre em um determinado espaço (os campos), sob determinadas regras. A natureza desse jogo é competitiva, sendo que os jogadores (os indivíduos) balizam estratégias para manter ou alterar suas posições, de forma que o que está em jogo são os capitais (THOMSON, 2018). Já enquanto um campo de força científica, o campo bourdieusiano também tem a propriedade de criar uma barreira entre o ambiente interno ao campo e o ambiente externo, de forma a proteger os indivíduos que pertencem a ele. O funcionamento desse campo depende, entre outras coisas, de normas socialmente criadas e os indivíduos inseridos nele se comportam de modo a conceber tais normas como naturais (THOMSON, 2018) – devido à *doxa*<sup>32</sup>.

Uma vez que os campos são hierarquizados segundo o volume dos capitais econômico e cultural, Bourdieu concebeu o espaço social como composto por diversos campos dispostos homologamente. Tais campos poderiam apresentar subcampos, que apesar de seguirem as normas gerais do campo maior, possuiriam certas regras próprias. Além disso, os agentes internos, combinados à fatores externos, poderiam promover alterações nesses campos e subcampos – evidenciando a complexidade do funcionamento e ordem desses espaços (BOURDIEU; WACQUANT, 2005; THOMSON, 2018).

Particularmente à moradia, Bourdieu a analisou como um subcampo do mercado habitacional em *As estruturas sociais da economia* (2006). De acordo com o autor:

revelou-se, de fato, que *o mercado das casas próprias* (como, provavelmente, em graus diferentes, todo mercado) é o *produto de uma dupla construção social*, para a qual o Estado contribui de maneira decisiva: a *construção da demanda*, através da produção das disposições individuais e, mais precisamente, dos *sistemas de preferências individuais* – em matéria de propriedade ou de locação, notadamente – e, também, através da atribuição dos recursos necessários, isto é, das ajudas do Estado à construção ou à habitação definidas pelas leis e regulamentações, das quais se pode também descrever a gênese; e a *construção da oferta*, através da política do Estado (ou dos bancos), em termos de crédito aos construtores, o qual contribui, com a natureza dos meios de produção utilizados, para definir as condições de acesso ao mercado e, mais precisamente, a posição na estrutura do campo, extremamente espalhado, dos construtores de casas e, portanto, as pressões estruturais que pesam sobre as escolhas de cada um deles, em matéria de produção e de publicidade (BOURDIEU, 2005 [1997], p. 17, grifos meus).

---

<sup>32</sup> *Doxa*, na teoria bourdieusiana, remete à noção de “fé” nas normas e regras de funcionamento de um determinado campo. Ela funciona de modo a naturalizar as hierarquias e distinções presentes, tanto interna quanto externamente aos campos (que, muitas vezes, estão relacionados direta ou indiretamente). “A doxa é aquilo sobre o que todos os agentes estão de acordo” (THIRY-CHERQUES, 2006, p. 37).

Fica evidente, portanto, que se o ato de consumir funciona como indicador de gostos e estilo de vida (como foi amplamente discutido no capítulo anterior), o consumo da moradia não se limita a tais aspectos, incorporando além disso, as disputas envoltas no mercado da habitação – entre Estado, construtoras, agentes imobiliários etc. Sendo a moradia um direito, inclusive resguardado pela Constituição Federal de 1988 do Brasil, é importante frisar que a habitação pode assumir uma função que ultrapassa a questão da necessidade básica.

Estudos nacionais como os de Araújo (2006), Maciel (2018), Pulici (2010), Lima (2008), dentre outros, analisaram sob diferentes aspectos a moradia da classe média e da classe alta brasileira. No caso de Araújo (2006) e Maciel (2018), ambas analisaram as moradias de uma classe média recém ascendida socialmente, ou seja, dos chamados “novos ricos” em Recife e em sua região metropolitana. Um ponto convergente na argumentação das autoras é a crítica a Bourdieu no sentido do gosto ser tomado como mero resultado da incorporação do habitus, enquanto estrutura estruturante e estruturada.

De acordo com Araújo (2006) e Maciel (2018), as escolhas em termos de decoração e moradia (tanto o tipo quanto a localização) desses indivíduos emergentes se diferenciam quanto às classes médias e elite tradicional recifense. Isso porque os primeiros tendem a utilizar serviços como os de designers e arquitetos, bem como consomem bens e artefatos que procuram reforçar o status social – ainda que julguem o consumo de determinados itens como “supérfluos” e “ostentatórios” (como obras de arte, antiquários etc.). Simultaneamente, a elite e a classe média tradicional reiteram o gosto dominante a partir do consumo desses mesmos bens, e tendem a utilizar menos os serviços de designers ou arquitetos, sob a justificativa de estes, supostamente, remeterem a uma falta de capital cultural (o “dom” para a decoração).

Esse mesmo posicionamento foi encontrado por Pulici (2010) na elite tradicional paulista. Enquanto esta quase não utilizava a contratação de serviços de ambientação, sob a justificativa de que os profissionais, como arquitetos e designers, não detinham o “bom gosto” para planejar e decorar, respectivamente, o ambiente da casa (tanto em termos do projeto quanto da ornamentação do espaço), a nova elite paulista utilizava em abundância esses tipos de serviços.

Se a elite quatrocentona residia nos chamados bairros Jardins (Jardim América, Jardim Europa, Jardim Paulistano e Jardim Paulista), os indivíduos emergentes residiam, em sua maioria, do Alphaville. Em termos de localização geográfica, importa ressaltar que os bairros Jardins estão próximos à região central da capital, ao passo que o Alphaville é um condomínio

de luxo, localizado na Região Metropolitana de São Paulo. Essa diferença espacial se revela, também, em diferenças em matéria de gosto e de consumo – a elite quatrocentona valoriza o consumo de obras de arte, bem como a ida em peças e mostras teatrais, a posse de artefatos antiquários, e os “novos ricos” tendem a ter práticas de consumo, assim como um gosto, distinto desse “gosto tradicional”.

Parte da explicação dessas diferenças no gosto pode ser explicada por meio da localização da moradia. Segundo Bourdieu,

além de constituir uma das manifestações de sua posição no espaço social, a distribuição de uma classe ou de uma fração de classe no espaço geográfico socialmente hierarquizado – e, em particular, sua distância em relação aos "centros" econômicos e sociais – é sempre, praticamente, uma manifestação de suas hierarquias internas (BOURDIEU, 2011, p. 518).

Assim, essas localizações da moradia dos grupos abastados paulistas acabam por refletir as diferenças em termos de estrutura e evolução do nível de capitais ao longo do tempo (PULICI, 2010, p. 32). Extrapolando o âmbito da moradia, o gosto da elite quatrocentona apareceu no trabalho de Pulici (2010) como o *gosto dominante*, uma vez que os indivíduos detinham certa herança de capital cultural que os distinguiam da nova elite com mais capital econômico. Esta última tendia a consumir serviços, tais como aulas de normas de etiqueta, na tentativa de se aproximar do padrão de vida e do gosto dominante – ainda que rejeitassem determinadas práticas, tais como a posse de obras de arte, por considerarem um gasto injustificável (PULICI, 2010).

Achados semelhantes foram encontrados por Lima (2008) entre os chamados *emergentes* da Barra da Tijuca, no Rio de Janeiro. Contrariamente à elite tradicional carioca, os emergentes foram identificados como indivíduos que ascenderam socialmente e passaram a deter um montante considerável de capital econômico, e certo nível de capital cultural. O consumo dos emergentes era considerado, pelos membros da elite tradicional carioca, como ostentatório e extravagante, já que havia certa necessidade de reafirmação do status social<sup>33</sup>.

Inspirando-se principalmente em Douglas e Isherwood (2013), Lima (2008) analisou a importância do padrão de consumo dos emergentes, bem como o estilo de vida destes (constituído por inúmeras festas e celebrações, no qual a mídia se fazia presente e exercia papel fundamental na disseminação da imagem do *ethos* emergente) para a conformação da identidade desse grupo. A autora identificou ainda a forte presença do discurso meritocrático

---

<sup>33</sup> O grupo identificado como emergentes teve origem a partir da década de 1990, após a crise econômica mencionada anteriormente e discutida nos estudos de O'Dougherty (1998), Owensby (1999) etc.

entre os emergentes, e este era acionado tanto para fundamentar a trajetória de ascensão social dos indivíduos, vista por eles como de sucesso, quanto para justificar o estilo de vida e o alto padrão de consumo.

Outro aspecto que diferenciava os emergentes da elite tradicional carioca era o local de moradia. Enquanto esta última concentrava-se nos bairros centrais e na zona sul<sup>34</sup>, principalmente nos bairros litorâneos, os emergentes tendiam a residir na Barra da Tijuca, na zona oeste, e nos bairros vizinhos. Enquanto, historicamente, os bairros da zona sul carioca receberam infraestrutura e planejamento por parte do poder público e privado, desde o final do século XIX até meados do século XX, a Barra e os demais bairros da região oeste tiveram uma intensificação de sua ocupação na década de 1970 com o pretexto de se tornarem “a nova Zona Sul do Rio de Janeiro”.

Uma vez que Copacabana passava por um processo de “decadência” após a crise de 1930, o mercado imobiliário passou a incentivar a ocupação dos novos indivíduos da classe média, em bairros associados ao modernismo e com projetos arquitetônicos que se diferenciavam das edificações tradicionais do período em que a cidade era capital do país. A Barra da Tijuca e outros bairros litorâneos passaram, então, a ser o alvo desse novo mercado e público.

O que esses estudos apresentados têm em comum, apesar de não se resumirem a tal aspecto, é a discussão sobre a moradia enquanto fator de agregação e reafirmação de status social. Além disso, a moradia apareceu, nos últimos anos, como um bem de maior seguridade social (COLLET, 2015) e que permite não só a materialização estética do gosto (GUEDEZ, 2004), mas também as oportunidades de ascensão social e manutenção do status dominante (PINÇON; PINÇONCHARLOT, 2007; BOLTANSKI; ESQUERRE, 2017).

Inspirando-se em tais premissas, assim como nos estudos bourdieusianos, Pulici (2022) investigou as edições da revista *Casa e Jardim*<sup>35</sup> no período de 2000 a 2015, ressaltando o conteúdo valorizado em matéria de gosto nos anúncios de arquitetura e design.

---

<sup>34</sup> A zona sul carioca é constituída pelos bairros: São Conrado, Leblon, Jardim Botânico, Lagoa, Gávea, Ipanema, Copacabana, Leme, Botafogo, Humaitá, Urca, Flamengo, Catete, Laranjeiras, Cosme Velho e Glória.

<sup>35</sup> Dentre as várias revistas nacionais sobre arquitetura e design de interiores, *Casa e Jardim* é a mais vendida no país. Seu lançamento, na década de 1950, ocorreu em meio à valorização do modernismo (PULICI, 2022).

Além disso, a autora utilizou de “guias do bem-morar” publicados nesse mesmo período, bem como da visita nas mostras da CASACOR<sup>36</sup>, para complementar a análise. De maneira geral,

(...) longe de se limitar a valorizar a história do morador e os ambientes domésticos “mais despojados”, os princípios de hierarquização subjacentes às “boas maneiras de morar” inventariadas sugerem que, se no passado o principal papel da casa era simbolizar as propriedades sociais de seus proprietários (Carvalho, 1996: 177), também nos dias de hoje não se deixa de “jogar com as formas arquitetônicas classificatórias para zelar por sua posição sociorresidencial” (Collet, 2015, p. 168), não obstante toda a pregação contrária à ostentação dos sinais mais óbvios da opulência doméstica (PULICI, 2022, p. 17).

O estudo de Pulici (2022) reforçou a relevância da moradia para se pensar não só o status social de seus proprietários, mas também de que forma o gosto destes tendem a se materializar através da decoração e do design do lar. Tomando como referência a metodologia desse trabalho, assim como as discussões levantadas ao longo deste capítulo, apresentar-se-á a seguir alguns anúncios de imóveis comercializados em dois bairros belo-horizontinos de classe média: o Anchieta e o Sagrada Família.

A partir de entrevistas semiestruturadas com empreendedores e agentes imobiliários, bem como do acesso aos sites das construtoras atuantes nos bairros, foi feito um levantamento dos anúncios de imóveis comercializados atualmente. As imagens, *flyers*, plantas e portfólios coletados permitiram conhecer como os empreendedores visaram atingir seu público-alvo, tendo em vista a promoção e venda de estilos de vida associados, por eles, às frações da classe média e a disposição, em matéria de gosto, dos moradores desses bairros. Serão apresentados exemplos de imóveis do tipo apartamento para cada bairro, utilizando a nomenclatura dos anúncios.

O Quadro 2 a seguir traz o levantamento dos novos imóveis comercializados no Anchieta e no Sagrada Família. Enquanto no Anchieta houve facilidade em encontrar novos empreendimentos sendo construídos, no Sagrada Família poucos foram identificados. Para fins meramente ilustrativos, serão destrinchados adiante apenas alguns dos anúncios, objetivando analisar as imagens e categorias atreladas aos bairros e a região da cidade a qual fazem parte.

---

<sup>36</sup> CASACOR é “a maior e mais completa mostra de arquitetura, design de interiores e paisagismo das Américas (...)” <<https://casacor.abril.com.br/sobre/>> e está presente em vários países da América Latina.

**Quadro 2 - Novos empreendimentos imobiliários no Anchieta e no Sagrada Família**

<b>Edifício</b>	<b>Bairro</b>	<b>Construtora</b>	<b>Categorias</b>	<b>Metragem</b>	<b>Nº quartos</b>	<b>Nº banheiros</b>	<b>Vagas de garagem</b>
<i><b>Atmosfera</b></i>	Anchieta	Valenzuela	Modernidade; Lazer completo;	A partir de 87m <sup>2</sup>	2	2	2
<i><b>Bergamo Residence</b></i>	Anchieta	Capanema	Alto luxo; Bem-estar; Estilo de vida; Lazer completo	A partir de 140m <sup>2</sup>	4	3	3 a 4
<i><b>Portofino Residence</b></i>	Anchieta	Capanema	Tranquilidade; Aconchego; Charme; Bem-estar; Lazer completo	A partir de 168m <sup>2</sup>	4	3	3 a 4
<i><b>Mont'Dor</b></i>	Anchieta	Monterre	Lazer completo; Alto luxo; Alto padrão	A partir de 158m <sup>2</sup>	4	3	3 a 4
<i><b>Vêneto Residence</b></i>	Anchieta	Capanema	Descanso; Bem-estar; Tranquilidade; Comodidade	A partir de 85m <sup>2</sup>	3	2	2 a 3
<i><b>Casa Passarim</b></i>	Anchieta	Tergos Construtora	Aconchego; Lugar seguro; Charmoso e moderno;	A partir de 97m <sup>2</sup>	3	3	2 a 3
<i><b>Canto do Sabiá</b></i>	Anchieta	Tergos Construtora	Conforto; Segurança; Personalidade; Viver-bem	A partir de 97m <sup>2</sup>	4	3	2
<i><b>Hilda Vilaça</b></i>	Sagrada Família	MCastro Incorporadora	Conforto; Privacidade; Bem-estar; Alto padrão	A partir de 69,88m <sup>2</sup>	3	2	2
<i><b>Mont'Alto Residencial</b></i>	Sagrada Família	Becker	Lazer completo; Otimizar o dia a dia; Praticidade	A partir de 68m <sup>2</sup>	3	2	2 a 3
<i><b>Palazzo Barberini</b></i>	Sagrada Família	Metrópolis	Infraestrutura; Segurança; Conforto; Tranquilidade	A partir de 55m <sup>2</sup>	2	1	2

<b><i>Vida Campestre</i></b>	Sagrada Família	Becker	Qualidade de vida; Praticidade; Bem-estar	A partir de 80m <sup>2</sup>	3	2	2 a 3
----------------------------------	--------------------	--------	--	---------------------------------	---	---	-------

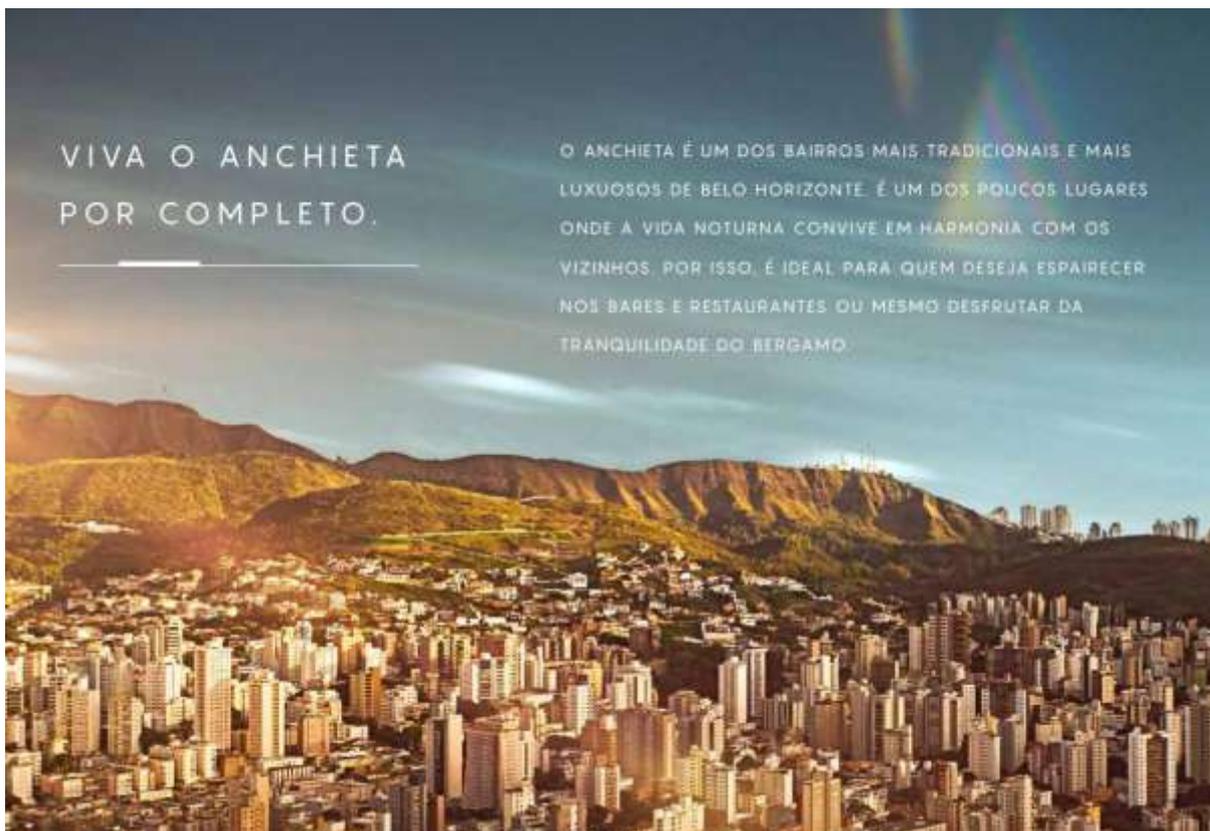
Fonte: Elaboração da autora.

No Anchieta, o primeiro edifício selecionado foi o Bergamo Residence, localizado na rua Joaquim Linhares, nº 30, que vem sendo construído pela Capanema Empreendimentos – que atua, principalmente, em bairros da região Centro-Sul. Ao investigar a história da construtora, ela se define da seguinte forma:

Em 2004, surgimos com o objetivo de ser uma construtora diferente, que, além de construir empreendimentos de alto padrão, se preocupa com os clientes em todos os momentos: antes, durante e após a venda. Assim, o nosso maior projeto é manter uma relação próxima aos nossos clientes, entendendo seus objetivos, desejos e anseios. Afinal, para ser diferente, é preciso entregar mais do que apenas um empreendimento. É preciso ir além, superar expectativas e realizar sonhos (CAPANEMA EMPREENDIMENTOS, 2021a).

O edifício contará com apartamentos a partir de 140m<sup>2</sup>, com 4 quartos (sendo 2 suítes e 2 semissuítes) e de 3 a 4 vagas de garagem. No portfólio disponibilizado no site da construtora, é possível analisar o estilo de vida associado ao bairro, como exibido na Figura 4 a seguir. De maneira geral, as categorias atribuídas ao Anchieta são: bairro tradicional e tranquilo, ao mesmo tempo em que apresenta vida noturna agitada e grande oferta de estabelecimentos comerciais. Ressalta-se também a caracterização do bairro como luxuoso.

**Figura 4 - Anúncio do Bergamo Residence, no Anchieta (2021)**



Fonte: Capanema Empreendimentos (2021a).

A construtora ainda oferece o chamado “lazer completo”, no qual os apartamentos e as áreas comuns do edifício contam com espaços variados. Além da piscina aquecida, também são oferecidos uma quadra de *beach tennis*, espaço gourmet, salão de festas, sauna, sala de massagem, espaço coworking, playground, espaço kids e espaço fitness. Já em cada apartamento, há também área com churrasqueira. Como mostrado na Figura 5, todas essas modalidades de lazer são combinadas com uma estilização vendida como sendo de “alto luxo”.

**Figura 5 - Opções de lazer privado e coletivo no Bergamo Residence (2021)**



Fonte: Capanema Empreendimentos (2021a).

Outro empreendimento da construtora Capanema é o Vêneto Residence, de apartamentos a partir de 85m<sup>2</sup>, com 3 quartos e 1 suíte, e 2 a 3 vagas de garagem. O edifício foi construído na rua Laranjal, nº 179 – localizado na divisa do Anchieta com o Carmo e o Sion, sendo este último o bairro vizinho mais verticalizado e elitizado. Todos os apartamentos já foram vendidos e entregues. Assim como o Bergamo, o Vêneto oferece uma infraestrutura associada a um estilo de vida pautado em bem-estar e luxo, como pode ser observado no anúncio abaixo.

**Figura 6 - Infraestrutura do edifício Vêneto Residence, no Anchieta (2021)**



Fonte: Capanema Empreendimentos (2021c).

O aspecto da localização espacial, não só o edifício em si, mas do próprio bairro, também foi evocado ressaltando a proximidade a determinados tipos de comércio e serviços – como shopping, farmácias, escolas, academias e supermercados. Citando o anúncio, “o Anchieta é perfeito para quem procura uma vida com mais qualidade. Repleto de lojas, restaurantes e serviços, o bairro tem tudo para o seu dia a dia. *Uma região tranquila e, mesmo assim, perto de tudo*” (CAPANEMA EMPREENDIMENTOS, 2021c, grifos meus).

Aqui é interessante destacar que no anúncio não foi apresentada a presença da rede de supermercado EPA, apenas a do Super Nosso. Isso é relevante para se pensar a estratégia imobiliária de atrair um determinado perfil de consumidor, uma vez que o Super Nosso apresenta maior variedade de produtos e até mesmo algumas sessões tidas como “gourmetizadas”, ao passo que o EPA é uma rede de supermercados mais popular. Assim, não só o local de moradia importa e influencia na definição e conformação das classes e suas frações, mas *onde e como* elas consomem determinados bens e serviços também importam (BOURDIEU, 2011; 1986).

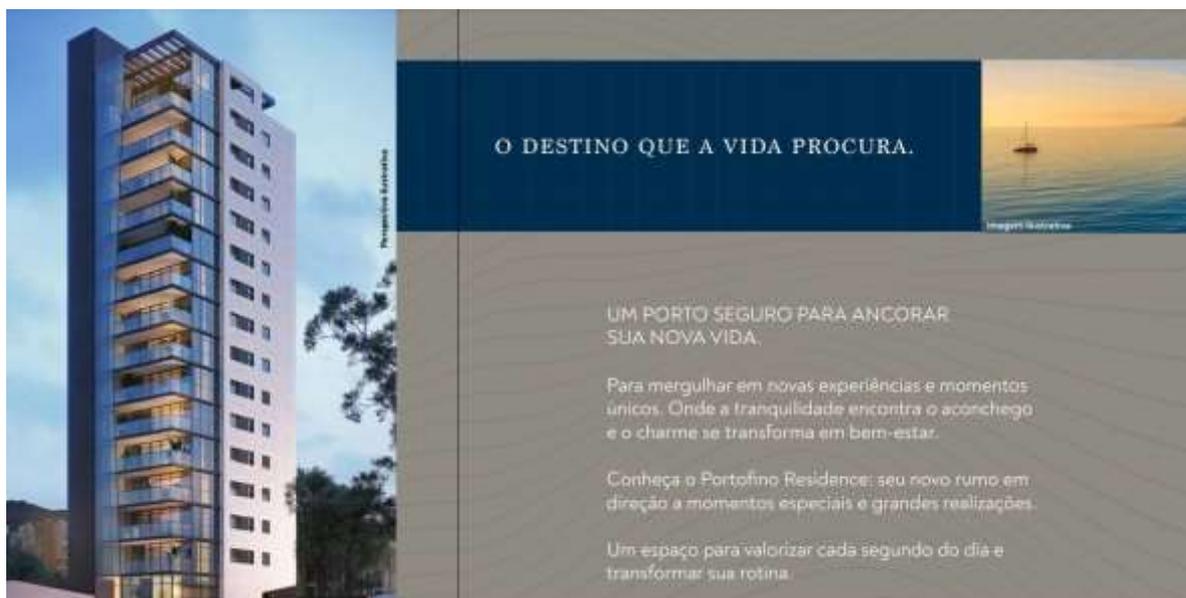
**Figura 7 - Proximidade do Vêneto Residence a diferentes tipos de comércio e serviços**



Fonte: Capanema Empreendimentos (2021c).

Mais uma vez a tranquilidade foi acionada como uma característica conformadora do Anchieta, e que embora este esteja “perto de tudo” (inclusive do centro da cidade e de sua grande movimentação), isso não interfere no estilo de vida pacato do bairro. No terceiro anúncio, também da Capanema Empreendimentos, o Portofino Residence está em vias de construção e com entrega prevista para novembro de 2023, sendo que restam apenas poucas unidades à venda – a obra localiza-se na rua Itapema, nº 185, sendo esta uma rua na parte central do bairro. O projeto conta com apartamentos a partir de 168m<sup>2</sup>, de 4 quartos (sendo 2 suítes e 2 semissuítes), com 3 a 4 vagas de garagem.

**Figura 8 - Portofino Residence**



Fonte: Capanema Empreendimentos (2021b).

Esse empreendimento é o maior, entre os três, da construtora Capanema. A ideia de “porto seguro” vendida pode estar atrelada à tranquilidade e tradicionalidade acionadas nos anúncios dos outros edifícios da construtora. No caso do Portofino Residence em específico, nota-se a vinculação de um estilo de vida atrelado a uma moradia que supostamente entrega para o consumidor tudo aquilo que é considerado necessário para o bem-estar (lazer completo, com espaço kids e playground; espaço gourmet; espaço grill/churrasqueira; academia; energia solar; sauna com ducha etc.) – passando uma imagem de “autossuficiência” da moradia.

A partir da infraestrutura desse empreendimento, exibida na Figura 9, fica evidente qual o público-alvo a que se destina esse tipo de moradia. Uma vez que o edifício contará com apartamentos grandes, compostos por espaços variados, e terá presença de guarita blindada, assim como tomadas para carros elétricos, os indivíduos se enquadram no perfil do estrato alto da classe média. Isso porque o valor desses imóveis ultrapassa R\$2.000.000 e há, evidentemente, uma preocupação com a segurança.

**Figura 9 - Infraestrutura Pontofino Residence**



Fonte: Capanema Empreendimentos (2021b).

Por meio desses anúncios, algumas pontuações podem ser feitas. Os novos empreendimentos imobiliários no Anchieta visam um público de classe média alta, sob a atratividade de um estilo de vida relacionado à tradicionalidade e tranquilidade do bairro, combinadas à modernidade e a ideia de “luxo” ofertados pela construtora Capanema. Não só os projetos e plantas dos imóveis se destacam, já que tendem a ter serviços diferenciados (áreas comuns muito equipadas, infraestrutura com alta tecnologia etc.), mas também a

própria produção publicitária, uma vez que essa mobiliza sentimentos e sensações diversas para promoverem um certo *morar*.

Investigada em pesquisa prévia, a construção desses imóveis de alto padrão tem conformado a chamada *gentrificação por nova construção* (ASSIS, 2020). Esse processo caracteriza-se pela substituição da população vigente do bairro por uma nova que detém maior status social – isso é acompanhado, entre outras coisas, pelo aumento no custo de vida local. No Anchieta, então, tem ocorrido um processo de elitização causado, entre outras coisas, pela oferta imobiliária – o valor desses imóveis da Capanema Empreendimentos varia entre R\$1.000.000 a R\$4.000.000, sendo este último o preço da cobertura do Edifício Portofino. Com isso, é possível inferir que os novos moradores do bairro possuem, ao menos, maior poder aquisitivo em relação aos então residentes.

Já no Sagrada Família, o cenário tem algumas diferenças. O primeiro anúncio selecionado foi da MCastro Construtora, que se apresenta da seguinte forma:

A MCastro Construtora vem consolidando sua marca no mercado imobiliário mineiro com inovação, qualidade de gestão, atendimento personalizado, pontualidade e respeito aos seus clientes e colaboradores.

*Os projetos são concebidos com o conceito de fachadas modernas e prédios inteligentes, que reduzem despesas desnecessárias e criam comodidade para o usuário. Tudo isso em localizações estratégicas, próximo de toda a infraestrutura que irá atender nossos clientes.*

*A localização de qualquer empreendimento é o primeiro passo para que se alcance o sucesso. A MCastro Construtora seleciona, através de seus diretores, sempre os melhores pontos da região onde pretende construir. São ruas com toda a infraestrutura, arborizadas, próximas a colégios, padarias, supermercados e todo o comércio que futuramente irá atender nossos clientes (...) (MCASTRO CONSTRUTORA, 2023, grifos meus)<sup>37</sup>.*

O empreendimento da construtora é o Hilda Vilaça Residencial, que está sendo construído na rua Santa Bárbara, nº 566, cujos apartamentos variam entre 69,88m<sup>2</sup> a 140,89m<sup>2</sup> e contam com 3 quartos com suíte e 2 vagas de garagem. Como evidenciado na descrição da construtora, bem como na Figura 10 a seguir, um dos aspectos mais valorizados nesse empreendimento é a localização e sua proximidade aos diversos bens e serviços – seja do bairro ou do restante da cidade –, e a imagem do bairro como sendo “tradicional”.

---

<sup>37</sup> Disponível em: <<https://mcastroconstrutora.com.br/a-empresa/>> acesso em mar. 2023.

**Figura 10 - Localização do Hilda Vilaça Residencial**



Fonte: MCastro Construtora (2023).

Assim como os anúncios imobiliários do Anchieta, a MCastro Construtora utilizou localização como categoria vantajosa do empreendimento, dada a sua proximidade a diferentes tipos de comércio, bem como bens e serviços de outros bairros da cidade (como os vizinhos do Sagrada Família – o Santa Tereza e o Floresta). Contudo, diferentemente dos anúncios no Anchieta, a presença da rede de supermercado EPA foi apontada pela construtora como uma vantagem do imóvel. Isso ressalta, entre outras coisas, que o consumo dos moradores desses bairros se diferem tanto com relação ao local de consumo, quanto aos produtos consumidos – uma vez que no EPA não há a mesma variedade de oferta que no Super Nosso. Já em relação à infraestrutura, foram ressaltados os seguintes aspectos:

**Figura 11 - Infraestrutura Hilda Vilaça Residencial**



Fonte: MCastro Construtora (2023).

Quanto ao valor dos imóveis, segundo uma corretora contactada, os apartamentos custam a partir de R\$432.480,00, enquanto a área privativa está em torno de R\$675.339,84 e as coberturas a partir de R\$755.498,88. Na propaganda de pré-venda dos imóveis desse edifício, a construtora utilizou a categoria “tradicional” para atrair compradores, bem como a ideia de “familiar” – assim como ocorre nas propagandas do Anchieta. Também chamou atenção a imagem de praticidade atrelada à localização do empreendimento e à infraestrutura que este oferta.

Um outro anúncio no bairro é o Vida Campestre Residencial, da Construtora Becker Cabaleiro. Localizado na rua Campestre, nº 40, o empreendimento conta com apartamentos de 80m<sup>2</sup> com 3 quartos, sendo 2 semissuítes e 1 suíte, e 2 a 3 vagas de garagem. Também foram ressaltados os aspectos da localização, bem como da oferta de infraestrutura com lazer completo e diferentes espaços compartilhados – como pode ser visto na imagem a seguir.

Vale ressaltar que esse edifício já foi finalizado e boa parte das unidades foram comercializadas. O valor médio dos apartamentos girou em torno de R\$600.000 a R\$700.000 – preço semelhante à margem do Hilda Vilaça Residencial, da MCastro Construtora.

**Figura 12 - Anúncio Vida Campestre Residencial**



Fonte: Construtora Becker Cabaleiro (2023).

Também foi selecionado o edifício Residencial Palazzo Barberini, da Construtora Metropolis, que está sendo construído na rua São Roque, nº 455. A construtora se apresenta da seguinte forma:

A Construtora Metropolis tem em seu quadro de administradores, uma vasta experiência no mercado da construção civil, com excelência na execução de edifícios de médio e alto luxo. Seus administradores têm mais de 9 anos de experiência dentro da Construção de Edifícios.

Para tal sucesso adotamos uma política de transparência, pontualidade, qualidade no serviço prestado e total respeito com nossos investidores (CONSTRUTORA METROPOLIS, 2021).

O edifício conta com apartamentos de 55m<sup>2</sup>, com 2 quartos, suíte e closet. Há também a opção por área privativa e cobertura duplex. Os apartamentos contam com 2 vagas de garagem e elevador. A Figura 13 exhibe a fachada do prédio.

**Figura 13 - Fachada do edifício Residencial Palazzo Barberini**



Fonte: Construtora Metrópolis (2021).

O prédio possui, ainda, o chamado “conceito sustentável”, no qual há dual flush nos banheiros, aquecimento solar nas pias e chuveiros dos banheiros, previsão de pontos para implantação de portaria virtual e iluminação em led nas áreas comuns. Ademais, há uma preocupação com a segurança dos residentes, já que segundo o anúncio:

O Residencial Palazzo Barberini oferece uma completa infraestrutura de condomínio fechado. Você pode optar por apartamentos com área privativa, ou com cobertura duplex. Tudo para o seu conforto. Com a tranquilidade e a segurança que sua família merece (CONSTRUTORA METRÓPOLIS, 2021).

Apresentados tais anúncios, algumas comparações podem ser feitas. No que se ao Anchieta, é visível o maior investimento publicitário em vender, mais do que o produto (o imóvel), um estilo de vida – isso fica evidente na propaganda do Bergamo Residence, da Capanema Empreendimentos, cujo slogan “*viva momentos especiais em alto luxo*”, dá a entender que mais do que viver determinados momentos, privilegia-se onde estes são vividos.

No Sagrada Família, ainda que os imóveis sejam apresentados como de alto padrão, nota-se uma discrepância em comparação aos empreendimentos do Anchieta. Em entrevistas

com corretores imobiliários e com um funcionário da prefeitura, responsável por manejar os dados do IPTU, verificou-se que a depender da região da cidade, os padrões de acabamento se distinguem com base não só no material construtivo utilizado, mas também conforme o tamanho do empreendimento.

Outra diferença é que os anúncios analisados no Sagrada Família privilegiaram mais a questão da segurança, e os equipamentos de proteção presentes nas construções, ao invés de um estilo de vida associado ao bairro – embora os edifícios possuam espaços gourmet, de lazer, salão de festas etc. e evoquem a “tradicionalidade” e “familiaridade” do bairro. Com base no que se observou das análises publicitárias, tais categorias são acionadas para reforçar a característica de “bairro seguro” que o Sagrada Família possui.

As categorias “tradicional” e “familiar” também foram utilizadas para caracterizar o Anchieta. Contudo, no caso dos imóveis desse bairro, estas foram evocadas para complementar o estilo de vida comercializado nos anúncios – no qual os moradores estariam residindo num bairro tradicional e familiar, na região Centro-Sul, não só por ser habitado, em sua maioria, por famílias, mas por conservar relações de vizinhança próximas.

Uma forma de melhor analisar as diferenças dos imóveis nos dois bairros, é comparar as plantas dos apartamentos comercializados – serão comparados apartamentos de apenas um empreendimento em cada bairro, somente à guisa de ilustração. No Bergamo Residence, no Anchieta, os apartamentos de 4 quartos possuirão 2 suítes e 2 semissuítes, e os de 3 quartos apresentarão 3 suítes. Ambos os tipos de apartamento serão de 140m<sup>2</sup> – e vale destacar que a Capanema Empreendimentos permite que o cliente personalize a planta dos apartamentos de 3 quartos.

**Figura 14 - Plantas dos apartamentos do Bergamo Residence**



Fonte: Capanema Empreendimentos (2023). Modificado pela autora.

Todas as unidades do edifício apresentam: opção de cozinha americana ou tradicional; sala com piso travertino romano; infraestrutura para ar-condicionado nos quartos e sala; varanda gourmet; espaço para adega; lavabo; área de serviço com banheiro; suítes e

semissuítas, e rouparia. Importante destacar que o piso travertino romano é um material de alto custo, sendo uma pedra de origem italiana.

No Hilda Vilaça Residencial, no Sagrada Família, todos os apartamentos terão 3 quartos, com suíte, elevador e duas vagas de garagem. Com relação ao tamanho, os apartamentos terão entre 69,88m<sup>2</sup> e 72,08m<sup>2</sup>.

**Figura 15 - Plantas dos apartamentos do Hilda Vilaça Residencial**



Fonte: MCastro Construtora (2023). Modificado pela autora.

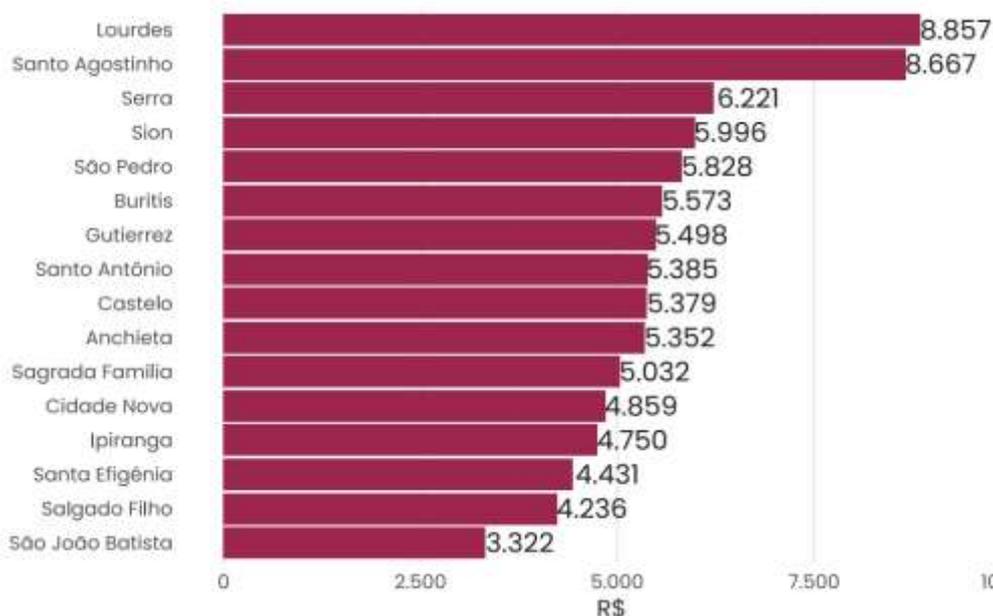
De maneira geral, não só os apartamentos são menores em relação aos do Anchieta, como também as plantas não possuem grandes diferenças. Quanto ao material utilizado, tanto

a fachada quanto os pisos dos apartamentos são de porcelanato – um tipo de cerâmica que vem sendo bastante utilizado recentemente.

A diferença na metragem dos apartamentos está relacionada a alguns fatores, tais como: (i) o preço médio do m<sup>2</sup> em cada região da cidade, e (ii) o estoque de terrenos disponíveis para construção em cada bairro. Segundo dados do Relatório de Compras e Vendas no 3º trimestre de 2023 em Belo Horizonte, elaborado pela imobiliária digital QuintoAndar, de maneira geral o mercado teve alta nos preços contratados e nos preços anunciados. A variação no preço/m<sup>2</sup> dos imóveis contratados foi de 0,51% em comparação ao 2º trimestre desse ano. De maneira geral, o mercado segue estável quando comparado ao mesmo trimestre do ano passado (com queda de apenas -1,17%) (QUINTOANDAR, 2023a).

Quanto ao valor do m<sup>2</sup>, a Figura 17 exibe o ranking dos bairros mais caros da capital. Ressalta-se a forte presença dos bairros da região Centro-Sul no topo do ranking, sendo Lourdes o bairro mais caro no 3º trimestre de 2023 (R\$8.857 reais/m<sup>2</sup>). O Anchieta apareceu em 10º lugar, com o R\$5.352 reais/m<sup>2</sup>, seguido pelo Sagrada Família, com R\$5.032 reais/m<sup>2</sup>.

**Figura 16 - Ranking bairros mais caros em Belo Horizonte em reais/m<sup>2</sup><sup>38</sup>**

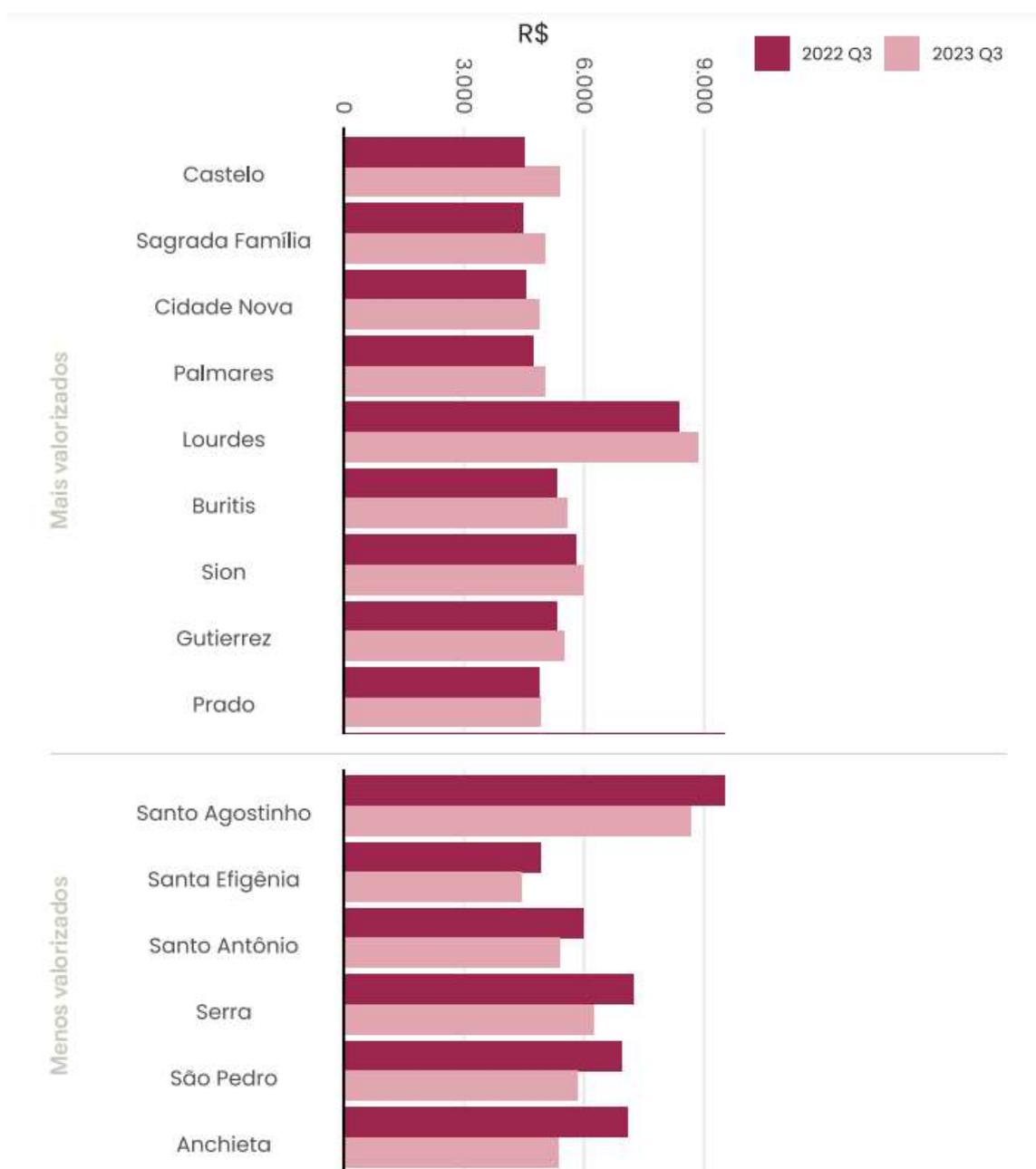


Fonte: QuintoAndar (2023a).

<sup>38</sup> Com relação a essa pesquisa do QuintoAndar, faz-se a ressalva de que sua utilização nessa tese tem a função de ilustrar a valorização de determinados bairros em relação a outros no contexto geral da cidade. Contudo, dada a ausência de grandes informações sobre a metodologia desenvolvida, importa pontuar que alguns fatores, como a “ausência de favela” é um ponto determinante na valorização do local de moradia; além disso, alguns bairros nobres (como Funcionários, Belvedere etc.) foram deixados de fora – talvez pela pesquisa só levar em conta os bairros em que a imobiliária tem apartamentos alugados.

Ao comparar o desempenho do 3º trimestre de 2023 com o mesmo período em 2022, a empresa elencou 15 bairros mais representativos da cidade, conforme exibido na Figura 18. Nestes, houve tanto valorização, quanto estagnação e desvalorização. No grupo dos valorizados, destaca-se a presença de bairros fora da regional Centro-Sul, como o Castelo (regional Pampulha) e, em especial, o Sagrada Família (regional Leste). Simultaneamente, no grupo dos desvalorizados, observa-se a preponderância de bairros considerados “nobres”, como Santo Agostinho (regional Centro-Sul), Santa Efigênia (regional Leste), Santo Antônio (regional Centro-Sul) dentre Outros – incluindo o Anchieta.

**Figura 17 - Ranking bairros valorizados e desvalorizados (3º trimestre 2022/2023)**



Fonte: QuintoAndar (2023a). Adaptado pela autora.

Com base nesses dados, notou-se que o mercado imobiliário belo-horizontino ao mesmo tempo que segue a tendência histórica de valorização dos bairros localizados na regional Centro-Sul, no qual há maior infraestrutura e oferta de bens e serviços, tem aumentado a atuação em outras regionais. Podendo indicar, portanto, quais áreas receberão futuramente mais investimentos e ofertas.

Apresentados tais dados, fica evidente como o mercado da moradia constitui-se mais como um mercado social do que meramente econômico. Diferentemente dos autores da teoria econômica, cuja visão utilitarista limitou as análises do mercado, Bourdieu (2005) considerou a economia como um campo, e sua análise contemplou as dimensões histórica, social e política do mercado. Segundo o autor, “[...] tudo o que a ortodoxia econômica considera como um puro dado, a oferta, a demanda, o mercado, é produto de uma construção social, é um tipo de artefato histórico, do qual somente a história pode dar conta” (BOURDIEU, 2005, p. 17). Dentre as críticas feitas por Bourdieu à teoria econômica clássica, uma das principais é o fato de esta tratar o indivíduo como um agente provido, quase que unicamente, de interesses utilitários (BOURDIEU, 2005).

Em primeiro lugar, Bourdieu reconheceu que embora o campo econômico tenha como particularidade em relação aos demais campos, a busca pela maximização do lucro individual, a pluralidade de campos possibilita a diversificação de interesses (com naturezas distintas) – não se limitando, portanto, somente ao lucro (BOURDIEU, 2005; RAUD, 2007). Em segundo lugar, as trocas realizadas entre os indivíduos não se reduzem somente a trocas econômicas, como já pontuava Durkheim (1999). Por fim, Bourdieu (2005) considerou que os atores econômicos dispõem de diferentes posições sociais com formas e quantidade de poder distintas, além de tanto sofrerem quanto exercerem dominação (RAUD, 2007).

Ao tratar do mercado da casa, Bourdieu (2006) destacou que sua produção é fruto de uma dupla construção social: a da procura e a da oferta. A procura é dada a partir da combinação entre as disposições econômicas individuais (construídas conforme o contexto social do indivíduo) e a atribuição dos recursos necessários. Já a oferta é resultado tanto dos produtos em matéria de habitação, por parte das empresas privadas e públicas, quanto dos incentivos financeiros diretos ou indiretos do Estado.

Bourdieu (2006), analisando o mercado imobiliário francês das décadas de 1960 e 1970, apontou que a casa (e sua posse) deixou de ser algo atrelado somente à família (enquanto herança), e passou a constituir a expressão da posição social dos indivíduos, bem

como de seus gostos. Mesmo porque, dada a maior facilidade na concessão de financiamentos, por parte do Estados, os indivíduos de diversas classes sociais se tornaram proprietários de sua habitação.

No cenário brasileiro, ainda que o direito à moradia esteja presente na Constituição Federal de 1988, o país apresenta acentuado déficit habitacional (ver Gonçalves, 1998; Vasconcelos; Cândido Jr., 1996). Portanto, a moradia pode funcionar nesse contexto como uma espécie de vantagem social – principalmente aquelas com acesso aos bens e serviços urbanos básicos (como água encanada, saneamento, coleta de lixo etc.) –, associada aos demais tipos e volumes de capitais dos indivíduos.

### 3. A CLASSE MÉDIA DA ZONA SUL BELO-HORIZONTINA: ESTILOS DE VIDA DOS MORADORES DO ANCHIETA

Nesse capítulo serão discutidos os estilos de vida associados ao Anchieta a partir da visão de seus moradores e de profissionais do setor imobiliário. O intuito é analisar como o bairro é percebido por seus residentes, considerando aspectos como infraestrutura, acesso a bens e serviços, lazer etc., e relacionando-os com o discurso mercadológico.

De maneira geral, ainda que o bairro seja representado no discurso publicitário-imobiliário e entre os moradores como tradicional e familiar, as relações estabelecidas pelos moradores com o local em que residem são diferentes e parecem variar segundo: seus capitais (econômico e cultural); a trajetória de vida; e a fase de vida em que se encontram. Assim, serão retomadas as discussões conceituais realizadas nos capítulos anteriores, considerando a teoria bourdieusiana e a oferta imobiliária belo-horizontina. Focar-se-á em aspectos como: trajetória de vida, fase de vida e estilo de vida associado à moradia, sendo informações coletadas a partir, principalmente, de entrevistas com moradores e profissionais do ramo imobiliário.

#### 3.1. *O Anchieta: caracterização sociodemográfica e imobiliária*

O Anchieta foi selecionado no universo de bairros da Zona Sul belo-horizontina devido a alguns fatores: (i) o bairro tem passado por um processo de renovação urbana, estudado previamente tanto na minha monografia (ASSIS, 2017) quanto na minha dissertação de mestrado (ASSIS, 2020) que se caracteriza como *gentrificação por nova construção*<sup>39</sup>, configurando uma intensa atividade imobiliária; (ii) a população é composta, em sua maioria, por pessoas da classe média (especificamente as frações média e alta da classe média); (iii) localiza-se próximo ao Centro, e (iv) dispõe de infraestrutura e serviços diversos.

Retomando brevemente os dados do Censo Demográfico de 2010 apresentados no primeiro capítulo, o Anchieta é um bairro cuja população era, majoritariamente, branca (86,09%), com renda elevada (42,77% recebiam mais de 10 salários-mínimos) e com uma parcela etária numa fase de vida mais consolidada (40,92% dos moradores tinham entre 50 e

---

<sup>39</sup> Em linhas gerais, esse processo se caracteriza pela construção de novos empreendimentos e atração de um público com status social e econômico superior aos então residentes (LEES *et al.*, 2008; CLARK, 2005). A particularidade do caso do Anchieta é que o bairro já é, majoritariamente, de classe média e tem passado por uma elitização uma vez que a nova população tende a ser do estrato alto dessa classe. Além disso, as novas construções se iniciaram através da demolição das casas remanescentes do bairro, e mais recentemente a partir da demolição dos prédios antigos de 3 andares.

69 anos) (IBGE, 2010). Quanto à localização, o bairro possui fácil acesso ao Centro e à Savassi (considerada outra centralidade importante em Belo Horizonte), e localiza-se próximo a algumas das principais avenidas (Afonso Pena, Nossa Senhora do Carmo etc.).

Tendo em vista a história da ocupação de Belo Horizonte, também mencionada em capítulos anteriores, a região Centro-Sul, onde se localiza o Anchieta, sempre foi alvo de maiores investimentos públicos, isso porque uma parte dessa região encontra-se no interior da Avenida do Contorno (que, como explicitado, foi a parte planejada da capital, com o objetivo de receber as frações da classe média e da classe alta advindas de Ouro Preto). Com o desenvolvimento da cidade, houve expansão da área de ocupação dessas classes, estendendo-se para a região Sul, em direção a Nova Lima – município da RMBH que abriga uma população de alta renda nos condomínios. A partir desse processo, a Zona Sul de Belo Horizonte passou a deter maior infraestrutura e oferta de serviços.

Assim, onde o Anchieta está localizado há grande oferta de bens e serviços, bem como maior infraestrutura urbana – o que tende a concentrar também os empreendimentos imobiliários. Segundo o Relatório de Compras e Vendas da imobiliária QuintoAndar, referentes ao terceiro trimestre de 2023, o Anchieta estava entre os 16 bairros mais caros da cidade<sup>40</sup>. O público-alvo dos imóveis ofertados é composto por parcelas do estrato alto da classe média, principalmente se o valor do m<sup>2</sup> (R\$5.352 reais/m<sup>2</sup>) for utilizado como *proxy* de renda (e esta, de classe)<sup>41</sup>.

Com base nessas características, procurou-se contactar tanto moradores (novos e antigos), quanto empresários e agentes do ramo imobiliário para compreender a questão da moradia e o estilo de vida associados ao bairro. Foram realizadas 31 entrevistas semiestruturadas; destas, 17 foram com moradores do Anchieta, 10 com moradores do Sagrada Família, 1 com um empresário do ramo imobiliário, 2 com corretores imobiliários e 1 com um funcionário da Prefeitura de Belo Horizonte (PBH), para fins de compreensão do

---

<sup>40</sup> No relatório, o ranking de bairros mais caros ficou disposto da seguinte forma: Lourdes, Santo Agostinho, Serra, Sion, São Pedro, Buritis, Gutierrez, Santo Antônio, Castelo, Anchieta, Sagrada Família, Cidade Nova, Ipiranga, Santa Efigênia, Salgado Filho e São João Batista (QUINTOANDAR, 2023a). Importa destacar que os bairros nas primeiras posições pertencem à Zona Sul, e que houve valorização de bairros de outras regionais, como a Pampulha (mais ao Norte da cidade) e a Leste. Ambas também têm presença das frações da classe média em sua população, sendo que na Pampulha observa-se uma concentração maior das frações altas e na região Leste a confluência das frações baixas e médias da classe média.

<sup>41</sup> Ainda que a renda não seja o único critério definidor das classes sociais, nesse caso ela serve como um apontamento para onde as frações da classe média tendem a investir e consumir em termos de moradia.

Cadastro do IPTU, utilizado nesta tese, entre outras coisas, para captar o perfil dos imóveis da cidade.

Concomitantemente às entrevistas, foram aplicados questionários visando uma complementação de informações mais objetivas (como escolaridade, ocupação, renda, idade, tipo de moradia, posse de bens etc.). O intuito foi identificar os distintos níveis de capitais econômico e cultural, bem como os níveis de satisfação em relação ao local de moradia. Os roteiros das entrevistas e os questionários encontram-se nos Apêndices A, B e C.

Usualmente não só as entrevistas, mas as aplicações de questionários, são realizados presencialmente. Contudo, tendo em vista que a coleta de dados teve início em setembro de 2021, no contexto da pandemia de Covid-19, as entrevistas e questionários foram feitos e aplicados online via Zoom e Google Forms. O período da coleta se estendeu até janeiro de 2023, e ainda que tenha sido superado o contexto pandêmico, todas as entrevistas foram feitas online. Mesmo reconhecendo as perdas em relação ao formato presencial, essa foi a maneira encontrada para contactar as diferentes frações da classe média, que são de difícil acesso e não demonstram muita disponibilidade para entrevistas.

Tendo em vista as pesquisas que realizei anteriormente no bairro (durante minha monografia e dissertação de mestrado), aproveitei os contatos que já havia feito com moradores, comerciantes e com o presidente da Associação dos Moradores do Bairro Anchieta (AMORAN) para pedir indicações de pessoas a serem entrevistadas. Após esse contato inicial, os novos contatos foram indicados pelos próprios entrevistados, de forma a configurar a técnica de amostragem por bola de neve<sup>42</sup>.

Ainda que não seja possível generalizar os dados obtidos para toda a população, dado o caráter não probabilístico da bola de neve, a vantagem desse tipo de amostragem para a presente pesquisa é a possibilidade de adentrar em grupos específicos, no caso, as frações médias e altas da classe média. Principalmente no que concerne às últimas, o difícil acesso aos indivíduos mais abastados impossibilita a realização de uma amostragem probabilística. Nesse sentido, a bola de neve funcionou como mecanismo não só de captação das diferentes

---

<sup>42</sup> Resumidamente, bola de neve é uma técnica de amostragem não probabilística, cujo corpo de entrevistados não é construído com base em cálculos estatísticos de aleatoriedade, mas ocorre por meio de indicações dos próprios indivíduos entrevistados. Embora os resultados não possam ser generalizados para toda uma população, a vantagem dessa técnica é permitir a análise de grupos sociais normalmente difíceis de serem alcançados.

frações da classe média, mas da percepção de como os entrevistados compreendem e classificam (a si e a outrem) em termos de classe<sup>43</sup>.

Uma das estratégias utilizadas para acessar indivíduos do estrato alto da classe média foi perguntar diretamente ao presidente da AMORAN se ele conhecia algum morador dos novos prédios do bairro (já que a partir do valor desses imóveis, admite-se que sejam pessoas de classe média-alta). Ademais, o grupo de WhatsApp dos moradores gerenciado pela AMORAN<sup>44</sup> também foi utilizado como estratégia de contato, sendo que consegui entrevistados principalmente das frações médias da classe média, como também acompanhar a movimentação dos membros a respeito de questões de interesse coletivo no bairro. Os principais temas abordados incluíram: segurança, alertas sobre problemas no bairro (falta de luz e/ou água, recapeamento, necessidade de podas de árvores etc.), indicações de prestadores de serviços, e eventualmente ocorrem interações no sentido comunitário (convite para confraternizações, doações etc.).

O quadro com as características dos entrevistados encontra-se no Apêndice D. De maneira geral, a distribuição foi a seguinte: 4 pessoas do estrato alto da classe média (sendo dois moradores antigos, residentes em apartamento e casa; e dois moradores novos, residentes em prédio novo e casa), e 13 pessoas do estrato médio da classe média, variando entre novos e antigos moradores. É interessante ressaltar que todos os entrevistados se autodeclararam pertencentes à classe média, variando apenas a percepção quanto ao estrato dessa classe. Nas análises que se seguem, leva-se em consideração não só a classificação dada pelos entrevistados, mas também a trajetória e a fase de vida desses, bem como os capitais herdados e adquiridos, para compor a definição do estrato de classe. O objetivo foi não limitar a classe (e suas frações) à posse apenas de capital econômico.

Os relatos dos entrevistados foram trabalhados no Iramuteq, um software de análise de dados qualitativos organizados em corpos textuais. De maneira geral, foi possível encontrar similaridades e especificidades nos discursos, utilizando-se medidas e cálculos com base nas linguagens de softwares estatísticos como R e Python para gerar gráficos e tabelas de frequências dos termos e das temáticas abordadas – para mais informações sobre o

---

<sup>43</sup> Isso porque os entrevistados foram perguntados a respeito de possíveis indicações de moradores com perfil e padrão de vida semelhante ou superior ao seus.

<sup>44</sup> É importante destacar que o grupo de moradores da AMORAN é composto, majoritariamente, por pessoas que residem no bairro há muitos anos. Ou seja, é um grupo no qual a interação predominante é entre antigos moradores. Também vale ressaltar que a associação não é muito ativa no sentido de promover mobilização dos moradores quanto às questões políticas e sociais do bairro.

funcionamento desse programa e sua possível aplicação em pesquisas qualitativas, ver Apêndice F. A seguir serão apresentadas as análises das entrevistas.

### *3.2. Morar na Zona Sul: os estilos de vida dos residentes do Anchieta*

Das 17 pessoas entrevistadas no Anchieta, 10 eram mulheres e 7 eram homens. A faixa etária variou de 27 a 93 anos. 11 entrevistados tinham filhos; 11 eram casados(as), amigados(as) ou juntados(as); 2 pessoas eram viúvas e 4 eram solteiras. Quanto à escolaridade, destaca-se que a maior parte (14) tinha algum tipo de pós-graduação, MBA, Mestrado ou Doutorado, e apenas 3 tinham somente ensino superior completo. Referente à renda, as maiores frequências (3 pessoas em cada) foram das faixas 2, 4 e 5 (R\$2.201 a R\$5.500 reais; R\$11.001 a R\$16.500 reais e R\$16.501 a R\$22.000, respectivamente), ao passo que nas faixas 3 (R\$5.501 a R\$11.000 reais) e 6 (mais de R\$22.000) tiveram 2 pessoas em cada<sup>45</sup>. Tais informações sobre rendimento foram obtidas através do questionário, cuja aplicação ocorreu sempre antes das entrevistas com intuito de obter uma prévia em relação ao capital econômico dos entrevistados.

Quanto ao tempo de moradia, 10 entrevistados residiam no bairro há mais de 10 anos, 5 moravam há pouco mais de 5 anos, e 2 pessoas residiam há aproximadamente 1 ano. O tempo de moradia é relevante porque evidencia que a maior parte das informações coletadas vieram de moradores antigos, que em sua maioria pertenciam ao estrato médio da classe média. A respeito da moradia, os moradores antigos entrevistados residiam, na maior parte, em prédios antigos, de poucos andares e localizados no interior do bairro. Já os novos moradores entrevistados, se distribuíram nos prédios novos (sendo pessoas do estrato alto da classe média) e antigos (a maioria sendo de classe média-média), embora também tenha ocorrido de residirem em casas.

Pensando na disposição dos entrevistados, não só a partir de frações de classe, mas de moradia, foi possível identificar as diferentes relações estabelecidas com o bairro e os estilos de vida que possuem. Retomando a teoria bourdieusiana sobre o mercado habitacional, tem-se que as “preferências variam segundo diferentes fatores: capital econômico, capital cultural, a estrutura do capital tomada no seu conjunto, a trajetória social, a idade, o estatuto matrimonial, o número de crianças, posição no ciclo de vida familiar etc.” (BOURDIEU,

---

<sup>45</sup> A categoria “rendimento familiar” teve como referência o salário-mínimo a partir de 2021 (que equivalia a R\$1.100 reais). No total foram estipuladas as seguintes faixas de renda: faixa 1 - 0 a R\$2.200 reais; faixa 2 - R\$2.201 a R\$5.500 reais; faixa 3 - R\$5.501 a R\$11.000 reais; faixa 4 - R\$11.001 a R\$16.500 reais; faixa 5 - R\$16.501 a R\$22.000 reais e faixa 6 - mais de R\$22.000 reais.

2006, p. 46). Portanto, a moradia dos indivíduos das classes dominantes tende a ser estilizada de forma a exibir o *habitus* e gosto dos proprietários, não se limitando à sua necessidade básica. Segundo o autor,

a aparente democratização do acesso à propriedade (...) dissimula diferenças consideráveis segundo a localização do alojamento (tendo a oposição entre o suburbano e o citadino substituído a oposição entre quem vive no campo e o citadino) e segundo mesmo as características deste alojamento (conforto, etc.) que quando se combinam, determinam desvios enormes nos *modos de vida* associados ao habitat ou impostos por ele (BOURDIEU, 2006, p. 63, grifos do autor).

Com isso, e tendo em vista a análise dos anúncios publicitários no capítulo anterior, pode ser observado que no Anchieta, as propagandas procuram vender não só o imóvel em si, mas um estilo de vida composto e influenciado pela moradia. Para pensar a dinâmica imobiliária e sua relação com o estilo de vida, é relevante considerar a existência de uma dialética do mercado, que basicamente consiste na simultaneidade da oferta de imóveis de alto padrão e/ou luxo devido e a procura desse tipo de moradia por parte das classes e frações mais abastadas.

O Anchieta é um bairro composto, majoritariamente, por prédios de poucos andares (normalmente 3) que datam da década de 1980 (período em que houve um *boom* imobiliário em Belo Horizonte) (BELO HORIZONTE, 1995), com poucas e pequenas vagas de garagem. Esses imóveis estão espalhados por todo o território do bairro, assim como os pequenos estabelecimentos comerciais remanescentes. Os novos prédios multifamiliares são torres de muitos andares, que possuem não só vagas de garagem, mas todos aqueles diferentes espaços exibidos na análise publicitária. Além de serem maiores em termos de m<sup>2</sup>, são prédios que inicialmente começaram a ser construídos no entorno do Anchieta com o Sion (bairro vizinho de classe média alta que já passou por intenso processo de verticalização). Acompanhando esses novos empreendimentos imobiliários, os novos estabelecimentos comerciais também se concentram na região limítrofe com o Sion, especialmente na Rua Francisco Deslandes.

Atualmente tem ocorrido uma interiorização dessas novas construções, na medida em que nas ruas menores e mais centrais do bairro é possível visualizar as obras em andamento (ASSIS, 2020), já que a maior parte das casas nas ruas limítrofes já foram demolidas. Inclusive, algo comum nesse processo é a compra de casas vizinhas para a utilização dos dois ou mais terrenos conjuntamente. Mais recentemente teve início a demolição dos prédios de três andares.

Tendo em vista a distribuição dos entrevistados conforme o tipo de moradia, como mencionado, os antigos moradores residiam em prédios antigos, e entre os novos moradores houve casos de moradia nos novos prédios, mas também em casa. É interessante cruzar essas informações com a fase de vida em que tais indivíduos se encontram. A maior parte dos entrevistados já constituiu família e está estabelecida financeira e profissionalmente – daí uma possível explicação para o tamanho (em termos de m<sup>2</sup>) e o valor dos empreendimentos.

Em termos de investimento imobiliário, mesmo os prédios de apenas 3 andares acabam sendo mais rentáveis para o mercado imobiliário do que empreendimentos de alto padrão e de luxo em outras áreas da cidade. Segundo um corretor imobiliário<sup>46</sup>:

Na Sul, você sentava com um contrato para assinar com o pessoal, você já conhecia todo mundo. Muitas vezes a pessoas falavam ‘Ah não Jorge, tá tudo certo eu não quero ler não, onde é que eu assino?’. Aí você falava ‘não, vamos ler esse contrato aqui’. Liam não. Já na Leste, por incrível que pareça, o pessoal traz advogado para reunião, já antes tem uma preocupação muito grande com a documentação. Por quê? *Porque aquele valor que estão comprando é o valor da vida da pessoa.* Às vezes, ele juntou o tempo todo, muitos anos para poder conseguir fazer aquilo, vai usar um financiamento muito grande. Grande assim, proporcional ao imóvel. Porque muitas vezes, lá na Sagrada Família, a gente trabalha com financiamento... você sempre pensa em financiamento de 80%. Se o banco estiver financiando 90% naquele período, você vai financiar 90%, você vai vender financiando 90%. *Mas, na Sul, geralmente o financiamento representa uma parte que a pessoa não tem.* Raramente é 80%. Se a gente financiar, é na faixa de 60%, por aí. *São públicos muito diferentes.* O volume de venda é muito diferente (Jorge, 50 anos, corretor imobiliário, grifos meus).

Ainda que não se possa generalizar a situação relatada pelo entrevistado (da não leitura do contrato de compra e venda), ela é relevante pensar o significado da aquisição do imóvel para indivíduos da classe média. Se na Zona Sul os atuais compradores, normalmente das frações altas da classe média, tendem a precisar de um financiamento menor, haja vista que são pessoas com maior volume de capital econômico, em outras regiões da cidade (no caso exemplificado, a Zona Leste), o financiamento pode representar praticamente todo o valor do imóvel.

O investimento em matéria de moradia extrapola o âmbito financeiro, porque além da possibilidade de ser utilizado como local de residência e/ou de fonte de renda (a partir do aluguel), a posse desse bem é também funciona como mecanismo social, uma vez que não só *onde* se mora, mas *como* se mora em determinado lugar influencia a (auto)percepção de classe. Dos 17 entrevistados, 14 (76,5%) possuíam imóvel próprio e quitado. Foram identificados também casos de herança familiar – não só em termos de capitais, mas de bens

---

<sup>46</sup> Os nomes utilizados são fictícios a fim de manter a privacidade dos entrevistados.

(como empresas, imóveis etc.) –, que podem ter influenciado na escolha da moradia. Foi comum encontrar pessoas que nasceram, cresceram e continuam no bairro por terem herdado imóveis, ou mesmo pelo bairro já ser um ambiente conhecido e que abriga familiares.

Para compreender melhor a escolha do Anchieta como local de moradia, perguntou-se aos entrevistados os motivos que os levaram a morar no bairro (ou mesmo a permanecerem nele). De maneira geral, ele foi escolhido por ser categorizado como *sossegado, arborizado, limpo, acolhedor e arejado*. Ademais, o fato de o bairro estar bem localizado, no sentido de ter acesso facilitado à Savassi e o Centro – ainda que desse último os moradores não dependam mais, como já foi no passado, para trabalhar e para resolver pendências cotidianas (como supermercados, bancos, prestações de serviços etc.) – também foi um fator mencionado.

Eu sempre comento, eu e o Henrique, um com o outro, o tanto que foi uma alegria, a gente nem sabia o tamanho, sabe? Porque, muito por essa questão da cidade, *eu valorizo muito as centralidades fora do centro, e é uma coisa que a gente trabalha com isso lá no planejamento urbano para multiplicar esse tempo de viver. Então, estar num lugar desse, para mim, é muito privilegiado por ter um centro que nos abastece, e que a gente não fica preso*. Eu acho que eu adoro centros, trabalho no movimento. Adoro o movimento de lá, porque eu sou bem urbanoide, sabe? Não morar aí no campo, não. Mas, quer dizer, falamos hoje, né? Pode ser que... Mas, então, aqui é a nossa cara, porque eu gosto de comprar as coisas, eu gosto de ter uma comunidade em volta, sabe? Então, se pensar, por exemplo, a Laura, ela tem 11 anos hoje, quando ela começar a sair sozinha, a gente já conhece cada padaria, já conhece o supermercado, já conhece as lojas (...). A gente tem uma medida lá na prefeitura que é qualidade, é unidade de vizinhança qualificada que mede o serviço que a gente acessa a pé, cinco minutos, dez minutos. Eu acho que nesse aspecto a gente está num lugar muito privilegiado nesse sentido. E eu acho bom eu poder vivenciar isso para tentar projetar os outros para que todos tenham esse acesso. Eu acho que a vivência também é importantíssima quando a gente vai oferecer o serviço (Carla, 45, funcionária pública, grifos meus)<sup>47</sup>.

*Eu adoro que tenha o Parque Julien Rien, que a gente esteja próximo da Serra do Curral, que a gente esteja próximo do Parque das Mangabeiras, que tenha a Bandeirantes como um lugar de lazer e tal*. Eu adoro essas coisas. Eu adoro até que tenha os shoppings pra resolver os problemas. *Eu acho um bairro muito prático, tem de tudo aqui. Durante a pandemia, a gente percebeu muito isso, que a gente podia se resolver todo no bairro*. E isso é muito legal. Isso tá muito de acordo com (...) os conceitos que o Jaime Lerner ensina sobre as cidades e como que elas têm que ser gostosas de você caminhar, de você resolver sua vida. Você não tem que fazer tudo no centro e tal. Também os conceitos de cidades caminháveis (Flávia, 39, advogada e comunicóloga, grifos meus)<sup>48</sup>.

*Eu gosto aqui, porque para mim é cômodo. Tem tudo perto... tem salão, tem padaria, tem a igreja que eu gosto (...). Se eu não quiser sair do bairro para fazer compra, eu não preciso, porque tem loja, tem salão, tem padaria, e o comércio é bom, não tem*

<sup>47</sup> Henrique é o marido e Laura é a filha da entrevistada.

<sup>48</sup> O Julien Rien é um parque localizado na Avenida Francisco Deslandes, onde se concentra as atividades comerciais do bairro, com divisa com a Avenida Bandeirantes (que também concentra atividades comerciais, principalmente de lazer, e marca o limite do Anchieta com os bairros Comiteco e Mangabeiras).

*problema. Até aqui na Francisco Deslandes tem um comércio muito bom, aqui na Vitória Marçola tem alguma coisa também. Está pertinho da Afonso Pena, porque eu estou a dois quarteirões da Afonso Pena, de alto da Afonso Pena. O Super Nosso é logo ali, se eu andar mais um pouquinho, ainda tem o Verdemar<sup>49</sup> (Amanda, 93, aposentada, grifos meus).*

*A sensação que a gente tinha quando o Pátio Savassi foi construído é que a centralidade que a gente tinha mais lá [no Centro], ela subiu. É só uma suspeita, eu não sei se é exatamente isso. Eu sei que as coisas começaram a chegar com uma grande intensidade aqui. E uma outra mudança importante que aconteceu nesses últimos anos foi a Polícia Federal. Quando a Polícia Federal veio para cá, ela atraiu um público de alta renda, que era gente que podia viajar, que vinha para cá fazer passaporte. E aí vieram casas de câmbio, vieram outras coisas. E o shopping, que tinha uma praça de alimentação, que não vingou nunca, virou a Smart Fit. E eles colocaram como âncora o supermercado, que está lá desde o princípio, e a Renner. A Renner até pouco tempo atrás ficava às moscas, pouca gente frequentava a Renner. Agora que as coisas estão ganhando uma outra proporção. E a gente está vendo que lojas que antes eram dentro do shopping, como a Usaflex, por exemplo, que é uma loja de shopping, ela passou para o lado de fora, ela está do outro lado da rua. Agora abriu uma Track&Field, do lado desse restaurante, que se chama Projeto Sabor, e tem uma loja de castanhas que acho que não dura muito tempo. Desconfio, não sei (Rosa, 46, Autônoma, grifos meus)<sup>50</sup>.*

Os relatos evidenciam que a infraestrutura do Anchieta, assim como dos bairros vizinhos, e da própria regional Centro-Sul, favorece não só a realização das atividades cotidianas a pé, quanto o acesso a uma variedade de produtos e serviços sem grandes deslocamentos. Essas características se assemelham ao que Donzelot (2007) apontou acerca do estilo de vida vigente em alguns centros urbanos, nos quais parte das frações da classe média optam em residir na área central ao invés de em condomínios. Isso porque tais indivíduos, normalmente, são casais com famílias recém-formadas, que precisam ter relativa proximidade ao local de trabalho e a escolas.

Refletindo sobre os entrevistados, sejam novos ou antigos moradores, ambos os cônjuges tinham carreira profissional ativa. Mesmo entre os já aposentados e/ou viúvos, a trajetória de vida familiar foi marcada pela carreira tanto do homem quanto da mulher. No caso das mulheres, o fato de o bairro estar próximo a escolas de qualidade e sua localização permitir fácil locomoção a estas, favoreceu a conciliação das tarefas domésticas e familiares com as profissionais e de trabalho – assim como pontuado por Donzelot (2007).

---

<sup>49</sup> Verdemar é uma rede de supermercados de Belo Horizonte que conta com um arsenal diversificado e sofisticado de produtos. Além de contar com padaria artesanal, o supermercado tem mais de 1500 rótulos de vinhos e possui mercadorias orgânicas e para diferentes tipos de dietas (sem glúten, sem lactose, integral, vegano etc.).

<sup>50</sup> O Pátio Savassi é um shopping localizado na Avenida do Contorno, próximo aos bairros Savassi e São Pedro – ambos da região Centro-Sul. Os atrativos do shopping incluem não só lojas de marcas variadas e uma diversidade de restaurantes, mas também salas de teatro e cinema.

Quanto ao contato com as pessoas, as interações reportadas nos relatos dos entrevistados foram restritas a situações cotidianas e corriqueiras, semelhante à ideia de *light interactions*. Esse conceito, desenvolvido por Van Eijk e Engbersen (2011) diz respeito às interações recorrentes no dia a dia, que acabam criando certa familiaridade entre os indivíduos (na medida em que estes ao menos se reconhecem, opondo-se ao anonimato). Ainda que não haja forte relação de vizinhança entre os moradores do Anchieta, os relatos parecem indicar ao menos a existência de uma familiaridade entre as pessoas.

Ademais, desde o período de execução da minha dissertação de mestrado (2018-2020) até a realização das entrevistas da tese, observou-se que os moradores utilizam da abertura do Anchieta Garden Shopping, localizado na Francisco Deslandes, como uma espécie de “marco temporal”, principalmente em relação às mudanças comerciais e residenciais no bairro. A inauguração, principalmente, do Coco Bambu<sup>51</sup> no shopping impactou não só no movimento de consumidores (que passou a receber mais pessoas de outras regiões da cidade), impactando diretamente no trânsito, mas também influenciou a dinâmica imobiliária na medida em que o Anchieta passou a ser mais procurado para morar (ASSIS, 2020).

Essa diversidade de opções de comércio faz com que os moradores da Zona Sul tenham acesso a diferentes tipos de produtos, muitas vezes com custo mais elevado, mas de maior qualidade. No relato de uma nova moradora do bairro, que cresceu e morou na Zona Leste por boa parte de sua vida, e mudou para o Anchieta com o companheiro, fica evidente como a estrutura comercial do bairro pode impactar no consumo dos moradores:

*O Anchieta, ele te faz consumir mais. O que que é isso? É porque aqui você tem acesso a uns supermercados... o Super Nosso, o Verdemar. E aí, tipo assim, quando você entra lá, você fica meio... Nossa, te atira muito, sabe? Porque aí é um macarrão que ainda que tá na promoção, é um macarrão X e tal. Aí você fica “ah, nossa, vou pegar esse macarrãozinho aqui”. E como a gente mora só eu e ele, né, e tipo, o consumo é bem menor do que se eu morasse, por exemplo, com a minha mãe, com meus irmãos... acaba que a gente acaba comprando coisas melhores também. E influencia também, porque ele gosta de cozinha, gosta de cozinhar e tal. Então, assim, eu até brinco com... Ele até brinca comigo, porque ele fala: “é, né, quando você chegou aqui, você falava assim, ‘pega o milho mais barato, pega isso aqui mais barato’. Aí hoje você já fica, né, colocando um marca na lista de compra”. Qual marca quer comprar? Então, assim, realmente aqui é um inferno você entrar naquele Verdemar, porque aí você quer levar todos os chocolates, todos os chás, todas as cervejas baratas, as promoções... (Márcia, 27, mestranda em Educação, grifos meus)<sup>52</sup>.*

<sup>51</sup> Rede de restaurante espalhada em todo o país, cuja especialidade é frutos do mar.

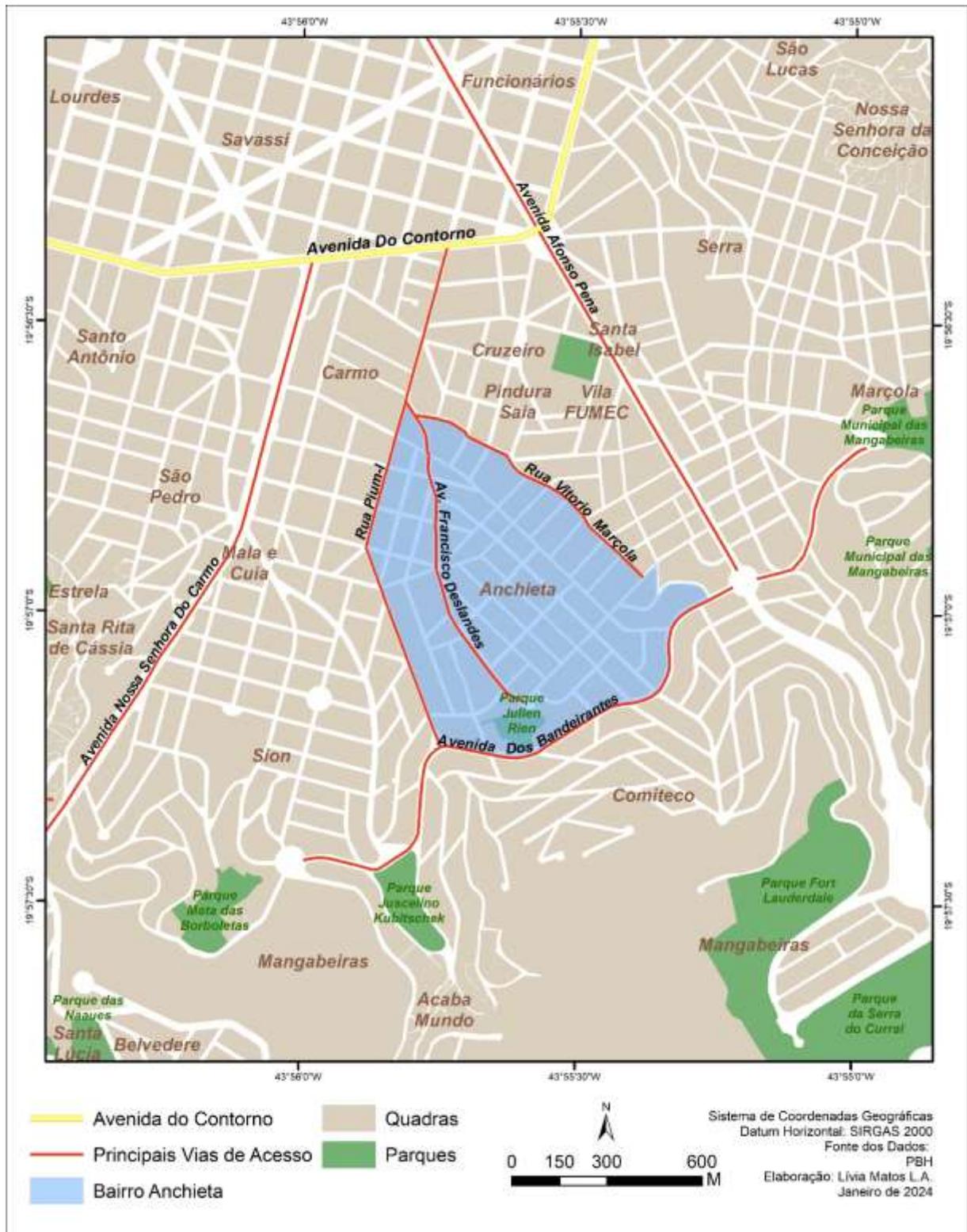
<sup>52</sup> O companheiro da entrevistada mora no Anchieta há muitos anos e é proprietário de um restaurante na Francisco Deslandes.

O acesso a itens de marca, seja no âmbito alimentício (principalmente via Verdemar) ou mesmo de vestuário (como pontuado a respeito de lojas como Track&Field) propicia a emergência de certos padrões de consumo e estilos de vida que atribuem distinção aos indivíduos (BOURDIEU, 2011). Além das entrevistas, a realização de observações participantes possibilitou acompanhar um pouco da dinâmica e ritmo de vida do bairro em diferentes partes do dia. Especialmente no horário da manhã, o passeio com animais de estimação se destaca. Também é possível encontrar moradores (geralmente os antigos) conversando em estabelecimentos comerciais tradicionais, como padarias e mercearias – especialmente nas ruas do interior do bairro.

Nas ruas limítrofes, como a Vitória Marçola, que funciona como via de entrada tanto para o Anchieta quanto para o Cruzeiro, nota-se um movimento maior não só de carros, mas de pessoas, uma vez que há uma certa concentração de estabelecimentos comerciais para serviços do dia a dia (como sacolões, farmácias e padarias) e escolas (de ensino, como o Colégio Arnaldo; de natação; de idiomas etc.).

Na Francisco Deslandes (principal rua comercial do Anchieta), a presença de agências bancárias, comércios alimentícios e de lazer, lojas de vestuário etc. atraem um grande volume de consumidores, que não se restringe apenas aos moradores. A avenida Bandeirantes (limite com o Comiteco e o Mangabeiras), também é repleta de estabelecimentos comerciais, e aos finais de semana é fechada para que os moradores da região possam realizar atividades físicas, como caminhadas e corridas. A Pium-í (limite com o Sion) possui vários bares e restaurantes, tendo sido apelidada por alguns entrevistados como a “Passarela do Álcool” da região. Essas três vias são relevantes porque funcionam como os principais locais de passagem e tráfego entre os bairros da região, concentrando grande volume de pessoas e comércio. A localização delas é exibida na imagem a seguir.

Mapa 6 - Principais vias de acesso do Anchieta



Fonte: Elaboração da autora.

Também por meio das observações participantes, e após ter tido a experiência de passar algumas semanas consecutivas no bairro, a fim de acompanhar um pouco de seu cotidiano, é possível dizer que no bairro predomina um clima residencial. Este está muito

atrelado ao sossego e tranquilidade vigente, bem como à relação (ainda que de cordialidade) entre os moradores. No entanto, a paisagem sonora tem sido marcada por sons de máquinas utilizadas na construção dos novos prédios, especialmente ao longo do dia. Já à noite e aos finais de semana, há considerável diminuição do fluxo de veículos e pessoas nas ruas.

Quanto à mobilidade, ainda que o bairro não tenha muitas linhas de ônibus, há uma relativa rapidez para se deslocar, e o acesso a algumas das vias principais da cidade (como Afonso Pena, Nossa Senhora do Carmo etc.) agiliza a locomoção – tal atributo é uma vantagem, tornando essa região consideravelmente superior às outras áreas de Belo Horizonte ocupadas pelas frações médias – seja na região Leste, ou mesmo na Pampulha<sup>53</sup>. Essa facilidade de locomoção, relacionada à localização da moradia, vai de acordo com a teoria bourdieusiana de que a posse da moradia e os fatores que levam os indivíduos a adquirirem tal bem extrapola a questão das necessidades básicas (BOURDIEU, 2011). Segundo o autor,

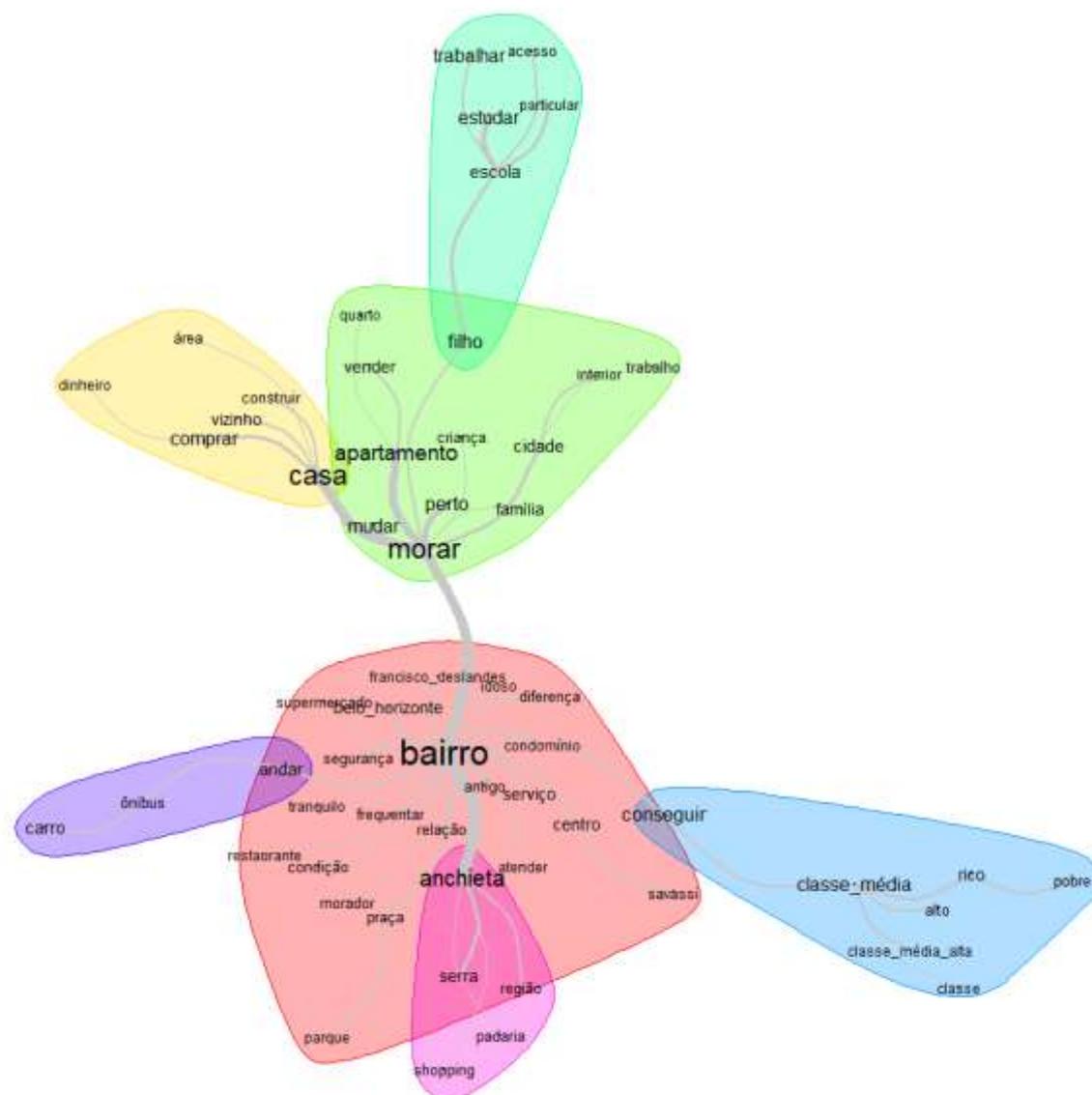
ligada à família como *coletivo*, à sua permanência no tempo que visa garantir e que pressupõe, a compra da casa é, ao mesmo tempo, um investimento econômico - ou, pelo menos, uma forma de entesouramento, enquanto elemento de um patrimônio durável e transmissível - e um investimento social, na medida em que encerra uma aposta sobre o futuro ou, mais exatamente, um *projeto de reprodução biológico e social* (BOURDIEU, 2006, p. 40, grifos do autor).

Para captar a visão dos entrevistados acerca da experiência de residir no Anchieta, utilizou-se, entre outras coisas, a análise de similitude no Iramuteq. Nesta, o software identifica a relação entre as palavras do corpo textual, conforme o tema e sua importância relativa, tendo em vista a frequência com que aparecem. O resultado é uma árvore lexical, na qual há grupos de palavras relacionados entre si e a temáticas específicas. Para o Anchieta enquanto local de moradia, encontrou-se o seguinte resultado:

---

<sup>53</sup> A Pampulha é uma regional que também abriga frações altas da classe média, e situa-se ao Norte da cidade. Portanto, sua distância à Avenida do Contorno faz com que seus moradores dependam mais de diferentes meios de transporte para acessar os bens e serviços urbanos.

Figura 18 - Análise de similitude (Anchieta)<sup>54</sup>



Fonte: Elaboração da autora.

De maneira geral, foram identificadas sete nuvens de palavras. Partindo da nuvem vermelha, verifica-se que ao se referirem ao bairro, os moradores utilizaram temas como infraestrutura, oferta de bens e serviços e a localização para defini-lo e/ou caracterizá-lo. Concomitantemente, as nuvens rosa e roxa se referem, respectivamente, à proximidade do

<sup>54</sup> A imagem gerada é uma representação que possibilita a identificação de co-ocorrências e conexões entre as palavras, de forma que o pesquisador pode analisar a estrutura do corpus textual (CARMAGO; JUSTO, 2013a). As cores são escolhidas aleatoriamente pelo próprio software, não tendo significância e/ou peso para a compreensão.

bairro à Serra do Curral<sup>55</sup> e a shoppings e padarias; e à mobilidade usualmente utilizada (a pé, de carro ou de ônibus) para acessar esses lugares e serviços, dentre outros.

Eu gosto do Anchieta porque é próximo a tudo. Então assim, *o Anchieta é bom porque ele traz benefícios de um bairro de Zona Sul em termos de proximidade dos locais que a gente precisa de estar em um tempo de deslocamento muito pequeno, e ele meio que converge ou convergia... não sei como é que está hoje... com os aspectos de preço de uma Zona Oeste, por exemplo. Então eu acho o Anchieta um bairro calmo. (...). Então, quando eu analiso toda a conjuntura de gasto, de custo de vida, com os benefícios de estar próximo ao Centro, aos pontos de interesse, eu acho que o Anchieta e o Cruzeiro ali, talvez eles tragam essas características, eles aglutinam melhor essas características.* Ao passo que se eu tivesse que ir para... digamos, eu vou para o Buritis<sup>56</sup>, você está louco. Eu consigo ter um apartamento bacana, grande, mas eu não consigo sair nem entrar. Mangabeiras ficaria mais longe; Sion, mais longe do que Mangabeiras, então, traria mais dificuldade de locomoção, ao passo que eu quero dispensar carro. Se eu fosse para essa localidade, eu teria que ter mais carro (...) (Inácio, 41, Funcionário Público, grifos meus).

Ele é um bairro, sempre foi, mas ele é um bairro super bem localizado. O apartamento que a gente mora é um apartamento antigo, que está todo reformado, que tem um espaço interno ótimo, cômodos ótimos e espaçosos. A gente pode fazer tudo a pé. Eu consigo trabalhar à distância ou trabalhar na mesma rua. Fazer tudo o que eu preciso a pé. Supermercado, sacolão, correio, tudo o que você puder precisar, qualquer coisa que você pensar assim, ‘o que eu preciso?’, o lugar mais longe que eu vou é na Savassi, para conseguir qualquer coisa. (...) *Pode parecer que não faz diferença, mas uma coisa que eu reparo muito é (...), quando falta energia, o atendimento é imediato. Abre um buraco na rua, o atendimento é imediato. Agora vai levar anos para abrir um buraco na rua, não é?* Mas, assim, tudo é muito... É muito bem servido, muito bem atendido. A polícia circula com frequência, é um bairro seguro. Tem muitas vantagens morar aqui (Rosa, 46, Autônoma, grifos meus)<sup>57</sup>.

Tais relatos foram comuns entre os entrevistados, sendo relevante considerar não só a localização geográfica do bairro (seja em relação às demais partes da cidade, seja em termos do relevo e topografia da capital), mas a oferta de serviços (especialmente os do dia a dia) como um de seus principais atrativos. Os dados apontam para o fator da mobilidade como um signo de distinção (BOURDIEU, 2011), seja do Anchieta em relação aos demais bairros da

<sup>55</sup> A Serra do Curral compreende parte de uma cadeia montanhosa que pertence ao chamado quadrilátero ferrífero de Minas Gerais, sendo composta por minerais como dolomita, quartzito, itabirito, magnetita e hematita – o que a torna extremamente atraente para a atividade mineradora. Mas mais do relevante economicamente, a Serra do Curral tem grande importância cultural para a cidade de Belo Horizonte, uma vez que constitui não só parte da paisagem da cidade, mas remonta ao período de criação e fundação da cidade (CUSTÓDIO; RIBEIRO, 2021).

<sup>56</sup> Buritis é um bairro localizado na região Oeste de Belo Horizonte, que possui grande variedade comercial e alto volume de edifícios multifamiliares com muitos andares. Sua ocupação é recente, se comparado aos demais bairros da cidade. Ele é, ainda, reconhecido no cenário da cidade por abrigar jovens casais de classe média que ainda estão se estabelecendo financeiramente. A localização mais afastada dificulta o acesso e a movimentação dos moradores, havendo problemas de trânsito, por exemplo.

<sup>57</sup> Apenas a guisa de nota, é importante deixar registrado que entre os entrevistados do Anchieta não foi identificada uma valorização do “antigo”, no sentido de os imóveis mais velhos possuírem maior valor simbólico no bairro. Ao contrário, foi unânime a crença de que o “novo”, marcado pelos novos empreendimentos de alto padrão, são favoráveis ao bairro (já que aumenta a valorização deste) e que atribuem status, já que a renovação imobiliária no padrão construtivo diz respeito ao “progresso” urbano – característico das metrópoles.

cidade, seja para a própria população – na medida em que esta tem o privilégio de facilmente acessar bens e serviços necessários, assim como o local de trabalho (e no caso das famílias com filhos, acessar as escolas e demais instituições de ensino).

É interessante pensar que mesmo o Mangabeiras abrigando, majoritariamente, uma população de classe média alta, e mesmo a elite belo-horizontina, o fato de o bairro ter um acesso relativamente mais difícil, e sua oferta de moradia se limitar apenas a casas, pode influenciar certas frações da classe média a optar por escolher o Anchieta. Devido à proximidade com a Serra do Curral, o Anchieta e os bairros da região Centro-Sul situados fora da Avenida do Contorno têm um clima mais ameno e uma paisagem considerada privilegiada – sendo esta uma característica evocada também pelos anúncios publicitários.

Outro ponto fundamental é a percepção de que o bairro, a partir das mudanças que vêm sofrendo (as construções de prédios multifamiliares de luxo e a sofisticação do comércio), tem recebido maior atenção do poder público em termos de infraestrutura – uma vez que embora haja episódios de falta de luz, a prefeitura imediatamente se prontifica em resolver, assim como a manutenção do asfalto das ruas. No grupo dos moradores gerenciado pela AMORAN, é comum a ocorrência de notificações quanto à necessidade de acionar o poder público para resolver esses tipos de problemas, e os moradores tendem se mobilizar ao menos para questões dessa natureza.

Uma outra nuvem relevante é a azul, que trata do discurso atrelado à classe. Mais do que entender o Anchieta como um bairro de classe média, os entrevistados diferenciaram as frações dessa classe. Dualidades como rico *x* pobre também foram apontadas, bem como o discurso de meritocracia – daí a presença do verbo “conseguir”. Alguns relatos ilustram essa perspectiva:

(...) na verdade, é uma *lógica de esforço e mérito*. Eu consegui estudar, consegui fazer pós-graduação, consegui fazer minha estrada por mérito, por esforço. Consegui passar num concurso por esforço. *Então, se eu sou classe média alta hoje, é pelo esforço dos meus pais, dos meus avós que me antecederam. E hoje eu estou conseguindo oferecer uma situação melhor ainda para minha filha. Consegui o nascimento nos Estados Unidos, um negócio que é impensável para os meus pais pensarem isso para mim.* Não, mas eu consigo pensar para ela. E, possivelmente, ela vai conseguir pensar algo além para os filhos dela. Agora, ser classe média hoje não representa absolutamente nada. Pode me chamar de rico, pode me chamar de classe média baixa, de classe média, pode me chamar de... para mim não importa. *O que importa é que eu sempre esteja em busca de evolução.* Se eu estou bem com aquilo, a minha satisfação é que conta. Se eu sou enquadrado numa classe média, igual na época do Lula, enquadrado em classe média, de pessoas que tinham renda per capita acima de 200 reais naquela época, classe média baixa. Como é que eu me sinto sendo classe média baixa? Nada. Eu sei que para a pessoa que ganha 200 reais,

ganha 200 reais por mês, ela continua pisando no esgoto. Então, para mim, essa classificação é pouco importante (Inácio, 41, Funcionário Público, grifos meus).

*Eu nunca parei para pensar em qual classe social eu estou, mas certamente de uma minoria que tem Belo Horizonte e no Brasil. Mas não considero... não muda muito o que eu acho a respeito das coisas, da minha classe social exatamente. Acho que é uma consequência de trabalho e não muda nada na minha vida. Não me deixa diferente de ninguém. (...) Além da sorte que a pessoa pode nascer em um lugar que a facilite, ela precisa também de fazer por onde, né? Para perpetuar aquilo... tirando o filho do Bill Gates, por exemplo, que pode não fazer nada, são essas exceções. A pessoa mesmo tendo já nascido em uma classe social, não quero dizer superior, inferior, mas em uma classe social mais qualificada... também não, mas que acumulou mais, mas ainda não fiquei convicto dessa forma. Assim, que não necessariamente ter o berço vai levar ao sucesso, assim como que quem não teve também pode chegar lá. Eu só acho que pode ser um facilitador, né? Para chegar mais rápido. Mas não excluo também ninguém de chegar nessa classe superior. Assim, eu tenho sorte de ter nascido em uma família que é muito trabalhadora e bastante humilde. Porque quando minha mãe era mais nova, também ela não tinha nada, né? Era bem pouco. E eles construíram isso. Então, eu me vejo igual perante a todo mundo (Afonso, 37 anos, Empresário, grifos meus).*

A minha classe? Olha, não era uma classe alta, mas também não era uma classe baixa, era média. [Hoje] é classe média um pouco mais alta. O que mudou foi que meu marido teve muito sucesso como empresário e aí meus filhos receberam já uma... *Receberam, por exemplo, uma empresa. Já receberam uma empresa pronta. E foi só tocar pra frente. E eles tocaram com muita habilidade, né?* Eu vejo a classe média aquela que luta para poder se sustentar, né? (...) *Eu acho que a família influi demais. O que ela recebeu dos pais, aí. Se ela souber dar continuidade, né? Porque tem uns que não sabem, né?* (Simone, 92, Aposentada, grifos meus).

Eu tenho oportunidades, eu tenho uma segurança financeira que talvez nem todos tenham. Que eu não observo nas pessoas de outras classes... porque eu acho até, às vezes, discriminatório esse tipo de coisa, você criar estratos, né? Mas pensando que... tem muita gente em outros estratos que não têm plano de saúde. *A gente tem carro, tem condições de fazer uma viagem, duas por ano. A gente tem condições de fazer viagens internacionais. Então, assim, eu imagino que eu me enquadrando numa classe média alta. Eu acho que tem muito a ver com o patrimônio já adquirido.* Eu olho isso, para trás e penso assim. Meu pai chegou da Itália sem falar português. E conseguiu, ao final de 70 anos, 70 e poucos anos, deixar um imóvel para cada filho. Somos quatro filhos, não é todo mundo que consegue fazer isso. Eu olho o que eu já fiz com 50 e poucos anos, que foi muito mais do que o meu pai fez. Por quê? Porque ele me deu oportunidades de estudo, né? *Eu tive a oportunidade de fazer um curso técnico, tive a oportunidade de fazer um curso superior. Coisas que ele não teve a oportunidade. (...) Às vezes eu acho que as oportunidades que eu tive foram diferentes das que eles tiveram. Acho que as oportunidades que o meu pai me deu, meus pais me deram, são diferentes. Eu acho que também não é só oportunidade, é ambição. Eu tinha uma ambição e eu comi muita grama para chegar aonde eu cheguei. Eu não recebi tudo de bandeja. Eu fui muito determinado.* E eu acho que um dos diferenciais, que é inclusive uma das coisas que eu falo muito em casa pra família, foi o tal do curso técnico. Eu acho que quando você consegue entrar num curso técnico e aos 17, 18 anos estar no mercado de trabalho como um profissional, eu acho que isso é um diferencial enorme. Porque você entra no mercado dez anos antes de qualquer jovem que vai fazer o segundo grau e depois uma faculdade e acabar isso com 25, 26 anos. Então, eu com 16 para 17 anos já estava trabalhando (Décio, 54, Empresário, grifos meus).

Sendo tais relatos de indivíduos de classe média alta, é importante ressaltar alguns pontos. Ainda que estejam em fases de vida distintas (não só em termos de ocupação, idade, estado civil, constituição de família etc.), eles se auto identificaram como parte do estrato alto

da classe média, sob o aparato do discurso meritocrático e da relação com a herança familiar. Seja através de cargos públicos (como no caso do Inácio), ou mesmo por meio de empresas privadas (como para Afonso, Simone e Décio), o fato é que o trabalho e a ocupação dos indivíduos desempenham um papel fundamental na identidade de classe, como muito já reportado na literatura (RIBEIRO, 2007; SCALON, 2009; 1999; SCALON; SALATA, 2016).

A preocupação em manter o status de constante ascensão social faz com que diferentes mecanismos de distinção sejam acionados. Em especial no caso do Inácio, a crítica à concepção de classe média durante os dois primeiros governos Lula, que supostamente encaixava qualquer indivíduo com “renda per capita acima de 200 reais naquela época” a essa classe, se relaciona com a dupla cidadania da filha nos Estados Unidos. Isso porque há uma busca por marcadores de status social privilegiado, a fim de distingui-lo (e sua família) daqueles considerados como “classe média”.

Essa mentalidade meritocrática se concretiza não só através das práticas de consumo, mas também em termos de tipos de sociabilidade e orientação política. Quanto ao consumo, especialmente em matéria de moradia, o que se observou durante as visitas ao bairro, bem como com os dados do IPTU e os relatos gerais das entrevistas, é que há tendência de aquisição dos imóveis de alto padrão por parte dos indivíduos da classe média alta – tendo sido também apontado pelos entrevistados a participação e filiação a clubes como o Minas Tênis Clube<sup>58</sup>.

Nesse aspecto, pode-se compreender a interação dos indivíduos do estrato alto da classe média sob a perspectiva simmeliana de sociabilidade. De maneira geral, Simmel (2006) compreende a sociabilidade como a forma mais “pura” de interação entre os indivíduos, na medida em que tal relação perpassa mais pelos aspectos de satisfação e forma “coletiva” de compartilhamento dos interesses, objetivos etc. do que de vontades e aspirações individuais – e tal semelhança geralmente ocorre intraclasse. Ao que tudo indica, os novos moradores do Anchieta tendem a limitar suas interações a indivíduos que compartilham dos mesmos gostos e *habitus* de (frações de) classe.

---

<sup>58</sup> Inaugurado em 1935, o Minas Tênis Clube é uma agremiação desportiva com sede em Belo Horizonte, e conta com duas unidades: o Minas I está localizado no bairro Santo Antônio, e o Minas II situa-se entre os bairros Serra e Mangabeiras. Ambas as unidades se encontram na zona sul belo-horizontina e tinham, até 2019, aproximadamente 81 mil associados (MINAS TÊNIS CLUBE, 2023). De maneira geral, a posse de uma cota do Minas funciona como uma espécie de “cartão postal” social, haja vista que os altos valores (na casa dos milhares de reais) funcionam como uma barreira para indivíduos com, ao menos, menor capital econômico.

No que tange à orientação política, tendo como base os resultados do 2º turno da eleição presidencial de 2022, ainda que em Belo Horizonte o candidato Jair Bolsonaro tenha sido o mais votado em todas as zonas eleitorais, foi principalmente nos bairros da Zona Sul onde ele foi mais votado. A partir da análise realizada por Cardoso e Préteceille (2021) a respeito do posicionamento político da classe média, tem-se que

a grande heterogeneidade interna às classes médias impede que as consideremos como grupo coeso também em sua participação política. A polarização que tomou conta das ruas e do debate político nos últimos anos, tendo como objeto de referência os governos do PT, operou uma simplificação artificial e reducionista tanto à esquerda quanto à direita (CARDOSO; PRÉTECEILLE, 2021, p. 253).

Considerando a influência dos capitais (e, nesse caso, principalmente do capital cultural e escolar), a diferença na orientação política dos entrevistados se deu não só devido à trajetória de vida – já que a tendência entre os que ascenderam socialmente é a defesa da meritocracia –, mas à formação/ocupação. Entre os entrevistados, de maneira geral, aqueles com formação em cursos mais tradicionais e da área de exatas tenderam a orientações políticas de direita, ao passo que aqueles com cursos atrelados às humanidades, tenderam a orientações políticas de centro-esquerda.

Algo interessante observado durante as entrevistas foi a autopercepção dos entrevistados acerca da classe média. Se quatro indivíduos de classe média alta se reconheceram enquanto tal (Inácio, Afonso, Simone e Décio) devido à trajetória de vida, à herança familiar e à ocupação, os demais entrevistados se reconheceram como classe média-média por não deterem tanto volume de capital econômico, mas terem tido acesso ao ensino superior, e poderem residir em um bairro como o Anchieta. Nesse sentido, a própria percepção do que é a classe média e o que os indivíduos precisam deter (em termos materiais e simbólicos) para pertence-la esteve presente entre os entrevistados – evidenciando a noção multidimensional de classe, já pontuado na teoria bourdieusiana.

Ao analisar os relatos de Inácio, Afonso, Simone e Décio, pôde-se observar que eles têm *trajetórias de vida* relativamente semelhantes, ainda que se encontrem em *fases de vida distintas*. Os quatro são originários de famílias de classe média, e ao longo da vida tiveram mobilidade ascendente (ainda que de curta distância) – passaram do estrato médio para o alto da classe média. O que pareceu conformar a diferença entre essas frações foi, essencialmente, o maior volume de capital econômico (tendo este sido adquirido via ocupações de maior prestígio no mercado de trabalho, ou via herança), ainda que o capital cultural também seja relevante.

Quanto às semelhanças, além de os quatro possuírem alto volume de capital econômico, eles também pertencem a famílias oriundas da classe média, tendo a mobilidade ascendente que experimentaram sido resultado da combinação *escolaridade + ocupação + matrimônio* – uma vez que se casaram com pessoas da mesma classe social que fazem parte. Houve também a herança de capital cultural, uma vez que a maior parte dos pais e responsáveis dos entrevistados detinham algum tipo de formação.

Ademais, nos discursos dos quatro foi possível encontrar traços meritocráticos, bem como posições políticas mais conservadoras – como exibido nos relatos citados. Enquanto Simone parece ter alcançado um certo status social por meio do matrimônio, já que junto de seu companheiro adquiriu bens e estes foram deixados como herança para os filhos e netos, para Inácio parece ter sido o emprego em cargo público o responsável pelo aumento de capital econômico e melhoria de vida em relação à condição dos pais, ainda que estes tenham deixado como herança alguns bens (dentre estes, o imóvel que residia no Anchieta). Afonso, contudo, foi o que mais se destacou devido à idade (37 anos) e por ter constituído família há menos tempo. A empresa da família o coloca numa posição de detentor de maior capital econômico, o que possibilita a posse de bens como apartamento de luxo e o consumo de obras de arte – ele foi o único entrevistado que apontou tal prática como forma de “investimento”, sob influência da esposa arquiteta.

No caso de Décio, a posição de indivíduo de classe média-alta se deu não só pela oportunidade, oferecida pelo pai imigrante, de ele e os irmãos cursarem o ensino superior, mas também por ter recebido herança (imóvel), e principalmente (em sua visão) por ele ter tido “ambição”. Essa ideia de ambição segue também a lógica meritocrática, já que por não ter recebido “tudo de bandeja”, ele conseguiu crescer socialmente – tendo uma mobilidade ascendente.

Quando os indivíduos das frações médias da classe média, que em sua maioria eram antigos moradores, foram questionados sobre os novos moradores do bairro, eles classificaram os novos residentes como classe média-alta. Os relatos a seguir remetem a essa temática:

Intuitivamente, se eu fosse responder, acho que hoje a escolaridade é maior, a busca de escolaridade maior, acho que caracteriza essa classe média hoje. (...) Acho que, por exemplo, a mobilidade urbana hoje depende muito de carro, e essa classe média hoje tem condição de comprar carro. A classe média do tempo do meu pai, isso não se cogitava muito. O carro era bem um pouquinho acima da classe média média daquele tempo. (...) *Do ponto de vista da habitabilidade da cidade, vamos chamar assim, era uma cidade mais acolhedora naquele momento. Você transitava mais pela*

cidade. (...) Hoje acho que a cidade é, vamos dizer assim, é uma cidade onde o público está, sobretudo, associado à circulação automobilística, e não circulação física, por exemplo. (...) *Hoje acho que há uma idealização excessiva do consumo. A identidade está muito associada com o consumo hoje. (...) [A identidade da classe média hoje está muito associada] ao automóvel e a moradia, talvez, mas porque a moradia no sentido só do apartamento mais caro, só nesse sentido. Acho também que o desaparecimento crescente do espaço público com a substituição dos clubes por área de lazer interna aos prédios, por exemplo. [E o que distingue a classe média alta] é a idade. Eles são mais novos. Acho que têm poucos valores comunitários. Por exemplo, muitos de nós aqui compramos no armazém da Cristina<sup>59</sup> porque é um armazém antigo. (...) Isso dá um pertencimento comunitário interessante. Acho que tem isso aqui. A vinda desse shopping atrapalhou muito. Esse shopping transtornou um pouco não só o trânsito, muito acelerado lá perto, como um consumidor diferente. O cara quer mirar no Coco Bambu. Então, acho que atrapalhou um pouco. Mas acho que é um bairro ainda que tem chance de ter coisas mais comunitárias. Agora, com esse pessoal novo que chegou, tenho dúvidas (Cristiano, 71, Aposentado, grifos meus).*

*(...) para mim, a classe média alta, é uma classe média que já consegue ter muito mais acesso de frequência mesmo, tipo, consegue sair para um restaurante, mas consegue ir todo final de semana, consegue comprar várias roupas de marca, consegue fazer muitas viagens. Então, para mim, isso é uma classe média alta. Agora, quando eu penso num Anchieta, aí eu já penso numa coisa mais homogênea. Eu não vejo muito essa diversidade que o Sagrada Família tem em relação à população, assim. Eu vejo uma galera bem mais classe média para classe média alta. Em alguns pontos, você vê uma transição, mas essa transição é muito mais heterogênea. Então, quando eu digo, por exemplo, quando eu vou caminhar, dá muito, assim, para você perceber, por exemplo, lá na Praça JK<sup>60</sup>, quem mora no Acaba Mundo<sup>61</sup> e quem mora num Anchieta, Mangabeiras, sabe? (...) Ali na Nossa Senhora do Carmo, né, para um lado Sion e para o outro lado, dá para a gente ver a parte mais favelada, assim. A mesma coisa quando você está para um outro lado, você está mais chegando na Serra. Então, você consegue identificar mais e você não vê muita popularidade, assim, né? É uma galera, assim, até o jeito de andar, vestir, cumprimentar. Eu brinco, assim, até os cachorros são mais bonitos. É uma coisa assim (Márcia, 27, Estudante de pós-graduação, grifos meus).*

É interessante pensar a associação feita entre classe e consumo. Remontando a discussão feita no segundo capítulo, no qual a classe média na literatura nacional é relacionada, entre outras coisas, à capacidade de consumo (BARBOSA, 2004; BERTONCELO, 2010), esteve presente na concepção dos entrevistados sobre a classe média, especialmente entre os indivíduos das frações médias, a relação entre a renda e a condição de

---

<sup>59</sup> Cristina é proprietária de uma mercearia que está em funcionamento há mais de 30 anos no Anchieta. Nesse estabelecimento, localizado na rua Itapema, no interior do bairro, costuma-se observar encontros e socializações de moradores antigos.

<sup>60</sup> A Praça JK é uma praça localizada na Avenida Bandeirantes. Os moradores do Anchieta, Sion, Mangabeiras e Comiteco (bem como dos demais bairros da região) costumam utilizar a praça para fazer exercícios físicos, especialmente aos domingos, nos quais a avenida é fechada para carros e as pessoas transitam livremente. Ela é uma praça grande, que conta com quadra de futebol e uma pista de corrida.

<sup>61</sup> Acaba Mundo é uma das favelas localizadas na região Centro-Sul. Ainda que esteja em uma área elitizada da cidade, a discrepância entre seus moradores e os dos bairros (considerados) nobres é facilmente perceptível. A partir de caminhadas realizadas na Avenida Bandeirantes, seja aos domingos ou mesmo em diferentes dias da semana, observou-se que os residentes dos bairros nobres não interagem com os moradores da comunidade, se restringindo apenas a relações de prestações de serviços – alguns moradores da comunidade lavam os carros dos moradores dos bairros enquanto estes se exercitam.

vida na definição das frações de classe. Eles associaram o estrato alto da classe média ao consumo, principalmente, de um certo tipo de moradia (apartamentos de alto padrão e luxo), forma de locomoção (posse de automóveis) e relação impessoal com o local de residência (ou ausência de vínculos de vizinhança). Tal relação, entre o perfil dos moradores do Anchieta e a moradia, pode ser observada nos relatos a seguir:

*O bairro é muito eclético. Porque... vou te dar esse exemplo dos moradores novos, que vem de novos empreendimentos, prédios novos... que eu quis deixar entender que tem um poder aquisitivo maior do que o meu, por exemplo, mas, ao mesmo tempo, nós temos aqui muitos apartamentos que eram de pessoas que conviveram comigo na minha época e que largaram, deixaram ou faleceram (Cássio, 50, advogado, grifos meus).*

*Eu acho que é uma mescla. E eu acho que existe uma tendência também, porque você vê que está verticalizando muito o bairro. Então, automaticamente, você vai tirando o espaço de alguns antigos moradores dali e criando oportunidades. Você vai elitizando o bairro, eu acho. As construtoras que atuam no bairro, o próprio valor do metro quadrado construído vai valorizando. Então, eu acho que você acaba fazendo uma seleção natural. Mas ele é mesclado. Se você olhar lá, tem muita casa ainda, tem casas muito bem cuidadas, tem casas muito simples, que você vê que tem muito tempo que está lá, tem 30, 40 anos, gente que era do bairro quando ele se formou. E, naturalmente, é o que eu te falei. Eu acho que o pessoal vai verticalizando e as construtoras que estão ali naquela região são grandes construtoras. São construções que vão exigir um poder aquisitivo mais seletivo (Décio, 54, empresário, grifos meus).*

*Antigamente as pessoas enfeitavam as casas para o Natal, as casas estavam sempre pintadas, estavam sempre arrumadinhas. Hoje em dia você não vê o bairro assim mais. Ninguém tem condição. E as pessoas que estão chegando estão chegando com uma outra cara, estão dando um outro ar para o bairro (...). Um ar de riqueza que aqui não tinha. Eu percebi isso muito na festa da igreja. (...) Você vê a cara das pessoas, até o estilo de vestir das pessoas que já moravam por aqui é diferente. As pessoas que chegam... você vê na área. Você olha e fala assim, “esse aqui não morava aqui”. Até pelo estilo de vestir (Bárbara, 44, autônoma, grifos meus).*

Esses relatos são relevantes para captar como os entrevistados interpretam a relação entre as mudanças em matéria de habitação, com o novo perfil de moradores. Há o reconhecimento de que tem havido uma renovação da população do bairro, seja em termos de classe, seja em faixa etária, ou mesmo quanto ao estilo de vida (principalmente no que concerne ao “ar de riqueza”, materializado, segundo a concepção de Bárbara, no modo de vestir).

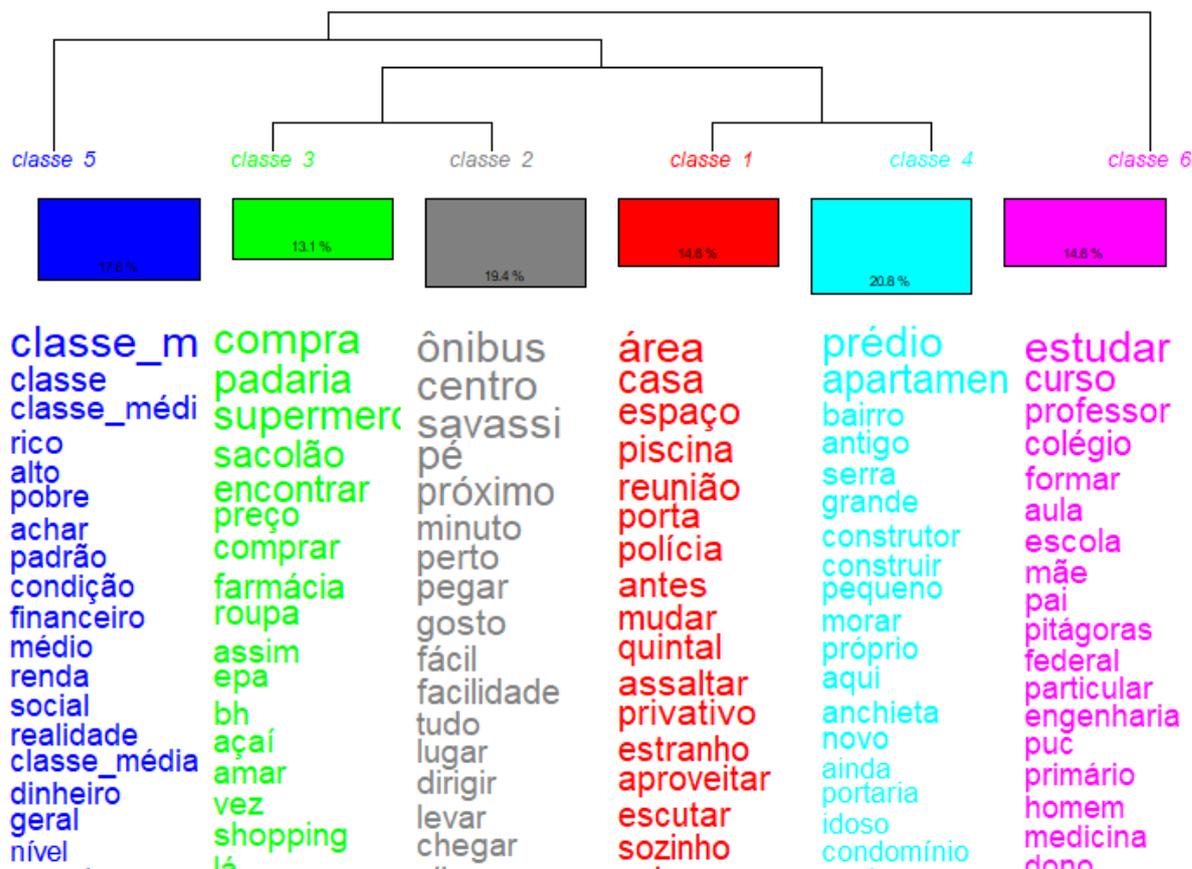
Retomando a análise de similitude, a nuvem verde está relacionada a *morar* no bairro. Além de ter sido identificado o tipo de moradia (casa ou apartamento), características como “perto”, “família”, “trabalho” etc. auxiliam na compreensão de que os entrevistados consideram o bairro não só familiar, por sua população ser composta por famílias em diferentes fases de vida, mas pela presença de crianças e escolas (particulares) nas redondezas, bem como do local de trabalho – daí a ligação com a nuvem verde clara.

Nesse sentido, como o morar é aqui entendido como uma prática relacional dos indivíduos para com o local de moradia, os relatos e análises indicam que o *morar* do Anchieta diz respeito a um estilo de vida composto pela facilidade em acessar bens e serviços (seja dentro do próprio bairro, ou na Savassi), de forma que a mobilidade é normalmente realizada a pé ou de carro, com deslocamentos de curta distância. Outro componente fundamental do estilo de vida vigente é a sociabilidade – ainda que ela seja mais forte entre os moradores antigos, devido ao maior tempo de residência no bairro, do que entre os novos moradores.

Já a nuvem amarela, curiosamente atrelada à moradia do tipo casa, está relacionada à ideia de “vizinho”, no qual o tema da vizinhança foi algo recorrente nos relatos, assim como nos anúncios publicitários. Vende-se e apropria-se da ideia de que no Anchieta há uma relação de vizinhança entre os moradores, ainda que as outras palavras identificadas (“comprar”, “construir”, “área” e “dinheiro”) revelem a visão dos entrevistados acerca da real dinâmica vigente: os moradores residentes das casas, normalmente pessoas mais velhas e antigas no bairro, possuem vínculos e relações de vizinhança, mas suas moradias consistem em áreas/terrenos que serão objeto de compra das grandes construtoras para que sejam construídos grandes prédios multifamiliares.

Um outro recurso interessante no Iramuteq é a construção de dendrogramas. O software constrói esse tipo de análise com base na força de associação das palavras, a partir do cálculo de qui-quadrado. Como resultado, é apresentada uma espécie de árvore com famílias e subfamílias de palavras relacionadas. Para o Anchieta, obteve-se a seguinte divisão:

Figura 19 - Dendrograma das entrevistas com moradores do Anchieta



Fonte: Elaboração da autora.

De maneira geral, o corpo textual das entrevistas foi separado em dois subcorpos, localizados nas extremidades. O polo esquerdo foi dividido em cinco classes (classes 5, 3, 2, 1 e 4), enquanto a extremidade direita ficou com apenas uma classe (classe 6). As classes do polo esquerdo dizem respeito a: classe social (classe 5), à infraestrutura (classe 3), mobilidade (classe 2), moradia (classe 1) e bairro (classe 4), ao passo que o polo direito se refere aos capitais (herdados ou adquiridos) (classe 6).

As palavras mais utilizadas e relevantes aparecem logo abaixo do percentual de representatividade de cada classe. A classe 4, referente ao bairro, foi a mais significativa (20,8%), seguida da classe 2 (19,4%) que diz respeito à mobilidade, e a classe 5 (17,6%) sobre classe social. Isso significa que os entrevistados, quando remeteram ao Anchieta, utilizaram o tipo de moradia “prédio”, “apartamento”, “antigo”, “Serra”, bem como as formas de locomoção e mobilidade a determinadas áreas da cidade (“ônibus”, “Centro”, “Savassi”, “a pé”, “próximo”), e a classe social predominante (“classe média alta”, “classe média média”, “rico” etc.) para descrever o bairro.

Do ponto de vista da construção do imaginário de um bairro, principalmente tomando como exemplo o estudo de O'Donnell (2013) sobre a criação de Copacabana, é interessante pensar como o fato de a região Centro-sul de Belo Horizonte concentrar a oferta de bens e serviços, assim como diferentes formas de lazer e espaços públicos, como a Praça JK (mencionada na Nota 54), influencia na concepção do Anchieta – ou mesmo da regional como um todo. Copacabana foi inicialmente construído visando atrair as frações médias e altas da capital carioca, haja vista o adensamento de bairros centrais tradicionais (como Lapa, São Cristóvão, Santa Teresa etc.), e o qual o mercado imobiliário foi um dos principais agentes do processo de promoção e ocupação da área.

Por meio da construção dos primeiros edifícios na região litorânea do Rio de Janeiro, bem como a utilização dos meios de comunicação da época (jornais e revistas), o mercado imobiliário e uma parcela da elite carioca fez de Copacabana o sonho de consumo da região sul da cidade. Através da adoção de práticas como o *footing* e os banhos de sol, justificados a partir do discurso sanitarista da época, os moradores do bairro passaram adotar estilos de vida próprios, sendo posteriormente reconhecidos e diferenciados por estes (O'DONNELL, 2013).

O exemplo de Copacabana é relevante para pensar o Anchieta, apesar das diferenças, por mostrar a importância dos estilos de vida, desenvolvidos a partir das características do local de moradia, na conformação da identidade do bairro e da classe social de seus moradores. No caso belo-horizontino, o Anchieta foi caracterizado pelos entrevistados como composto por uma população majoritariamente das frações da classe média, e que tem práticas de mobilidade e consumo associadas a um estilo de vida que envolve a proximidade às centralidades (Savassi, especialmente; e o Centro), bem como as práticas de caminhar e acessar os bens e serviços urbanos com facilidade.

Nota-se que a presença de espaços públicos e estabelecimentos comerciais voltados para o “culto ao corpo” (como as diversas lojas de comidas naturais e itens de saúde em toda a Avenida Bandeirantes; assim como lojas de roupas de esporte como Track&Field, Live etc. na Francisco Deslandes e no Anchieta Garden Shopping) influenciam e sofrem influência (d)o estilo de vida dos moradores da Zona Sul. Como pontuado por Boltanski (2004), a preocupação com a “apresentação de si” tende a crescer conforme os indivíduos ascendem socialmente.

Ademais, a caracterização da população como pertencente à classe média e suas diversas frações está diretamente relacionada aos capitais herdados e adquiridos dos

indivíduos. Uma vez acionadas as categorias “estudar”, “curso”, “professor” e “colégio”, exibidas na Classe 6, por exemplo, foi comum entre os entrevistados a busca (e até mesmo demanda, por parte da família) por formação no ensino superior – levando, inclusive, a casos de migrações do interior para a capital.

A associação entre a formação educacional e a classe parece conformar o que autores nacionais (CARDOSO; PRÉTECEILLE, 2021; SALATA, 2016; BERTONCELO, 2010; 2016) e americanos e europeus (WACQUANT, 1992; DEVINE; SAVAGE, 2005) apontam sobre os contornos subjetivos das classes. No que concerne à classe média, ficou evidente que para os entrevistados, não só possuir diploma universitário (todos tinham ensino superior completo e/ou algum tipo de especialização), mas deter certa quantidade de capital econômico e, principalmente, ter acesso a determinados tipos de bens e serviços (lazer e consumo proporcionados especialmente pelos novos estabelecimentos comerciais no bairro) é o que melhor caracteriza o estrato alto da classe média residente no Anchieta.

Com base na discussão realizada, tem-se que o *morar* do Anchieta é caracterizado, entre outras coisas, por: (i) preocupação com a estilização da moradia, que advém tanto do discurso publicitário dos novos empreendimentos, quanto da atenção dada pelos moradores antigos a questões como manutenção da limpeza urbana, poda de árvores, recapeamento das ruas etc.; (ii) mobilidade e acessibilidade às diversas áreas da cidade de forma ágil e fácil; (iii) prática de passeios com animais domésticos pelas ruas do bairro; (iv) preocupação com a saúde e a estética, dada a forte presença de estabelecimentos comerciais do ramo alimentício e de vestuário voltados para “vida fitness”, bem como a prática de caminhar na Avenida Bandeirantes, e (v) a sociabilidade, que é paradoxalmente vendida (e impactada diretamente) pelo discurso imobiliário.

No capítulo a seguir será discutido os resultados obtidos para o Sagrada Família.

#### **4. A CLASSE MÉDIA DA ZONA LESTE BELO-HORIZONTINA: ESTILOS DE VIDA DOS MORADORES DO SAGRADA FAMÍLIA**

Nesse capítulo serão discutidos os estilos de vida vigentes no Sagrada Família, um bairro da Zona Leste de Belo Horizonte. Para isso utiliza-se entrevistas realizadas com moradores (antigos e novos) e comerciantes do ramo imobiliário, de forma que os relatos são analisados visando captar as visões acerca da infraestrutura, acesso a bens e serviços, localização etc. do bairro.

Num cenário geral, o bairro tende a ter uma população mais heterogênea não só em termos de classe (já que há presença das classes baixas e populares até as diferentes frações da classe média), mas de fases de vida. Se a ocorrência de trajetórias de vida marcadas por mobilidade ascendente de longa distância foi comum entre os entrevistados, a diferença na fase de vida tem impactado, entre outras coisas, na relação com a moradia. Isso porque a maior parte dos entrevistados vivia de aluguel e estava se estabelecendo financeiramente – diferente do que foi observado no Anchieta, por exemplo.

Assim, será apresentado o perfil dos entrevistados, levando em consideração seus capitais (herdados e adquiridos), as trajetórias e fases de vida, bem como o aparato teórico discutido nos capítulos anteriores. Também serão feitas análises com ajuda do software Iramuteq visando a identificação das principais características associadas ao Sagrada Família.

##### *4.1. O Sagrada Família: caracterização sociodemográfica e imobiliária*

O Sagrada Família foi escolhido entre os demais bairros da região leste porque: (i) é um bairro de grande extensão territorial e com população heterogênea em termos de classe – ainda que, em sua maioria, a população seja de classe média; (ii) apresenta, atualmente, grande atividade imobiliária; (iii) dispõe de bens e serviços diversos, bem como infraestrutura (principalmente em termos de mobilidade urbana), e (iv) localiza-se próximo ao Centro e tem fácil acesso a outras áreas da cidade.

De acordo com os dados do Censo Demográfico de 2010, já apresentados no primeiro capítulo, o Sagrada Família era um bairro composto, predominantemente, por brancos (62,93%), ainda que houvesse presença considerável de pardos (29,09%) e pretos (6,20%). Nos domicílios, o rendimento girava em torno de 2 a 5 salários-mínimos (31,15%), e a faixa etária concentrava entre 30 e 49 anos (39,22%). Assim, ainda que predominasse uma população adulta, com base nas entrevistas e observações no bairro, notou-se a presença de mais famílias recém-formadas com crianças, do que no Anchieta, por exemplo.

Levando em conta a história de Belo Horizonte, a região na qual o Sagrada Família está localizado (Leste) foi ocupada por trabalhadores que participaram da construção da capital (VILLAÇA, 2001; TICLE, 2016). Isso significa que não só o território do bairro tem uma ocupação antiga e, por isso, abriga diversas camadas sociais, mas também o desenvolvimento da infraestrutura e dos serviços foi diferente em relação à área planejada. A localização próxima ao Centro, e por ser parcialmente envolto pela Avenida Cristiano Machado (uma das principais vias da cidade), torna o Sagrada Família um bairro de grande (e fácil) mobilidade – sendo esse um dos aspectos mais valorizados pelos moradores e pelos anúncios imobiliários.

É importante pontuar que, devido a essa ocupação antiga, o Sagrada Família possui diferentes perfis de moradores e, recentemente vem passando por um processo de valorização imobiliária. Se os bairros da região Centro-sul, como o Anchieta, foram valorizados há mais tempo e ainda assim continuam recebendo investimentos imobiliários de alto padrão, alguns outros bairros da cidade também têm sido alvos de novos empreendimentos, sendo o Sagrada Família um desses. Isso tem feito com que o bairro receba moradores pertencentes às frações da classe média, tendo em vista os anúncios publicitários analisados no segundo capítulo.

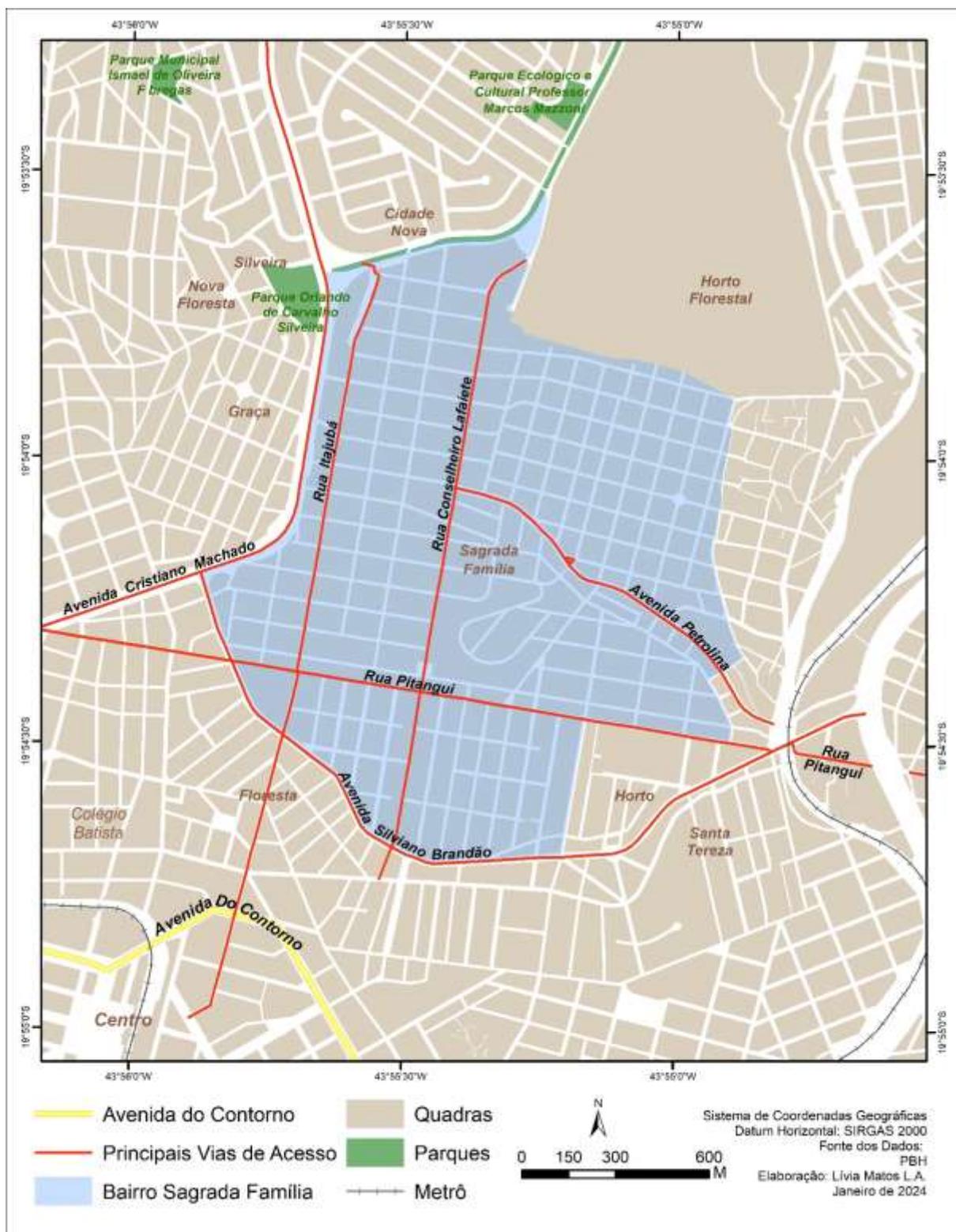
Ademais, o bairro conta com outras avenidas importantes, como a Petrolina (com acesso ao “centro” do Sagrada Família) e a Silviano Brandão (importante avenida comercial da cidade)<sup>62</sup>. Outras ruas como a Pitangui, a Itajubá e a Conselheiro Lafaiete também são importantes porque atravessam o bairro em diferentes sentidos, permitindo a circulação de automóveis e diferentes linhas de ônibus. É importante também mencionar que o Sagrada Família, diferentemente do Anchieta, tem acesso a duas estações de metrô<sup>63</sup>: a Estação São Judas Tadeu, e a Estação Horto – sendo esta última a de mais fácil acesso. A imagem abaixo ilustra as principais vias de acesso do bairro.

---

<sup>62</sup> A Silviano Brandão é conhecida pela forte atividade comercial do ramo moveleiro. Nela há mais de 300 estabelecimentos comerciais, que realizam eventos de liquidação, como o Liquida Silviano Brandão – responsável por atrair público de toda a cidade e da região metropolitana (LIQUIDA SILVIANO BRANDÃO, 2024).

<sup>63</sup> Vale ressaltar que embora o metrô em Belo Horizonte receba esse nome, ele é, na verdade, um trem de superfície. Conta com apenas uma linha (Eldorado - Vilarinho) com 19 estações e 28,1km de extensão.

Mapa 7 - Principais vias de acesso do Sagrada Família



Fonte: Elaboração da autora.

Tendo em vista o mapa, pode-se também caracterizar o Sagrada Família em termos das moradias. Na região da Avenida Petrolina e da rua Conselheiro Lafaiete, área central do bairro, há uma maior concentração de moradias do tipo casa. Já próximo às avenidas Cristiano

Machado e José Cândido da Silveira, há concentração de prédios multifamiliares de maior padrão, referindo-se à área de maior investimento imobiliário atualmente, ao passo que na região da Avenida Silviano Brandão predominam os imóveis comerciais. Ademais, próximo ao Horto e ao Horto Florestal, há concentração de moradias do tipo casa com padrão mais popular.

A paisagem do bairro é predominantemente horizontal, dada a grande presença de casas e terrenos com barracões – sobre o termo, ver Nota 11. Segundo o Relatório de Compras e Vendas da imobiliária QuintoAndar, relativo ao terceiro trimestre de 2023, o Sagrada Família estava entre os 16 bairros mais caros de Belo Horizonte<sup>64</sup>, tendo seu m<sup>2</sup> chegado a R\$5.032 reais. Ainda de acordo com esse relatório, o Sagrada Família foi o segundo bairro que mais valorizou na cidade (12,6% em relação ao terceiro trimestre de 2022), ficando atrás apenas do Castelo, localizado na regional Pampulha, cujo crescimento foi de 19%<sup>65</sup>. Esse cenário de valorização imobiliária é relevante para pensar não só a atuação do mercado, mas o que tem sido procurado em termos de moradia e por quem.

#### *4.2. Morar na Zona Leste: os estilos de vida dos residentes do Sagrada Família*

Considerando a valorização do Sagrada Família, foram contactados moradores antigos e novos para a realização de entrevistas visando identificar os motivos por trás da escolha do bairro como local de moradia, bem como os demais aspectos atrelados a ele. Como mencionado no terceiro capítulo, as entrevistas foram realizadas via Zoom e os questionários aplicados via Google Forms, sendo utilizada a técnica de bola de neve para contactar novos participantes.

Em função dos contatos que pude fazer no bairro, e do uso da técnica da bola de neve, os entrevistados foram pessoas jovens e adultas de classe média que residiam em moradias antigas. Dada as limitações da bola de neve, não houve contato com novos moradores residentes dos novos empreendimentos imobiliários. Essa ressalva é necessária porque ainda que o bairro tenha passado por um processo de intensa oferta imobiliária, o acesso aos consumidores desses novos imóveis é mais difícil, já que tendem a ser pessoas de maior poder

---

<sup>64</sup> A lista dos bairros mais caros encontra-se na Nota 35.

<sup>65</sup> Os bairros mais valorizados no terceiro trimestre de 2023 foram: Castelo (19%), Sagrada Família (12,6%), Cidade Nova (7%), Lourdes (6%), Buritis (5,1%), Sion (3,6%) e Gutierrez (3,2%) (QUINTOANDAR, 2023a). Importa destacar que os três mais valorizados se localizam em outras áreas da cidade (regionais Pampulha e Leste) que não a Centro-Sul, ainda que os últimos colocados pertençam a esta. Tanto a Pampulha quanto a zona Leste abrigam frações da classe média, sendo na primeira a presença das frações altas maior do que na segunda.

aquisitivo. Portanto, o ponto de vista a ser apresentado nas próximas páginas diz respeito a moradores antigos que vêm percebendo as mudanças ocorridas no bairro, bem como de moradores novos (mais jovens) que habitam moradias antigas do bairro.

O contato com os moradores nesse bairro se deu, inicialmente, através de colegas da pós-graduação que residiam no Sagrada Família. Tendo sido feitas as primeiras entrevistas com pessoas conhecidas, outros moradores foram sendo indicadas para participar da pesquisa, e grupos de moradores no WhatsApp também foram utilizados como estratégia de contato. O grupo de WhatsApp selecionado no Sagrada Família se chama Vizas, cujo nome deriva de “vizinhas”, e tem inspiração no grupo de mesmo nome oriundo no Santa Tereza<sup>66</sup>. No Vizas, há apenas moradoras mulheres e o intuito é criar uma rede de apoio entre elas, de forma que os principais assuntos abordados são: indicações de prestação de serviços, interações comunitárias (trocas e vendas de objetos, pedidos de favores, doações etc.) e problemas no bairro (segurança, falta de luz e/ou água etc.). De maneira geral, as interações no grupo Vizas têm caráter mais comunitário do que as interações do grupo de WhatsApp da AMORAN.

Assim, o grupo dos entrevistados do Sagrada Família se constituiu da seguinte forma: no total, foram 10 moradores, sendo 8 mulheres e 2 homens. A faixa etária variou entre 25 a 63 anos, sendo que 6 pessoas eram solteiras e 4 eram casadas, amigadas ou juntadas. Em relação à escolaridade, apenas 3 pessoas tinham somente ensino superior completo, ao passo que 7 possuíam algum tipo de pós-graduação/MBA/Mestrado/Doutorado. Quanto à renda, a maior frequência foi a faixa 2 (R\$2.201 a R\$5.500 reais) (5 pessoas), seguida da faixa 3 (R\$5.501 a R\$11.000 reais) (3 pessoas), e uma pessoa na faixa 1 (0 a R\$2.200 reais) e uma na faixa 4 (R\$11.001 a R\$16.500 reais)<sup>67</sup>. Importante destacar a ausência de pessoas nas faixas 5 e 6. Um quadro geral com as características dos entrevistados está no Apêndice E<sup>68</sup>.

Entre os entrevistados, 1 pessoa morava há menos de um ano no bairro, 3 moravam há pouco mais de 1 ano, 1 morava há mais ou menos 5 anos e 5 moravam há mais de 10 anos. Tomando o tempo de moradia como um possível fator de influência para o estabelecimento (ou não) de relações de vizinhança e vínculos com o local de moradia, na amostra de

---

<sup>66</sup> Santa Tereza é um dos bairros vizinhos do Sagrada Família, sendo muito conhecido na cidade, entre outros aspectos, por sua forte tradição cultural. O bairro foi local de surgimento de grupos nacionais importantes como o Clube da Esquina e Sepultura.

<sup>67</sup> Novamente, ressalta-se que as informações sobre a renda dos entrevistados foram coletada através dos questionários aplicados previamente às entrevistas. A estratégia de aplicá-los antes era conseguir mapear o perfil dos entrevistados em termos de escolaridade, trabalho, renda e local de moradia.

<sup>68</sup> Assim como para os entrevistados do Anchieta, os nomes aqui apresentados são fictícios.

entrevistados do Sagrada Família supõe-se que haveria maiores vínculos entre os residentes mais antigos, e a quase ausência de vínculos entre os novos moradores.

É interessante ressaltar que a autodeclaração dos indivíduos em relação à classe foi unânime no que diz respeito à identificação como classe média. No entanto, diferentemente dos moradores entrevistados no Anchieta, no Sagrada Família as frações de classe mencionadas foram “classe média-baixa” e “classe média-média”, não havendo, portanto, “classe média-alta”. Isso condiz não só com as faixas de renda, mas também com a *fase de vida* dos moradores, uma vez que a maior parte ainda estava se estabelecendo profissional e financeiramente – o que se relaciona também com a condição da moradia, já que a maior parte dos entrevistados vivia de aluguel ou estava financiando a moradia.

No que concerne ao capital herdado e adquirido, todos os entrevistados passaram por um processo de mobilidade social ascendente devido à conclusão do ensino superior. Somente 4 pessoas, entre as 10, haviam adquirido diploma há mais de 10 anos. Os outros 6 entrevistados haviam formado há, em média, pouco mais de 5 anos. Esse dado é importante uma vez que ajuda a compreender a fase de vida em que tais pessoas se encontram – a maior parte estava adentrando o mercado de trabalho e/ou se firmando profissionalmente. Apenas 2 pessoas, mais velhas, já estavam financeiramente estabilizadas, e uma delas era aposentada.

Quanto à oferta de imóveis no bairro, um corretor imobiliário afirmou que ela é alta, uma vez que aqueles que comprem para alugar, conseguem obter um bom retorno no bairro:

Na Sagrada Família, assim como no Santo Antônio e no São Pedro, você vai ter uma procura grande, mas porque você tem um aluguel mais baixo, mais barato, na verdade. Apesar de que hoje você tem que peneirar muito, porque você consegue encontrar... (...) *Então, eu te falo que na Sagrada Família, no São Pedro, no Santa Efigênia, são regiões que você aluga bem, porque você consegue comprar um apartamento por um preço menor e, conseqüentemente, você tem um bom aluguel, um bom retorno de aluguel* (Jorge, 50, corretor imobiliário, grifos meus).

Assim, a moradia pode desempenhar tanto a função básica de lar quanto uma função mercadológica, de investimento – o que pode ocorrer em qualquer bairro, mas tendo em vista o contexto do Sagrada Família, o corretor quis ressaltar que dado o volume de investimentos no bairro, está sendo viável adquirir e/ou alugar imóveis nele. No entanto, para moradores antigos, a atividade imobiliária intensa no bairro tem alterado, entre outras coisas, o custo de vida.

*Estava vendo uma lista que o Sagrada Família está entre os dez metros quadrados mais caros da cidade de Belo Horizonte. E a tendência é que essa grande especulação imobiliária continue atingindo a nós aqui do bairro. Afinal de contas, é um bairro que tem boas vias de acesso, tem uma localização mais central, e acaba*

*acontecendo aquele processo que é histórico dos moradores de renda inferior, rumando para as periferias, a descentralização dos sujeitos, como sempre, acontecendo de forma marcante. E, às vezes, consigo perceber que ainda tem alguns pontos, talvez que eu possa chamar de resistência do bairro, que remetem aos seus tempos mais antigos, como um supermercado mais barato que tem lá na Petrolina que chamava Pereirão, hoje chama Paranaíba, que ainda é o mais frequentado pelas pessoas mais velhas do bairro, que têm menos grana e tal. Mas é notável que os preços estão ficando mais caros. As padarias aqui têm ficado. Os preços das padarias estão inacessíveis para as pessoas de menor renda. As pessoas já chegam em casa com o pão porque compram no Centro ou no meio do caminho do trabalho, porque o bairro está ficando mais caro (Bruno, 28, professor e mestrando em Educação, grifos meus).*

O relato de Bruno, que nasceu e cresceu no Sagrada Família, é interessante por chamar atenção para o processo de verticalização que tende a ocorrer em bairros com grande estoque de casas. A intensa oferta imobiliária, como também evidenciada no relato do corretor, tem como uma das consequências, o aumento do custo de vida local, o que reverbera na dificuldade dos moradores mais antigos e/ou de menor condição econômica, a se manterem no bairro e usufruir dos bens e serviços ofertados. Também é importante perceber como os estabelecimentos comerciais acompanham essas mudanças imobiliárias, enquanto o custo dos produtos também tem aumentado, tornando inviável a compra dentro do bairro, e sendo necessário recorrer a outras áreas da cidade, como o Centro, segundo relatado.

Como evidenciado por Bourdieu (2013, p. 139):

um habitat, como lugar físico socialmente qualificado, oferece oportunidades médias de apropriação dos diversos bens e serviços materiais ou culturais disponíveis em um dado momento. Tais oportunidades se especificam para os diferentes ocupantes desse habitat segundo as capacidades de apropriação (materiais – dinheiro, meios de transporte privados etc. – e culturais) de cada agente.

A moradia, portanto, pode desempenhar um papel duplo: ao mesmo tempo em que funciona como mecanismo de manutenção (positiva) do status social, ela pode prejudicar determinados grupos sociais. Para os moradores que possuem condições de acessar os bens e serviços ofertados, a moradia reforça (e até mesmo aumenta) seu status social; já para aqueles incapazes de acessar e consumir tais bens (principalmente pela questão financeira), a moradia tende a prejudicá-los, afetando negativamente seu status. Isso significa, portanto, que a moradia importa, no sentido de auxiliar não só a posição ocupada no espaço social, mas ajuda também a constituí-la.

No cenário do Sagrada Família, essa dinâmica imobiliária e suas consequências também se relacionam com a questão já mencionada da *fase de vida* dos entrevistados. A oferta de moradia, como pontuado pelo corretor, possibilita a ocorrência de um grande volume de imóveis para compra e aluguel, e isso atrai diferentes frações de classe

(especialmente da classe média) para o bairro. Como os imóveis analisados nos anúncios publicitários possuem um padrão mais alto do que os imóveis já existentes, pressupõe-se que os indivíduos que compram tais imóveis sejam pessoas de classe média com maior poder aquisitivo, e que constituíram família recentemente. No entanto, há também a existência de outro perfil de moradores, aqueles que ainda não estão totalmente consolidados financeira e profissionalmente, e que não constituíram família – sendo estes basicamente o grupo de pessoas entrevistadas.

Essa diversidade não só arquitetônica, mas de indivíduos em diferentes fases de vida e pertencentes a diferentes frações da classe média se relaciona com o que Bourdieu (2008) pontua sobre o espaço físico ser uma transmutação *quase* idêntica ao espaço social, no sentido de que no espaço físico apropriado (ou seja, habitado) as disposições sociais são constantemente incorporadas e reincorporadas, e tal processo não ocorre de forma veloz, mas gradualmente. Como a história de ocupação do Sagrada Família remonta ao período anterior à inauguração da capital, isso significa que seu espaço físico está marcado pela presença de diferentes classes sociais, traduzidas em distintas formas de habitação (casas, barracões, prédios multifamiliares grandes e pequenos) bem como múltiplos estabelecimentos comerciais.

Se parte do motivo dessa coexistência de grupos sociais se dá pela história ocupacional, a confluência de diferentes fases de vida dos moradores pode estar relacionada ao fato de que os imóveis do Sagrada Família, e da região Leste no geral, são mais baratos do que aqueles ofertados na região Centro-Sul, por exemplo. Dessa forma, as pessoas que recém adentraram o mercado de trabalho, e/ou que ainda não constituíram família (ou o fizeram recentemente) tendem a procurar esses bairros para morar, haja vista que conseguem encontrar moradia e bens e serviços a preços viáveis para suas condições de vida.

Isso fica evidente na fala de uma moradora nova a respeito dos moradores do Sagrada Família:

*Então, é o perfil pós estudante. Estudante não é um perfil que tem no Sagrada, porque não tem faculdade perto, não tem esse perfil aqui, de repúblicas, como no Floresta tinha. Mas meus amigos estão, os jovens adultos, estão todos aqui agora. Ao mesmo tempo, então, é um bairro com muita criança. Porque eu estou nessa esfera da infância, e eu levo as crianças pra praia, assim, então, eu vou comunicando com essas pessoas. É um bairro de muita família, sabe? Família desse núcleo primário, não família do tipo a gente grande com os nossos pais, sabe? Tipo assim, família com menino adolescente, com menino criança. Tem essas famílias novas, assim, que, né, “fui morar com a minha namorada, fui pro Sagrada”. “Estou morando sozinha, estou no Sagrada”... porque também, como tem essa organização, igual a do Santa Tereza, de ter, igual aqui em casa, tem uma casa principal e várias*

*casas de fundo. Isso faz com muita gente morando sozinha. E tem muita gente velha (Lorena, 25, socióloga e professora, grifos meus).*

Dentre os pontos mencionados nesse relato, vale ressaltar não só o fato de o Sagrada Família não atrair estudantes universitários, uma vez que não possui universidades próximas, mas o fato de receber “jovens adultos” que estão à procura de moradia do tipo casa, uma vez que o bairro “tem essa organização (...) tem uma casa principal e várias casas de fundo”, ou seja, os terrenos do bairro apresentam barracões que funcionam como imóveis de aluguel. Geralmente, barracões apresentam valores de aluguel mais baratos do que a casa principal do terreno, ou mesmo de apartamentos.

Ao indagar os entrevistados a respeito da escolha de morar no Sagrada Família, de maneira geral, foi destacada a questão da localização, infraestrutura e da oferta imobiliária (especialmente a busca por moradia do tipo casa). Destaca-se que a localização, no entanto, foi ressaltada tendo em vista o acesso ao metrô e a facilidade em conseguir outros mecanismos de mobilidade – principalmente para ir ao local de trabalho dos entrevistados (que tendiam a ser mais distantes do local de moradia se comparado aos moradores do Anchieta).

*Eu escolhi o Sagrada Família pra morar com a minha companheira. Nós escolhemos juntos, né? Eu venho do interior e ela vem da periferia da cidade. Então, a gente queria um lugar que fosse simples e de fácil acesso pra gente trabalhar. Então, eu trabalho em Santa Tereza. Ela trabalha na cidade administrativa. Então, seria bom que fosse perto do metrô. Porque o metrô facilita muito pra ela. Eu já morava nessa região antes, né? Como eu te falei, eu morava antes em Santa Tereza. Eu gosto muito daqui. Então, eu queria morar aqui nessa região. (...) A gente mora perto da Avenida Petrolina. Tem tudo. Tem farmácia. Tem supermercado. Tem sacolão. Tem loja de roupa. E a gente gosta de fazer as coisas no bairro. A gente não vai em shopping para nada. A gente gosta de fazer as coisas no bairro. Ou a gente faz as coisas aqui no Sagrada Família ou no Horto. A gente faz na região (Débora, 40, comunicóloga, grifos meus).*

A busca por um local de moradia que possa oferecer infraestrutura suficiente e que não haja necessidade de grande locomoção para acessar os bens e serviços urbanos foi algo comum entre os entrevistados – assim como no caso do Anchieta. Outro ponto relevante foi o seu tamanho. Ainda que o tamanho do território não implique necessariamente em diversidade territorial, no caso do Sagrada Família nota-se a coexistência de diferentes classes sociais e frações de classe média, uma vez que entre os entrevistados houve o reconhecimento dessas diferenças na ocupação e a delimitação de diferentes regiões no território do bairro.

Essa grande extensão e população foi percebida pelos entrevistados sob diferentes perspectivas:

*Eu acho que o tamanho do Sagrada é algo muito importante e considerável. Eu agora comecei a descobrir coisas no Sagrada que eu não sabia. Agora que eu tô saindo mais, eu descobri que tem uma quadra de areia que você pode alugar. Aí eu comecei a alugar ela. Tipo assim, só você reservar na prefeitura e ir. Aí tem a pracinha dos cachorros, que é uma coisa que eu gostava muito na Floresta. Eu ia descobrir uma pracinha aqui também. Então eu vou, fico na pracinha ao longo do dia. Aí tem o bloco da pracinha lá, que a galera do carnaval sempre fica falando assim, “ah, no carnaval você vai gostar, porque vai ter esse bloco”. (...) Mas eu acho que tem essa coisa territorial de ser muito grande, de ter... *E mesmo sendo muito grande, ainda parece que é uma comunidade muito pequena, que todo mundo meio que se conhece, tem relações. E essa coisa residencial. Eu sinto uma vibe muito residencial aqui, sabe?* Que no Floresta mesmo, tendo isso, é diferente (Lorena, 25, socióloga e professora, grifos meus).*

*O Sagrado Família é um bairro que cabe três bairros aqui dentro. Eu tenho a realidade morando aqui perto da Petrolina, bem no centro do bairro. Mas tem gente que mora no Sagrada Família, na esquina da Cristiano Machado (Almir, 32, sociólogo, grifos meus).*

Tem partes do bairro que são mais novas e já foram, desde que me lembro, ocupadas por pessoas que já foram regiões onde, desde o princípio, desde que me lembro, já havia prédios. Por exemplo, ali mais em cima, perto do Restaurante do Porto, que é mais *perto da Cidade Nova*, aqueles condomínios... aqueles prédios grandões, eles sempre estiveram ali. *Então, aquelas pessoas de classe média mais alta sempre ocuparam aquela posição no bairro.* Mas, pensando na região mais central do bairro, onde é a região também mais próxima, onde fica mais próxima da Linha Férrea, que foi primeiramente ocupada pelos trabalhadores, dos operários, essa região tem se transformado. Ela tem se verticalizado e as pessoas estão vindo para morar nos prédios. *E, sim, percebo que o recorte de classe e raça tem se transformado como um todo. Se penso nos meus amigos mais antigos do bairro, tenho amigos, na sua maioria, negros.* Mas, por exemplo, quando chego na academia do bairro, esse perfil de pessoas frequentadoras da academia já é bem diferente do que a galera que está aqui no Grota jogando a peladinha no domingo de manhã. *São perfis diferentes* (Bruno, 28, professor e mestrando em Educação).

A grande extensão territorial, bem como o volume populacional, e a história de sua ocupação faz com que o Sagrada Família seja um bairro diverso em seus diferentes pontos, o que pode promover entre os moradores formas de morar e estilos de vida distintos. Por exemplo, moradores que residem na região mais central do bairro (próxima à Avenida Petrolina, por exemplo), tendem a acessar mais facilmente bens e serviços do dia a dia, como padarias, supermercados, agências bancárias etc. Diferentemente daqueles que residem em áreas mais limítrofes, como na divisa do bairro com o Horto, por exemplo. Também deve ser considerado que dependendo de onde está localizada a moradia, os habitantes terão maior ou menor dificuldade quanto à mobilidade.

Sendo a maior parte dos entrevistados jovens, os meios utilizados para locomoção mencionados foram: bicicleta, a pé, Uber, ônibus e metrô. Enquanto esses dois últimos são utilizados para longas distâncias (como para o local de trabalho), os outros meios foram mencionados como úteis para tarefas diárias, principalmente andar a pé e de bicicleta – especialmente para o Centro e demais bairros vizinhos.

É, eu vivo mesmo no Sagrada Família. Porque eu trabalho a três quarteirões da minha casa. Então eu venho de bicicleta, eu venho a pé... vou a pé para o bar. (...) Eu gosto de beber por aqui, de tomar cervejinha no bar por aqui. Tem esse lance de estar muito próximo do Centro, muito próximo de Santa Tereza. Então uma coisa que a gente faz com frequência é pegar a bicicleta e ir para o Santa Tereza. Pegar a bicicleta e ir para o Centro, pegar a bicicleta e ir... Tem umas trilhas aqui que dá para fazer, que dá para sair daqui e ir de bike. Tem uma coisa que ali em São Geraldo, depois de São Geraldo, vamos para Sabará. Tem aqui o Cidade Nova, que é legal, a José Cândido também, que tem várias ciclovias (Arthur, 33, geógrafo).

Tendo em vista o lugar que eu moro na cidade de Belo Horizonte, igual eu falei, porque não dá para “passar pano” na questão da mobilidade urbana em BH, porque é ruim e caro comparado a outras cidades, a outras capitais que eu conheço, como por exemplo o Rio e São Paulo, que a mobilidade eu acho maravilhosa. Eles ainda reclamam, mas eu falo, ‘nossa, você for para Belo Horizonte, você vai esperar tipo 20 minutos um ônibus, 30 minutos um metrô’. Metrô não, é trem, porque aqui não tem metrô. (...) Eu pego os ônibus, né, independente do lugar que eu estou, tem ônibus passando aqui, sabe? Ou pela Cristiano Machado, ou pela Silvano Brandão, ou pela Conselheiro Lafaiete, ou pela Petrolina, ou pela Andradas... que dá para andar. Porque igual eu falei, tem bairros envolta aqui do bairro, mas também por ser uma região central, eu vou muito por bicicleta e muito a pé também, você acredita? De onde eu moro, dá três quilômetros do Centro. Dependendo de onde a pessoa mora aqui no bairro, ela já reduz um quilômetro, entendeu? Porque o bairro é muito grande (Almir, 32, sociólogo).

A maioria das coisas, dos lugares que eu vou, das coisas que eu faço, que eu vou resolver, eu fico mais ou menos na mesma região. Então, Praça da Liberdade, Savassi, Floresta, né? Então, assim, é muito fácil, é um acesso muito fácil para mim. Quando eu estava fazendo pós, por exemplo, eu fiz lá na Praça da Liberdade. E aí, na época, eu só ia nos barzinhos para o lado de lá... no Circuito Cultural da Praça [da Liberdade], os museus, tudo para o lado de lá. De Uber dava, sei lá, R\$8,00, R\$9,00. É muito tranquilo, a Cidade Nova, os lugares que o olho fica muito próximo também. Além disso, Sagrada Família tem uma linha muito extensa no transporte público, né? Tem diversas linhas de ônibus e tal. Então, não sei se por comodidade ou porque eu realmente gosto... costume, né? Mas eu fico muito nessa região, na região do lado de casa. Então, super tranquilo. Quando eu vou mais longe, eu pego o Uber e é isso (Laura, 27, socióloga).

Eu me deslocava muito de carro, depois da pandemia eu comecei a me deslocar... porque aí deslocando de carro, às vezes você para em algum lugar, você compra uma coisa, você está no meio do caminho, às vezes você resolve as coisas... E aí a gente passou a ficar mais concentrado aqui, e aí ficar mais concentrado aqui significa ficar mais aqui. E aí usava menos o carro, usava mais a bicicleta. Então hoje eu fico muito mais por aqui, me desloco muito mais de bicicleta, de metrô. Porque eu tenho o metrô mais próximo da minha casa em relação aos outros bairros que eu morava, então eu uso mais o transporte público e a bicicleta aqui (Helena, 40, bióloga e engenheira ambiental).

A mobilidade, portanto, aparece como ponto fundamental do *morar* no Sagrada Família, bem como no estilo de vida dos entrevistados. Ao comparar com o Anchieta, cujos moradores tendem a se locomover mais de Uber ou automóveis particulares, os moradores do Sagrada recorrem mais aos transportes públicos e meios de locomoção mais saudáveis e sustentáveis. Isso se dá, em partes, porque apenas 2 dos 10 entrevistados possuíam carro, mas também pela questão da curta distância entre o bairro e os locais de destino, o que gera uma economia com transporte. Então, as opções de transporte seguem mais uma lógica econômica do que necessariamente de saúde e estética corporal.

Fica evidenciado que entre os entrevistados, que a mobilidade para os bairros vizinhos, como Santa Tereza e Floresta, constitui uma prática fundamental para a conformação de seus estilos de vida e práticas de lazer. O Santa Tereza é conhecido em Belo Horizonte pela sua tradição boêmia e o surgimento de grupos musicais como Clube da Esquina e Sepultura, o Floresta concentra, principalmente na rua Sapucaí, estabelecimentos comerciais voltados para um público mais jovem, especialmente o perfil mais *hipster*<sup>69</sup> (VELOSO, 2020; VELOSO, ANDRADE, 2019).

Assim, a boemia e o consumo de locais conhecidos por atrair um público de maior capital cultural apareceu também como parte do estilo de vida dos moradores entrevistados. Uma possível explicação para a preferência por esse tipo de comércio, e por bairros como Santa Tereza e Floresta, pode ser a faixa etária dos entrevistados (maioria jovem) e a fase de vida em que se encontram (se estabelecendo profissionalmente e sem filhos).

Ademais, por meio dos relatos e da caracterização do bairro em termos da distribuição dos imóveis, tem-se que na região próxima ao Cidade Nova<sup>70</sup> o perfil de moradores tende a ser classe média-alta. Ao descer para a região central, próximo à Petrolina, o perfil tende a ser mais popular e até mesmo periférico, na medida em que se aproxima do Horto e Horto Florestal. Também foi pontuado, não só por Lorena, mas por outros entrevistados, a existência de forte relações de vizinhança entre os moradores – especialmente os antigos.

*Cara, o Sagrada Família é bom demais, sabe? Eu conheço todo mundo aqui, todo mundo me conhece aqui... para todo mundo eu sou o louco do cachorro, sabe? Porque meus cachorros adoecem aqui, eles recebem visitas, você acredita? Então, assim, eu conheço todo mundo aqui, eu cresci aqui, meus amigos são daqui, sabe? No máximo, eu tenho vários amigos ali também, no Santa Tereza, que é um bairro vizinho, do lado que eu ia muito lá, sabe? Santa Tereza e Floresta e tal. Então, assim, eu sou muito. Eu acho que é uma questão de apego mesmo, sabe? (...) Antes, os portões das casas ficavam abertos. O vizinho já pegava, já metia a mão na porta e entrava. Eu lembro que eu ficava muito irritado com a minha avó quando ela era viva, porque a gente praticamente não tinha privacidade. Aqui parecia cidade do interior, sabe? As portas já eram abertas. ‘Ah, vizinha, você já tem um café aí, entra’, e tudo mais já era aberto. Só que depois que começaram a demolir as casas e*

---

<sup>69</sup> De maneira geral, a denominação “hipster” se refere a um grupo de indivíduos que valoriza determinados aspectos e bens culturais considerados alternativos, sob o discurso de autenticidade. Normalmente, a consequência desse tipo de valorização é o aumento do custo desses aspectos e bens. Por exemplo, no caso da Floresta, os bares e restaurantes tendem a apresentar cardápios gourmetizados e espaços estetizados, visando um consumo que extrapola os produtos ofertados, mas engloba a experiência de consumo como um todo, bem como o fato de a própria rua Sapucaí funcionar como “mirante urbano” para o patrimônio arquitetônico e cultural da cidade (há obras de grafitti e fachadas de prédios na paisagem da rua).

<sup>70</sup> Cidade Nova é um bairro de classe média, com presença considerável das frações altas dessa classe, localizado na região Noroeste de Belo Horizonte. Sua ocupação recente data de 1960, e o bairro está próximo a três linhas de metrô (José Cândido da Silveira, Minas Shopping e Santa Inês), além de ter fácil e rápido acesso ao Minas Shopping e universidades como PUC Minas (unidade São Gabriel) e Uni-BH (QUINTOANDAR, 2023b).

*construírem prédios, a gente começou a ver pessoas diferentes, entendeu? Então, assim, um alerta de segurança começou a piscar. Então, hoje, as portas têm que ficar fechadas. Mas mesmo assim, o vizinho vem, bate na porta, sabe? A gente entra e tal. Existe aquela troca, aquela solidariedade. A gente tem vizinhos aqui, entendeu? Talvez não nas partes que têm mais prédios, mas eu moro numa rua que ainda tem muita casa antiga de avó, sabe? Fala assim no meu pedaço, mas precisamente, entendeu? (Almir, 32, sociólogo, grifos meus).*

*É um bairro familiar. É um bairro que, tipo, todo mundo sabe, por exemplo, eu entrar na padaria, a moça fala assim, “e aí, você mudou mesmo e tal? Pra onde?” Eu falo, “ali na Jaques Luciana”. Ela fala, “ah, casa do Seu Osvaldo. Está morando lá no Seu Osvaldo”. As pessoas sabem que são os donos dos lotes, entendeu? Pra comprar um fogão novo, eu fui num armarinho e falei “Walmir, arruma um fogão pra mim se achar, você me liga”. Essa coisa é muito mineira. Eu gosto muito disso. Eu tenho uma parte da família que mora em São Paulo também, né? Então, eu vou lá muito, assim. E não tem isso. Por mais que eu ame a cidade, acho São Paulo incrível. Jamais voltaria a morar lá, sabe? *Eu gosto dessa coisa que a gente tem em Minas, da gente conseguir, dessa proximidade, né? Eu consigo comprar fiado, se eu quiser, no armarinho do Walmir, sabe?* (Brenda, 43, designer, grifos meus).*

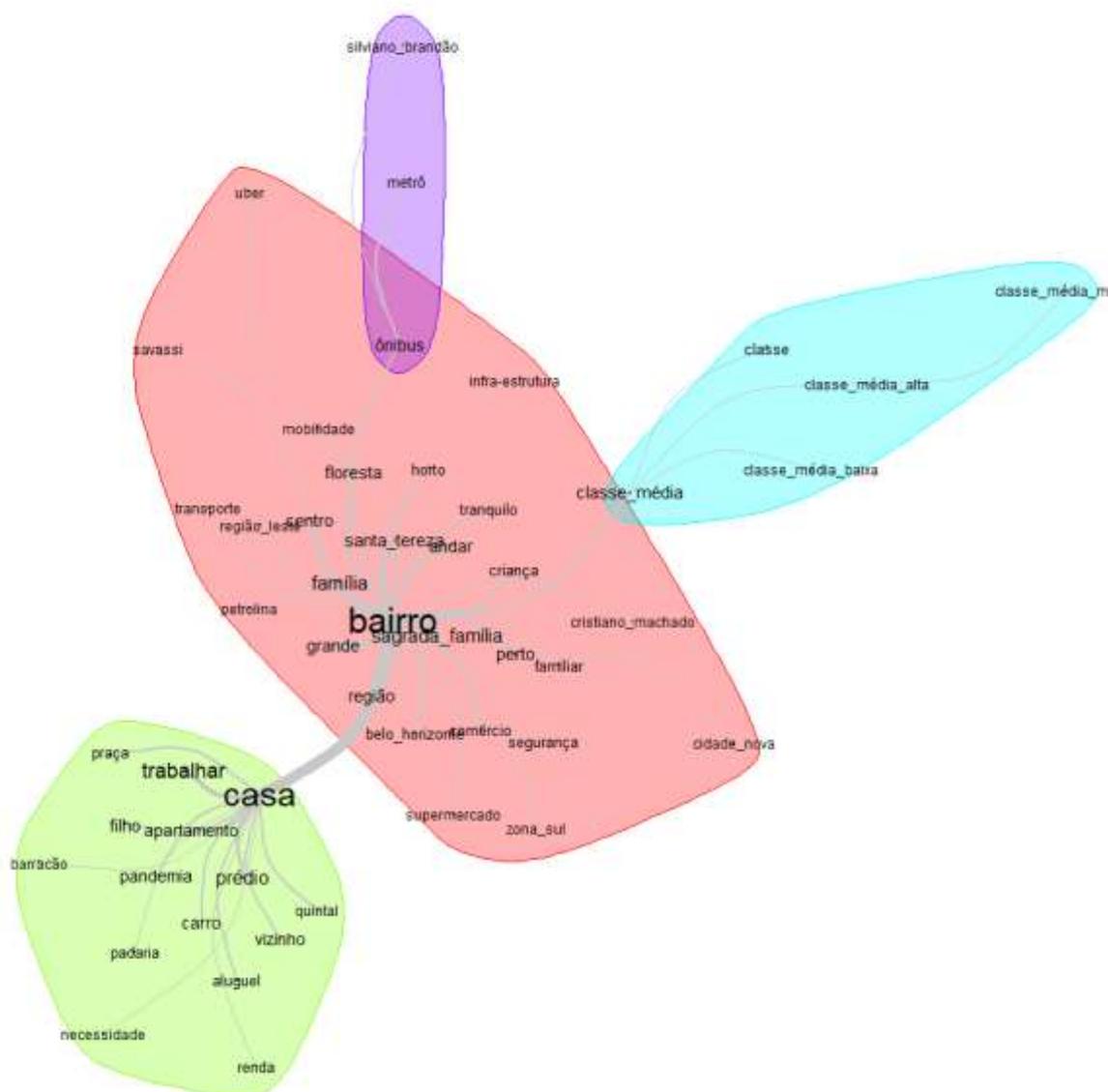
Percebo que entre os mais velhos há aquela preocupação, “está todo mundo bem na sua casa? Como é que está sua mãe?” Aquela preocupação em relação às questões de saúde mesmo. *As pessoas se conhecem, elas costumam até se ajudar, se percebem que alguém está precisando de alguma coisa. Mas isso também tem se mudado, tem se transformado no bairro, com vizinhos novos. Já não existe, com pessoas com quais não existe mais essa relação, você já não conhece, já não tem essa proximidade.* Mas, enfim, com os amigos antigos do bairro, a relação continua (Bruno, 28, professor e mestrando em Educação, grifos meus).

Faz-se necessário relativizar alguns pontos com base em tais relatos. Ainda que seja mencionada a existência de relações de vizinhanças entre os moradores, isso deve ser levado em conta apenas entre pessoas que residem próximas às outras. Ou seja, sendo o Sagrada Família um bairro territorialmente grande, como supracitado acima, as relações de vizinhança não ocorrem homogeneamente e tão pouco da mesma forma entre toda a população do bairro.

A heterogeneidade do bairro, ainda que apareça sutilmente nas falas dos entrevistados, se assemelha parcialmente ao que Gilberto Velho (1989) pontuou sobre Copacabana. Embora seu estudo tenha sido feito na escala de um prédio, o autor analisou como o território copacabanense era composto por diferentes classes sociais, e ao dar enfoque ao Edifício Estrela, percebeu que entre as diferentes classes sociais emergiam distintas formas de relação – desde as de natureza amistosa, até as mais conflituosas. No Sagrada Família, as relações entre os moradores parecem ser fortes, no sentido de despertar um sentimento de vizinhança entre as pessoas – e o interessante é que isso foi relatado tanto por moradores antigos quanto novos. Ao que tudo indica, diferentemente do Anchieta, no Sagrada Família supostamente há interações no sentido da sociabilidade pura simmeliana (2006), de forma que os moradores se sentem pertencentes ao bairro e a uma comunidade (ao menos no raio territorial que residem e consomem o Sagrada).

Os entrevistados do Sagrada também foram solicitados a caracterizar o bairro. De maneira geral, notou-se que os entrevistados associaram o bairro, principalmente, à sua infraestrutura – especialmente que concerne à mobilidade. Além disso, os bairros vizinhos também foram mencionados como locais de consumo cotidiano e de lazer, principalmente o Santa Tereza e o Floresta. O resultado dessa categorização foi uma análise de similitude realizada no software Iramuteq, conforme exibido na imagem a seguir.

**Figura 20 - Análise de similitude (Sagrada Família)<sup>71</sup>**



Fonte: Elaboração da autora.

<sup>71</sup> Assim como mencionado na Nota 49, a análise de similitude consiste no agrupamento de termos e categorias que apareceram correlacionadas nos corpus textuais. Vale ressaltar que as cores da imagem são geradas automaticamente pelo software e não apresentam hierarquias, servindo apenas para diferenciar as classes de palavras.

Partindo da nuvem vermelha, nota-se que nos relatos o bairro foi caracterizado não só em termos de sua infraestrutura, especialmente no que concerne à mobilidade, mas principalmente pela sua proximidade a outros bairros da cidade – especificamente o Centro. A importância do Centro entre os entrevistados se destacou em diferentes relatos:

*Por ser um bairro muito próximo ao Centro e tudo, a questão do transporte, ela é muito tranquila. É muito fácil, assim, sabe? Ir para qualquer lado de Belo Horizonte fica fácil, né? (Laura, 27, socióloga, grifos meus).*

*Porque eu acho que é um bairro muito bem estruturado. Como eu estava te falando. Tem um comércio muito bom. Eu falo comércio muito bom porque é o tipo de comércio que eu gosto. A gente gosta de pequeno comércio. Esse pequeno comércio que a gente conhece as pessoas. Que a gente acha que os preços são justos. Que é fácil de ir a pé ou conseguir um transporte. Eu acho ele muito bem estruturado. Eu acho as vias de acesso muito boas. Você tem o metrô. Você tem muita linha de ônibus. A gente está perto da Silviano Brandão. A gente está perto da Cristiano Machado. A gente está perto da Andradas. A gente está perto do Centro. É um bairro muito bem localizado na cidade (Débora, 40, comunicóloga, grifos meus).*

*Tem esse lance de estar muito próximo do Centro, muito próximo de Santa Tereza. Então uma coisa que a gente faz com frequência é pegar a bicicleta e ir para o Santa Teresa. Pegar a bicicleta e ir para o Centro, pegar a bicicleta e ir... Tem umas trilhas aqui que dá para fazer, que dá para sair daqui e ir de bike. Tem uma coisa que ali em São Geraldo, depois de São Geraldo, vamos para Sabará. Tem aqui o Cidade Nova, que é legal, a José Cândido também, que tem várias ciclovias (Arthur, 33, geógrafo, grifos meus).*

*Mas eu acho que o bairro, o Sagrada, eu acho que ele é diferenciado em termos de localização por ser um bairro super acessível ao Centro da cidade e questão de mobilidade, porque daqui você consegue ir pra qualquer outro lugar. Daqui você consegue ir pra Contagem, pra Zona Norte, você consegue ir pra Zona Oeste, você consegue ir pra Pampulha. Você consegue ir pra qualquer lugar daqui, sabe? Então eu acho que em termos de mobilidade ele é muito bem servido. Em questão de tranquilidade também, sabe, como que eu vou dizer... ele é bem arborizado, ele é bem tranquilo. Não tem muito barulho assim. Pelo menos em muitos pedaços dele, eu não sei pra quem mora perto das avenidas mais agitadas e tudo mais. Então a gente consegue resolver muitas questões por aqui também, sem ter que sair muito daqui. Ou vai, no máximo, até o Floresta. E se você quiser ir no Centro também é super tranquilo, porque eu acho perto, sabe? (Almir, 32, sociólogo, grifos meus).*

*O que tem muito aqui que eu acho interessante é o deslocamento do pessoal do bairro pro Centro a pé, tem muito. Muita gente que trabalha na Savassi, no Centro, na Floresta, desloca a pé. Tem muito esse deslocamento a pé, a caminhabilidade, e isso é pouco falado, sabe? Eu não vejo muito. Tem muito, sempre teve, é histórico. Muitas vezes eu tô ali na Savassi, no Centro, eu desço a pé pra minha casa, numa boa, sabe? (Vânia, 36, arquiteta, grifos meus).*

A facilidade em acessar o Centro e demais regiões da cidade é ressaltada levando em conta que o bairro dispõe de diferentes vias de acesso, como mencionado anteriormente, bem como diversos meios de transporte – o Sagrada Família conta com 4 linhas de ônibus diretas (9209, 9106, S82, 9410) e 2 estações de metrô (São Judas Tadeu e Horto). Isso foi, inclusive, representado pela nuvem roxa na análise de similitude, tendo a Avenida Silviano Brandão sido mencionada como principal via para acesso a diversas linhas de ônibus. É interessante

considerar que as diferentes formas de mobilidade utilizadas pelos moradores se relacionam com os estilos de vida associados ao *morar*.

Se no Anchieta os entrevistados relataram utilizar mais carros e aplicativos de mobilidade como Uber, para se locomoverem e acessarem centralidades como a Savassi, entre os moradores do Sagrada a prática de caminhar/andar a pé e de bicicleta apareceu recorrentemente. Uma das possíveis explicações talvez seja o baixo custo desses tipos de mobilidade, o que, por sua vez, se relaciona à condição financeira dos entrevistados – que foi menor do que a dos moradores do Anchieta.

Entre os relatos também foi possível identificar uma maior relação de consumo e usufruto com os bairros vizinhos. Ainda que o Sagrada Família disponha de bens e serviços básicos para o dia a dia, os moradores entrevistados pontuaram consumir e utilizar o comércio do Floresta e de Santa Tereza como espaços de lazer.

Quando eu quero bar, restaurante e tal, a gente fica muito por aqui. Até agora mais, né? Por causa da pandemia, a gente ficou com mais receio também de ir para lugares mais longe, mais cheios, então a gente acaba optando por alguns lugares que a gente já conhece, sabe? Então, por exemplo, “ah, tô com vontade de comprar um negócio diferente, vamos comer comida indiana?” A gente vai num restaurante que é aqui do bairro, dá para você passar na porta. “Ah, vontade de comer uma pizza”, já tem a pizzaria que você quer, que você já conhece também (...). *Mas quando é lazer do tipo cinema, teatro e tal, aí não dá, aí realmente não tem aqui, né? Aí o cinema mais próximo que seria, seria o de Santa Tereza* (Laura, 27, socióloga, grifos meus).

*Aqui tem uma pracinha que eu posso levar meus cachorros, tem academia que eu posso treinar, tem várias padarias boas, supermercados bons. Eu acho que o que falta aqui muito é banco, sabe? Porque o bairro é muito grande. E os bancos que existem aqui, existem lá na Cristiano Machado (...). Em termos de barzinhos, também tem melhorado muito, restaurantes, lugares de lazer. Eu acho que com o Independência, com a Arena do Estádio Independência<sup>72</sup>, sabe? Onde o Galo joga. Então, melhorou muito essa questão. A Avenida Petrolina, que é aqui do lado ficou super boêmia. Então, aqui tem japonês, tem mineiro, tem comida indiana. Tem um monte de coisa aqui que dá para você frequentar, sabe? (...) Eu acho o Floresta melhor. Porque o Floresta é um mini-centro. Então ele tem serviços... mesmo assim eu não mudaria pra lá não, mas assim, em termos de serviços, e por ser mais bem localizado, o Floresta, dentro da região Leste, é o melhor bairro. Eu gosto muito do Santa Teresa também, porque é um bairro boêmio e eu gosto muito dos rolês que tem lá... mas eu acho que da região Leste, o Sagrada só perde pro Floresta* (Almir, 32, sociólogo, grifos meus).

*Eu acho que o lazer é que não tem tanta coisa. A gente está perto de várias coisas. É fácil ir, mas não tem tanto lazer dentro do bairro. Tem algumas pracinhas e tal, que eu acho que é a única coisa que tem, que as famílias aproveitam, principalmente as crianças aproveitam as praças, mas a gente não tem... Não tem, por exemplo, uma pista de caminhada, tem que ir lá para Andradas, ou então lá para aquela lá de cima, a José Cândido da Silveira, que já é longe para mim. Não tem, sei lá, um parque*

---

<sup>72</sup> O Estádio Raimundo Sampaio, popularmente conhecido como Arena Independência, é um estádio de futebol localizado no bairro do Horto – bairro limítrofe com o Sagrada Família, composto por população de classes baixas.

*linear, um clube, uma coisa assim. Você tem o Sesc, mas ele está lá na Floresta. Eu acho que em termos de lazer, de estrutura de lazer e esporte, aqui é fraco, fraco mesmo. Isso deixa muito a desejar. Em termos de lazer, é pouco. A vantagem que a gente tem é que a gente está perto, é fácil acesso. Mas em termos de infraestrutura, no geral, eu acho bom. (...) Como eu morei dez anos em Santa Tereza, eu tinha os hábitos muito voltados para lá, né? Então, eu gostava indo lá, em barzinho de lá, no cinema de lá (Débora, 40, comunicóloga, grifos meus).*

*Eu acho que depende muito do gosto particular, do que a pessoa gosta de fazer. Eu acho que, sei lá, o jovem que gosta mais de uma vida noturna, em termos de boate etc., eles vão para a Zona Sul. Agora, quem se contempla e gosta de bar e tal, fica na região. Santa Tereza, por exemplo, tem vários bares e tal. Ou então acabam indo nos bares dos bairros mesmo e frequentando a região. Eu acho que depende muito de qual o tipo de lazer que a pessoa procura, né? (...) No meu caso, eu fico por aqui mesmo, na região Leste. Consumo mais o Santa Tereza (Bruno, 28, professor e mestrando em Educação, grifos meus).*

Outro ponto a ser destacado é a associação direta do Sagrada Família como um bairro com grande estoque de moradia do tipo casa – tendo em vista a nuvem verde na análise de similitude. Mesmo entre os entrevistados que residiam em apartamentos, a menção às casas foi recorrente, e esteve intrinsecamente relacionada às relações de vizinhança e à dinâmica de aluguéis de barracões. Isso porque não só são aluguéis mais baratos, mas porque é um tipo de moradia que permite uma maior convivência entre os moradores do mesmo terreno:

*As pessoas aqui são idosas e elas se aposentaram, algumas delas se aposentaram, e é uma alternativa de renda também, pra complementar a renda. Então, tem muito barracão aqui, como no Santa Tereza e na Floresta também, que tem muito essa prática de aluguel, que é como uma forma de renda. Às vezes são dois ou três barracões que eles alugam como renda, e vigiam os moradores também, é engraçado. Mas tem essa relação de vizinhança também, né? (Vânia, 36, arquiteta, grifos meus).*

*Nessa outra casa que eu morava embaixo, eu tinha três barracões. Então, um era da Brenda, o outro era do Wagner e o outro era da Dulce, então a gente brincava de morar na Vila dos Chaves. A gente convivia muito, ainda mais na época que não se saía de casa. (...) Às vezes o que a gente fazia era trocar uma ideia com o vizinho ali na janela e a ideia das pessoas entre si (Helena, 40, bióloga e engenheira ambiental).*

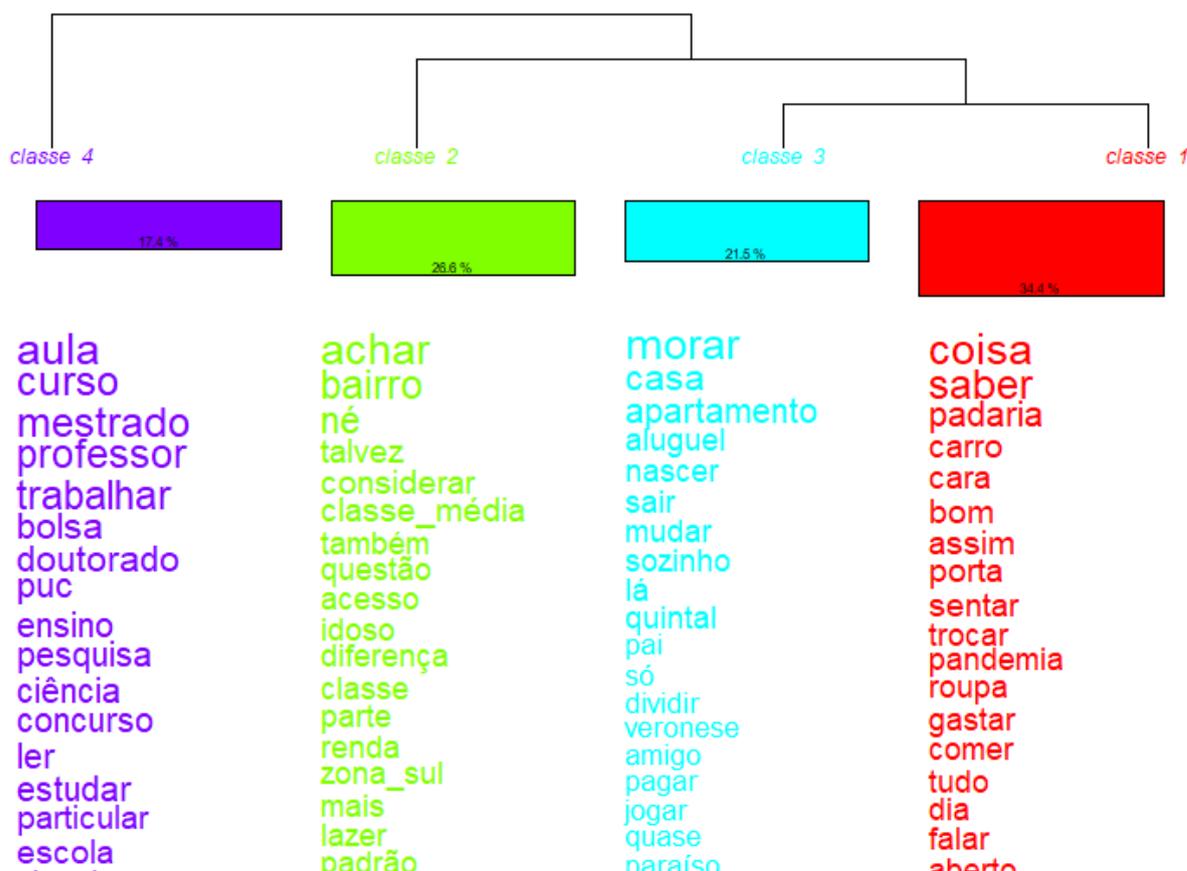
*Eu moro nesse lote que eu tô assim... é um lote, aí tem a minha casa e o quintal no fundo. Na frente tem esse oficina de ar-condicionado, e em cima da oficina tem outra casa. E é uma casa muito festeira, que lembra muito a minha família, que é um velho contando com oito filhos. E esse cara é muito carinhoso comigo, todo dia que eu tô no quintal, ele me chama na janela e faz um prato de churrasco pra mim. Aí se ele vê que eu tô sozinha, tomando sol, tem dia que ele manda um engradado de cerveja pra mim. E aí, eu comecei a criar umas pequenas relações de vizinhança (Lorena, 25, socióloga, grifos meus).*

Tais relações de vizinhança foram mencionadas tanto entre os moradores antigos quanto os novos. Um outro ponto de destaque é a caracterização da população do bairro em classe média, e principalmente classe média-baixa. Segundo os entrevistados, à medida em que se aproxima de bairros como o Cidade Nova e da avenida Cristiano Machado, há uma concentração não só das frações altas da classe média, mas de prédios de mais alto padrão. Diferentemente, na região central do bairro (próximo à Avenida Petrolina) e em direção a

bairros como o Horto, nota-se a presença de camadas mais populares e até mesmo de comunidades e favelas.

Também foi feito um dendrograma com base nos relatos dos entrevistados. De maneira geral, foram identificadas duas grandes famílias de palavras (a classe 4 e a classe 2), divididas em dois subgrupos (classes 3 e 1). O resultado segue ilustrado abaixo.

**Figura 21 - Dendrograma das entrevistas com moradores do Sagrada Família**



Fonte: Elaboração da autora.

A classe 4 (que representou 17,4% da temática das entrevistas) refere-se ao capital cultural, associado à formação dos entrevistados e as instituições de ensino. Todos os moradores tinham ao menos ensino superior completo, sendo 9 pessoas formadas em cursos de ciências humanas e/ou ciências humanas aplicadas. Isso é relevante para pensar não só o estilo de vida dos entrevistados no que concerne ao consumo de bens e serviços e lazer (especialmente considerando a preferência por bares, restaurantes e demais atividades na região Leste, que é historicamente marcada por uma tradição boêmia e cultural), mas também na orientação política, uma vez que a maior parte dos entrevistados demonstrou ser de esquerda.

A classe 2 (que representou 26,6% do conteúdo dos relatos) relacionou-se com a mobilidade e o perfil do bairro (em termos populacionais e em relação a outras áreas da cidade). Tanto pela facilidade para acessar outros bairros e regiões da cidade, quanto pela população heterogênea (mas com predominância da classe média, especialmente das frações baixas e médias), o Sagrada Família foi caracterizado como um bairro bem localizado e com população idosa, mas com forte presença de famílias com crianças.

Já os subgrupos representados pelas classes 3 (21,5%) e 1 (34,4%), se referem, respectivamente, à moradia e infraestrutura. Morar no Sagrada Família foi representado tendo em vista a prática de alugar, seja apartamento ou casa, bem como a experiência de possuir quintal – o que pareceu, no caso das residências do tipo barracão, auxiliar na interação entre os vizinhos. O tipo de moradia se relacionou também com o tema da infraestrutura, principalmente levando em conta que durante a pandemia da covid-19, aqueles que residiam em casas tiveram a oportunidade de usufruir do quintal como meio para aliviar um pouco a questão do isolamento, como reportado abaixo:

Agora eu comecei a descobrir o bairro, né? Porque eu fiquei muito isolada. Então eu não tive esse tempo de descobrir, assim, de ter um vínculo igual tinha com Floresta, por exemplo. (...) Aqui é diferente. Mas eu tô começando a me descobrir também, sabe? Teve uma experiência que rolou comigo. Acho que foi em março... porque eu estava dentro de casa, super isolada. E, tipo, estava ficando mal da cabeça já, um sábado, chorando aqui, limpando casa. Aí eu sentei no portão de casa. Aí a vizinha da frente me viu. E é uma casinha bem simples, que tem, assim, uma mulher mais velha. E aí ela falou assim "Ai, deixa eu sentar aí com você". E eu, assim, né, não tinha tido muito contato ainda com as pessoas. "Você pode sentar aí, então". E aí ela chegou, sentou comigo, abriu uma cerveja e falou assim "Você quer ficar longe?" Eu falei assim "Quero". E aí ela começou a me contar a vida dela. Aí ela começou a me contar, assim, teve umas outras identificações, sabe? (...). E eu fiquei com ela conversando até tarde da noite, sabe? (Lorena, 25, socióloga).

Ah, tem uma coisa legal que aconteceu na pandemia. A gente tem muita horta, tem muita parreira de uva no bairro, sabe? Muita horta. Ah, eu ganhei tanta fruta, tanta alface, assim, teve muita permuta. "Ah, eu te dou a alface e você me dá a uva". Teve muito isso também, a gente tem muito pomar no Sagrada Família. Horta e pomar, horta, pomar e orquidário, é o que mais tem aqui. Aí as pessoas trocam muito. (...) Na pandemia, foi assim, "tá precisando de limão?", "tá precisando de goiaba?", "tá precisando...". Na pandemia teve mais troca. Eu, por exemplo, forneci alface pra minha rua inteira. Falei, "ó, vocês querem, alface? Deu muito alface". É, teve uma relação mais de subsistência. Eu achei que agora não tá tanto. Mas, por exemplo, eu troquei sementinha, dei semente, as pessoas plantaram, eu plantei. Aí, acabou ficando um hábito, assim, de pessoas que até não plantavam começar a plantar (Vânia, 36, arquiteta).

Assim, com base nos relatos e análises aqui realizadas, o Sagrada Família tende a ser um bairro buscado por pessoas que estão se estabelecendo financeira e profissionalmente – como mencionado anteriormente, a maior parte dos entrevistados tinha concluído o ensino superior há pouco mais de 5 anos e estava se firmando no mercado de trabalho. Isso porque

ele conta com um estoque de imóveis com aluguéis mais acessíveis, ainda que a intensa oferta imobiliária vivenciada atualmente no bairro esteja modificando não só o perfil dos moradores, mas aumentado o custo de vida – o que tem sido percebido, principalmente, pelos moradores antigos.

Ademais, a heterogeneidade populacional do bairro, dada sua proporção territorial, promove interações diversificadas – que ressaltam a confluência de diferentes perfis socioeconômicos num mesmo território (VELHO, 1989), bem como a emergência de sociabilidades mais íntimas (SIMMEL, 2006). Nesse sentido, o *morar* no Sagrada Família está relacionado a um estilo de vida pautado na facilidade da mobilidade, sendo que os moradores (jovens e adultos) tendem a consumir os bairros vizinhos (Santa Tereza e Floresta) cujos estabelecimentos comerciais são conhecidos por atraírem pessoas com maior capital cultural.

A sociabilidade também é um componente fundamental do estilo de vida vigente entre os moradores do bairro. Não só por meio dos relatos, mas também ao acompanhar o grupo de WhatsApp Vizias, cujo público é apenas feminino, observou-se a existência de redes de apoio entre pessoas que moram próximas umas das outras. Esse e outros fatores ajudam na construção da imagem do Sagrada Família enquanto um bairro que possui relações de vizinhança, que é tradicional (por ser um bairro antigo) e familiar (dada a grande presença de várias gerações de famílias).

Por fim, as mudanças pelas quais o bairro vem passando, no sentido da intensa oferta imobiliária, impacta o estilo de vida dos moradores com menor capital econômico, na medida em que há aumento do custo de vida e dos bens e serviços ofertados. Como consequência, uma das estratégias mencionadas nos relatos dos entrevistados é usufruir da fácil mobilidade do Sagrada Família, dada sua localização, para consumir e acessar tais serviços em outros lugares de Belo Horizonte.

No que tange ao lazer, contudo, os entrevistados optam por consumir os bairros vizinhos, como Floresta e Santa Tereza, mais pela variedade de estabelecimentos comerciais e por serem locais que atraem um público normalmente mais jovem e com mais capital cultural. Assim, o consumo de um comércio boêmio e diferenciado parece sobrepor o fator econômico, na medida em que o acesso e consumo de tais lugares associam-se a mecanismos de distinção e status social (BOURDIEU, 2011).

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como mencionado na introdução, a presente tese teve como objetivo *investigar a dimensão do estilo de vida relacionada ao local de moradia enquanto um fator de diferenciação social*. Para isso, além da discussão teórica pautada no conceito de estilo de vida (principalmente sob a concepção bourdieusiana), a pesquisa empírica em dois bairros de classe média em Belo Horizonte permitiu captar algumas características do *morar* das frações dessa classe.

Sendo o estilo de vida aqui entendido como um conceito multifacetado que pode ser mensurado, entre outros meios, pelas práticas de consumo, partiu-se do princípio de que o consumo da moradia seria distinto entre as frações da classe média. Os indivíduos de classe média-alta consumiriam apartamentos vendidos sob o discurso de “alto padrão” e “luxo”, com oferta de ambientes compartilhados diversos (como academia, coworking, espaço kids, espaço pets etc.) e segurança. Esses tipos de imóveis são comercializados nos anúncios publicitários por meio da associação a diversos atributos (como status, distinção etc.) e estilos de vida que podem ser acessados através da posse de um determinado volume de capital econômico. Ao passo que as pessoas de classe média-média optariam por moradias menos estilizadas, mas com a mesma preocupação em relação à segurança.

Tomando o ato de *morar* como uma prática social dialética, no sentido de que, simultaneamente, constitui e é constituída pela relação que os indivíduos estabelecem com o local de moradia (sua infraestrutura e oferta de bens e serviços) e os demais residentes, a pesquisa possibilitou distinguir como a localização geográfica influencia diretamente no padrão de consumo da moradia, de lazer e na mobilidade dos indivíduos.

Os imóveis novos do Anchieta, comercializados sob o discurso, entre outras coisas, de o bairro ser “tradicional”, “familiar” e “tranquilo” pareceram atrair um perfil específico de moradores: indivíduos de classe média alta já estabilizados financeira e profissionalmente, e com filhos. Esses indivíduos, como supracitado no terceiro capítulo, foram de difícil acesso, não sendo possível entrevistar uma quantidade considerável desses moradores. No entanto, com base nos relatos dos indivíduos de classe média-alta, bem como nos dos antigos moradores a respeito dos novos residentes, ficou evidente que o *morar* das frações altas da classe média no bairro está atrelado a um discurso imobiliário de “autossuficiência” – uma vez que, supostamente, como os novos apartamentos apresentam infraestrutura diversificada,

os moradores não precisariam recorrer a serviços externos – disponibilizada a partir de um custo alto de condomínio<sup>73</sup>.

No que tange às relações de vizinhança, observou-se que é praticamente inexistente o vínculo entre os novos moradores e os antigos. Ainda que os novos moradores saiam dos prédios para consumir espaços de lazer, estes tendem a ser os novos estabelecimentos comerciais do Anchieta (lugares que os antigos moradores normalmente não frequentam) – isso foi percebido nos pontos de vista de ambos os perfis de moradores. Também se faz necessário considerar que as relações de vizinhança são influenciadas pelo tempo de moradia, logo, o fato de a nova população do bairro não possuir vínculos pode estar ligado ao fato de ainda não terem se familiarizado o suficiente com o bairro e a população.

Os antigos moradores entrevistados relataram possuir algum tipo de vínculo entre si, especialmente considerando a participação de algumas pessoas na AMORAN (ainda que a associação do bairro não seja politicamente ativa no sentido de mobilizar a população para reivindicar questões sociais e urbanas envolvendo o bairro). Já os novos moradores pontuaram que a relação com o bairro e a vizinhança é puramente cordial, na medida em que tendem a socializar e interagir mais com pessoas que frequentam os mesmos espaços de lazer – aqui destacou-se o Minas Tênis Clube, um clube de agremiação desportiva que funciona como “cartão postal” social, na medida em que as cotas fazem deste um local acessado apenas por pessoas com grande volume de capital econômico. Nesse sentido, as interações sociais entre os entrevistados do Anchieta remeteram às *light interactions* (VAN EIJK; ENGBERSEN, 2011), no sentido de predominar a cordialidade do que o forte laço de vizinhança e comunidade

No Sagrada Família, ao contrário, o discurso imobiliário acerca das novas construções pauta-se no fato de o bairro possuir infraestrutura variada (dado o seu tamanho) e fácil acesso aos bairros vizinhos, como Santa Tereza e Floresta, que também possuem oferta diversificada de bens e serviços. Além disso, foi pontuada a proximidade em relação ao Centro – tanto no discurso das construtoras analisadas, quanto entre os entrevistados. Diferentemente do que se observou no Anchieta, os imóveis comercializados no Sagrada Família não partem de uma noção de “autossuficiência”, mas reforçam a ideia de consumir os diversos produtos e

---

<sup>73</sup> No entanto, é importante relativizar essa ideia de “autossuficiência” na medida em que atualmente as demandas que temos são muitas, e é impossível não precisar sair da moradia para supri-las.

serviços ofertados na região Leste como um todo (e demais áreas da cidade, principalmente o Centro).

Outro aspecto abordado foi a sociabilidade. Entre os moradores entrevistados, supostamente havia um senso de vizinhança, ao menos entre aqueles que residem num raio próximo. Isso porque nas interações analisadas, seja aquelas acompanhadas no grupo de WhatsApp chamado Vizas (composto por moradoras), ou as relatadas nas entrevistas, observou-se que as trocas e favores entre os moradores extrapolaram as questões de classe (ou de frações de classe), na medida em que há tendência de criar uma “rede de apoio”, não se limitando apenas a pessoas do mesmo status social.

Para além do tipo de imóvel ofertado, assim como a sociabilidade, um outro componente fundamental do *morar* é a mobilidade. A localização, como já havia sido pontuado por Bourdieu (2008), implica tanto em ganhos territoriais quanto sociais. Se no Anchieta a localização é considerada privilegiada porque permite fácil acesso à Savassi (centralidade valorizada na região Centro-sul) e importantes vias da cidade (como a Afonso Pena, Nossa Senhora do Carmo etc.), no Sagrada Família os moradores também valorizaram o fato de o bairro não só ter fácil acesso aos espaços de lazer dos bairros vizinhos, ao Centro, e a avenidas como a Cristiano Machado, mas possuir muitas linhas de ônibus e acesso ao metrô.

De maneira geral, entre os entrevistados de ambos os bairros, o deslocamento para os locais de consumo do dia a dia (padaria, supermercado, farmácia etc.) e os de lazer (restaurantes, bares, cinema etc.) é fácil e relativamente rápido. Os entrevistados do Anchieta costumavam deslocar-se mais de carro (já que todos tinham automóvel), ao passo que os do Sagrada Família faziam mais uso de transportes públicos (ônibus e metrô) e aplicativos de mobilidade (como Uber) – somente dois entrevistados possuíam automóvel.

Se a posse de um determinado tipo de imóvel, bem como a sociabilidade com o local de moradia e a população local, e a mobilidade importam para se pensar o *morar* das frações médias, outro fator relevante é a fase de vida. Entre os entrevistados do Anchieta, encontrou-se uma população cujos capitais herdados influenciaram para uma maior estabilidade profissional e financeira, sendo que os indivíduos das frações altas da classe média tenderem a ser pessoas na faixa etária dos 40 anos, com filhos, e que atuam como empresárias. Os indivíduos de classe média-média analisados foram pessoas mais velhas, que moram no Anchieta há muitas décadas, e a maior parte já era aposentado.

A mobilidade social dos entrevistados do Anchieta foi de curta distância – todos pertenciam, desde a infância, à classe média (ainda que nas frações baixa e/ou média). Assim, a combinação entre os capitais herdados e adquiridos (principalmente os diplomas de ensino superior e pós-graduação) auxiliaram para que os entrevistados passassem a se considerar, atualmente, classe média-média e classe média-alta. A diferença entre tais frações se deu, basicamente, pelo maior poder de consumo e volume de capital econômico deste último.

Contrariamente, no Sagrada Família, a maior parte dos indivíduos entrevistados encontrava em fase de estabilização profissional e financeira – lembrando que estes residiam em casas e apartamentos antigos, não constituindo o público-alvo dos anúncios publicitários. Ainda que a maioria fosse jovens adultos, até entre os mais velhos havia busca por estabilidade nesses aspectos. A mobilidade social experienciada por esses entrevistados foi maior do que a dos moradores do Anchieta, já que a maioria teve origem social na classe trabalhadora. Portanto, o acesso ao ensino superior auxiliou no processo de ascensão social, permitindo que esses indivíduos pudessem, por exemplo, escolher o bairro em que residem (boa parte dos entrevistados morava de aluguel), bem como os locais de consumo (seja de serviços do dia a dia, ou de lazer).

Assim, sintetizando o *morar* dos dois bairros, pode-se identificar o estilo de vida vigente nestes. As frações médias entrevistados no Anchieta são indivíduos que, devido ao pequeno território do bairro, conseguem acessar bens e serviços cotidianos a pé ou a poucos minutos de carro. O bairro, e a região Centro-sul como um todo, oferece estabelecimentos comerciais diversificados que extrapolam as funções básicas e atribuem status social a seus consumidores – por exemplo, a grande concentração de supermercados da rede Verdemar, bem como os restaurantes e bares na Avenida Bandeirantes, Francisco Deslandes e na Rua Pium-í, ofertam produtos gourmetizados e especializados. O consumo de itens mais sofisticados requer tanto um conhecimento prévio, por parte dos consumidores, da qualidade dos produtos, quanto um paladar mais aguçado – isso se traduz numa diferenciação social pautada em capital cultural atrelado à comida (BOURDIEU, 2011).

Ademais, o estilo de vida predominante entre os entrevistados do Anchieta tendeu também a incorporar uma preocupação em manter práticas saudáveis, como caminhadas e passeios com animais de estimação, bem com um discurso político específico – o de meritocracia. Quando indagados a respeito da divisão da sociedade em classes sociais, os entrevistados não só se reconheceram (unanimemente) como classe média, como a maior

parte apresentou argumentos meritocráticos, no sentido de ser preciso ter “ambição” para usufruir das “oportunidades”.

Por fim, o estilo de vida vigente no grupo de entrevistados do Sagrada Família é composto por um deslocamento maior dos indivíduos, seja dentro do próprio bairro (dado o seu grande território) ou nos bairros vizinhos, principalmente via transportes públicos – ainda que tenha sido relatada a prática de andar a pé pela região, e até mesmo ao Centro. A moradia pareceu se restringir à função básica, uma vez que não foi identificada a valorização de sua estética e estilização – sendo o oposto do que ocorre no Anchieta.

O consumo de bens e serviços cotidianos ocorre tanto no próprio bairro como nos bairros vizinhos, sendo que alguns moradores recorrem também ao Centro – até porque com os investimentos imobiliários, tem ocorrido um aumento no custo de vida, impactando as pessoas com menor volume de capital econômico. As práticas de lazer se destacaram por ocorrerem, principalmente, nos bairros vizinhos – Floresta e Santa Tereza. Talvez pelo fato de a maior parte dos entrevistados ter sido composta por jovens, há busca por estabelecimentos do tipo bares e restaurantes, cuja oferta de produtos é diferenciada e apresenta uma experiência de consumo que extrapola os itens comercializados, mas engloba a ambientação e estética do local.

O comércio desses bairros é conhecido, no contexto da cidade, por atrair um público jovem com maior volume de capital cultural. Os estabelecimentos comerciais do próprio Sagrada Família, no entanto, não atraem necessariamente os entrevistados, mas parecem atender às demandas das famílias (com filhos) que residem no bairro. Além disso, foi pontuado o surgimento de diferentes tipos de restaurantes (como indiano, italiano etc.) à medida que os novos empreendimentos imobiliários têm sido construídos.

A sociabilidade também é um componente fundamental do estilo de vida dos moradores entrevistados do Sagrada, e de certa forma, a solidariedade entre as pessoas que moram perto umas das outras relaciona-se com uma orientação política mais de esquerda encontrada nos entrevistados. O discurso de classe se distinguiu em relação aos indivíduos de classe média-média e classe média-alta do Anchieta, ainda que no Sagrada Família os entrevistados também tenham (unanimemente) se declarado como pertencentes à classe média.

Partindo dos dados obtidos e das discussões proferidas ao longo dessa tese, evidenciou-se a relevância de considerar o estilo de vida como uma ferramenta teórica e

metodológica para compreender não só as diferenças internas à classe média, mas os diferentes modos de habitar e consumir o espaço urbano. Conclui-se, portanto, que de maneira geral, as frações média e alta da classe média entrevistados no Anchieta tendem a ter um estilo de vida que se concentra no consumo de bens e serviços da própria região Centro-sul e seus subcentros – como a Savassi. E a moradia desempenha uma função de “extensão” do status social, uma vez que é estilizada e incorporada (principalmente via discurso imobiliário) sob signos de distinção – aqui, a fácil mobilidade e acesso; os estabelecimentos comerciais sofisticados; a preocupação com a manutenção da estética pública do local de moradia etc.

As frações baixa e média da classe média entrevistados no Sagrada Família, ao contrário, optam por investir menos na estilização da moradia, mas consumir estabelecimentos com maior capital cultural concentrados na região Leste. Também recorrem aos bairros vizinhos e ao Centro como opções mais “viáveis”, do ponto de vista econômico, para acessarem determinados bens e serviços, especialmente os do dia a dia. Assim, ainda que possuam menos volume de capital econômico, essas frações tendem a valorizar práticas de consumo atreladas ao capital cultural como forma de se distinguirem socialmente.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALVES, G. **O novo (e precário) mundo do trabalho**. São Paulo: Boitempo, 2000.
- ANDRADE, Luciana Teixeira de; MENDONÇA, Jupira Gomes de; DINIZ, Alexandre Magno Alves (org.) **Belo Horizonte: transformações na ordem urbana**. Belo Horizonte: PUC Minas, 2015.
- ANDRADE, Luciana Teixeira de. **A Belo Horizonte dos modernistas: representações ambivalentes da cidade moderna**. Belo Horizonte: PUC Minas, 2004.
- ARAÚJO, Esdras Bezerra Fernandes de; BARBOSA, Anna Kristyna Araújo da Silva. **O individualismo moderno nas sociologias de Simmel e Durkheim**. Revista Abordagens, João Pessoa, v.1, n.1, jan./jun. 2019.
- ARAÚJO, Kátia Medeiros de. **Consumo e reconhecimento social: a valorização do morar bem entre novas elites do Recife**. Tese (Doutorado). Programa de Pós-Graduação em Antropologia, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2006.
- ARREGUY, Cintia Aparecida Chagas; RIBEIRO, Raphael Rajão. **Histórias de bairros de Belo Horizonte: Regional Centro-Sul**. Belo Horizonte: APCBH-ACAP/BH, 2008a.
- ARREGUY, Cintia Aparecida Chagas; RIBEIRO, Raphael Rajão. **Histórias de bairros de Belo Horizonte: Regional Leste**. Belo Horizonte: APCBH-ACAP/BH, 2008b.
- ASSIS, Lívia Matos Lara de. **Mudanças residenciais e comerciais: um estudo sobre processos de renovação urbana no bairro Anchieta, Belo Horizonte**. Dissertação de mestrado em Ciências Sociais – Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2020.
- ASSIS, Lívia M. L. de. **O comércio de bairro enquanto terceiro lugar: um estudo sobre as interações sociais no bairro Anchieta**. Monografia em Ciências Sociais, Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais. 2017.
- BAHIA, Cláudio L. M. **Metamorfoses da metrópole**. Revista do Arquivo Público Mineiro, Belo Horizonte, a.43, nº 2, p. 60-75, jul./dez. 2007.
- BARBOSA, Lívia. **Sociedade de Consumo**. 1ªed., Rio de Janeiro: Zahar, 2004.
- BELO HORIZONTE (MG). Prefeitura Municipal. **Plano diretor de Belo Horizonte: lei de uso e ocupação do solo: estudos básicos**. Belo Horizonte: Prefeitura Municipal, 1995.
- BELK, R. Acquiring, possessing, and collecting: fundamental processes in consumer behavior. In: BUSH, R. F.; HUNT, S. G. (Eds.). **Marketing Theory: Philosophy of Science Perspectives**. Chicago: American Marketing Association, 1982. p. 185-190.
- BENNET, T.; SAVAGE, M.; SILVA, E.; WARDE, A.; GAYO-CAL, M.; WRIGHT, D. **Culture, class, distinction**. New York: Routledge, 2009.
- BERTONCELO, Edison. R. E. **O espaço das classes sociais no Brasil**. Tempo Social, 28(2), 73-104. 2016.
- \_\_\_\_\_. Classes sociais no Brasil. **PLURAL**, Revista do Programa de Pós-Graduação em Sociologia da USP. São Paulo, v. 21 n. 2, 2014, p. 8-19.
- \_\_\_\_\_. Classes e práticas sociais. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, n. 81, p. 183-211, 2013.

- \_\_\_\_\_. **Classes sociais e estilos de vida na sociedade brasileira.** Tese apresentada ao Programa de Pós-graduação em Sociologia – Universidade de São Paulo, 2010.
- BOLTANSKI, Luc; ESQUERRE, Arnaud. **Enrichissement. Une critique de la marchandise.** Paris: Gallimard, 2017.
- BOLTANSKI, Luc. **As classes sociais e o corpo.** 3ª edição. São Paulo: Paz e Terra, 2004.
- BOURDIEU, Pierre. Espaço físico, espaço social e espaço físico apropriado. **Estudos Avançados**, v. 27, n. 79, p. 133–144, 2013.
- \_\_\_\_\_. **A Distinção: crítica social do julgamento.** 2 ed. rev. Porto Alegre, RS: Zouk, 2011.
- \_\_\_\_\_. Efeitos do lugar. In: BORDIEU, P. (Org.) **A miséria do mundo.** 7. ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2008.
- \_\_\_\_\_. **As estruturas sociais da economia.** Porto: Campo das Letras, 2006.
- \_\_\_\_\_. “O campo econômico”. **Política & Sociedade**, 6: 15-58 (tradução de “Le champ économique”. Actes de la Recherche en Sciences Sociales, 119: 48-66, 1997), 2005.
- \_\_\_\_\_. **The state nobility: elite schools in the field of power.** Palo Alto: Stanford University Press, 1998.
- \_\_\_\_\_. **Razões Práticas: sobre a teoria da ação.** Campinas, SP: Papirus, 1996.
- \_\_\_\_\_. Gostos de classe e estilos de vida. In: ORTIZ, Renato (org.). **Bourdieu – Sociologia.** São Paulo: Ática. Coleção Grandes Cientistas Sociais, vol. 39. p. 82-121. 1983a.
- \_\_\_\_\_. **Questões de Sociologia.** Rio de Janeiro: Marco Zero, 1983b.
- BOURDIEU, Pierre; WACQUANT, Loïc. **Um convite à sociologia reflexiva.** Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 2005.
- BRAVERMAN, H. **Labor and Monopoly Capital: the degradation of work in the twentieth century.** New York: Monthly Press, 1974.
- BRONNER, S. J. Visible proofs: material culture study in American folkloristics. **American Quarterly**, v. 35, n. 3, p. 316-338, 1983.
- BURRIS, V. The Discovery of the New Middle Class. **Theory and Society**, v.15, n.1, p.317-49, 1986.
- BUTLER, T.; SAVAGE, M. **Social Change and the Middle Classes.** London: Routledge, 1995.
- CAMARGO, B. V.; JUSTO, A. M. **Tutorial para uso do software de análise textual IRAMUTEQ.** Universidade Federal de Santa Catarina [Internet]. 2013a.
- CAMARGO, B. V.; JUSTO, A. M. IRAMUTEQ: um software gratuito para análise de dados textuais. **Temas Psicol.**, Ribeirão Preto, v. 21, n. 2, p. 513-518, 2013b.

CAPANEMA EMPREENDIMENTOS. **Bergamo Residence**. 2021a. Disponível em: < <https://capanemaempreendimentos.com.br/empreendimento/bergamo-residence/>> acesso em: mai. 2021.

CAPANEMA EMPREENDIMENTOS. **Portofino Residence**. 2021b. Disponível em: < <https://capanemaempreendimentos.com.br/empreendimento/portofino-residence/>> acesso em: mai. 2021.

CAPANEMA EMPREENDIMENTOS. **Vêneto Residence**. 2021c. Disponível em: < <https://capanemaempreendimentos.com.br/empreendimento/veneto-residence/>> acesso em: mai. 2021.

CARDOSO, Adalberto; PRÉTECEILLE, Edmond. **Classes médias no Brasil: estrutura, mobilidade social e ação política**. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2021.

CARDOSO, Adalberto; PRÉTECEILLE, Edmond. Classes médias no Brasil: do que se trata? qual seu tamanho? como vem mudando?. **DADOS – Revista de Ciências Sociais**, Rio de Janeiro, vol. 60, n. 4, 2017, pp. 977 a 1023.

CARVALHAES, F. A. de O. A tipologia ocupacional Erikson-Goldthorpe-Portocarero (EGP): uma avaliação analítica e empírica. **Sociedade e Estado**, v. 30, n. Soc. estado., 2015 30(3), p. 673–703, set. 2015.

CLARK, E. The order and simplicity of gentrification: A political challenge. IN R. Atkinson and G. Bridge (eds.) **Gentrification in a Global Context: The New Urban Colonialism**. London: Routledge, 2005.

COLLET, Anaïs. **Rester bourgeois. Les quartiers populaires, nouveaux chantiers de la distinction**. Paris: La Découverte, 2015.

CONSTRUTORA BECKER CABALEIRO. **Vida Campestre**. 2023. Disponível em: < <http://vidacampestre.becker.com.br/index.html>> acesso em: jun. 2023.

CONSTRUTORA METRÓPOLIS. **Residencial Palazzo Barberini**. 2021. Disponível em: < <https://www.construtorametropolis.com.br/visualizacao-de-portifolio/ler/31/residencial-palazzo-barberini>> acesso em: mai. 2021.

CROMPTON, R. **Class and Stratification: an introduction to current debates**. 2. ed. London: Polity Press, 1998.

CROSSLEY, Nick. Classe social. In: GRENFELL, Michael (org). **Pierre Bourdieu: conceitos fundamentais**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2018.

CUSTÓDIO, Maraluce M.; RIBEIRO, José Cláudio Junqueira. Serra do Curral: significados e importância de proteção. **Veredas do Direito: Direito Ambiental e Desenvolvimento Sustentável**, Belo Horizonte, v.18, n.42, set./dez. 2021.

DEVINE, F.; SAVAGE, M.; SCOTT, J.; CROMPTON, R. (orgs.). **Rethinking Class: culture, identities and lifestyle**. London: Palgrave Macmillan, 2005.

DONZELOT, Jaques. The three-speed city. Marginalization, periurbanization, gentrification. In: STIFTEL, B.; WATSON, V. and ACSELRAD, H. **Dialogues in Urban and Regional Planning 2**. London and New York, Routledge, 2007.

- DOUGLAS, Mary; ISHERWOOD, Baron. **O Mundo dos Bens: para uma antropologia do consumo**. 2 ed. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2013. (Coleção Etnologia).
- DURKHEIM, Émile. **O suicídio: estudo de sociologia**. São Paulo: Martins Fontes, 2000.
- \_\_\_\_\_. **Da divisão do trabalho social**. 2 ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999.
- \_\_\_\_\_. As regras do método sociológico. In: 2 ed. São Paulo: Abril Cultural, 1983. (**Coleção Os Pensadores**).
- DURKHEIM, Émile e MAUSS, Marcel. Algumas formas primitivas de classificação. In: Mauss, M. **Ensaio de sociologia**. Tradução Luiz João Gaio e J. Guinsburg, São Paulo: Perspectiva. 2005. pp. 399- 455.
- ERIKSON, Robert; GOLDTHORPE, John H. **The constant flux: a study of class mobility in industrial societies**. Oxford; New York: Oxford University Press; Clarendon Press 1992.
- FEATHERSTONE, Mike. **Cultura de consumo e pós-modernismo**. São Paulo: Studio Nobel, 1995.
- FELSON, M. The differentiation of material life styles: 1925 to 1966. **Social Indicators Research**, v. 3, p. 397-421, 1976.
- FERNANDES, F. **A revolução burguesa no Brasil: ensaio de interpretação sociológica**. Rio de Janeiro: Guanabara, 1987.
- \_\_\_\_\_. **Sociedade de classes e subdesenvolvimento**. Rio de Janeiro: Zahar, 1968.
- FIGUEIREDO, Angela. **Classe Média Negra: Trajetórias e Perfis**. Salvador: EDUFBA, 2009.
- FORJAZ, Maria Cecília S. **Tenentismo e política: tenentismo e camadas médias urbanas na crise da Primeira República**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1977.
- FURBY, L. Possessions: toward a theory of their meaning and function throughout the life cycle. In: BALTES, P. B. (Ed.). **Lifespan Development and Behavior**. New York: Academic Press, 1978. p. 297-336.
- GIDDENS, Anthony. **Modernidade e identidade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2002.
- \_\_\_\_\_. **The Class Structure of Advanced Society**. New York: Harper and Row, 1973.
- GOLDTHORPE, John H. Occupational sociology, yes: class analysis, no: comment on Grusky and Weeden's Research Agenda. **Acta Sociologica**, v. 45, p. 211-217, 2002.
- GOMES, D. F. L. Sobre a teoria das classes sociais de Jessé Souza. **Revista de Direito**, [S. l.], v. 11, n. 01, p. 221–265, 2019.
- GOMES, Sérgio Moraleida. A dinâmica do mercado formal de produção residencial. In: **Estudos urbanos: Belo Horizonte 2008: transformações recentes na estrutura urbana**. Coordenação: Maria Fernandes Caldas, Jupira Gomes de Mendonça, Lélío Nogueira do Carmo. – Belo Horizonte: Prefeitura de Belo Horizonte, 2008.
- GONÇALVES, Robson R. **O déficit habitacional brasileiro: um mapeamento por unidades da federação e por níveis de renda domiciliar**. Rio de Janeiro, RJ: IPEA, 1998. (Texto para discussão N° 559).

- GRAUMANN, C. F. Art as a structural system: a study of Hopi pottery designs. **Studies in the Anthropology of Visual Communication**, v. 2, n. 1, p. 33-60, 1974-1975.
- GUEDEZ, Annie. La 'belle maison' dans la Grande Lande. In: NAHOUM-GRAPPE, V.; VINCENT, O. (orgs.) **Le goût des belles choses. Ethnologie de la relation esthétique**. Paris: Éditions de la MSH, pp. 49-65. 2004.
- GUERRA, A.; POCHMANN, M.; AMORIM, R.; SILVA, R. **Classe Média: desenvolvimento e crise**. São Paulo: Cortez Editora, 2006.
- GUIMARÃES, A. S. A. **Classes, raças e democracia**. São Paulo: Editora 34, 2012.
- HASENBALG, Carlos; SILVA, Nelson do Valle (orgs.). **Origens e Destinos: Desigualdades Sociais ao Longo da Vida**. Rio de Janeiro: TopBooks, 2003.
- HIRANO, Sedi. **Castas, estamentos e classes sociais: introdução ao pensamento sociológico de Marx e Weber**. Unicamp, 1a ed., 2002.
- IANNI, O. **Industrialização e desenvolvimento social no Brasil**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1966.
- IBGE. **Censo demográfico 2010: resultados do universo relativos as características da população e dos domicílios**. Rio de Janeiro, 2010. Disponível em: <<https://censo2010.ibge.gov.br/resultados.html>> Acesso em: mai. 2022.
- KOURY, Mauro Guilherme Pinheiro. **Estilos de vida e individualidade**. Horizontes Antropológicos [online]. 2010, v. 16, n. 33, pp. 41-53. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0104-71832010000100004>. Acesso em mar. 2022.
- LEES, Loretta, SLATER, Tom, WYLY, Elvin K. **Gentrification**. New York: Routledge/Taylor & Francis Group, 2008.
- LIMA, Diana Nogueira de Oliveira. **Sujeitos e objetos do sucesso: antropologia do Brasil emergente**. Rio de Janeiro: Garamond, 2008. 242 p.
- LIQUIDA SILVIANO BRANDÃO. Polo Moveleiro. 2024. Disponível em: <<https://www.liquidasilvianobrandao.com.br/>> Acesso em: jan. 2024.
- LOCKWOOD, D. **The Blackoated Worker**. London: Allen & Unwin, 1958.
- MACIEL, Louise Claudino. **Pode entrar: manifestações de gosto no âmbito da moradia e da decoração das elites culturais na Região Metropolitana de Recife**. Tese (Doutorado). Programa de Pós-Graduação em Sociologia, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2018.
- MARQUES, Eduardo; SCALON, Celi; OLIVEIRA, Maria A. Comparando Estruturas Sociais no Rio de Janeiro e em São Paulo. **DADOS – Revista de Ciências Sociais**, vol. 51, no1, pp. 215-238. 2008.
- MARX, Karl. **O Capital - Livro I – crítica da economia política: O processo de produção do capital**. Tradução Rubens Enderle. São Paulo: Boitempo, 2013.
- MATON, Karl. Habitus. In: GRENFELL, Michael (org). **Pierre Bourdieu: conceitos fundamentais**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2018.
- MCASTRO CONSTRUTORA. **Hilda Vilaça Residencial**. 2023. Disponível em: <<https://hildavilaca.com.br/>> acesso em: abr. 2023.

MCCRACKEN, Grant. Cultura e consumo: uma explicação teórica da estrutura e do movimento do significado cultural dos bens de consumo. **Revista de Administração de Empresas** [online]. 2007, v. 47, n. 1, pp. 99-115. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0034-75902007000100014>. Acesso em abr. 2022.

MENDONÇA, Jupira Gomes de; ANDRADE, Luciana Teixeira de; DINIZ, Alexandre Magno Alves. **Hipersegregação das elites metropolitanas brasileiras na década de 2000: interpretações a partir da Região Metropolitana de Belo Horizonte**. Cad. Metrop., São Paulo, v. 21, n. 44, p. 29-53, abr. 2019.

MENDONÇA, Jupira G.; MARINHO, C. As transformações socioespaciais na Região Metropolitana de Belo Horizonte. In: Luciana Teixeira de Andrade; Jupira Gomes de Mendonça; Alexandre Magno Alves Diniz. (Org.). **Belo Horizonte: transformações na ordem urbana**. Rio de Janeiro: Letra Capital; Belo Horizonte: PUC Minas, 2015, p. 145-177.

MILLS, C. Wright. **White Collar**. New York: Oxford University Press, 1951.

MINAS TÊNIS CLUBE. **Institucional – Unidades**. 2023. Disponível em: <<https://minastenisclub.com.br/institucional/unidades/minas-tenis-club-i/>> acesso em: dez. 2023.

NERI, M. **A Nova Classe Média**. Rio de Janeiro: CPS-FGV, 2008.

O'DONNELL, Julia. **A Invenção de Copacabana: culturas urbanas e estilos de vida no Rio de Janeiro (1890-1940)**. Rio de Janeiro: Zahar, 2013.

O'DOUGHERTY, Maureen. **Auto-Retratos da Classe Média: Hierarquias de "Cultura" e Consumo em São Paulo**. Dados [online]. 1998, vol.41, n.2, pp.411-444. ISSN 1678-4588.

OLIVEIRA, Francisco de. **O Elo Perdido. Classe e Identidade de Classe**. São Paulo: Brasiliense, 1987.

ORTNER, Sharon B. **New Jersey Dreaming: Capital, Culture, and the Class of '58**. 2ªed., Duke University Press, [2003] 2006.

OWENSBY, B. Intimates Ironies: modernity and the making of the middle class lives in Brazil. Stanford: Stanford University Press. xv, 334p. In: DENIPOTTI, C.; JOANILHO, A. Resenha sobre os novos brasilianistas. **Revista de História Regional**, 1999.

PINÇON, Michel; PINÇON-CHARLOT, Monique. **Les ghettos du Gotha. Comment la bourgeoisie défend ses espaces**. Paris: Seuil, 2007.

PLANO METROPOLITANO DE BELO HORIZONTE (PLAMBEL). **O processo de desenvolvimento de Belo Horizonte: 1897-1970**. Belo Horizonte: Fundação João Pinheiro, 1979. 337 p.

PLANTA Geral da Cidade de Minas. s/a. Rio de Janeiro: Companhia de Artes Graphicas do Brasil Rio de Janeiro, s/d. **Coleção de Documentos Cartográficos do Arquivo Público Mineiro**. Notação: APM-104.

POCHMANN, M. **O trabalho sob fogo cruzado**. São Paulo: Contexto, 1999.

POULANTZAS, N. **Poder Político e Classes Sociais**. São Paulo, Martins Fontes. 1977.

POULANTZAS, N. **Classes in Contemporary Capitalism**. London: New Left Books, 1975.

- PRADO Jr., C. **Formação do Brasil contemporâneo**. São Paulo: Livraria Martins Editora, 1942.
- PREFEITURA DE BELO HORIZONTE (PBH). **Cadastro do IPTU referente aos bairros Anchieta e Sagrada Família**. Prefeitura de Belo Horizonte, Secretaria Municipal de Fazenda, 2021.
- PREFEITURA DE BELO HORIZONTE (PBH). **Cadastro do IPTU referente aos bairros Anchieta e Sagrada Família**. Prefeitura de Belo Horizonte, Secretaria Municipal de Fazenda, 2011.
- PREFEITURA DE BELO HORIZONTE (PBH). **Diagnóstico – Situação Atual e Tendências da Dinâmica Urbana**. Plano Diretor da Região Administrativa Centro-Sul do Município de Belo Horizonte. 2013.
- PRÉTECEILLE, Edmond; RIBEIRO, Luiz Cesar de Queiroz. Tendências da Segregação Social em Metrópoles Globais e Desiguais: Paris e Rio de Janeiro nos Anos 80. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, n. 40, pp. 143-162. 1999.
- PULICI, C.. ENTRE O POPULISMO CULTURAL E A DISTINÇÃO: Definições do “bem-morar” no Brasil contemporâneo. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, v. 37(108), p. e3710800, 2022.
- PULICI, Carolina Martins. O gosto dominante como gosto tradicional. **Novos Estudos Cebrap**, n. 91, p. 123-139, 2011.
- PULICI, Carolina Martins. **O charme (in)discreto do gosto burguês paulista: estudo sociológico da distinção social em São Paulo**. 2010. Tese (Doutorado em Sociologia) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2010.
- QUADROS, W. **A evolução recente da estrutura social brasileira**. Texto para Discussão. IE/UNICAMP, Campinas, n. 148, nov. 2008.
- \_\_\_\_\_. A reestruturação das empresas e o emprego de classe média. In: OLIVEIRA, C.; MATTOSO, J. (org) **Crise e trabalho no Brasil**. São Paulo: Scritta, 1995.
- QUADROS, W.; ANTUNES, D.; GIMENEZ, D. O Brasil e a nova classe média dos anos 2000. **Carta Social e do Trabalho**, n. 20, pp. 2-11, 2012.
- QUINTOANDAR. **Relatório Compra e Venda: Belo Horizonte – 3º trimestre de 2023**. 2023a. Disponível em: <<https://mkt.quintoandar.com.br/dados/>> Acesso em: nov. 2023.
- QUINTOANDAR. **Como é morar no Sagrada Família**. Belo Horizonte, Minas Gerais. 2023b. Disponível em: <<https://www.quintoandar.com.br/regioes-atendidas/sagrada-familia-belo-horizonte-mg-brasil-2drwtr2wk5>> acesso: jan. 2024.
- RAUD, C.. Bourdieu e a nova sociologia econômica. **Tempo Social**, v. 19(2), p. 203–232, nov. 2007.
- RIBEIRO, C. A. Desigualdade de oportunidades e resultados educacionais no Brasil. **Dados**, n. 54, p. 41-87, 2011.
- RIBEIRO, C. A.; VALLE, N. Cor, educação e casamento: tendências de seletividade marital (1960-2000). **Dados**, n. 52, p. 7-51, 2009.

RIBEIRO, Carlos A. C. **Estrutura de classe e mobilidade social no Brasil**. São Paulo: Edusc, 2007.

RIBEIRO, Carlos A. C. SCALON, Celi. Mobilidade de Classe no Brasil em Perspectiva Comparada. **DADOS – Revista de Ciências Sociais**, vol. 44, no 1, pp. 53-96. 2001.

ROBERTS, K.; COOK, FG.; CLARK, SC.; SEMEONOFF, E. **The Fragmentary Class Structure**. London: Heinemann, 1977.

SALATA, André Ricardo. **A classe média brasileira: posição social e identidade de classe**. 1. ed. Rio de Janeiro: Letra Capital, 2016.

SAHLINS, Marshall. **Cultura e razão prática**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, [1976] 2003.

SANTOS, J. **Estrutura de posições de classes no Brasil**. Rio de Janeiro: Iuperj; Ucam, 2002.

\_\_\_\_\_. Efeitos de classe na desigualdade racial no Brasil. **Dados**, v. 48, n. 1, p. 21-65, 2005.

\_\_\_\_\_. Classe social e desigualdade de gênero no Brasil. **Dados**, v. 51, n. 2, p. 353-402, 2008.

\_\_\_\_\_. Desigualdade de saúde no Brasil. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, n. 75, p. 28-55, 2011.

SANTOS, Angela Maria Medeiros Martins; SOUZA, Adilson José de; COSTA, Claudia Soares. Bens de consumo: linha branca. **BNDES Setorial**, Rio de Janeiro, n. 2, p. [164]-172, nov. 1995.

SAVAGE, M.; BAGNALL, G.; LONGHURST, B. Local habitus and Working-Class Culture. In: Fiona Devine, Mike Savage, John Scott and Rosemary Crompton (orgs.). **Rethinking Class: culture, identities and lifestyle**. London: Palgrave Macmillan, 2005.

SAVAGE, M.; BARLOW, J.; DICKENS, P.; FIELDING, T. **Property, Bureaucracy and Culture: middle class formation in contemporary Britain**. London: Routledge, 1992.

SCALON, Maria Celi et al. **Ensaio de estratificação**. Belo Horizonte: Argvmentvm, 2009.

SCALON, Maria Celi. **Mobilidade social no Brasil: padrões e tendências**. Rio de Janeiro: Editora Revan, 1999.

SCALON, M.; RIBEIRO, C. Mobilidade de classe no Brasil em perspectiva comparada. **Dados**, n. 44, p. 53-96, 2001.

SCALON, Celi; SALATA, André. Desigualdades, estratificação e justiça social. **Civitas - Revista de Ciências Sociais**, v. 16, n. 2, pp. 179-188, 2016.

SCALON, Celi; SALATA, André. Uma nova classe média no Brasil da última década? O debate a partir da perspectiva sociológica. **Revista Sociedade e Estado**, v. 27, n. 2, 2012.

SILVA, Nelson do Valle. **Cambios Sociales y Estratificación el Brasil Contemporáneo (1945-1999)**. Santiago: Cepal, 2004.

SIMMEL, Georg. A sociabilidade: exemplo de sociologia pura ou formal. In: SIMMEL, Georg. **Questões fundamentais da sociologia: indivíduo e sociedade**. Tradução de Pedro Caldas. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2006.

SIMMEL, Georg. A metrópole e a vida mental. In: VELHO, Otávio G. (org.). **O fenômeno urbano**. 4. ed. Rio de Janeiro: Guanabara, 1987.

SIMMEL, Georg. El estilo de vida. In: SIMMEL, Georg. **Filosofia del dinero**. Madri: Institutio de Estudios Políticos, 1977.

SOUZA, P.; RIBEIRO, C.; CARVALHAES, F. Desigualdades de oportunidades no Brasil: considerações sobre classe, educação e raça. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, n. 73, p. 77-99, 2010.

SOUZA, Jessé. **Os batalhadores brasileiros. Nova classe média ou nova classe trabalhadora?**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2012.

\_\_\_\_\_. **A ralé brasileira: quem é e como vive**. 1a. reimp. Belo Horizonte: UFMG, 2011.

\_\_\_\_\_. **A elite do atraso: da escravidão à Lava Jato**. Rio de Janeiro: Leya, 2017.

\_\_\_\_\_. **A classe média no espelho: sua história, seus sonhos e ilusões, sua realidade**. Rio de Janeiro: Estação Brasil, 2018.

SOUZA, M. A. R.; WALL, M. L.; THULER, A. C. M. C.; LOWEN, I. M. V.; PERES, A. M. The use of IRAMUTEQ software for data analysis in qualitative research. **Rev Esc Enferm USP**. 52: e03353. 2018.

TICLE, Maria Letícia Silva. **O nó entre o espaço e o tempo em Santa Tereza: os bares na paisagem boêmia em um bairro de Belo Horizonte**. Dissertação (mestrado) – Universidade Federal de Minas Gerais, Escola de Arquitetura. 2016.

THIRY-CHERQUES, H. R.. Pierre Bourdieu: a teoria na prática. **Revista de Administração Pública**, v. 40(1), p. 27–53, jan. 2006.

THOMSON, Patricia. Campo. In: GRENFELL, Michael (org). **Pierre Bourdieu: conceitos fundamentais**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2018.

VAN EIJK, Gwen; ENGBERSEN, Radboud. “Facilitating ‘light’ social interactions in public space: a collaborative study in a Dutch urban renewal neighbourhood”. **Journal of Urban Regeneration and Renewal**, 5 (1), pp. 35-50, 2011.

VASCONCELOS, José R.; CÂNDIDO Jr., José O. **O problema habitacional no Brasil: déficit, financiamento e perspectivas**. Brasília, DF: IPEA, 1996. (Texto para discussão N°410).

VILLAÇA, Flávio. **Espaço intra-urbano no Brasil**. São Paulo: Studio Nobel; FAPESP; Lincoln Institute, 2001.

VELHO, Gilberto. **Projeto e metamorfose: antropologia das Sociedades Complexas**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 3a ed., 2003.

VELHO, Gilberto. **A Utopia Urbana**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 5ª ed., 1989.

VELOSO, C. S. **Um bairro patrimonial: dinâmicas residenciais e comerciais do Floresta, em Belo Horizonte**. Tese (Doutorado) – Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais. Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais. 246 f. Belo Horizonte, 2020.

VELOSO, C. S.; ANDRADE, L. T. Sapucaí Street: Entertainment Hub and Commercial Gentrification in Belo Horizonte. **Int J Sociol Leis** 2, 43–61 (2019).

WACQUANT, L. Making Class: the middle class(es) in social theory and social structure. In: Scott G. McNall et al., (orgs.). **Bringing Class Back**. Boulder: Westview Press, 1992, p. 39-64.

WAIZBORT, Leopoldo. **As aventuras de Georg Simmel**. São Paulo: Editora 34, 2000.

WEBER, Max. **A ética protestante e o espírito do capitalismo**. São Paulo: Martin Claret, 2001.

WEBER, Max. Classe, estamento e partido. In: IANNI, Octavio. **Ensaio de Sociologia**. 5a ed. Rio de Janeiro: Editora Guanabara, 1982.

WRIGHT, E. O. Análise de classes. **Revista Brasileira de Ciência Política**, n. (17), p. 121–163, maio 2015.

\_\_\_\_\_. **The Debate on Classes**. London: Verso, 1989.

\_\_\_\_\_. What is Middle About the Middle Class? In: John Roemer (org.). **Analytical Marxism**. Cambridge: Cambridge University Press, 1985.

\_\_\_\_\_. **Class, Crisis and the State**. London: New Left Books, 1976.

YACCOUB, H.. A chamada "nova classe média": cultura material, inclusão e distinção social. **Horizontes Antropológicos**, v. 17(36), p. 197–231, jul. 2011.

## APÊNDICE A – Roteiro de entrevista com os moradores

Apresentação: Bom dia / Boa tarde / Boa noite. Meu nome é Livia e sou doutoranda na PUC Minas. O trabalho que estou desenvolvendo tem o objetivo de analisar as diferentes formas de morar em um determinado bairro da cidade e a relação disso com a classe social. As informações coletadas serão utilizadas apenas para uma pesquisa de doutorado na PUC e nenhuma informação específica e pessoal sua ou da sua família será revelada. Os dados serão analisados coletivamente. Desde já agradeço a participação.

Número da entrevista: \_\_\_\_\_ Data: \_\_\_/\_\_\_/\_\_\_ Horário: \_\_\_\_\_

Endereço: \_\_\_\_\_

### 1. Trajetória e fase de vida

- a) Qual a escolaridade do seu pai e da sua mãe/ou aqueles responsáveis?
- b) E qual a profissão deles?
- c) Como você enxerga o futuro da sua família daqui há uns anos?
- d) Você estudou em escolas particulares ou públicas?
- e) Quais as suas perspectivas profissionais? (Se for aposentado(a), não perguntar)
- f) Como você enxerga o seu futuro daqui há uns anos?

### 2. Identidade de classe

- a) É comum dizermos que a sociedade está dividida em grupos, camadas, classes. Você se sente parte de alguma classe? Qual? Por quê?
- b) O que significa, pra você, fazer parte dessa classe?
- c) Na sua opinião, o que uma pessoa precisa ter e fazer para pertencer a essa classe?
- d) Como você se vê e vê a sua família em relação aos demais indivíduos que fazem parte dessa classe?

### 3. Local de moradia (e impactos da pandemia)

- a) Qual a sua cidade natal?

(Caso não seja de Belo Horizonte, perguntar o porquê mudou para cá.)

- b) Desde quando você mora aqui?
- c) Você pode me dizer os bairros que morou em Belo Horizonte?
- d) Por que se mudou para cá? Gosta de morar aqui? Por quê?
- e) Como é viver nesse bairro?
- f) Tem algo que para você distingue este bairro em relação aos outros bairros da cidade?
- g) O que acha da infraestrutura (serviços, comércio, lazer, transporte público etc.) do bairro? Ela te atende?

- h) Levando em conta o contexto da pandemia, você fez isolamento social? Se sim, o bairro conseguiu suprir suas necessidades?
- i) Como era a sua rotina diária de locomoção na cidade antes da pandemia? E após?
- j) Como era a sua rotina de compras no bairro antes da pandemia? E depois?
- k) E de lazer, antes e depois da pandemia?
- l) Por causa da pandemia, você sentiu necessidade de mudar alguma coisa na sua casa? E sim, o quê? E por quê?
- m) A sua relação com a sua casa mudou após a pandemia? Se sim, como? E por quê?
- n) Como é a relação de vizinhança? Você tem amigos no bairro?
- o) Como você caracterizaria os residentes aqui do bairro em termos de classe social? Todas as partes do bairro são assim?
- p) E quanto ao perfil das pessoas que moram aqui? (em termos de idade, estado civil etc.)
- q) Tem notado alguma mudança no perfil dos moradores do bairro nos últimos anos?
- r) E quanto aos imóveis ofertados, tem notado alguma mudança?
- s) Você considera o bairro seguro ou perigoso? Já enfrentou algum problema de segurança no bairro?
- t) O que você acha da localização do bairro em que mora, em relação ao restante da cidade? O que você acha que o diferencia dos outros?
- u) Por que você continua morando nesse bairro? Gostaria de morar em outro lugar?
- v) Tem algo que você gostaria de mudar no bairro?

#### **4. Indicação**

Você poderia me indicar alguém pessoas que, assim como você, residem no bairro para que eu possa entrevistá-las?

**APÊNDICE B – Roteiro de entrevistas com pessoas do setor imobiliário**

1. Há quanto tempo você trabalha no ramo de empreendimento imobiliário?
2. Você tem empreendimentos no Anchieta? Se sim, é algo recente ou de mais longa data?
3. Como é empreender nesse bairro?
4. Quais os motivos que te levaram a investir nele?
5. Qual o padrão dos imóveis que você constrói/vende?
6. O que normalmente os seus clientes buscam consumir em termos de moradia? (por exemplo: apartamentos com área gourmet, lazer completo, piscina e academia etc.)
7. Qual o perfil dos seus clientes (em termos etários, raça/cor, classe, escolaridade etc.)?
8. Eles são pessoas do bairro mesmo ou há investidores de outros bairros e regiões da cidade?
9. Há pessoas que investiram em imóveis para aluguel ou normalmente compram para morar?
10. Comparando com outros bairros próximos, como é o mercado imobiliário do Anchieta?
11. O que você considera como um diferencial no bairro, que o torna procurado para residência?
12. Há outros fatores que interferiram ultimamente no mercado imobiliário do bairro ou ele segue as tendências mais gerais do mercado? Quais são essas tendências?
13. Há áreas específicas do bairro onde o volume de aluguéis vendas é menor/maior? Procura por imóveis? Valor dos imóveis? Quais essas áreas e por quê?
14. Você acha que essa quantidade de novos empreendimentos no bairro pode alterar características importantes do bairro, como as relações tradicionais de vizinhança (ou outras)?

### APÊNDICE C – Questionário

O presente questionário faz parte da pesquisa de uma tese do Ciências Sociais pelo Programa de Pós-graduação em Ciências Sociais da PUC Minas. A tese tem como objetivo de analisar as diferentes formas de morar em um determinado local/bairro/parte da cidade e a relação disso com a classe social. Nenhuma informação específica e pessoal sua ou da sua família (nomes, e-mails, endereço etc.) será revelada. Desde já agradeço a participação.

- 1) Nome (sem sobrenome)
- 2) Sexo
  - Masculino
  - Feminino
  - Outro:
- 3) Considerando as opções abaixo, qual a sua raça/cor?
  - Branca
  - Preta
  - Parda
  - Amarela
  - Indígena
  - Outro:
- 4) Qual a sua religião?
- 5) Qual o seu grau de escolaridade?
  - Fundamental incompleto
  - Fundamental completo
  - Médio incompleto
  - Médio completo
  - Superior incompleto
  - Superior completo
  - Pós-graduação/MBA/Mestrado/Doutorado
- 6) Qual curso você está cursando ou já cursou?
- 7) Você está empregado(a)?
  - Sim
  - Não
  - Estou à procura de emprego
  - Outro:
- 8) Qual a sua situação atual de trabalho?

- Emprego com carteira assinada
- Funcionário Público/Militar
- Emprego sem carteira assinada
- Empresário(a)
- Profissional liberal
- Autônomo(a)/trabalho por conta própria
- Outro:

**9) Qual a sua idade?**

**10) Qual é o seu estado civil?**

- Solteiro(a)
- Casado(a), amigado(a) ou juntado(a)
- Separado(a) ou Divorciado(a)
- Viúvo(a)

**11) Você tem filhos?**

- Sim
- Não

**12) Se tiver filhos, quantos?**

**13) Qual faixa de renda abaixo corresponde à sua renda familiar?**

Os intervalos de renda abaixo foram construídos com base no valor do salário-mínimo de 2021 (R\$1.100,00).

- Faixa 1 - 0 a R\$2.200 reais
- Faixa 2 - R\$2.201 a R\$5.500 reais
- Faixa 3 - R\$5.501 a R\$11.000 reais
- Faixa 4 - R\$11.001 a R\$16.500 reais
- Faixa 5 - R\$16.501 a R\$22.000 reais
- Faixa 6 - mais de R\$22.000 reais
- Prefiro não responder

**14) Você possui automóvel?**

- Sim
- Não

**15) Se sim, quantos?**

**16) Você possui motocicleta?**

- Sim
- Não

**17)** Se sim, quantas?

**18)** O que você faz, normalmente, no seu tempo livre/de lazer?

(É possível marcar mais de uma opção)

- Visita amigos e parentes
- Vai a bares e restaurantes
- Lê (revista, livros, artigos)
- Vai ao cinema
- Frequenta festas
- Viaja
- Pratica esporte ou faz exercícios
- Frequenta estádio de futebol
- Frequenta igreja
- Fica em casa

**19)** Qual o meio que geralmente utiliza para se informar?

- Lê jornal
- Assiste televisão
- Ouve rádio
- Whatsapp
- Outro:

**20)** Valoriza itens de marca?

- Sim
- Não

**21)** Geralmente você usa internet para:

- Ler notícias
- Fazer amigos
- Fazer compras
- Trabalhar
- Estudar
- Conversar com pessoas (familiares, amigos etc.)

Outro:

**22)** Em qual bairro de Belo Horizonte você reside atualmente?

**23)** Há quanto tempo você reside nesse bairro?

- +10 anos
- +5 anos
- 1 ano
- Menos de 1 ano

**24)** Que tipo de imóvel você mora atualmente?

- Casa
- Apartamento
- Outro:

**25)** Qual a condição de ocupação do imóvel que você mora?

- Próprio quitado
- Próprio financiado
- Alugado
- Convidado(a) para morar com alguém
- Emprestado
- Outro:

**26)** Atualmente, quantas pessoas moram com você?

**27)** O quão satisfeito(a) você está com o bairro em que reside?

Nada satisfeito

1                      2                      3                      4                      5

Muito satisfeito

**28)** O quão satisfeito(a) você está com o seu bairro em termos de segurança?

Nada satisfeito

1                      2                      3                      4                      5

Muito satisfeito

**29)** O quão satisfeito(a) você está com o seu bairro em termos de serviços urbanos\*?

\* Serviços urbanos é aqui entendido como acesso a esgotamento sanitário, água encanada, rede de energia elétrica, bem como hospitais, escolas etc.

Nada satisfeito

1                      2                      3                      4                      5

Muito satisfeito

**30) O quão satisfeito(a) você está com o seu bairro em termos de mobilidade urbana\*?**

\* Mobilidade urbana é aqui entendida como acesso a linhas de ônibus, bem como demais serviços de locomoção (táxi, Uber, motoboy etc.)

Nada satisfeito Muito satisfeito

1 2 3 4 5

**31) O quão satisfeito(a) você está com o seu bairro em termos da oferta de espaços de lazer\*?**

\* Espaços de lazer são aqui entendidos como bares, restaurantes, praças, parques, shopping etc.

Nada satisfeito Muito satisfeito

1 2 3 4 5

**32) O quão satisfeito(a) você está com o seu bairro em termos de serviços do dia-a-dia\*?**

\* Serviços do dia-a-dia é aqui entendido como supermercados, padarias, agências bancárias, farmácias e drogarias etc.

Nada satisfeito Muito satisfeito

1 2 3 4 5

**33) O quão satisfeito(a) você está com o seu bairro em termos da vizinhança?**

Nada satisfeito Muito satisfeito

1 2 3 4 5

**34) Se você tivesse dinheiro para comprar um imóvel em qualquer bairro de Belo Horizonte, qual bairro você escolheria?**

**35) Dentre as regionais de Belo Horizonte, qual você escolheria para morar?**

- Barreiro
- Centro-Sul
- Leste
- Nordeste
- Noroeste
- Norte
- Oeste
- Pampulha
- Venda Nova

**36) Dentre as características abaixo, selecione as que você acredita mais corresponderem ao bairro que você mora**

- Sossegado

- Agitado
- Movimentado
- Acolhedor
- Limpo
- Bonito
- Arejado
- Arborizado
- Populoso
- Outro:

### **Contato posterior para entrevista**

Com base nas respostas anteriores, gostaria de saber se seria possível realizarmos uma entrevista de forma remota (via Google Meet, Zoom etc.) a fim de aprofundarmos nas questões referentes ao local de moradia (como é viver no bairro em que mora, bem como a relação com os vizinhos etc.) bem como com a cidade. Assim como esse questionário, a entrevista não divulgará informações que comprometerão o anonimato do respondente. Caso esteja disposto(a) a participar da entrevista, por favor colocar abaixo o e-mail e o número do celular para um contato futuro. Desde já, muito obrigada pela participação na minha pesquisa.

**APÊNDICE D – Perfil dos entrevistados (Anchieta)**

Nome	Sexo	Cor/raça	Religião	Idade	Estado civil	Cidade Natal	Escolaridade	Curso	Ocupação	Renda familiar (em reais)	Autodeclaração de classe	Tempo de moradia	Tipo de moradia	Condição da moradia
Lúcia	F	Branco(a)	SR	42	Casado(a)	BH	Pós-graduação/ MBA/ Mestrado/ Doutorado	Jornalismo	-	R\$11.001 a R\$16.500 reais	Classe média	-	Apartamento	Própria financiada
Carla	F	Branco(a)	Católica	45	Casado(a)	BH	Pós-graduação/ MBA/ Mestrado/ Doutorado	Arquitetura	Funcionário(a) Público/Militar	R\$11.001 a R\$16.500 reais	Classe média-média	Mais de 5 anos	Apartamento	Própria quitada
Inácio	M	Branco(a)	Candomblé	41	Casado(a)	BH	Pós-graduação/ MBA/ Mestrado/ Doutorado	Relações Internacionais, Engenharia, Economia	Funcionário(a) Público/Militar	Mais de R\$22.000 reais	Classe média-alta	Mais de 10 anos	Apartamento	Alugada
Flávia	F	Branco(a)	SR	39	Solteiro(a)	BH	Pós-graduação/ MBA/ Mestrado/ Doutorado	Direito, Comunicação	Emprego com carteira assinada	R\$5.501 a R\$11.000 reais	Classe média	Mais de 10 anos	Apartamento	Própria quitada
Amanda	F	Branco(a)	Católica	93	Viúvo(a)	Itabira	Superior completo	Letras	Aposentado(a)	R\$11.001 a R\$16.500 reais	Classe média	Mais de 10 anos	Apartamento	Própria quitada
Rosa	F	Parda	SR	46	Casado(a)	Ponte Nova	Pós-graduação/ MBA/ Mestrado/ Doutorado	Geografia	Autônomo(a)	R\$2.201 a R\$5.500 reais	Classe média	Mais de 10 anos	Apartamento	Própria quitada
Márcia	F	Branco(a)	Evangélica	27	Casado(a)	BH	Pós-graduação/ MBA/ Mestrado/ Doutorado	Educação	Emprego com carteira assinada	R\$2.201 a R\$5.500 reais	Classe média-média	1 ano	Apartamento	Convidado(a) para morar com alguém
Guto	M	Branco(a)	Espírita	67	Casado(a)	Montes Claros	Superior completo	Engenharia Eletrônica e de	Aposentado(a)	R\$2.201 a	Classe média	Mais de 5 anos	Apartamento	Convidado(a) para morar

								Telecomunicações		R\$5.500 reais				com alguém
Bárbara	F	Branco(a)	Espírita	44	Solteiro(a)	BH	Pós- graduação/ MBA/ Mestrado/ Doutorado	Letras e Jornalismo	Autônomo(a)	NR	Classe média- baixa	Mais de 10 anos	Apartamento	Própria quitada
Cássio	M	Branco(a)	Católica	50	Solteiro(a)	BH	Pós- graduação/ MBA/ Mestrado/ Doutorado	Direito	Autônomo(a)	NR	Classe média	Mais de 10 anos	Apartamento	Própria quitada
Aline	F	Branco(a)	SR	42	Solteiro(a)	BH	Pós- graduação/ MBA/ Mestrado/ Doutorado	Marketing	Funcionário(a) Público/Militar	R\$5.501 a R\$11.000 reais	Classe média	Mais de 10 anos	Apartamento	Própria quitada
Sofia	F	Branco(a)	SR	46	Casado(a)	Pirapora	Pós- graduação/ MBA/ Mestrado/ Doutorado	Serviço Social	Funcionário(a) Público/Militar	Mais de R\$22.000 reais	Classe média	1 ano	Casa	Própria quitada
Simone	F	Branco(a)	Católica	92	Viúvo(a)	Lambari	Pós- graduação/ MBA/ Mestrado/ Doutorado	Pedagogia	Aposentado(a)	R\$16.501 a R\$22.000 reais	Classe média- alta	Mais de 10 anos	Apartamento	Própria quitada
Afonso	M	Branco(a)	SR	37	Casado(a)	BH	Superior completo	Administração	Empresário(a)	R\$16.501 a R\$22.000 reais	Classe média- alta	1 ano	Apartamento	Própria quitada
Cristiano	M	Branco(a)	Católica	71	Casado(a)	Diamantina	Pós- graduação/ MBA/ Mestrado/ Doutorado	Filosofia	Emprego com carteira assinada	R\$16.501 a R\$22.000 reais	Classe média- média	Mais de 10 anos	Apartamento	Própria quitada
Décio	M	Branco(a)	Espírita	54	Casado(a)	São Paulo	Superior completo	Química	Empresário(a)	R\$16.501 a R\$22.000 reais	Classe média- alta	Mais de 5 anos	Apartamento	Própria quitada

Fonte: Elaboração da autora.

**APÊNDICE E – Perfil dos entrevistados (Sagrada Família)**

Nome	Sexo	Cor/raça	Religião	Idade	Estado civil	Cidade Natal	Escolaridade	Curso	Ocupação	Renda familiar (em reais)	Autodeclaração de classe	Tempo de moradia	Tipo de moradia	Condição da moradia
Débora	F	Branco(a)	SR	40	Casado(a)	Divinópolis	Pós-graduação/ MBA/ Mestrado/ Doutorado	Comunicação	Emprego com carteira assinada	R\$5.501 a R\$11.000 reais	Classe média-média	Menos de 1 ano	Apartamento	Própria financiada
Arthur	M	Branco(a)	SR	33	Casado(a)	BH	Superior completo	Geografia	Empresário(a)	R\$2.201 a R\$5.500 reais	Classe média	Mais de 10 anos	Casa	Alugada
Almir	M	Branco(a)	SR	32	Solteiro(a)	BH	Pós-graduação/ MBA/ Mestrado/ Doutorado	Ciências Sociais	Autônomo(a)	R\$2.201 a R\$5.500 reais	Classe baixa	Mais de 10 anos	Casa	Própria quitada
Laura	F	Pardo(a)	Espírita	27	Solteiro(a)	BH	Pós-graduação/ MBA/ Mestrado/ Doutorado	Ciências Sociais	Autônomo(a)	R\$2.201 a R\$5.500 reais	Classe média	Mais de 10 anos	Apartamento	Própria quitada
Helena	F	Pardo(a)	SR	40	Casado(a)	BH	Pós-graduação/ MBA/ Mestrado/ Doutorado	Ciências Biológicas, Engenharia Ambiental	Autônomo(a)	0 a R\$2.200 reais	Classe média	1 ano	Casa	Alugada
Lorena	F	Preto(a)	Evangélica	25	Solteiro(a)	Santa Luzia	Superior completo	Ciências Sociais	Emprego com carteira assinada	R\$2.201 a R\$5.500 reais	Classe média-baixa	1 ano	Casa	Alugada
Bruno	M	Pardo(a)	SR	28	Solteiro(a)	BH	Pós-graduação/ MBA/ Mestrado/ Doutorado	Educação	Emprego com carteira assinada	R\$5.501 a R\$11.000 reais	Classe média-média	Mais de 10 anos	Casa	Própria quitada
Brenda	F	Pardo(a)	SR	43	Solteiro(a)	BH	Pós-graduação/ MBA/ Mestrado/	Design Gráfico	Empresário(a)	R\$2.201 a R\$5.500 reais	Classe média	1 ano	Casa	Alugada

							Doutorado							
Tereza	F	Branco(a)	Católica	63	Casado(a)	Juiz de Fora	Pós-graduação/ MBA/ Mestrado/ Doutorado	Sociologia	Aposentado(a)	R\$11.001 a R\$16.500 reais	Classe média-alta	Mais de 10 anos	Apartamento	Própria quitada
Vânia	F	Branco(a)	Espírita	36	Solteiro(a)	BH	Pós-graduação/ MBA/ Mestrado/ Doutorado	Arquitetura, Restauração	Funcionário(a) Público/Militar	R\$5.501 a R\$11.000 reais	Classe média-média	Mais de 10 anos	Apartamento	Própria financiada

Fonte: Elaboração da autora.

## APÊNDICE F – Nota sobre o Iramuteq

O IRaMuTeQ (*Interface de R pour les Analyses Multidimensionnelles de Textes et de Questionnaires*) é um software livre, distribuído sob licença GNU<sup>74</sup>, originário da Universidade de Toulouse, na França. Por ter sido criado com base no pacote estatístico R e na linguagem *python*, o programa permite a realização de análises de textos – incluindo desde análises simples, como lexicografia básica (frequência de palavras), até análises multivariadas (como Classificação Hierárquica Descendente (CHD), análise de similitude etc.). O programa permite também a construção de nuvens de palavras para facilitar a visualização da distribuição dos termos do corpo textual (CAMARGO; JUSTO, 2013a, 2013b).

A possibilidade de gerar cálculos estatísticos de variáveis puramente qualitativas é uma tentativa do software de superar a dicotomia entre as pesquisas quantitativas e qualitativas nas Ciências Humanas (CAMARGO; JUSTO, 2013a, 2013b) – ainda que seja importante considerar a incapacidade de generalizar os resultados de pesquisas qualitativas, já que na maior parte das vezes a amostra de entrevistados não é representativa. Antes de adentrar nas especificidades das análises realizadas com as entrevistas dessa tese, faz-se necessário definir alguns conceitos do Iramuteq.

O conceito mais amplo é o de “corpus”, que se refere ao conjunto de textos criado pelo pesquisador. Por exemplo, as 31 entrevistas dessa tese constituem um *corpus*. Cada entrevista pode ser compreendida como um “texto”, e normalmente este é centrado em um tema – aqui, o estilo de vida e local de moradia das frações da classe média. O texto é separado por “linhas com asteriscos”, cuja função é categorizar e dividi-lo em variáveis. Assim, cada entrevista é considerada uma Unidade de Contexto Inicial (UCI) (SOUZA *et al*, 2018). Os “segmentos de texto” são excertos do texto, basicamente constituído por 3 linhas de *texto* de um *corpus*. As entrevistas (textos), portanto, são formadas por vários *segmentos de texto*. A divisão do texto em segmentos é feita pelo próprio software com base na análise a ser realizada no corpus.

As análises utilizadas nessa tese foram multivariadas, especificamente a CHD e a análise de similitude. A preparação das entrevistas, para sua posterior classificação no software, foi feita da seguinte forma: (i) transcrição das 31 entrevistas; (ii) categorização

---

<sup>74</sup> GNU General Public License (Licença Pública Geral GNU) é a designação utilizada para softwares de distribuição livre, algo idealizado por Richard Matthew Stallman em 1989.

prévia das respostas dos entrevistados<sup>75</sup>; (iii) montagem de blocos de notas, para cada bairro, com as respostas dos entrevistados segundo cada categoria; (iv) abertura dos blocos de notas no software. Cada categoria foi incluída no bloco de notas como “linha com asterisco”, ou seja, como uma variável – conforme pode ser visto na imagem abaixo.

**Figura 23 – Exemplo de construção do bloco de notas e das variáveis**

```
**** *Lúcia_trajetória_de_vida
Infância, eu passei praticamente toda no bairro de Lourdes. Meu pai foi casado com a mamãe, eu devia ter até uns cinco anos, aí meu pai saiu de casa, ficamos, eu, minha mãe e meus dois irmãos, e passei lá. A minha família, a família da mamãe, meus avós, algumas tias moravam por ali também, então assim, a minha infância é nesse prisma que você quer, né? Então, assim, era muito acolhedor no sentido de poder deslocar para casa dos meus avós ou da minha tia, e morava num prédio que tinha muita criança, muita criança. Então, assim, tinha aquela turma de prédio, aquela coisa de brincar de roubo de bandeira, e eu conseguia também, na época, isso, eu estou com 42, vamos pôr que era quase 40 anos atrás. Andar de patins na rua, passava carro, mas dava para fazer isso na calçada, sabe? É uma lembrança forte que eu tenho. Eu ia muito, assim, na farmácia a pé, na padaria, tudo ficava, assim, na minha rua, tudo do lado, entendeu? Então, assim, eu ia com criança ainda, 9 anos, com a minha vizinha da minha idade, tinha banca de revista demais, tinha o Minas Tênis Clube, que eram, assim, dois quarteirões, três da minha casa que a gente ia, fazia natação. Então, o acesso ali era perfeito, a escola eu ia a pé, eu estudei no colégio Loyola, então outro dia eu estava até passando lá no bairro de Lourdes, que é onde a pediatra das minhas meninas atende. Aí eu lembrei do caminho que eu fazia para ir para escola, que passava na casa de uma colega, interfonava, depois passava na casa de outra, interfonava, e a gente ia se encontrando no caminho até chegar na escola. Então foi isso, foi uma infância boa. Muito, muito, brinquei bastante.
```

Fonte: Elaboração da autora.

Conforme pode ser visto, os quatro asteriscos marcam a linha que será lida pelo software como uma variável. Cada uma das nove categorias foram transformadas em variáveis para cada entrevistado, ou seja, para o Anchieta (como foram 17 entrevistados) havia 153 variáveis, e para o Sagrada Família, 90. Ao invés de trabalhar com as variáveis de forma independente, no sentido de focar no conteúdo das respostas e não em quem as respondeu, optou-se por dar enfoque para os respondentes, na medida em que era importante a identificação dos indivíduos – tendo em vista as diferentes trajetórias e fases de vida, bem como as frações de classe média.

Assim, no exemplo acima, a entrevistada Lúcia teve sua entrevista dividida em 9 variáveis (trajetória de vida, capital herdado, escolaridade/ocupação, classe social, trajetória de moradia, bairro, infraestrutura, estilo de vida, e perfil dos moradores). O mesmo foi feito para cada entrevistado nos dois bairros. A vantagem disso foi conseguir comparar o que cada indivíduo afirmou sobre as temáticas abordadas.

Feitas tais categorizações e divisões de variáveis, partiu-se para a execução da CHD. O resultado dessa análise foi o dendrograma (ver figuras 19 e 22), cuja leitura deve ser feita da esquerda para a direita, dividido em classes – ou seja, o *corpus* foi dividido em *subcorpus*. Ainda que não sejam retomadas aqui as interpretações já apresentadas dos dendrogramas, o

<sup>75</sup> As categorias criadas foram: (i) trajetória de vida; (ii) capital herdado; (iii) escolaridade/ocupação; (iv) classe social; (v) trajetória de moradia; (vi) bairro; (vii) infraestrutura; (viii) estilo de vida, e (ix) perfil dos moradores.

intuito é apenas pontuar que esse tipo de análise e visualização gráfica possibilitou identificar as relações entre as classes, bem como suas interligações. Isso porque

com o dendrograma foi possível visualizar as palavras que obtiveram maior porcentagem quanto à frequência média entre si e diferente entre elas. Esse dicionário de palavras proporcionou, através da utilização do qui-quadrado ( $\chi^2$ ), a análise das palavras que apresentaram valor maior que 3,84 e  $p < 0,0001$  (SOUZA *et al.*, 2018, p. 4).

Para os bairros analisados nessa tese, os resultados dos cálculos foram os seguintes:

**Figura 24 – Resultados CHD para os bairros**

Anchieta	Sagrada Família
Number of texts: 144	Number of texts: 89
Number of text segments: 2345	Number of text segments: 2054
Number of forms: 6103	Number of forms: 5354
Number of occurrences: 78380	Number of occurrences: 69119
Número de lemas: 4020	Número de lemas: 3458
Number of active forms: 3776	Number of active forms: 3249
Número de formas suplementares: 28	Número de formas suplementares: 23
Número de formas ativas com a frequência $\geq 3$ : 1455	Número de formas ativas com a frequência $\geq 3$ : 1274
Média das formas por segmento: 33.424307	Média das formas por segmento: 33.650925
Number of clusters: 6	Number of clusters: 4
1951 segments classified on 2345 (83.20%)	1557 segments classified on 2054 (75.80%)

Fonte: Elaboração da autora.

Dos cálculos exibidos na imagem, importa ressaltar que o número de textos foi 144 para o Anchieta e 89 para o Sagrada Família – já era esperado este último ter uma quantidade menor, uma vez que foram feitas menos entrevistas. Houve 2345 segmentos de textos no Anchieta e 2054 no Sagrada Família, sendo que em ambos os bairros a frequência média das formas esteve em torno de 33% – o que quer dizer que as análises, ao considerar o valor do qui-quadrado, exibiram relações significativas entre as palavras e seus contextos. Por fim, em relação à retenção dos segmentos de texto, ou seja, o quão “absorvidos” os segmentos de textos foram na análise, para o Anchieta o percentual foi 83,2% e o pro Sagrada Família, 75,8% – os tutoriais do Iramuteq pontuam que as análises textuais só devem ser consideradas quando o percentual de segmentos de texto absorvidos foram superior a 75%.

Outra análise multivariada realizada foi a análise de similitude. Esta

se baseia na teoria dos grafos, possibilita identificar as co-ocorrências entre as palavras e seu resultado traz indicações da conexidade entre as palavras, auxiliando na identificação da estrutura de um corpus textual, distinguindo também as partes comuns e as especificidades em função das variáveis ilustrativas (descritivas) identificadas na análise (MARCHAND; RATINAUD, 2012 *apud* CAMARGO; JUSTO, 2013b).

Os valores encontrados na análise de similitude são os mesmos da CHD. A diferença entre as duas análises consiste, basicamente, na representação gráfica gerada. Enquanto os

dendrogramas exibem os percentuais das classes e subclasses encontradas no corpus textual, a análise de similitude exhibe as combinações grupais das palavras de maior frequência e que possuem um contexto comum. Logo, cada grupo de palavras é envolto por uma cor, a fim de mostrar que tais termos se referem a um mesmo tema/assunto.

Na construção da análise de similitude para os bairros, foram selecionados 50 palavras para o Anchieta, cujas frequências variaram de 3 a 479; e para o Sagrada Família foram 51 palavras, com frequências entre 10 e 543. O critério de seleção das palavras foi a relevância destas para os objetivos aqui pretendidos, especificamente compreender como as diferentes frações de classe média compreendiam o local de moradia, bem como seus estilos de vida e classe social.

Feita tal síntese, o intuito foi ressaltar a relevância do Iramuteq para as pesquisas acadêmicas de natureza qualitativa. Ainda que seja necessário um cuidado quanto à “generalização dos resultados”, uma vez que a tendência dessas pesquisas são amostras não representativas, acredita-se que a ilustração gráfica dos relatos de entrevistas auxilia na compreensão destes, bem como dos argumentos levantados ao longo da pesquisa.